O DIALETO CAIPIRA

Amadeu Amaral

INTRODUÇÃO

Tivemos, até cerca de vinte e cinco a trinta anos atrás, um dialeto bem pronunciado, no território da antiga província de S. Paulo. É de todos sabido que o nosso falar *caipira* - bastante característico para ser notado pelos mais desprevenidos como um sistema distinto e inconfundível - dominava em absoluto a grande maioria da população e estendia a sua influência à própria minoria culta. As mesmas pessoas educadas e bem falantes não se podiam esquivar a essa influência. (1)

Foi o que criou aos paulistas, há já bastante tempo, a fama de corromperem o vernáculo com muitos e feios *vícios* de linguagem. Quando se tratou, no Senado do Império, de criar os cursos jurídicos no Brasil, tendo-se proposto São Paulo para sede de um deles, houve quem alegasse contra isto o linguajar dos naturais, que inconvenientemente contaminaria os futuros bacharéis, oriundos de diferentes circunscrições do país...

O processo dialetal iria longe, se as condições do meio não houvessem sofrido uma série de abalos, que partiram os fios à continuidade da sua evolução.

Ao tempo em que o célebre falar paulista reinava sem contraste sensível, o *caipirismo* não existia apenas na linguagem, mas em todas as manifestações da nossa vida provinciana. De algumas décadas para cá tudo entrou a transformar-se. A substituição do braço escravo pelo assalariado afastou da convivência cotidiana dos brancos grande parte da população negra, modificando assim um dos fatores da nossa diferenciação dialetal. Os genuínos *caipiras,* os roceiros ignorantes e atrasados, começaram também a ser postos de banda, a ser atirados à margem da vida coletiva, a ter uma interferência cada vez menor nos costumes e na organização da nova ordem de coisas. A população cresceu e mesclou-se de novos elementos. Construíram-se vias de comunicação por toda a parte, intensificou-se o comércio, os pequenos centros populosos que viviam isolados passaram a trocar entre si relações de toda a espécie, e a província entrou por sua vez em contato permanente com a civilização exterior. A instrução, limitadíssima, tomou extraordinário incremento. Era impossível que o dialeto caipira deixasse de sofrer com tão grandes alterações do meio social.

Hoje, ele acha-se acantoado em pequenas localidades que não acompanharam de perto o movimento geral do progresso e subsiste, fora daí, na boca de pessoas idosas, indelevelmente influenciadas pela antiga educação. Entretanto, certos remanescentes do seu predomínio de outrora ainda flutuam na linguagem corrente de todo o Estado, em luta com outras tendências, criadas pelas novas condições.

Essas outras tendências irão continuando, naturalmente, a obra incessante da evolução autônoma do nosso falar, que persistirá fatalmente em divergir do português peninsular, e até do português corrente nas demais regiões do país. Mas essa evolução já não será a do dialeto

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

caipira. Este acha-se condenado a desaparecer em prazo mais ou menos breve. Legará, sem dúvida, alguma bagagem ao seu substituto, mas o processo novo se guiará por outras determinantes e por outras leis particulares.

Desapareceu quase por completo a influência do negro, cujo contato com os brancos é cada vez menor e cuja mentalidade, por seu turno, se modifica rapidamente. O caipira torna-se de dia em dia mais raro, havendo zonas inteiras do Estado, como o chamado *Oeste,* onde só com dificuldade se poderá encontrar um representante genuíno da espécie. A instrução e a educação, hoje muito mais difundidas e mais exigentes, vão combatendo com êxito o velho caipirismo, e já não há nada tão comum como se verem rapazes e crianças cuja linguagem divirja profundamente da dos pais analfabetos.

Por outro lado, a população estrangeira, muito numerosa, vai infiltrando as suas influências, por enquanto pouco sensíveis, mas que por força se farão notar mais ou menos remotamente. Os filhos dos italianos, dos sírios e turcos aparentemente se adaptam com muita facilidade à fonética paulista, mas na verdade trazem-lhe modificações fisiológicas imperceptíveis, que se irão aos poucos revelando em fenômenos diversos dos que até aqui se notavam.

O que pretendemos neste despretensioso trabalho (de que pedimos escusa aos componentes) é - *caracterizar essa dialeto "caipira",* ou, se acham melhor, *esse aspecto da dialetação portuguesa em S. Paulo.* Não levaremos, por isso, em conta todos os *paulistismos* que se nos têm deparado, mas *apenas aqueles que se filiam nessa velha corrente popular.*

É claro que não é esta uma tarefa simples, para ser levada a cabo com êxito por uma só pessoa, muito menos por um hóspede em glotologia. Mas é bom que se comece, e dar-nos-emos por satisfeito, se tivermos conseguido fixar duas ou três idéias e duas ou três observações aproveitáveis, neste assunto, por enquanto, quase virgem de vistas de conjunto, sob critérios objetivos. Quanto aos erros que, apesar de todo o nosso esforço, nos hajam escapado, contamos com a benevolência dos entendidos.

* * *

Fala-se muito num "dialeto brasileiro", expressão já consagrada até por autores notáveis de além-mar; entretanto, até hoje não se sabe ao certo em que consiste semelhante dialetação, cuja existência é por assim dizer evidente, mas cujos caracteres ainda não foram discriminados. Nem se poderão discriminar, enquanto não se fizerem estudos sérios, positivos, minuciosos, limitados a determinadas regiões.

O falar do Norte do pais não é o mesmo que o do Centro ou o do Sul. O de S. Paulo não é igual ao de Minas. No próprio interior deste Estado se podem distinguir sem grande esforço zonas de diferente matiz dialetal - o Litoral, o chamado "Norte", o Sul, a parte confinante com o Triângulo Mineiro.

Seria de se desejar que muitos observadores imparciais, pacientes e metódicos se dedicassem a recolher elementos em cada uma dessas regiões, *limitando-se estritamente ao terreno conhecido e banindo por completo tudo quanto fosse hipotético, incerto,* não verificado pessoalmente. Teríamos assim um grande número de pequenas contribuições, restritas em volume e em pretensão, mas que na sua simplicidade modesta, escorreita e séria prestariam muito maior serviço do que certos trabalhos mais ou menos vastos, que de quando em quando

se nos deparam, repositórios incongruentes de fatos recolhidos a todo preço e de generalizações e filiações quase sempre apressadas.

Tais contribuições permitiriam, um dia, o exame comparativo das várias modalidades locais e regionais, ainda que só das mais salientes, e por ele a discriminação dos fenômenos comuns a todas as regiões do país, dos pertencentes a determinadas regiões, e dos privativos de uma ou outra fração territorial. Só então se saberia com segurança quais os caracteres gerais do dialeto brasileiro, ou dos dialetos brasileiros, quantos e quais os subdialetos, o grau de vitalidade, as ramificações, o domínio geográfico de cada um.

Seremos imensamente grato às pessoas que se dignarem de nos auxiliar, de acordo com as idéias que aí ficam esboçadas, no aumento e no aperfeiçoamento desta modesta tentativa. A essas recomendamos as seguintes normas a observar:

a) não recolher termos e locuções apenas *referidos* por outrem, mas só os que forem pessoalmente apanhados em uso, na boca de indivíduos desprevenidos;

b) indicar, sempre que for possível, se se trata de dicção pouco usada ou freqüente, e se geralmente empregada ou apenas corrente em determinado grupo social;

c) grafá-la sempre tal qual for ouvida. Por exemplo: se ouvirem pronunciar *capuêra,* escrever *capuêra* e não capoeira. Isto é essencial, e há muitíssimas coleções de vocábulos que, por não terem obedecido a este preceito, quase nenhum serviço prestam aos estudiosos, não passando, ou passando pouco de meras curiosidades;

d) se houver diferentes modos de pronunciar o mesmo vocábulo, reproduzi-los todos com a mesma fidelidade;

e) sempre que possa dar-se má interpretação à grafia adotada, explicar cumpridamente os pontos duvidosos;

f) ter especial cuidado em anotar os sons peculiares à fonética regional (como o som de *r* em *arara,* ou o som de g em *gente) ;* declarar como devem ser pronunciadas tais letras, no caso de que o devam ser sempre da mesma maneira, e adotar um sinal para distinguir uma pronúncia de outra, no caso de haver mais de uma (por exemplo, um ponto em cima do *g* quando soa aproximadamente *dg,* para o diferençar do que soa a moda culta; uma risca sobre o *c,* para significar que é explosivo, como em *chave (tchave),* etc.

I - FONÉTICA

1.º GENERALIDADES

1. Antes de tudo, deve notar-se que a prosódia caipira (tomando o termo *prosódia* numa acepção lata, que também abranja o ritmo e musicalidade da linguagem) difere essencialmente da portuguesa.

O tom geral do frasear é lento, plano e igual, sem a variedade de inflexões, de andamentos e esfumaturas que enriquece a expressão das emoções na pronunciação portuguesa.

2. Os *acentos* em que a voz mais demoradamente carrega, na prolação total de um grupo de palavras, não são em geral os mesmos que teria esse grupo na boca de um português; e as *pausas* que dividem tal grupo na linguagem corrente são aqui mais abundantes, além de distribuídas de modo diverso. Na duração das vogais igualmente difere muito o dialeto: se, proferidas pelos portugueses, as breves duram *um tempo* e as longas *dois,* pode-se dizer, comparativamente, que no falar caipira duram as primeiras *dois* tempos e as segundas *quatro.*

Este fenômeno está estreitamente ligado à lentidão da fala, ou, antes, se resolve num simples aspecto dela, pois a linguagem vagarosa, *cantada,* se caracteriza justamente por um estiramento mais ou menos excessivo das vogais (2),

3. Também decorre dessa mesma lentidão, como um resultado natural, o fato de que o adoçamento e elisão das vogais átonas, coisas comuns na pronunciação portuguesa, são aqui fenômenos relativamente raros. Com efeito, compreende-se bem que o português, na sua pronunciação vigorosa e rápida, torture muito mais os vocábulos, abreviando-os pelo enfraquecimento e supressão das vozes átonas internas, ligando-os uns aos outros pela absorção das átonas finais nas vogais que se lhes seguem: *subrádu, p'dáçu, c'rôa, 'sp'rança, tiátru, d'hoj'em diante, um'august'assemblêia.* Da mesma forma, compreende-se que o caipira paulista, no seu pausado falar, que por força há de apoiar-se mais demoradamente nas vogais, não pratique em tão larga escala essas mutações e elisões.

O caipira (como, em geral, todos os paulistas) pronuncia, em regra, claramente as vogais átonas, qualquer que seja a posição das mesmas no vocábulo: *esperança, sobrado, pedaço, coroa,* e recorre poucas vezes a sinalefa. Nos próprios monossílabos átonos *me, te, se, de, o, que,* etc., as vogais conservam o seu valor típico bem distinto, ao contrário do que sucede com os portugueses, em cuja pronunciação normal elas se ensurdeceram, assumindo tonalidades especiais.

Pode dizer-se que no dialeto não lia vogais *surdas:* todas soam distintamente, salvos os casos de *queda* ou de *sinalefa.* Dai provém o dizer-se que os caipiras *acentuam todas as vogais,* o que é falso, mas explica-se. E que não se leva em conta a duração relativa das átonas e tônicas, a que atrás nos referimos.

4. Não podemos, porém, atribuir inteiramente à influência da lentidão e pausa da fala essa melhor prolação das vogais átonas, no dialeto. Haverá também causas históricas, por ora pressentidas apenas.

O fenômeno é, naturalmente, complexo, e são complexas as suas causas; mas é impossível negar que existe pelo menos uma estreita correlação entre um e outro fato.

5. Seria, aliás, muito interessante um estudo acurado das feições especiais da prosódia caipira, com o objetivo de discriminar a parte que lhe toca na evolução dos diferentes departamentos do dialeto. Chegar-se-ia de certo a descobertas muito curiosas, até no domínio dos fatos sintáticos.

A diferenciação relativa à colocação dos pronomes oblíquos, no Brasil, deve explicar-se, em parte, pelo ritmo da fala e pelo alongamento das vogais (3), Esses pronomes, no português

europeu, se antepõem ou pospõem a outras palavras, que os atraem, incorporando-os. Prosodicamente, não têm existência autônoma: são sons ou grupos de sons, destinados a adicionarem-se aos vocábulos acentuados, segundo leis naturais inconscientemente obedecidas (ênclise, próclise). Passando para o Brasil, a língua teve que submeter-se a outro ritmo, determinado por condições fisiológicas e psicológicas diversas: era o suficiente para quebrar a continuidade das leis de atração que agiam em Portugal. O alongamento das vogais, dando maior amplitude aos pronomes na pronúncia, tornando mais sensível a sua individualidade, veio acentuar, de certo, aquele efeito.

2.º OS FONEMAS E SUAS ALTERAÇÕES NORMAIS

6. Os fonemas do dialeto são em geral os mesmos do português, se não levarmos em conta ligeiras variantes fisiológicas, que sempre existem entre povos diversos e até entre frações de um mesmo povo; variantes essas de que, pela maior parte, só a fonética experimental poderia dar uma notação precisa. Cumpre, entretanto, observar o seguinte:

a) s post-vocálico tem sempre o mesmo valor: é uma linguo-dental *ciciante,* não se notando jamais as outras modalidades conhecidas entre portugueses e mesmo entre brasileiros de outras regiões; *s* propriamente *sibilante,* assobiado, e bem assim *chiante,* são aqui desconhecidos. Para produzir este som a língua projeta a sua ponta contra os dentes da arcada inferior e encurva-se de modo que os bordos laterais toquem os dentes da arcada superior, só deixando uma pequena abertura sob os incisivos: modo de formação perfeitamente igual ao de *c* em cedo. (4)

b) r inter e post-vocálico *(arara, carta)* possui um valor peculiar: *é linguo-palatal* e guturalizado. Na sua prolação, em vez de projetar a ponta contra a arcada dentária superior, movimento este que produz a modalidade portuguesa, a língua leva os bordos laterais mais ou menos até os pequenos molares da arcada superior e vira a extremidade para cima, sem tocá-la na abóbada palatal. Não há quase nenhuma vibração tremulante. Para o ouvido, este *r* caipira assemelha-se bastante ao *r* inglês post-vocálico. É, muito provavelmente, *o* mesmo *r* brando dos autóctones. Estes não possuíam *o rr* forte ou vibrante, sendo de notar que com o modo de produção acima descrito é impossível obter a vibração desse último fonema. (5)

c) A explosiva gutural *gh* tem uma tonalidade especial, sobretudo antes dos semiditongos cuja prepositiva é *u,* casos em que freqüentemente se vocaliza: *áu-ua* = **água**, *léu-ua* = légua).

d) ch e j palatais são *explosivos,* como ainda se conservam entre *o* povo em certas regiões de Portugal (6), no inglês *(chief, majesty)* e no italiano *(ciclo, genere).*

e) A consonância palatal molhada *lh* não existe no dialeto, como na maioria dos dialetos port. de África e Ásia, e como em vários dialetos castelhanos da América. (7)

7. Os fenômenos de diferenciação fonética que caracterizam o dial. resumem-se desta forma:

VOGAIS

As TÔNICAS, em regra, não sofrem alteração. O único fato importante a assinalar com relação a estas é que, quando seguidas de ciciante *(s* ou *z*), no final dos vocábulos, se ditongam pela geração de um *i: rapáiz, méis, péis, nóis, láiz. (8)*

8. Quanto às ÁTONAS:

Na sílaba postônica dos vocábulos graves, conservam o seu valor típico. Não se operou aqui a permuta de *e* final por *i,* que se observa em outras regiões do país *(oquêli, êsti),* como não se operou a de *o* por *u (povu, dígu),* fenômeno este que se manifestou em Portugal, ao que parece, a partir do séc. XVIII.

Nos vocábulos esdrúxulos, a tendência é para suprimir a vogal da penúltima sílaba e mesmo toda esta, fazendo grave o vocábulo *(ridico* = ridículo, *legite* = legítimo, *cosca* = cócega, *musga = música.* Exceção: *lático* < látego (curiosa reversão à forma originária; cp. *cósca* < *coç'ca* < *cócica), sumítico, nófico,* etc.

9. Nas *sílabas pretônicas,* alteram-se mais, como se verá das seguintes notas:

e - a) Inicial, aparece mudado em *i* nasal em *inzame* < exame, *inguá* < igual, *inzempro* < exemplo, *inleição* < eleição.

A nasalação de *e* inicial seguido de x é fenômeno observado em tempos afastados da língua: enxame < examen, enxada < exada, enxuito < exsuctum. Enxempro encontra-se nos escritores mais antigos. Do mesmo modo inliçon (eleição).

b) Medial, muda-se freqüentemente em i *(tisôra, Tiodoro, piqueno),* sobretudo se há outro *i* na sílaba seguinte: *pirigo, dilicado, minino, atrivido, intiligente, pidi*(r), *midi*(r), *pitiço* (assimilação regressiva).

Na pronúncia normal portuguesa tem-se dado, em tais casos, justamente o fenômeno contrário (dissimilação), embora nem sempre se substitua *i* por *e* na escrita: menino, preguiça, vezinho, menistro. O caipira ainda conserva, como remanescente do que aprendeu dos portugueses, a esse respeito, o nome próprio *Vergílio,* que pronuncia com *e.* Também diz *Fermino.*

Este fonema perdura intacto nos derivados e nas formas flexionadas, quando tônico nas palavras originárias: *pretura, pretinho, pretejado, pedrenio, medroso.*

10. o - Medial, muda-se muitas vezes em *u: tabuleta, cuzinha, dumingo,* sobretudo nos infinitivos dos verbos em *ir,* que o têm na sílaba imediatamente anterior à tônica: *ingulí(r), buli(r), tussi(r), surti(r).* A possuir corresponde a forma dialetal *pissuí(r),* que também existe em galego. (9)

Nos infinitivos dos verbos em ar e *er,* conserva-se: *cobrá(r), cortá(r), broqueá(r), intortá*(r), *sofrê (r), podê(r).*

Conserva-se também nos derivados e nas formas flexionadas, quando tônico nas palavras originárias: *locura, boquêra, porcada, mortinho, rodêro.*

Conserva-se geralmente, aberto, nos diminutivos de nomes que o têm assim: *pòrtinha, pòtinho, còbrinho* (ao contrário do que se dá em outros pontos do país; notadamente em Minas, onde estes diminutivos têm *o* fechado).

11. e^{n} (en, em) - Inicial, muda-se em *in: imprego, incurtá(r), insino, imborná(l), insi(lh)á(r)*.

Em inteiro e indireitar, ao contrário, depara-se às vezes o *i* mudado em *e* - entêro, *endereitá(r),* provavelmente por assimilação regressiva. Aliás, as formas enteiro, enteiramente, endereitar, encontram-se em documentos portugueses anteriores à reação erudita.

12. õ (on, om) - Medial, muda-se em *u,* em *lumbi(lh)o, amuntá*(r), *cume(r), cumpadre, cumigo, cunversa, cumeçá(r)* e em geral nos vocábulos cuja sílaba inicial e *cõ.*

GRUPOS VOCÁLICOS

(acentuados ou não)

13. ai (dit.) - Antes da palatal x, reduz-se à prepositiva: *baxo, baxêro, faxa, caxa, paxão.*

Dois exemplos de mudança em *éi: téipa, réiva.*

14. ei (dit.) - Reduz-se a *e* quando seguido de *r, x* ou *j*: *isquêro, arquêre, chêro, pêxe, dêxe, quêjo, bêjo, berada.*

Nos vocábulos em que é seguido de *o* ou *a,* como ceia, cheio, veia, também aparece às vezes representado por ê: *chêo, vêa, cêa.* Cp. a evolução destas palavras no português: cheio < chêo < che^{n}o < *cheno < plenu(m); veia < vêa < ve^{n}a etc.

15. ou e oi (dits.) - a) Acentuado ou não, contrai-se o primeiro em *ô: poco, tôro, locura, rôpa.*

Em Portugal, bem como no falar da gente culta no Brasil, há notório sincretismo no uso dos ditongos *ou* e *oi.* Para o caipira tal sincretismo não existe: os vocábulos onde esses ditongos aparecem são pronunciados sempre de um só modo. Assim, *lavôra, ôro, estôro, côro, côve, lôco, bassôra, tôca, frôxo, trôxa,* e nunca lavoira, oiro, etc.; por outro lado, *dois, noite, coisa, poiso, foice, toicinho, oitão, afoito, biscoito, moita,* e nunca dous, noute, etc. Se há formas sincréticas, são raríssimas.

A causa desta distinção é puramente fonética: note-se, nos exemplos acima, que há *ô* diante dos sons *r, v, k* e *x*, e *oi* diante de *s = ç, z etc.*

b) Nas formas verbais em que o acento tônico recai em *ou,* este às vezes se contrai em *ó: róba, estóre, afróxa.* A trouxe corresponde *truxe; a* soube, *sube.*

16. ei^{n} (em) - Final de vocábulo, reduz-se a *e* grave; *viaje, virge, home, êles corre.*

Parece-nos inútil acentuar que na palavra portuguesa viagem e em outras de idêntica terminação existe um verdadeiro ditongo nasal grafado *em* (viagei^{n}, virgei^{n}, etc.) Da mesma forma existe o ditongo nasal *õu* nas palavras bom, som, etc. (bõu, sõu).

17. õu (om) - *a)* Na preposição *com,* reduz-se à vogal nasal *u^{n},* quando se segue a essa prep. palavra que comece por consoante: *cum você, cum quem vô, cumsigo,* (com-sigo). Quando há eclipse, reduz-se a *o* grave: *co ele, cos diabo(s).*

b) Nas palavras bom, tom e som muda-se em *ão: bão, tão, são.*

18. ío (hiato) - Final de vocábulo, ditonga-se sempre em *iu: paviu, tiu, riu.*

CONSOANTES

19. b e v - Muda-se às vezes uma na outra, dando lugar a várias formas sincréticas:

burbuia e vevúia **- borbulha**

bassôra e vassora **- vassoura**

berruga e verruga **- verruga**

biête e viête - **bilhete**

cabortêro e cavortero **- cavorteiro**

jabuticaba e jabuticava **- jaboticaba**

Piracicaba e Pricicava **- Piracicaba**

mangaba e mangava (fruta) **- mangaba**

bespa e vespa **- vespa**

bagaço e vagaço **- bagaço**

bamo e vamo **- vamos**

20. d - Cai, quase sempre, na sílaba final das formas verbais em *ando, ando, indo: andano = andando, veno = vendo, caíno, pôno,* e também no advérbio quando, às vezes,

21. **gh** - Quando compõe sílaba com os semiditongos *ua, uá, ue, ué, uê, ul,* como em **guarda, água, tigüera, sagüi**, torna-se quase imperceptível, vocalizando-se freqüentemente em *u.* Neste caso, esse *u* ditonga-se com a vogal anterior, e o segundo *u* continua a formar semiditongo com a vogal seguinte: *áu-ua, tiu-uéra, sáu-ui.*

22. **l** - a) Em final de sílaba, muda-se em *r: quarquér, papér, mér, arma.*

Na locução **tal qual**, cai apenas o segundo *l,* porque o primeiro se tornou intervocálico: *talequá.* E ainda digna de nota a locução adverbial *malemá* (grafada como se pronuncia), que quer dizer "passavelmente", "sofrivelmente", "assim assim". (Terá provindo de **mal** e **mal**, ou de **mal** a **mal**, ou ainda de "**mal, mal**"? Fazer um serviço *mal* e *má (l):* passavelmente, antes mal que bem; passar *mal e má* de saúde: sofrivelmente).

As palavras terminadas em *aí, el, il..* freqüentemente aparecem apocopadas: *má, só, jorná* = **mal, sol, jornal**. Não inferir daí que houve queda de *l.* Esse *l* mudou-se primeiro em *r,* e depois caiu este fonema, de acordo com uma das leis mais rígidas, e mais facilmente verificáveis, da fonética dialetal.

É de notar-se ainda que a pronúncia em questão *(má, só)* é mais comum entre os negros, que, submetidos, em geral, ao império das mesmas leis, quando no mesmo meio, não deixam entretanto de diferir dos caboclos e brancos em mais de um ponto.

b) Quando subjuntivo de um grupo, igualmente se muda em r: *craro, cumpreto, cramô(r), frô(r).*

Esta troca é um dos *vícios* de pronúncia mais radicados no falar dos paulistas, sendo mesmo freqüente entre muitos dos que se acham, por educação ou posição social, menos em contato com o povo rude.

(Cp. 6-b).

23. **r** - a) Cai, quando final de palavra: *andá, muié, esquecê, subi, vapô, Artú.*

Conserva-se, entretanto, geralmente, em alguns monossílabos acentuados, tendo de certo influído nisso a posição proclítica habitual: *dôr, cór, côr, par.* Conserva-se também no monossíl. átono *por,* pela mesma razão, assim como, raras vezes, em palavras de mais de uma sílaba: *amor, suôr.* Nos verbos, ainda que monossílabos, cai sempre, provavelmente pela influência niveladora da analogia: *vê, í, pô.*

b) Esta consonância é de extrema mobilidade no seio dos vocábulos, dando lugar a metáteses e hipérteses freqüentíssimas. (26, i-j).

24. **s** - Cai, quando final de palavra paro ou proparoxítona: *arfére* (**alferes**), *pire* (**pires**), *bamo* (**vamos**), *imo* (**imos**).

Desaparece também nos oxítonos, quando é sinal de pluralidade: *mau, bambu, avo.*

Conserva-se nos adjetivos determinativos e nos pronomes, ainda que graves, o que se explica, em parte, pela posição proclítica habitual: *duas casa, minhas fiia, arguas pessoa, aqueles minino, eles, elas.* A prova é que, quando não está em próclise, freqüentemente se submete à regra: *aquelas sã*o *as* **minha**, *estas são* **sua**. Em parte, porém, essa conservação se deve à necessidade de manter um sinal de pluralidade. Voltaremos oportunamente a este ponto, que é, talvez, mais do domínio dos fenômenos psicológicos na morfologia, do que de ordem fonética.

25. **lh** - Vocaliza-se em *i: espaiado, maio, muié, fiio* = **espalhado, malho, mulher, filho.**

Cp. o que se dá com o *l* molhado em Cuba, na Argentina (**caje = calle, cabajo = caballo**) e na França, onde desde o século XVIII começou a acentuar-se a tendência para a vocalização deste fonema (**bataie, Chantií = bataille, Chantilly**).

3.º MODIFICAÇÕES ISOLADAS

26. Além das alterações francamente *normais,* que ficaram registradas, há toda uma multidão de modificações acidentais, de que daremos alguns exemplos:

a) abrandamento: *guspe* = **cuspo**, *musga* = **música**.

E de notar que nos esdrúxulos **cócega, náfego e látego** se dá o contrário: *cócica* (e *coçca), náfico, lático.*

b) assimilação - *progressiva. Carlo* = **Carlos**, regressiva. *birro* -**bilro;** *açcançá* = **alcançar**; *digêro* = **ligeiro** (g palatal explosivo = *dg).*

c) Aférese: *(a)parece, (i)magina, (ar)rependeu, (ar)ranca,* (a)*lambique,* (al)*gibêra.*

d) Síncope: *pês*(se)*co* = **pêssego**, *mus(i)ga* = **música**, *isp(i)rito, ca(s)tiçar, Jeró(ni)mo, ridíc*(ul)*o.*

e) Apócope: *Ligite(mo).*

f) Prótese: *alembrá* = **lembrar**, *avoá* = **voar**, *arripiti* = repetir.

g) Epêntese: *rec-u-luta, Ing-a-laterra, g-a-rampo.*

h) Epítese: *paletor.*

i) Metátese: *perciso, pertende, purcissão, partelêra, agardecê, aquerditá(r).*

j) Hipértese: *agordão* (**algodão**), *cardaço, chacoalhá(*r), *largato.*

27. Devem mencionar-se ainda as formas proclíticas:

de **senhor** - *nho, seô, seu, siô, sô;*

de **senhora** - *nhá, seá, sea, sia, sa;*

de **minha** - *mea* e *mha;*

de **sua** - *sa*

de **não** - *num. (10)*

II. - LEXICOLOGIA

1. O vocabulário do dialeto é, naturalmente, bastante restrito, de acordo com a simplicidade de vida e de espírito, e portanto com as exíguas necessidades de expressão dos que o falam. Esse vocabulário é formado, em parte:

a) de elementos oriundos do português usado pelo primitivo colonizador, muitos dos quais se arcaízaram na língua culta;

b) de termos provenientes das línguas indígenas;

c) de vocábulos importados de outras línguas, por via indireta;

d) de vocábulos formados no próprio seio do dialeto.

ELEMENTOS DO PORTUGUÊS DO SÉCULO XVI

2. Em verdade, estes não se limitam ao léxico. Todo o dialeto está impregnado deles, desde a fonética até a sintaxe. A sua discriminação através dos vários departamentos do dialeto constituiria sem duvida um dos mais curiosos estudos a que se pode prestar a nossa linguagem rústica, e não só pelo interesse puramente lingüístico, senão também pelo clarão que lançaria sobre questões atinentes à formação do espírito do nosso povo.

Sobre a importância lingüística, não é necessário insistir, pois ela, por assim dizer, se impõe por definição. Basta notar o seguinte: uma vez reconhecido que o fundo do dialeto representa um estado atrasado do português, e que sobre esse fundo se vieram sucessivamente entretecendo os produtos de uma evolução divergente, o seu acurado exame pode auxiliar a explicação de certos fatos ainda mal elucidados da fonologia, da morfologia e da sintaxe histórica da língua. Por exemplo: a pronunciação clara de *e* e *o* átonos finais comprova o fato de que o ensurdecimento vozes só começou em época relativamente próxima, pois de outro modo não se compreenderia porque o caipira analfabeto pronuncia *lado, verdade,* quando os portugueses pronunciam *ladu, verdad'.*

3. São em grande número, relativamente à extensão do vocabulário dialetal, as formas esquecidas ou desusadas na língua. Lendo-se certos documentos vernáculos dos fins do século XV e de princípios e meiados do século XVI, fica-se impressionado pelo ar de semelhança da respectiva linguagem com a dos nossos roceiros e com a linguagem tradicional dos paulistas de "boa família", que não é senão o mesmo dialeto um pouco mais polido.

Na carta de Pero Vaz Caminha abundam formas vocabulares e modismos envelhecidos na língua, mas ainda bem vivos no falar caipira: *inorância, parecer* (por *aparecer) mêa* (adj. *meia), u"a, trosquia, imos* (vamos), *despois, reinar* (brincar), *preposito, vasios* (região da ilharga), *luitar, desposto, alevantar, "*volvemo nos lá *bem* noute", "veemo nos *nas* naus', "lançou o *na* praya".

4. Os elementos arcaicos da língua, conservados no vocabulário dialetal, dividem-se, naturalmente, em arcaísmos de forma, de significação, e de forma e significação (11) Exemplos:

ARCAÍSMOS DE FORMA

acupá(r) inorá(r)
agardecê(r) livér
argua (u nasal). ..... lua (u nasal)
avaluá(r) malino
Bertolomeu manteúdo
correição ..... ninhua (u nasal)
cresçudo premêro
dereito repuná(r)
eigreja reposta
ermão saluço
escuitá(r) somana
estâmego sajeitá(r)
fermoso sojigá(r)
fruita sovertê(r)
ímburuiá(r) súpito
intrúido teúdo
inxúito trusquia

ARCAÍSMOS DE SENTIDO

aério ..... perplexo

dona ..... senhora

função ..... baile, folguedo

praça .....povoado

reiná(r) ..... fazer travessuras

salvar ..... saudar

ARCAÍSMOS DE FORMA E SENTIDO

arreminado ..... indócil
contia ..... quantidade qualquer
cuca (arc. côco, côca) escotêro .. ente fantástico

escotêro ..... o que viaja sem bagagem
imitante (como particípio)
modinha ..... cançoneta
punir ..... defender, "pugnar"
sino-samão ..... signo de Salomão.

5. Abundam igualmente as locuções arcaicas ou, pelo menos, de sabor arcaico bem pronunciado:

a modo que
a pôs, a pôs de ..... a pós de

antes tempo (sem prep.) ..... antes da hora, antecipadamente
a par de ..... junto, ao lado

de verdade ..... de véras
de primeiro ..... outrora
em antes de ..... antes de
no mais ..... não mais
neste meio ..... entrementes

6. É natural que, diante de certas formas apontadas como arcaicas *(ermão, somana),* haja dúvida se de fato se trata de arcaísmo, se de mera coincidência. Num ou noutro caso, esta última hipótese será talvez a mais aceitável: por exemplo, se o nosso povo pronuncia *craro, frôr,* não se deve ter pressa em ligar essas formas, historicamente, às idênticas que se encontram

em velhos documentos da língua; pois que tais formas, antes de mais nada, obedecem a uma lei da fonética local, a permutação de *l* subjuntivo por *r.* Mas, *ermão, somana,* etc., só se podem explicar como formas recebidas dos colonizadores, pois, além de se encontrarem em escritos antigos, se confirmam por outros fatos análogos da língua, ao passo que mal se acomodam às regras que atuam na alteração dialetal dos vocábulos.

ELEMENTOS INDÍGENAS

7. Das línguas dos autóctones, ou, melhor, do tupi, recebeu o dialeto grande quantidade de termos.

A nossa população primitiva, durante muito tempo, antes da introdução do negro, era, pela maior parte, composta de indígenas e de mestiços de indígenas. Da extensão que teve a língua dos aborígenes no falar dos primitivos dois ou três séculos da nossa existência, dão testemunho flagrante, além de muitos vocábulos que entraram nos usos sintáticos correntes, os não menos numerosos topônimos, que se encontram nas vizinhanças dos centros de população mais antigos.

8. Quanto a isto sobressai a capital com seus arredores, onde abundam os nomes tupis, os quais vão escasseando pelo interior, nas zonas mais novas, onde, ainda assim, os que se nos deparam são em boa parte artificialmente compostos. Só no município de São Paulo e nos que com ele confinam se contam por dezenas os rios, riachos, montes, bairros, fazendas e povoados com denominações tupis tradicionais (12):

Açu	Caguassu	Choruróca	Guaracau
Ajuá	Cabussu	Cocaia	Guarapiranga
Aricanduva	Caçacuéra	Cupecê	Guarará
Anhangabaú	Caçandoca	Ebirapuéra	Guaratim
Baquiruvu-guassu	Caçapava	Gopaúva	Guaraú
Bopi	Cangùera	Guacuri	Guavirutuba
Botucuara	Canindé	Guaiaúna	Imbiras
Buçucaba	Caraguatá	Guaió	Itaberaba
Butantan	Carapicuiba	Guapira	Itacuaquecetuba
Itacuéra	Jaguaré	Nhanguassú	Tacuaxiara
Itaguassu	Jaraguá	Pacaembú	Tamanduitei

Itaim	Jaraú	Pari	Tamburé
Itaparicuéra	Juquiri	Piquiri	Tatuapé
Itaperoá	Jurubatuba	Pirajussara	Tremembé
Itapicirica	Mandaqui	Pirituba	Tucuruvi
Itararé	Mandi	Pirucaia	Uberaba
Ipiranga	Mhoi	Prati	Utinga
Jaceguava ou	Mooca	Poá	Votussununga
Jaceguai	Murumbi	Quitaúna	Voturantim
Jacuné	Mutinga	Saracura	

9. Os nomes de animais contam-se por centenas. Uma parte dos mais conhecidos:

acará	guará	maracanã	sucuri
anu	guariba	mucuím	suindara
araponga	guaripu	mumbuca	surubi
arapuá	guaru-guaru	mussurana	sussuarana
arara	gùirá	mutuca	tabarana
bacurau	içá	mutum	tamanduá
baitaca	inhambu	nhaçanã	tambijuá
biguá	irara	paca	tambiú
biriba	itobi	pacu	tanajura
borá	jacaré	pairiru	tangará
caçununga	jacu	piaba	taperá
cambucu	jaburu	piapara	tarira

caninana	jacutinga	penambi	taçuíra
capivara	jaguatirica	piracambucu	tatêto
cará-cará	jaó	piracanjuba	tatorana
chabó	japu	piraju	tatu
coró	japuíra	pirambóia	tietê
cuati	jararaca	piranha	tiriva
cuiú-cuiú	jateí	sabiá	tovaca
cumbé	jaú	sabiá-cica	tuím
cupim	jiquitiranabóia	sabiá-poca	tuiuva
curiango	jundiá	sabiá-una	tuvuna
curimbatá	jurutí	sanhaço	uru
curió	lambari	sanharão	urubu
curruíra	mamangava	saracura	urutau
curuquerê	mandaçáia	sará-sará	urutu
cutía	mandaguarí	saúva	xororó
gambá	mandi	siriêma	xupim
gaturamo	mandorová	siri	
giboia	manduri	socó	

10. Não são menos abundantes os nomes indígenas de vegetais, de que daremos algumas dezenas, à guisa de exemplificação:

abacate	capixingui	ipê	piri
abacaxi	capitava	jaborandi	pitanga
andaguassú	caraguatá	jabuticava	piúva

araçá
aruêra
araribá
araticum
açatunga
bacaba
baguassu
bracuí
brejaúva
buriti
bucuva
butiá
cabiúna
cabriúva
caiapiá
cajuru
cambuci
cambuí
canjarana
canxim
capim
carnaúba
caróba
caruru
catanduva
cipó
crindiuva
grumixama
guabiroba
guãibè
guandu
guapê
guapocarí
guareróva
guanxuma
guaraiúva
guaratã
guatambu
imbaúva
imbúia
indaiá
ingá
jacarandá
jacaré
jantá
jaracatiá
jarivá
jataí
jiquitaia
jiquitibá
jovéva
juá
jurema
macaúba
manacá
mandióca
mangava
maracajá
maçaranduva
nhapindá
orindiúva
perova
pipóca
samambaia
sagùi
sapé
sapuva
sumaúma
taióva
taiúva
tacuara
tacuari
tacuaritinga
tacuarussu
timbó
timbori
tiririca
trapoeraba
tucum
urucu
urucurana
uvá

11. Nomes de diferentes fenômenos, acidentes, produtos da natureza, doenças, etc,:

beréva	cupim	piracema	tabatinga
bossoróca	joçá	pororóca	taguá
cambuquira	manipuêra	quiréra	tijuco
capão	nambiuvu	sambiquira	tupururuca
capuêra	pacuéra	sapiróca	
catapóra	pichuá	sororóca	
catinga	picumã	suã	

12. Nomes de utensílios, aparelhos, objetos de uso, alimentos, etc:

arapuca	caxerenguengue	jacuba	muquéca
arataca	chuã	jiqui	mipeva
arimbá	jacá	juquiá	pamonha
pamonã	pindacuêma	samburá	tacuru
pari	pipóca	sapicuá	tipiti
paçoca	piruá	saracuã	
patuá	pito	solímão	
peléta	pussaguá	sururuca	

1 3. Nomes referentes a usos, costumes, abusões, etc.:

bitatá	canhembora	caruru	piracuara
buava	capuava	guaiú	saci
caiçara	cateretê	mumbava	tapéra
caipira	catira	perequê	tiguéra
caipora	coivara	piá	

14. Adjetivos e substantivos usados como tais:

aíva	jururú	pepuíra	punga
chimbeva	macaia	pereréca	sarambé
ité	nambi	piricica	turuna
jaguané	napéva	piririca	
javevó	pangaré	piúva	
jissi	pararaca	pururuca	

15. Todos os vocábulos acima citados são, com uma ou outra excepção apenas, de origem tupi.

Esta língua, como diz o sr. Teodoro Sampaio no seu precioso livrinho "O Tupi na Geografia Nacional", vicejou próspera e forte em quase todo o país, sobretudo em S. Paulo e algumas outras capitanias. Aqui, segundo aquele escritor, a gente do campo falava a língua geral até fins do século XVIII. Todos a sabiam, ou para se exprimir, ou para entender. Era a língua das bandeiras; era a de muitos dos próprios portugueses aqui domiciliados.

É o que explica essa absoluta predominância do tupi, entre as línguas brasílicas, na toponímia local, na nomenclatura de animais e de plantas e em geral no vocabulário de procedência indígena.

É possível, entretanto, como dissemos, que haja excepções. Mesmo sem outros elementos de suspeita, pode-se duvidar que todos os vocábulos vulgarmente apresentados como tupis de fato sejam dessa língua, ou mesmo de qualquer outra língua brasílica, considerando-se apenas as dificuldades de ordem geral que embaraçam todo trabalho etimológico em idiomas não escritos, cujas formas variam tanto no tempo e no espaço, e se acham tão sujeitas, em bocas estranhas, a profundas corrupções voluntárias e involuntárias. (13)

16. Muitos dos vocábulos de procedência indígena flutuam numa grande variabilidade de formas, principalmente certos nomes de animais e de plantas: *açatonga, açatunga, guaçatonga, guaxatonga; caraguatá, crauatá, cravatá; tarira, taraira, traíra; maitaca, baitaca; corimbatá, curumbatá, curimatá.* Na terminação vogal + b + vogal, geralmente usada pela gente culta, o caipira prefere quase sempre *v* a *b: jabuticava, mangava, beréva, tiriva, taióva, saúva.*

A origem destas incertezas está em que a nossa fonética nem sempre possui sons exatamente correspondentes aos indígenas. O *u* consoante (*w*) foi desde cedo interpretado de vários modos: por uns como *v,* por outros como *b,* por outros ainda como *gh:* é o que explica as variações *caraguatá, carauatá, cravatá, - capivara, capibara, capiguara, - piaçava, pioçaba, piaçágua* (cf. *Piaçagùéra),* etc.

A pronúncia popular, nestes casos, é a melhor. O povo, direta e inconscientemente influenciado pela fonética indígena, conserva ainda sinais dessa influência na própria incapacidade para bem

apanhar o som distinto de *v* em vocábulos portugueses: daí pronúncias, que às vezes se ouvem, como *guapô* por **vapor**, etc. (14)

ELEMENTOS DE VÁRIA PROCEDÊNCIA

17. A receptividade do dialeto em relação a termos de origem estranha é muito limitada, porque as necessidades de expressão, para o caipira, raramente vão além dos recursos ordinários.

O caipira genuíno vive hoje, com pouca diferença, como vivia há duzentos anos, com os mesmos hábitos, os mesmos costumes, o mesmo fundo de idéias. Daí o conservar teimosamente tantos arcaísmos - e também tantos termos especiais que, vivos embora no português europeu, são às vezes completamente desconhecidos, aqui, da gente da cidade, tais como *chêda, tamoeiro, cambota, náfego,* etc. Daí, também, o não precisar tanto de termos novos, que, pela maior parte, ou designam coisas a que vive alheio, ou idéias abstratas que não atinge.

18. Dos vocábulos estrangeiros modernamente introduzidos na língua e que são de uso corrente no falar das pessoas mais ou menos cultas, ele só tem aceito alguns, poucos, relativos a objetos de uso comum, produtos de artes domésticas, etc.: *paletó* (que desterrou por completo o vernáculo casaco), *croché, cachiné, revórve,* etc.

19. Existem entretanto no dialeto muitos vocábulos (além dos brasílicos e parte dos africanos) que não lhe vieram por intermédio da língua. Destas aquisições, umas pertencem ao dialeto geral do Brasil, outras resultaram da própria atividade paulista. Exemplos:

Do guarani, do quichúa (15):

chacra	guaiava	iapa	purungo
garõa	guaiaca	pampa	

Do castelhano:

amarilho	cola	lunanco	porvadêra
aragano	empalizado	parêia	rengo
caraquento	enfrenar	pareiêro(16)	retovado
cincha	entreverar	pitiço	rinha
cochonilho	lonca	perrengue	

Dos dialetos ibero-sul-americanos e do vocabulário sul-rio-grandense:

bagual	guasca	pala	ponche
gaúcho	matungo	pangaré	retaco

Quase todos esses termos nos vieram por intermédio do Rio Grande do Sul, com o qual mantiveram outrora os paulistas intensas relações de comércio, sobretudo de comércio de animais, sendo freqüentíssimas as viagens de tropeiros de uma para outra província. Dessas relações guardam ainda os vocabulários e os costumes populares de lá e de cá numerosíssimos elementos comuns, não só de origem estrangeira, como de elaboração própria.

20. A maior parte dos vocábulos africanos existentes no dialeto caipira não são aquisições próprias. A colaboração do negro, por mais estranho que o pareça, limitou-se à fonética; o que dele nos resta no vocabulário rústico são termos correntes no país inteiro e até em Portugal:

angu	cacunda	macóta	quingengue
banguela	carimbo	malungo	quisília
batuque	caximbo	mandinga	samba
binga	cuxilo	missanga	sanzala
cachaça	lundu	quilombo	urucungo

21. Há um certo número de provincianismos brasileiros de origem africana, que, recebidos pela maior parte do Norte, aqui se introduziram no falar das cidades e na linguagem literária, mas não penetraram no dialeto: tais, por exemplo: *cangerê, cacimba, candomblê, giló, munguzá, quingombô.*

FORMAÇÕES PRÓPRIAS

22. Com os elementos que vieram do português, do tupi e de outras línguas, formaram-se no Brasil numerosos vocábulos, principalmente por derivação, - já no seio do povo paulista, que através do seu movimento de expansão pelo território nacional os levou a longínquas regiões, já em outras terras, de onde foram trazidos.

Encontra-se no falar caipira de S. Paulo, e na própria linguagem das pessoas educadas, toda uma multidão de neologismos derivados, alguns muito expressivos e já indispensáveis àqueles mesmos que procuram fugir à influência do regionalismo:

VERBOS (17)

abombar	chifrar	frautear	moquear

aforar	chatear	fuchicar	passarinhar
ami(lh)ar	coivarar	fuçar	pealar
asperejar	covejar	gramar	pererecar
assuntar	cutucar	intijucar	pescocear
barrear	desbarrancar	inquisilar	petecar
bestar	descabeçar	imbirotar	pinicar
bobear	descanhotar	impaçocar	piriricar
bolear	descangicar	impipocar	pitar
buçalar	descoivarar	lerdear	prosear
capengar	desguaritar	mamparrear	pururucar
campear	desmunhecar	mantear	sapecar
capinar	facerar	miquear	tapear
catingar	fachear	moçar	trotear(18)
cavortear	festar	molear	

SUBSTANTIVOS

areão	buraquêra	caipirada	corredêra
bobage	burrage	caipirismo	dada
botina	cabeção	caiporismo	derrame
barrigada	carpa	capina	eguada
bestêra	carpição	capinzar	gaùchismo
bodocada	cavadêra	capuerão	gentama
boquera	cabocrada	chifrada	gentarada

bugrêro	caiçarada	chifradêra	jabuticavêra
lapiana	mulequêra	rodada	tijucada
moçada	ossama	rodêro	tijuquêra
moçarada	perovêra	sapezar	varrição
micage	piazada	sitiante	
mulecada	poetage	soberbia	
mulecage	porquêra	taquarar	

ADJETIVOS

abobado	espeloteado	filante	praciano
abombado	impacador	franquêro	saberete
atimboado	impipocado	mamóte	supitoso
bernento	inredêro	micagêro	
catinguento	facêro	passarínhêro	
catingudo		peitudo	

23. São em menor número as palavras formadas por composição, e estas, na maior parte, pela justaposição de elementos com a partícula subordinante de:

dôr-d'-óio (olhos)	fruita-de-lobo
sangue-de-tatu	áua-de-açucre (água de açúcar)
sangue-de-boi	cordão-de-frade
rabo-de-tatu	mer-de-pau (mel)
arma-de-gato (alma)	pedra-de-fogo.
orêia-de-onça (orelha)	baba-de-moça

pente-de-mico	abobra-d'-áua
unha-de-gato	côro-de-arrasto (couro)
língua-de-vaca	pau-de-espinho
cachorro-do-mato	barriga-de-áua
gato-do-mato	tacuara-do-reino
pá-de-muleque	pimenta-do-reino
ôio-de-cabra	canário-do-reino
barba-de-bóde	quejo-do-reino

Por justaposição direta e por aglutinação:

quatro-pau(s)	tatu-canastra	quebra-cangaia	arranha-gato
cinco-nerva(s)	méde-léua(léguas)	mata-sete	passa-treis
mandioca-braba	vira-mundo	tira-prosa	quatróio(olhos)
abobra-minina	chora-minino	tira-acisma	minhócussu

Por prefixação:

entreparar descoivarar desaguaxado descoivarado

e outros vocábulos já citados quando tratamos da derivação.

24. Muitas palavras há, entre as portuguesas, que têm sofrido aqui mudanças mais ou menos profundas de sentido. Exemplos tomados entre os casos de mais pronunciada diferenciação:

ATORAR - partir à pressa, resolutamente; fugir.
CANA - cana de açúcar.
CAIERA - grande fogueira festiva.
CANDIERO - guia de carro de bois.
CAPADO, subst. - porco castrado.
DESMORALIZAR, v. trans. - fazer perder
o entusiasmo, o brio.
DESPOTISMO - enormidade.
INTIMAR - ostentar. Daí *intimação* e *intimador*.
FAMÍLIA (*famia*) - no plural, filhos.

FRUITA - jaboticaba (usada sem determinação, tem este único sentido).
FUMO - tabaco.
FINTAR - faltar dolosamente a uma dívida.
IMUNDÍCIA - caça miúda.
LOJA - armazém de fazendas a retalho.
MANGAÇÃO - vadiação.
MANCAR - vadiar
PIÃO - domador.
PINGA - aguardente de cana.
PILINTRA - casquilho.
PATIFE - medroso; sensível.
PANDÓRGA - desmazelado, moleirão.
PINHO - viola.
RANCHO - cabana de campo.
SCISMA - desconfiança; presunção.
SÍTIO - propriedade agrícola menor que a *fazenda.*
TABACO - rapé.

25. Outras palavras, conservando o seu sentido, ou sentidos, têm adquirido novos:

ÁGUAS - direção das fibras da madeira.
BABADO - folho de vestido de mulher.
DÔBRE - canto (de pássaro), repique (de sino).
DOBRAR - cantar (o pássaro), repicar (o sino).
ESTACA - cabide.
LADRÃO - desvio de uma regueira ou açude; broto de cafeeiro.
SANGRADÔ(URO) - ponto do pescoço do boi, ou outro animal, onde se embebe a faca ao matá-lo.
SÁIA - fronde que oculta o tronco desde o solo.
VIRGEM - poste de moenda.
SOLDADO - certo pássaro.
TOMBADÔ(URO) - lugar onde tombam as águas de um salto.
VAPÔ(R) - locomotiva

III. - **MORFOLOGIA**

FORMAÇÃO DE VOCÁBULOS

1. Como já mostrámos ("Lexicologia", "Formações próprias") o dialeto tem dado provas de grande vitalidade, na formação de numerosos substantivos e adjetivos, quer por composição, quer por derivação. De ambos os processos fornecemos muitos exemplos.

Registamos agora, aqui, um curiosíssimo processo de reduplicação verbal, corrente não só entre os caipiras de S. Paulo, mas em todo o país, ou grande parte dele.

Para exprimir ação muito repetida, usa-se uma perífrase formada com o auxiliar **vir, ir, estar, andar,** seguido de infinitivo e gerúndio de outro verbo. Assim: *vinha pulá*(r)*-pulando*, *ia caí(r)-caindo*, *estava ou andava chorá(r)-chorando*.

A explicação deste fenômeno alguns têm querido ir buscá-la ao tupi, "refugium" de tantos que se cansam a procurar as razões de fatos obscuros e complicados da linguagem nacional. Não nos parece que seja preciso apelar para as tendências reduplicativas daquela língua, em primeiro lugar porque. essas tendências são universais; em segundo lugar, porque se trata de palavras bem portuguesas, ainda que combinadas de maneira um tanto estranha; em terceiro lugar, porque há na nossa própria língua elementos para uma explicação, tão boa ou melhor do que a indiática.

É sabido que, no tempo dos autores quinhentistas, o uso do gerúndio nas perífrases (como **anda cantando**), era muito mais vulgar do que hoje. Atualmente, em Portugal, o povo prefere, quase sempre, a construção com infinitivo (**anda a cantar**). Assim, a concorrência decisiva entre os dois processos se pronunciou justamente após a descoberta do Brasil. A particularidade em questão é talvez legado genuíno dessa época de luta, no qual se reúnem a modalidade mais freqüente outrora, importada pelos primeiros povoadores, e aquela que depois veio a predominar. O nosso povo, - inculto, em grande parte produto de mestiçagem recente, aprendendo a custo o mecanismo da língua, - diante dos dois processos concorrentes, não atinou, de certo, com as razões por que se preferia ora um, ora outro, e acabou por combiná-los. Depois, como um efeito, - que não como causa da reduplicação, - os verbos assim combinados sofreram uma pequena evolução sematológica no sentido da intensificação do seu valor iterativo. Assim, temos, em esquema:

	a virar	
Port. - **Vinha**	*a virá(r)*	
	ou	(a) virá(r) virando
Dial. - *Vinha*	**virando**	
	virando	

Corrobora esta hipótese o fato de que o nosso caipira, usando a todo o momento de perífrases com gerúndio de acordo com a velha língua, só muitíssimo raramente empregará, isolada, a forma popular portuguesa de hoje, - infinitivo com prep. Isto confirma que esta forma lhe terá causado estranheza desde cedo, originando-se daí a confusão. (19)

2. Várias formações teratológicas já foram apontadas e ainda o serão adiante, neste capítulo (Flexões de número). Queremos, aqui, deixar apenas registrados os seguintes processos de que ainda não tratamos:

a) A ETIMOLOGIA POPULAR tem sido fonte de numerosas formas vocabulares novas: de "guapê", voc. de origem tupi, fez-se *aguapé,* por se ver nele um composto de **água** e **pé**; de "caa-puan", mato redondo, ilha de mato, fez-se *capão;* de "caa-puan-era", *capoeira;* de **cobrêlo**, *cobreiro* (**cobra** suf. **eiro**); de **torrão**, *terrão,* etc.

b) Também a DERIVAÇÃO REGRESSIVA dá origem a outros termos: assim, de **paixão**, se fez *paixa,* por se tomar aquela forma como um aumentativo; de **satisfação**, por idêntico motivo, se tirou *sastifa,* com hipértese de s.

GÊNERO

3. O adjetivo e o particípio passado deixam, freqüentemente, de sofrer a flexão genérica, sobretudo se não aparecem contíguos aos substantivos: *essas coisarada* **bunito**, *as criança távum* **quéto**, *as criação ficarum* **pestiado**.

NÚMERO

4. Já dissemos algo sobre o som de *s-z* no final dos vocábs. (I, 24). Vamos resumir agora tudo o que se dá com esse som em tal situação.

Se bem que se trate aqui de flexões, é impossível separar o que se passa com o *s* final, tomado como sinal de pluralidade, do que sucede com ele em outras circunstâncias; e dificílimo se torna reconhecer, em tais fatos, até aonde vão e onde cessam a ação puramente fisiológica, do domínio da fonética, e a ação analógica, do domínio das formas gramaticais. Porisso faremos aqui uma exposição geral dos fatos relativos ao *s* final:

a) Nos VOCÁBULOS ÁTONOS, conserva-se: *os, as, nos* (contração e pronome), *nas.* Aliás, há pronunciada tendência para tornar tônicos esses vocábulos; pela ditongação: *ois, ais,* etc. *A* conjunção **mas** tornou-se *mais.*

b) Nos OXÍTONOS, conserva-se, - salvo quando mero sinal de pluralidade: *crúiz, retróis, nóis* (**nós**), *nuz* (**nóz)**, *juiz, ingrêis, vêiz,* (**vez**), *dois, trêis, déiz, fáiz, fiz, diz, páiz* (**paz**), *pois.*

Como sinal de pluralidade, desaparece: *os pau, os nó, os ermão, os papé, as frô(r), os urubú.* Excetuam-se os determinativos *uns, arguns, seus, meus* (sendo que estes dois últimos, quando isolados, perdem o *s: estes carru são* **seu'**, *esses não são os* **meu'**). Há hesitação em alguns vocábulos, como *péis* ao lado de *pé'. Réis* conserva-se, por se ter perdido a noção de pluralidade *(isto não vale nem um réis) ;* semelhantemente, *pasteis, pernís, cóis.*

c) Nos vocábulos PARO e PROPAROXÍTONOS, desaparece: *um arfére, os arfére; o pire, os pire; dois home; os cavalo, os lático; nóis fizémo, vamo, saímo.*

Quando o *s* pluralizador vem precedido de vogal a que se apoia, desaparece também esta: *os ingrêis* (**ingleses**), *as páiz* (**pazes**), *às vêiz* (**vezes**), *as côr* (**cores**).

Excetuam-se os determinativos, que conservam o *s: u"as, argu"as, certos, muitos, estes, duas, suas, minhas,* etc. assim como o pronome *eles, elas.* Quando pronominados, porém, os determinativos podem perder o *s: Estas carta não são as* **minha**.

5. De acordo com as regras acima, - e abstraindo-se das flexões verbais, - a pluralidade dos nomes é indicada, geralmente, pelos determinativos: os *rei,* **duas** *dama,* **certas** *hora,* **u"as** *fruita,* aqueles *minino,* **minhas** *ermá,* **suas** *pranta.*

6. O qualificativo foge, como o subst., à forma pluralizadora: *os rei* mago, *duas casa* vendida, *u"as fruita* verde, *as criança távum* queto. Abrem excepção apenas algumas construções, quase sempre expressões ossificadas, em que há anteposição do adjet.: *boas hora, boas tarde.*

7. Esta repugnância pela flexão pluralizadora dá lugar a casos curiosos. A frase exclamativa "**há que anos!**", equivalente a "**há quantos anos!**", sofreu esta torção violenta: *há que zano!* (ou simplesmente *que zano!)* Ouve-se freqüentemente *bamozimbora.* Não se deve interpretar como bamos+embora, mas como *bamo+zimbora,* pois o som de *z,* resultante originariamente da ligação de **vamos** com **embora**, passou a ser entendido pelo caipira como parte integrante da segunda palavra; tanto assim que diz: *nóis bamo,* e diz: *êle foi zimbora.* Prótese semelhante se dá em *zóio* (**olhos**), *zarreio* (**arreios**), com o *s* do art. def. plur. - Outro caso curioso é o que se dá com a expressão portuguesa **uns pares deles**, ou **delas**, que o nosso caipira alterou para *uns par dele* e *u"as par dela.* A frase - **Vai-me buscar uns pares deles**, ou **delas**, assim se traduzirá em dialeto: *Vai-me buscá uns par-dele,* ou *u"as par-dela,* como se *par-dele* e *par-dela* fossem as formas do masculino e do feminino de um simples substant. coletivo.

GRADAÇÃO

8. As flexões de grau subordinam-se às regras gerais da língua. Apenas algumas observações:

a) QUANTIDADE - O aumentativo e o diminutivo têm constante emprego, sendo que as flexões vivas quase se limitam a *ão ona* para o primeiro, *inho inha, ico ica* para o segundo.

Nos nomes próprios de uso mais generalizado, há grande número de formas consagradas: *Pedrão, Pedróca, Zé, Zezico, Zéca, Zêquinha, Juca, Juquinha, Jica, Jéca (José); Quim, Quinzinho, Quinzóte* (Joaquim); *Joanico, Janjão, Zico, (João); Totá, Totico, Tonico* (Antônio) *Mandá, Manduca, Maneco, Mané, Manécão, Manéquinho* (Manuel)*; Carola* (Carolina)*; Manca, Maricóta, Mariquinha, Mariquita, Maruca, Maróca* (Maria)*; Colaca, Colaquinha* (Escolástica)*; Anica, Aninha* (Ana) *; Tuca, Tuda, Tudinha, Tudica* (Gertrudes).

O emprego do aumentat. e do dimin. estende-se largamente aos adjetivos e aos próprios advérbios: *longinho, pertinho, assimzinho, agórinha.* Acompanham estas últimas formas particularidades muito especiais de sentido: *longinho* equivale a "um pouco longe"; *pertinho,* a "bem perto, muito perto"; *assinzinho,* a "deste pequeno porte, deste pequeno tamanho"; *agorinha,* a "neste mesmo instante", "há muito pouco", "já, daqui a nada".

Dir-se-ia existir qualquer "simpatia" psicológica entre a flexão diminutiva e a idéia adverbial. São expressões correntes: *falá* **baxinho**, *parô* um **bocadinho**, *andava* deste **jeitinho**, *vô lá* num **instantinho**, *falô* **direitinho**, *ia* devagarinho, *fartava no sírviço* **cada passinho**, etc.

b) COMPARAÇÃO - As formas sintéticas são freqüentemente substituídas pelas analíticas: *mais grande, mais piqueno, mais bão, mais rúm* e até *mais mio, mais pió.*

c) SUPERLATIVIDADE - Quase inteiramente limitada às formas analíticas.

FLEXÕES VERBAIS

9. PESSOA - Só se empregam correntemente as formas da 1.ª e 3.ª pessoas. A 2.ª pessoa do sing., embora usada às vezes, por ênfase, assimila-se às formas da 3.ª*: Tu num cala essa bôca? Tu vai?* A 2.ª do plur. aparece de quando em quando com suas formas próprias, no imperativo: *oiai, cumei.*

10. NÚMERO - O plural da 1.ª pessoa perde o *s: bamo, fômo, fazêmo.* Quando esdrúxula, a forma se identifica com a do sing.: *nóis ia, fosse, andava, andasse, andaria, fazia, fizesse, fazeria.* Nas formas do preter. perf. do indic. dos verbos em **ar**, a tônica muda-se em *e: trabaiêmo* - **trabalhamos**, *caminhêmo* = caminhamos.

O plural da 3.ª modifica-se: *quérim, quiríum, quizérum, quêirum; ándum, andávum, andárum, ándim.* No pres. do indic. de *pôr, ter, vir,* as formas da 3.ª pessoa são: *ponham, tenham, venham.*

11. MODOS E TEMPOS - 0 fut. imperf. do indic. exprime-se com as formas do presente: *eu vô, nóis fazêmo, ele manda,* por "eu irei", "nós faremos", "ele mandará". Entretanto, dubitativamente, empregam-se as formas próprias, às vezes modificadas: *Fazerêmo? - Fazerá? - Não sei se fazerei - Quem sá' se fazerão! Será verdade? Sei lá se irei!*

12. Com o condicional se dá coisa parecida. Correntemente, *é* expresso pelas formas do imperf. do indic.: *eu dizia,* ele *era capáiz;* mas: *Dizeria? - Não sei se poderia - Seria verdade?*

13. Aparecem não raro formas próprias do imperativo, do sing. e do plur., - *anda, puxa, vai, andai, correi, trabaiai;* são, porém, detritos sem vitalidade, que se empregam sem consciência do seu papel morfológico, de mistura com as formas da 3.ª pessoa, únicas vivas e correntes.

PRONOMES

14. *Tu* tem emprego puramente enfático, ligando-se a formas verbais da 3.ª pessoa: *tu bem sabia, tu vai, tu disse, Vóis* (vós) já não se ouve, senão, talvez, excepcionalmente.

15. Os casos oblíquos *nos, vos* têm emprego muito restrito: na maior parte das vezes preferem-se-lhes as formas analíticas *pra nóis, pra você. Vos* já não corresponde a *Vós,* mas a *vacê: - v. já deve de sabê, porque eu vos disse muntas vêis.*

16. Outras formas pronominais: a *gente, u"a pessoa* (ambas correspondentes ao francês *on) ; você* e suas variantes, todas muito usadas, *vacê, Vancê, vossuncê, vassuncê, mecê, ocê.*

17. Um fato que merece menção, apesar de pertencer mais ao linguajar dos pretos boçais do que propriamente ao dialeto caipira: a invariabilidade genérica do pronome *ele,* junta à

invariabilidade numeral. Quando se trata de indicar pluralidade, o pronome *ele* se pospõe ao artigo def. *os,* e tanto pode referir-se ao gênero masculino, como ao feminino: *osêle, zêle fóro zimbora* - **eles (ou elas) foram-se embora**.

IV. - SINTAXE

1. A complexidade dos fenômenos sintáticos, ainda pouco estudados no dialeto, - apenas *enumerados* às vezes, - não permite por ora sequer tentativas de sistematização. Só depois de acumulado muito material e depois de este bem verificado e bem apurado é que se poderão ir procurando as linhas gerais da evolução realizada, e tentando dividi-lo em classes.

O material que conseguimos reunir é pouco, e ainda não estará livre de incertezas e dúvidas; mas foi colhido da própria realidade viva do dialeto, e tão conscienciosamente como o mais que vai exposto nas outras partes deste trabalho.

FATOS RELATIVOS AO SUJEITO

2. Há no dialeto urna maneira de indicar o sujeito *vagamente determinado,* isto é, *um indivíduo qualquer* de uma classe ou *indivíduos quaisquer* de uma classe. Exprime-se por um substantivo no singular sem artigo: *Cavalo tava rinchando - Macaco assubiô no pau - Mamono tá rebentano* (Um cavalo estava a rinchar, rinchava - Um macaco assoviou, macacos assoviaram no pau - O mamono está, os mamonos estão rebentando).

3. Convém acrescentar, porém, que a supressão. do art. def. antes do sujeito, mesmo determinado, não é rara: *Patrão não trabaia hoje -Pai qué que eu vá - Chuva tá caíno.*

4. Quando o sujeito é algum dos coletivos *gente, família,* etc., o verbo aparece freqüentemente no plural: *Aquela gente* **são** *muito bão*(s) - A *tar famía* **são** *levado da breca - A cabocrada* **tão** *fazeno festa.*

Encontra-se esta particularidade, igualmente, no falar do povo português, e vem de longe, como provam numerosos exemplos literários. Um de Camões (Lus., I, 38):

> Se esta **gente** que busca outro hemisfério,
> Cuja valia e obras tanto amaste,
> Não queres que **padeçam** vitupério.

Outro, de Duarte N. ("Orig.", cap. 2.º):

> ...com hu"a gente de Hespanha chamados indigetes...

5. As cláusulas infinitivas dependentes de **para** têm por sujeito o pronome oblíquo **mim**, nos casos em que o sujeito deveria ser **eu**: *Êle trôxe u"as fruita pra* **mim** *cumê(r).*

Este, como muitos outros, como quase todos os fatos da sintaxe caipira e popular de S. Paulo, repete-se nas outras regiões do país. Um exemplo dos "Cantos populares" de S. Romero:

Ora toque, seu Quindim.
Para mim dansar.

PRONOME

6. O pronome **ele ela** pode ser objeto direto: *Peguei ele, enxerguei elas.*

Este fato é um dos mais generalizados pelas diversas regiões do país. Dele se encontram alguns exemplos em antigos documentos da língua; mas é claro que o brasileirismo se produziu independentemente de qualquer relação histórica com o fenômeno que se verificou, sem continuidade, no período ante-clássico do português.

7. O pronome oblíquo *o a* perdeu toda a vitalidade, aparecendo quase unicamente encravado em frases ossificadas: **Que** o lambeu! etc.

8. Sobre as formas **nos** e **vos**, ver o que ficou dito na "Morfologia".

9. De **lhe** só usam os caipiras referido à pessóa com quem se fala. Assim, dizem eles, dirigindo-se a alguém: - *Eu* já *le falei, fulano me afianço que le escrevia,* i. é, "eu já lhe falei" (ao senhor, a você), "fulano me assegurou que lhe escrevia" (a você, ao senhor).

Pode dizer-se, pois, que o pronome **lhe**, conservando a sua função de pronome. da "terceira" pessoa *gramatical,* só se refere, de fato, à "segunda" pessoa *real.*

Aludindo a um terceiro indivíduo, o caipira dirá: *Eu já decrarei pr'a* ele, *fulano me garantiu que escreveu pr'a ele.*

10. J. Mor. (1.º vol), tratando do emprego de formas pronominais nominativas como complemento seguido de prep. (no aragonês, provençal, valenciano, etc.), diz:

De construção semelhante encontram-se exemplos nos "Cantos populares do Brasil", interessante publicação do sr. Sílvio Romero:

Yayá dá-me um doce,
Quem pede sou eu;
Yayá não me dá,
Não quer bem a **eu**.

É possível que no Norte elo país se encontre essa construção. Em S. Paulo o caipira diz: *Não qué bem eu,* sem prep., ou *não me qué bem eu.* Aliás, isto é fato isolado. A regra, quando se

trata da primeira pessoa, e usar dos casos oblíquos: *Não me qué, não me obedece, não me visitô.*

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA

11. Na conjugação perífrástica o gerúndio é sempre preferido ao infinitivo precedido de preposição, vulgar em Portugal e até de rigor entre o povo daquele país. (J. Mor., cap.. XX, 1.º vol.). Aqui se diz, invariavelmente: - *Anda viajando - Ia caindo, estão florescendo,* ao passo que, em Portugal, especialmente entre o povo, se diz em tais casos: "estou a estudar", "anda a viajar", "ia a cair" ou para cair", etc.

O nosso uso é o mesmo dos quinhentistas e seiscentistas, dos quais se poderia citar copiosíssima exemplificação. Escrevia frei Luís de Sousa na "Vida de Dom Frei Bartolomeu", de perfeito acordo com a nossa atual maneira:

"... ia fazendo matéria de tudo quanto via no campo e na serra para louvar a Deos; offereceu-se-lhe á vista não longe do caminho... um menino pobre, e bem mal reparado de roupa, que vigiava umas ovelhinhas que ao longe andavam pastando.

12. A ação reiterada, contínua, insistente, é expressa por uma forma curiosíssima: *Fulano anda corrê-corrêno p'ras ruas sem o quê fazê - A povre da nha Tuda véve só chorá-chorano despois que perdeu o marido* (V. "Morf.", 1).

TER E HAVER

13. O verbo **ter** usa-se impessoalmente em vez de **haver**, quando o complemento não encerra noção de tempo: **Tinha** *munta gente na eigreja* - **Tem** *home que não gosta de caçada - Naquêle barranco* **tem** *pedra de fogo.*

14. Quando o complemento é **tempo, ano, semana,** emprega-se às vezes **haver**, porém, mais geralmente, **fazer**: *Já* **fáiz** *mais de ano que eu não vos vejo - Estive na sua casa* **fáiz** *quinze dia.*

15. **Haver** é limitado a certas e raras construções: *Há que tempo! - Há quanto tempo foi isso? - Num hai quem num saiba.* Nessas construções, *o* verbo como que se anquilosou, perdendo sua vitalidade.

Restringimo-nos, entretanto, neste como em outros pontos, a indicar apenas o fato, sem o precisar completamente, por falta de suficientes elementos de observação.

Vem a propósito referir que a forma *hai,* contração e ditongação de **há aí** (por "**há i**", que se encontra em muitos documentos antigos. da língua) só é empregada, que saibamos, nestas condições:

- quando precede ao verbo o advérbio *não,* como no exemplo dado acima;

- quando o verbo termina a proposição: *É tudo quanto hai - Vô vê se inda hai.*

"CHAMAR DE"

16. O verbo **chamar**, na acepção de "qualificar", emprega-se invariavelmente com **de**: *Me chamô* **de** *rúin - Le chamava* **de** *ladrão.*

O verbo chamar (diz, referindo-se a Portugal, J. Mor., cap. XXVIII, 1.ª volume) não se usa hoje com tal construção nem na linguagem popular nem na literária. mas teve-a em outro tempo, do que se encontram exemplos, como no seguinte passo de Gil Vicente, vol. II, p. 435:

Se casasses com pàção,
Que grande graça seria
E minha consolação!
Que te chame de ratinha
Tinhosa cada meia hora
etc.

ORAÇÕES RELATIVAS

17. Nas orações relativas não se emprega senão **que**. Nos casos que, em bom português, reclamam este pronome precedido de preposição, o caipira desloca a partícula, empregando-a no fim da frase com um pronome pessoal. Exemplos:

A casa em que eu morei ..... *A casa... que eu morei nela*

O livro de que falei ..... *O livro... que eu falei dele.*

A roupa com que viajava ..... *A rôpa... que viajava cum ela.*

18. Freqüentemente se suprimem de todo a preposição e o pronome pessoal, e diz-se: a casa que eu morei, o livro que eu falei, ficando assim a relação apenas subentendida.

19. Os relativos o **qual, quem e cujo** são, em virtude do processo acima, reduzidos todos a **que**:

O cavalo com o qual me viram aquele dia.	*O cavalo* **que** me *virum cum êle aquêle dia.*
A pessoa de quem se falava	*A pessoa* **que** *se falava dela*
O homem cujas terras comprei	*O home* **que** *eu comprei as terra dele.*

Em Portugal observa-se entre o povo idêntico fenômeno, isto é, essa tendência para a simplificação das fórmulas das orações relativas. Lá, porém, tais casos são apenas freqüentes, e aqui constituem regra absoluta entre os que só se exprimem em dialeto, - regra a que se submetem, sem o querer, até pessoas educadas, quando falam despreocupadamente.

20. Outra observação: lá, o relativo **quem** precedido de *a* se resolve em **lhe**, e aqui só se substitui por *pra ele*. Assim a frase - "o menino a quem eu dei meu livro" será traduzida, pelo popular português: "o menino que eu lhe dei um livro"; pelo nosso caipira: *o minino que eu dei um livro pra ele (ou prêle).*

Seria mais curial que, em vez de pra ele, se dissesse a ele; mas há a notar mais esta particularidade, que o nosso povo inculto prefere sempre a primeira preposição à segunda.

NEGATIVAS

21. Na composição de proposições negativas, o adv. **já**, corrente em português europeu, é de todo desconhecido no dialeto. Em vez de "já não vem", "já não quero", diz à francesa, ou à italiana, o nosso caipira (e com ele, ainda aqui, toda a gente está de acordo, por todo o país): *num vem* **mais**, *num quero* **mais**.

Esta prática é tão geral (diz, referindo-se ao Brasil, J. Mor., cap. XXX, 1.º vol.) que os próprios gramáticos não sabem ou não querem evitá-la. Assim, Júlio Ribeiro, na sua Gramática Portuguesa, escreve: "Hoje não é mais usado tal advérbio". Entre nós dir-se-ia: "já não é usado" ou "já não se usa tal advérbio".

A observação é em tudo exata. Só lhe faltou acrescentar que, como tantas outras particularidades sintáticas de que nos ocupamos, também desta há exemplos antigos na língua, e talvez até em Gil Vicente, que J. Mor. tão bem conhecia e a cada momento citava. Eis um exemplo, onde, pelo entrecho, mais pode ser tomado como negativo:

ANJO - Não se embarca tyrannia
Neste batel divinal.
FIDALGO - Não sei porque haveis por mal
Qu'entre minha senhoria.
ANJO - Pera vossa fantasia
Mui pequena he esta barca.
FIDALGO - Pera senhor de tal marca
Não há hi mais cortezia?

Um exemplo bem positivo de J. B. de Castro, "Vida de Cristo", (liv, IV):

"Meu pae, contra Deus e contra vós pequei e não mereço que me chameis **mais** vosso filho..."

22. O emprego de duas negativas - **ninguém não, nem não,** etc., assim contíguas, - vulgar na sintaxe portuguesa quinhentista, mas hoje desusado na língua popular de Portugal, e na língua culta tanto lá como cá, - é obrigatório no falar caipira: *Nem eu num disse - Ninguém num viu - Ninhum num fica.*

Deste uso no séc. XVI pode-se apresentar copiosa exemplificação.

23. Mas há fato mais interessante. A negativa **não** repetida depois do verbo: *não quero não, não vou não,* parece puro brasileirismo. Encontra-se, porém, repetidas vezes em Gil V., como neste passo:

Este serão glorioso
Não he de justiça, **não**.
(Auto da Barca do Purg.)

24. Também o trivial **nem nada**, depois de uma preposição negativa, tem antecedentes que remontam pelo menos a Gil V.:

Sam cappellão d'hum fidalgo
Que **não** tem renda nem nada.
(Farsa dos Almocreves).

CIRCUNSTÂNCIA DE LUGAR

25. O lugar *para onde* é indicado com auxílio da preposição **em**: *Eu fui* **im** *casa - Ia* **na** *cidade - Joguei a pedra* ***n'****agua - Chego* **na** *janela - Vortô* **no** *sítio.*

Deste fato, comum a todo o Brasil, e ao qual nem sempre escapam os próprios escritores que procuram seguir os modelos transoceânicos, se encontram numerosos exemplos em antigos documentos da língua, e ainda há vestígios nas expressões usuais: **cair no laço, caí em mim, sair em terra** (J. Mor., cap. XXIV, 1.º vol.).

CIRCUNSTÂNCIA DE TEMPO

26. Os complementos de tempo são, na linguagem portuguesa de hoje, empregados quase sempre com uma preposição (a, e em), destinada a estabelecer uma espécie de liame que satisfaça o espírito do falante. Assim, dizemos: "**Fui lá numa** segunda-feira" - "**No** dia 5 ele virá" - "Anda por aqui a cada instante", etc.

O caipira atem-se mais à tradição da língua. Ele dirá: *Fui lá u"a segunda-f\êra - Dia 5 ele vem - Anda por aqui cada passo - Mando notícia quarqué instante - Nunca está im casa hora de cumida.*

Compare-se com os seguintes exemplos, entre outros citados por J. Mor. (cap. XXV, 1.º vol.)

E o **dia** que fôr casada
Sahirei ataviada
Com hum brial d'escarlata -
(Gil V.)

Esta ave nunca sossega,
He galante e muito oufana;
Mas a **hora** que não engana
Não he pega.
(Gil V.)

Aquel dia que os romãos foram vençudos veerom a Rei Artur hu"as mui maas novas.
("Demanda do Santo Graal").

CIRCUNSTÂNCIA DE CAUSA

27. Como o povo em Portugal (J. Mor., cap. XXVI, 1.º vol.) o nosso caipira usa a fórmula **por amor de** para exprimir circunstância de causa. "Hei de ir a Régoa no domingo *pr amor* de ver se compro os precisos" - é exemplo citado por Júlio Moreira. Em frase semelhante o caipira diria quase identicamente: "Hei d'i na vila dumingo *pramór* de vê se compro os perciso". Poderia, também, dizer simplesmente: *mór de vê,* ou ainda *mó de vê.*

28. Outra fórmula caipira: *por causo de,* com o mesmo valor de **por causa de**. Essa alteração de **causa** em *causo* deve-se, talvez, a confusão com caso (que o caipira mudou em *causo).*

É de notar que em Gil V. se encontra **por caso**. O mesmo poeta escreveu freqüentemente "caiso" (subst.), o que mostra que talvez se dissesse também "por caiso", e quem sabe se até "por causo", como o nosso caipira.

V. - VOCABULÁRIO

O QUE CONTÉM ESTE VOCABULÁRIO

Este glossário não se propõe reunir, como já dissemos em outro lugar, todos os brasileirismos correntes em S. Paulo. Apenas regista vocábulos em uso entre os roceiros, ou caipiras, cuja linguagem, a vários respeitos, difere bastante da da gente das cidades, mesmo inculta.

Quanto a esses próprios vocábulos, não houve aqui a preocupação de indicar todos quantos constam das nossas notas. Deixamos de lado, em regra geral, aqueles que não temos visto usados senão em escritos literários, e por mais confiança que os autores destes nos merecessem.

Iguais reservas tivemos com os nomes de vegetais e animais. Alguns destes, dados por diversos autores como pertencentes ao vocabulário roceiro, nunca foram por nós ouvidos, talvez por mera casualidade. Não os indicamos aqui. Outros, e não poucos, estão sujeitos a tais flutuações de forma e a tais incertezas quanto à definição (o que é muito comum na nomenclatura popular), que, impossibilitados, muitas vezes, de proceder a mais detidas averiguações, preferimos deixá-los também de lado por enquanto.

AS VÁRIAS FORMAS

Registam-se os vocábulos, em primeiro lugar, em VERSAL, na sua forma dialetal mais freqüente, e como a pronunciam. Outras formas e pronúncias, quando há, se registam, quase sempre, logo na mesma linha (para não alongar demasiado este glossário), e em VERSALETE.

Quando as formas dialetais diferem sensivelmente das correspondentes da língua, escrevem-se também estas, na mesma linha, em *itálico.* Nos casos em que a diferença pode ser indicada no próprio título do artigo, assim se procede, como em ABOMBÁ(R), onde a queda de *r* está suficientemente assinalada.

ABONAÇÕES

As citas que se fazem logo após as definições, para as esclarecer, levam muitas vezes indicação de autor, entre parêntese. Não quer isto dizer que os vocábulos tenham sido colhidos em tais escritores, pois até citamos algumas frases de autores estranhos ao Estado de S. Paulo; quer dizer apenas que tais vocábulos foram aí usados com o verdadeiro valor que lhes dão os roceiros paulistas.

Tendo de juntar às definições frases que dessem melhor idéia dos termos, achamos que seria interessante tirar essas frases de escritores conhecidos e apreciados, desde que quadrassem perfeitamente com o uso popular. Apenas lhes fizemos algumas modificações de grafia.

ABREVIATURAS

Além das abreviaturas de nomes de autores e outras que constam da lista inserta em outro lugar, há no vocabulário as seguintes, que convém esclarecer:

adj. - adjetivo. a	part. - particípio
adv. - advérbio, adverbial	prep. - preposição, prepositiva
Br. - Brasil	pl. - plural
bras. - brasileiro, brasileirismo	Port. - Portugal
cast. - castelhano	port. - português
conj. - conjunção pron.	pronome, pronominal
det. - determinativo	q. - qualificativo
dial. - dialeto, dialetal	rel. - relativo
ext. - extensão	signif. - significação
f. - feminino	subst. - substantivo

fig. - figurado, figuradamente	sing. - singular
i. - intransitivo	t. - termo
intj. - interjeição	t. - transitivo
loc. - locução	v. - verbo
m. - masculino, a	voc. - vocábulo
p. - página	V. - Veja

O sinal | separa da definição e exemplificação do termo qualquer comentário ou nota que se julgou útil acrescentar.

ABANCÁ(R) [SE] - v. pron. - sentar-se: "Entre i se *abanque".* | De **banco**.

ABANCÁ(R). v. i. - fugir: "0 dianho do home, quano viu a coisa feia, *abancô"*

ABERTO DOS PEITO(S), - diz-se do animal de sela ou tiro, que, andando, cai para a frente.

ABOBADO, q. - atoleimado, pateta: "O cabo da guarda sopapeou o Quirino, *abobado* de medo, fazendo-o cambetear para dentro da salinha". (C. P.) | Com signif. semelhante, Gil V. empregou **atabobado**, t. cast.

ABOMBADO, q. - diz-se do animal de sela, tiro ou carga, extenuado de fadiga. Por ext. também se aplica a pessoa: "Era em Fevereiro, eu vinha *abombado* da troteada..." (S. L.).

ABOMBÁ(R), v. i. - extenuar-se (o animal).

ABRIDERA. s. f. - aguardente de cana. | De **abrir** (o apetite).

AÇA, aço, q. - albino. | - Usado em quase todo o Brasil.

ACARÁ, s. m. - peixe também chamado, no Brasil, *cará* e *papa-terra* (R. v. I.).

ACAUSO, s. m. - casualidade: "Isso se deu por um *acauso".* | V. CAUSO.

ACERTÁ(R), v. t. - ensinar (o animal de sela) a obedecer à rédea. | V. ACERTADÔ(R).

ACERTADÔ(R), s. m. - indivíduo que *acerta* animais de sela: "Passaram-se anos e a Eulália teve que aceitar o Vicente do Rancho, moço de boa mão e de boa cabeça, quando ele deu os últimos repassos num piquira macaco do pai dela e entrou a cercar-lhe a mãe de carinhos e presentes. Q *acertador* não enxergava terra alheia quando olhava da janela para fora...". (V. S.).

ACOCÁ(R), v. t. - mimar com excesso (a criança): "Esse tar num dá pra nada. Tamem, o pai e a mãe só sabium *acocá* ele..." Cp. à **coca**, expressão port., e também *cuca,* **côca** e **côco**. V. a primeira destas palavras.

ACOCHÁ(R), v. t. - torcer como corda: "É perciso *acochi* meió esse fumo". | De **cochar**.

ACUPÁ(R), *ocupar,* v. t. "De tudo isto tenho feyto hum roteiro que poderá acupar duas mãos de papell..." (Carta de d. João de Castro ao rei, escrita em Moçambique).

ADONDE, *onde,* adv.

Só nas partes mais altas pareciam
Uns vestígios das torres que ficavam.
Adonde a vista o mais que determina
E medir a grandeza co'a ruína.
(G. P. de Castro, "Ulisseia")

Também no Norte do Brasil persiste esta forma:

Eu ante quina sê
a pedra **adonde** lavava
sua roupa a lavandêra
(Cat., "Meu Sertão")

AFINCÁ(R), v. t. - embeber, cravar (qualquer objeto delgado e lon**go):** *"Afinquei* o pau no chão". "Não *afinque* prego na parede". "O marvado *afincô* a faca no ôtro". | É port., como **fincar**, mas com acepções diversas.

AFITO, s. m. - mau olhado. | Apesar de nunca termos ouvido este voc., e só o havermos encontrado num escrito ("A Superst. Paulistana", eng. E. Krug), resolvemos registá-lo, por ser dos mais curiosos. É palavra antiga na língua com a significação de indigestão, diarréia ("Novo Dic."). Em cast. existe **ahito**, q., - o que padece de. indigestão ou embaraço gástrico. Comparando-se isto com o sentido que dão à palavra os caipiras. segundo o citado escritor, e com a expressão "deitar o fito", equivalente a "deitar mau olhado". que se encontra em Gil V., pode deduzir-se que a significação primitiva do voc. port. e cast. deve ter sido, mais extensamente, a de - indisposição causada por mau olhado, quebranto.

AFORA(R), v. t. - tirar fora, subtrair. Usado apenas sob a forma do gerúndio, "aforando": "Vinticinco, *aforan(d)o* quatro, são vintium" | Acreditamos que seja hoje bem raramente usado este expressivo verbo, que ouvimos muitas vezes, porém há algumas dezenas de anos, e só numa localidade paulista (Capivari).

AGÒRINIIA, adv. - agora mesmo. neste instante.

AGREGADO, s. m. - indivíduo que vive em fazenda ou sítio, prestando serviços avulsos, sem ser propriamente um empregado.

AGRESTE, q. - ríspido, intratável, desabrido: "Nunca vi home tão *agréste* como aquêle nho Tunico!". - Também indica certos estados de ânimo indefiníveis e desagradáveis: "Num sei o que é que tenho hoje: tô *agréste..."*

AGUAPÉ, s. m. - plantas que bóiam à superfície das águas remansosas ou paradas. | Do tupi?

AGUARDECÊ(R), AGARDECÊ (R), *agradecer,* v. t. | Encontra-se **guardeço** na "Cron. do Cond." ("o que vos eu guardeço muito e tenho em seruiço...", cap. XI), provavelmente por errada analogia com guardar. A forma dialetal, que também aparece com freqüência aferesada, deve provir do mesmo engano. - Na citada "Cron." encontra-se igualmente **agardeceo**: "E o mestre seedo dello ledo mãdou logo chamar Nunalvrez e **agardeceolhe** muyto o que com Ruy Pereyra fallara...", cap. XVI.

AGUAXADO, q. - entorpecido por longa inatividade e pela gordura (o animal de sela). | Há quem escreva *aguachado* e ligue o voc. a **guacho**, mas erradamente. Origina-se, ao que parece, do árabe **alguaxa**, de onde o castelhano **aguaja** (úlcera ou tumor aquoso que se forma nos cascos dos cavalos ou das bestas) e o português **ajuaga** ("tumor nos cascos das bestas", segundo o "Novo Dic."). - Parece indiscutível que o vocáb. veio do castelhano pela fronteira do sul, região onde é conhecido e usado. A mudança de sentido deu-se evidentemente pela similitude dos efeitos do tumor e da gordura, causas que por igual embaraçam a marcha. Como se deu essa mudança, eis o que é mais difícil explicar. Talvez tenha influído nisso a palavra *aguado,* já existente em port., e, segundo certos autores, com a mesma origem (J. Rib., "Fabordão"). - As palavras **aguado, aguar, aguamento**, são correntes em Portugal e Brasil. **Aguado** diz-se do animal *atacado de certa doença que lhe tolhe os movimentos:* por aqui se prenderá a *alguaxa,* tumor do casco. Essa doença caracteriza-se por uma abundância de líquido seroso, que os nossos roceiros dizem existir no *pescoço* do animal e que se faz vazar, geralmente, por meio de sangria: por aqui se relaciona com água. A doença é atribuída pelo povo, ao menos em alguns casos, a desejo insatisfeito de comer: ainda uma influência de **água**, pois o apetite faz *vir água ã boca.* Também se diz de uma criança que ela *aguou* quando ficou triste e descaída por ver outra criança mamar, não podendo imitá-la, ou por lhe apetecer coisa que não lhe podia ser dada. - Há razões para se desconfiar que a sangria atrás referida seja mera abusão de alveitaria bárbara, possivelmente originada, como tantas usanças e mitos, numa falsa etimologia. De **alguaxa** ter-se-ia extraído **aguar, aguado**, por se ver ali o tema de água. Tratando-se de animal **aguado**, era forçoso que houvesse **água**, e foram descobri-la no pescoço, não já nos cascos, como seria mais razoável. Existe essa água? Os roceiros afirmarão que sim, sem admitir dúvida, mas há quem duvide. Eis o que diz, por exemplo, o dr. E. Krug: "Deve ser considerado superstição o tratamento de animais aguados por intermédio de uma sangria, que se executa no pescoço. Esta superstição é muito espalhada no nosso Estado e mesmo pessoas que se devia presumir possuírem maiores conhecimentos na zootecnia usam-na. O estar aguado do animal nada mais é do que um crescimento irregular dos cascos, geralmente devido a um excesso de marcha, etc., e isto, certamente, não se pode curar sangrando um animal. Diz-se que, depois de uma sangria, quando esta é feita de um só lado, o animal fica sempre manco; para se evitar este inconveniente sangra-se o animal dos dois lados. Não posso dizer se isto é também superstição ou fato verificado praticamente". - Cp. o cast. **aguas**, ferida ulcerosa na região dos machinhos ou nos cascos dos animais; **aguacha**, água podre; **aguachar-se**, alagar-se, e outros vocábs. que têm, quase todos, correspondentes em port. - Em Goiás, segundo se depreende de uma frase do novelista Carv. Ramos ("Tropas", 25), corre a expressão "aguar dos cascos": "...o macho mascarado trazido à escoteira, sempre à mão,... *aguara dos cascos* na subida da serra de Corumbá..."

AÍVA, q. - adoentado, mofino. | O "Novo Dic." regista o voc. com significação diversa: "pessoa ou coisa sem valor, insignificante". Em S. Paulo não se entende assim. - Do tupi **aíba**, ruim (Mont.).

AJÚPE!, intj., usada pelos tropeiros para estimular os animais.

ALACRANADO, LACRANADO, q. - diz-se de coisa cuja superfície está cheia de talhos e esfoladuras, como de dentes ou de espinhos. Derivado de **alacran** (o mesmo que **lacrau, lacraia, alacraia**), se é que não veio feito do cast., em cujo vocabulário antigo existiu forma igual, com a significação de "mordido de lacrau".

ALAMÃO, adj. patr. - forma dupla de **alemão**, muito antiga na língua.

ALEGRE, s. m. - faca recurva com que se fazem colheres de pau. | Corr. de **legra**, que o "Novo Dic." regista como provincianismo alentejano de origem castelhana.

ALELÚIA, f. - fêmea alada do cupim, que sai, às centenas, dos ninhos, à tarde, e se desfaz das asas com extrema facilidade, logo que não mais necessita delas. O mesmo que *sará-sará?* (R. v. I.) V. SIRILÚIA.

ALEMBRÁ(R), *lembrar,* v. | Esta prótese vem de muito longe na história da língua, e ainda é pop.

Alambrava-vos eu lá?
(Gil V., "Auto da índia")

ALEMBRANÇA, *lembrança,* s. f.

ALEMÔA, *alemã,* fem. de *alemão.*

ALIFANTE, *elefante,* s. m. | Forma ant., e pop. tanto no Brasil como em Port.

ALIMÁ, ALIMAR, LIMAR, *animal,* s. m. - Entenda-se "animal cavalar". | "... me parece ainda mais que som coma aves ou **alimares** monteses..." (Carta de Caminha).

AMARELÃO, MARELÃO, s. m. - anquilostomose.

AMARELÁ, MARELÁ, *amarelar,* v. i. - empalidecer de repente: "Quano o Chico uviu a vóiz de prisão, *marelô"*

AMARIO, AMARILHO, q. - baio com crina e cauda brancas (cavalo) o mesmo que "baio amarilho". | Cast. **amarillo**.

AMARRÁ(R)[1] v. t. e i. - estacar diante da perdiz (o cão), de olhos fitos sobre ela: "Brinquinho *amarrô* a bicha i eu, fogo!" "Quano, nu"a vorta do caminho... o Bismarque chateô no chão, *amarrano,* que era u"a buniteza..." (O último exemplo é de C. P.).

AMARRÁ(R)[2], v. t. - tratar, fechar (uma aposta, um negócio).

AMENHÃ, AMINHÃ, *amanhã,* ad. | É forma arc. e "'ainda corrente no povo (em Port.) na forma **aminhão**", diz Leite de Vasc., "Emblemas", introd.

AMIÁ, *amilhar,* v. t. - dar milho (aos animais). Acreditamo-lo pouco usado.

AMIADO, *amilhado,* part. de "amilhar": "O tempo tava bão, a estrada era meió, o cavalo tava descansado e bem *amiado:* a viage foi u"a gostusura".

AMIÚDA(R), v. i. - tornar-se freqüente, nas expressões *inté os galo amiùdá, quando os galo amiùdávum* e semelhantes, onde *galo* está por *canto dos galos:* "Depois que acaba a candeia, aí que a coisa é triste... Vai inté os galo *amiùdá".* (C. P.) | Esta acepção do verbo é corrente em todo o Brasil.

AMOLAÇÃO, s. f. - ação ou efeito de *amolar.*

AMOLADÔ(R), q. - o que *amola;* importuno, maçador.

AMOLANTE, q. - o mesmo que *amolador.*

AMOLÁ(R), v. t. - importunar.

AMUNTADO, MUNTADO, q. - diz-se do animal doméstico que se meteu no mato, asselvajando-se: "Gado *amuntado".* "Não há pior fera que porco *muntado".* - Cp. **monte** que em Port. envolve também idéia de mato, assim como **monteiro, montês, montesino, andar** *a* **monte**.

ANDADURA, s. f. - andar apressado do animal de sela, com balanços de anca.

ANGOLA,[1] s. m. - certa gramínea forrageira; *capim de Angola.*

ANGOLA,[2] s. 2 gens. - usado às vezes por *galo* ou *galinha de Angola.*

ANGÚ, s. m. - papas de farinha ou de fubá. Fig.: negócio desordenado, teia de intrigas e mexericos, coisa confusa, e ininteligível.

ANGÙADA, ANGÙSADA, ANGÚLADA, s. f. - grande porção de angú; negócio complicado, questão inextricável.

ANHUMA, s. f. - ave da fam. "Palamedeidae".

ANSIM, *assim,* adv. 1| Forma pop. em todo o Brasil com o *a* nasalizado por influência de im. - Encontra-se freqüentemente nas peças castelhanas de Gil V.

ANTA, s. f. - quadrúpede da fam. "Tapiridae".

ANTÃO, INTÃO, *então,* ad.: -*"Antão* ela reparou bem em mim, não disse mais nada, e saiu adiante". (V. S.) |

Filhos forão, parece, ou companheiros,
E nella **antão** os incolas primeiros.
(Camões, "Lus.").

ANTÃOCE, ANTONCE, INTONCES, outras formas de *então.* | Cp. o arc. **entonces**: "E do acabamento do livro eu dey encomenda ao lecenceado frey João uerba meu conffessor fazendo per outrem o que de acabar per my entonces era embargado" (Inf. D. Pedro, "Livro da Virtuosa Bemfeitoria").

ANTE, *antes,* prep. | E Acreditamos que este *ante* seja simplesmente **antes** modificado pela lei da queda de *s* final do dial., embora sendo certo que **ante = antes de** é do vernáculo antigo e ainda subsiste em **anteontem** *(antonte),* antevéspera, antemanhã, etc.

DANTE, loc. adv. - antigamente: "Eu *dante* fazia o que pudia, agora já tô véio i num posso mais". | É loc. port. muito antiga, no sentido de "antecedentemente", como se vê deste passo do "Castelo perigoso" (séc. XIV): "...honde perde Deos e o Paraíso e guanha os tormentos do Inferno e perde os bees que **d'ante** auya fectos, sse o Deos nom chama pera sua graça..." (L. de Vasc., "Textos arc.", p. 38 e p. 124).

TEMPO DE DANTE, loc. equivalente a "tempo 'antigo", e na qual "dante" é tomado como um subst.: "Macaia, que fôra escravo do capitão Tigre, fazendeiro do *tempo de dante* entre Porto Feliz e Capivari..." (C. P.)

ANTES, prep. - A notar:

IM ANTES, em antes, loc., usada as vezes pela forma simples "antes":

"Estive lá ainda *em antes* que ele chegasse".

ANTES TEMPO, loc. adv. - antecipadamente, antes da hora marcada ou oportuna: "Foi tão de pressa que chegô na eigreja *antes tempo".* | Os antigos diziam **ante tempo**: "Uma muito principal razão porque muitas pessoas cuidam de si mais do que tem, e **ante tempo** se tem por muito aproveitadas, é, que como Deus em todas suas obras se parece comsigo é tão fermoso nos seus começos, que muitos enganados com isso, se dão por perfeitos". (Fr. Tomé de Jesus, "Trabalhos de Jesus"). "E dizemos 'lampeiro' o que faz alguã cousa **ante tempo**..." (D. Nunes, "Orig.", VII). Cp. **anteontem**, a que se vai preferindo "antes de ontem" como *mais correto.* Na Carta de Caminha há **ante sol posto**.

ANTONHO, *Antônio,* n. p. | Forma antiga, registada por Vit. Cp. **Junho** de **Juniu(m), sonho de somniu(m),** etc.

ANTONTE, *anteontem,* adv. | V. ANTE.

ANÚ[1], *nu,* q.

ANÚ[2], ANUM, s. m. - ave da fam. "Cuculidae".

A PAR DE, loc. prep. - junto de, ao lado de: "Eu tava bem *a par* dêle quando assucedeu o causo". | É de uso antiquíssimo na língua, como mostram estes exemplos: "E quando comião de suum dom Diego Lopez e sa molher, asseemtaua eli **apar de ssy** o filho; e ella assemtaua **apar de ssy** a filha da outra parte". (Lenda da Dama Pé de Cabra, no "Livro da Linhagem", séc. XV).

Aqui, aqui, Oribella,
Serrana, alli **apar** della.
(Gil V., "Com. de Rubena")

"Eu tenho huã quinta **apar** de Cintra..." (Testam. de D. João de Castro).

APARÊIO, *aparelho,* s. m. - Na loc. *"aparêio* de fumo", que compreende o isqueiro, a pedra, o fuzil, e parece que também o que é necessário para fazer um cigarro.

APAREIADA, *aparelhada.* | V. PAREIADA.

APÊRO(S), *apeiros,* s. m.. pl. - conjunto de instrumentos de caça. É port. O "Novo Dic." não lhe põe nota de antiquado; mas parece que já não é de uso corrente em Port., segundo o que se depreende desta menção de M.. dos Rem. ("Obras de Gil V.", Gloss.): "APEIRO - Nome que antigamente se dava a diferentes instrumentos de lavoura", etc. J. Moreira, por sua vez, o tinha por antiq., como se vê desta referência ("Estudos", 2.º v., p. 175): "Há em português o vocábulo **apeiro**, a que em espanhol corresponde **apero.** Diez derivou-os do latim **apparium** (do verbo **apparo**). As suas significações eram variadas. Designa o conjunto de utensílios ou instrumentos de lavoura, e aplicava-se ainda a outros objetos, chamando-se "apeiro de caçador" aos instrumentos e armadilhas de caça..." etc. Vê-se em Vit. que já no séc. XVII a palavra era usada tal qual. - Esses autores registam a forma do sing.; acreditamos, porém, que no dial. só se emprega no plur., - o que aliás já é uso antigo, como se vê deste passo de Gil V., "Auto de Mof. Mendes":

Leva os tarros e **apeiros**
E o çurrão co'os chocalhos -

APEÁ(R), v. i. - voc. port., que no dial. apresenta a particularidade de envolver, correntemente, a idéia de "hospedar-se": "Quando chegô? Adonde apeô? - *Apeei* na casa do Chico, perto de onde tenho meus que-fazê".

APINCHÁ(R), PINCHÁ(R), v. t.. arremessar: "Fui de verêda pro quarto, despois de tê *apinchado* a ferramenta num canto da sala..." (V. S.) "Tratei de me *apinchá* pra outra banda, porque a noite ia esfriando". (V. S.). | Também se usa no Ceará, segundo este e outros passos do "Meu Sertão", de Catulo Cear.:

Meu compade Dizidero
somentes pra me impuiá,
má cheguei, me foi *pinchanda*
lá pra Avenida Cintrá.

Pinchar é port. mas acreditamos que bem pouco usado hoje, neste sentido, em Port. No Brasil, é absolutamente defeso à gente educada - **Joanne,** personagem do "Auto Pastoril Port.", de Gil V., exclama a certo momento:

Oh! commendo ó demo a vida
A que a eu **arrepincho**!

No gloss., ao fim do 3.º v. da sua ed. das "Obras de Gil V.", pergunta M. dos Rem.: "Quererá dizer o Poeta 'vida que eu levo a pular, a divertir-me?' Por nossa parte, com a devida vênia de tão erudito mestre, a resposta é negativa: não, o poeta não quis dizer isso. O entrecho da cena e a construção da frase não autorizariam tal interpretação. A cena passa-se entre **Joanne** e **Catherina**. Aquele faz e repisa declarações de ardente paixão, que a rapariga repele grosseiramente, mandando-o bugiar, chamando-lhe parvo. O pobre moço, enfim desesperado, exclama:

Oh commendo ó demo esta vida
A que **a** eu arrepincho!

isto é: encomendo esta vida ao diabo, ao qual a arremesso! - A continuação da fala não faz senão confirmar esta interpretação:

Catalina, se me eu incho,
Por esta que me va de ida.
A índia não está hi?
Que quero eu de mi aqui?
Melhor será que me va.

É provável que o **que** do segundo dos dois versos primeiro citados venha de uma transcrição errada de **que** "ou má interpretação de **q"**, A verificação deste ponto concorreria bastante a elucidar a questão. - Quanto ao **arre** que Gil V. antepôs ao verbo, destinava-se de certo a dar-

lhe mais energia. O uso de tais expletivos era comum em Gil V. e outros poetas d$_0$ seu tempo, nos quais se encontra até **re-não, re-si, re-velho, re-tanto, re-milhor**. Refletiam eles, sem dúvida, uma tendência popular então bem viva, da qual nos terá vindo boa parte dessa multidão de termos em **re** e **arre**, que a língua possui.

APÔS, APÓS, prep. - no encalço de: "Saí no mesmo instantinho *após êle*, mais foi de barde". | É de uso antigo na ling.: "... e os outros foram logo **apos** ele e lhas tornaram..." (Carta de Caminha). "... e correndo **apoz** nós, que já então lhe iamos fugindo..." (F. M. Pinto).

APÔS, APÓS DE, com o mesmo valor: "Andei *após* disso muito tempo". "Receio que a minha classe vá **após** d'esses fantasmas com que a iludem". (Garrett).

ARA, *ora,* conj. e intj. | Cp. *sinhara, vacê*, *hame*(m), palavras nas quais o som o se muda em *â*.

ARÁ(R), v. i. - empregado figuradamente no mesmo sentido que as expressões "suar o topete", "ver-se em apuros ': "Cos diacho! *arei;* pra descobri quem me fizesse êsse sirviço".

ARAÇARI, s. m. - espécie de tucano pequeno. | Tupi.

ARAGANO, q. - diz-se do cavalo espantadiço, que dificilmente se deixa pegar. | Cast. **haragano**.

ARAGUARI, s. m. - espécie de papagaio pequeno. | Tupi.

ARAPONGA, s. f. - pássaro da fam. "Cotingidae", também chamado "ferreiro". | Tupi.

ARAPUÁ, s. f. - certa abelha do mato. | Tupi.

ARAPUCA, URUPUCA, s. f. - armadilha para apanhar pássaros, feita de pequenos paus arranjados horizontalmente e em forma de pirâmide. | B. Rodrigues regista "arapuca" e "urapuca", do nheengatu.

ARARA, s. f. - papagaio grande, de cauda longa. | Tupi.

ARARA-UNA - arara inteiramente azul, de bico preto.

ARARIBÁ, s. m. - certa árvore de boa madeira. | Tupi.

ARATACA, s. f. - armadilha grande, que colhe e mata a caça. | Tupi "aratag", armad. "para pássaros" (Mont.).

ARCO-DA-VÉIA, *arco-da-velha, s.* m. - arco-iris. | Paiva, nas "Inferm. da Língua" (séc. XVIII), coloca este termo entre os que cumpre evitar. O "Novo Dic." só o regista em sua última ed. - No Brasil, é corrente a frase "coisas do arco-da-velha", por "coisas extraordinárias, surpreendentes".

ARÊA, *areia,* s. f. | É forma arc. Cp. **vêa, chêo**, etc., igualmente arcaicos mas persistentes no dial. caip.

AREÁ(R), v. t. - limpar cuidadosamente (qualquer objeto).

AREADO, part. de *arear* - muito limpo, em estado de perfeito asseio: "... revirava de sol a sol na labuta das donas, trazia tudo *areadinho..."* (V. S.).

AREÃO, s. m. - larga extensão de solo coberta de areia: "Assim falavam o Chico Gregório e o Bertolomeu, no areão da estrada do Abertão, sob uma sombra..." (C. P.).

AREJA(R), v. i. - constipar-se (o animal): "Desincie o cavalo e recôia no paió. Tá choveno daqui um poquinho e êle tá banhado de suór; pode *arejá*!" (C. P.) | Em Mato Grosso e outras regiões há, com o mesmo sentido, "airar": "Virou os arreios, não de súbito, mas com cautela e lentidão, para que o animal, encalmado como estava, não ficasse airado, (Taunay, "Inoc.").

AREJADO, q. - part. de "arejar". V. esta palavra.

ARIMBÁ, s. m. - boião de barro vidrado em que se guardam doces em calda. | Do tupi?

ARIRANHA, s. m. carnívoro da fam. "Mustelidae" e semelhante à lontra, hoje raro. | É nome de uma localidade do Estado de S. Paulo. - Tupi.

ARFENETE, *alfinete,* s. m.

Não m'arrarão **alfenetes**
E tamísem enxaravia.
(Gil V., "Auto Past. Port.")

ARMA-D~GATO, *alma de g.,* s. f. - ave da fam. "Cuculidae", castanho-parda, cinzenta na parte inferior, cauda longa com pontas brancas. Também se lhe chama, no Brasil, "alma de caboclo", "rabo-de-palha", e "tinguassu". (R. v. I.).

ARRAIA-MIUDA, s. f. - populacho. | Cp. arraial, pequeno povoado, e outrora povo (contraído em **arreal, real**). Parece ter havido aqui contaminação da idéia de "arraia" peixe.

ARRANCHÁ(R), v. i. - armar barraca, ou "rancho"; estabelecer-se provisoriamente; fig., hospedar-se sem cerimônia (com alguém): "No fim do segundo dia fumo *arranchá* na bêra do Mugi". "O Bituca *arranchô* na casa do cumpadre, sem mais nem menos".

ARRE LÁ, intj. - de enfado ou cólera, como *arre:* "Não me aborreça! *Arre lá!"* | Esta intj., que não encontramos registada em dicionário, se acha em Gil V. ("Auto da Barca do Purg."):

Arre lá! uxte. morena!

Arre, arre lá, uxte e uxtix (que todas se encontram em Gil V.) eram intjs. usadas pelos arrieiros para estimularem os animais (se bem que, no passo acima citado, não se dá esse caso, mas trata-se de uma rapariga do povo a quem o diabo quer levar na sua barca).

ARREMINADO, q. - irritadiço, intratável. |

Cuido que o vejo erguer-se **arruminado**
Lá da campa onde jaz seco e moído,
O meu Garção...
(F. Elísio, "Arte Poet.")

ARRESPONDÊ(R), *responder:* "Cum pôca demora ela me *arrespondeu* falando sussegado..." (V. S.).

ARTERICE, s. f. - astúcia, ardil. | "**Arteiríce** caiu em desuso depois que do latim se tirou a sinônima **astúcia**, palavra que era nova no séc. XV..." (Ad. Coelho, "A Líng. Port.", p. 59).

ARTÊRO, q. - ardiloso, astuto. J. J. Nunes, "Crest. Arc.", regista **arteiro** como fora de uso corrente. O "Novo Dic." regista-o sem essa menção.

ASCANÇÁ(R), *alcançar,* v. t. - "É do cano cumprido! Bem mais cumprido do que a minha! A vareta num chega no fundo. Há de *ascançá* longe..." (C. P.) | A sílaba *al,* de acordo com a fonética roceira, mudou-se em *ar,* e depois, por influência do som sibilante de ç, em as.

ASCANÇADO, *alcançador,* q.

ASCANÇADIERA, f. de ALCANÇADOR - "Aminhã nóis vai na vila... Ocê já tá cum déiz ano i coisa, i eu ti vo compra u"a de cartuche (espingarda), que tem na loja do Bismara. - Que bão!... É *ascançadêra?"* (C. P.).

A Só POR SÓ, loc. ad. equivalente a "a sós": "Eu sempre maginei, *a só por só* cumigo, que não hai coisa mais triste que andar um cristão pro mundo..." (V. S.). | Expressão clássica.

ASPEREJÁ(R), v. rel. - usar de linguagem ou de modos ásperos (com alguém): "Não *aspereje* ansim co a pròvezinha da criança".

ASPRE, áspero, q. invar.: "Nossa, que muié *aspre* pra lidá cos póvre!"

ASSOMBRAÇÃO, SOMBRAÇÃO, s. f. - aparição, fantasma, alma do outro mundo.

ASSOMBRADO. q. - diz-se do lugar ou casa onde se crê haver assombração; "mal assombrado", em linguagem polida.

ASSUNTÁ(R). v. i. - escutar refletindo, considerar, observar: "Pois ensilhe o seu 'bicho' e caminhe como eu lhe disser. Mas *assunte* bem, que rio terceiro dia de viagem ficará decidido quem é "cavoqueiro" e *embromador".* (Taun., "Inoc.").

ATABULADO, part. de

ATABULÁ(R), v. t. - estugar (o passo), apressar (algum serviço ou negócio). | De **atribular**? A hipótese não é gratuita, pois o caipira usa constantemente de "tribulado", "tribulação", dando a tais palavras um grande elastério.

ATAIÁ(R). *atalhar,* v. t. - fazer uma cavidade (por dentro da cangalha, em lugar correspondente a uma pisadura no animal): "Ao pouso arribava à boquinha da noite, feita a descarga... afofadas e *atalhadas* as cangalhas pisadoras..." (C. Ram.)

ATANAZÁ(R), *atenazar,* v. t. - importunar. De **tenaz**.

Veis aquelios azotar
Con vergas de hierro ardiendo
Y despues **atanazar**?
(Gil V., "Auto da Barca da Gl.")

F. J. Freire registou-o.

ATENTÁ(R), v. t. - tentar; apoquentar, irritar: "Não me *atente* mais, Nhô, que eu tô no fim da paciença!" (V. S.). "Num brinque cum revorve; ói que o diabo *atenta!"* | Esta última acepção se encontra também em Port., e até em frases muito semelhantes à citada. J. Moreira colheu em Armamar um trecho de romance onde há estes dois versos:

Puxei pela minha faca,
O diabo me **atentou.**

ÁTIMO, s. m. - usado na loc. "num átimo", num instante, num abrir e fechar de olhos: "E as espigas desenvolveram-se *num átimo,* avolumaram-se e começaram a secar". (A. Delf.) | O "Novo Dic." registra **atimar**, como t. açoriano e antigo, equivalente de "ultimar". Acha-se em Vit., que o dá como "o mesmo que **acimar**": "concluir, executar, levar a cabo alguma empresa, obra, ou façanha". M. dos Rem. define-o quase nos mesmos termos, no gloss. aposto à sua ed. de Gil Vic., em cujas peças o verbo aparece muitas vezes. - Cp. o ital. **attimo**, instante.

À TOA, loc. adv. - inutilmente, sem razão, sem causa explicável: "Eles brigaram à *tôa".* "Num havia percisão de virem; viérum *à tôa,* por troça". - sem delonga, sem receio nem cuidado: "Você é capáiz de cortá aquêle pau antes da janta? Corto *à tôa*! | De **à tôa**, isto é, à sirga, a reboque. - Daqui se tirou.

ATÔA, q. - desprezível, insignificante: "Aquilo é um tipo **atôa**". "Não custumo brigá por quarqué quistã *atoa* . Tenho le visto na rua cum gente *atoa*, mecê num faça isso".

ÀTOINHA, loc. adv. - o mesmo que a toa, com um sentido irônico, escarninho ou jocoso: "Vai dansá um pôco, lindeza? - *À toinha!"*

ATORÁ(R), v. i. - partir a pressa: "Passei a mão na ferramenta c'a pobre da minha cabeça a mó que deleriada, e *atorei* pra casa". (V. S.).

ATROADO, q. - que fala com estrondo e de pressa, embrulhando as palavras: "Aquilo é um *atroado,* nem se intende o que êle fala". | Part. de **atroar**, com significação ativa, como "entendido", "viajado".

ÁTRU-DIA, *outro-dia,* loc. adv. de tempo: *"Atrudia* estive em sua casa não le achei". | Não é caso único esta mudança de *o* em *a:* Cp. *ara, sinhara, hame;* e ainda *aribu, arapuca,* ao lado de *urubu, urupuca.* Também há *isturdia,* que, com variantes *(siturdia,* etc.) é comum em quase todo o Brasil, notadamente no Nordeste:

Bem me disse, *siturdia,*
a Josefa Caprimbu
que esse passo era afiado
de curuja e de aribu.
(Cai., "Meu Sertão").

Quanto à sintaxe, cumpre notar a diferença em relação à frase port. - "no outro dia". O mesmo processo se observa, de acordo com o uso clássico, no emprego de outros complementos de tempo, que dispensam prep.: "Dia de S. João eu vô le visitá". "Essa hora eu tava longe". "Chegô a somana passada".

ÁUA(S), ÁGUAS, s. f. pl. - direção das fibras da madeira: "Esta bengala não tem resistência, pois o aparelhador cortou as *águas* da madeira".

ÁUA-MÓRNA, ÁGUA-MÓRNA, q. - irresoluto, fraco: "Não seja *água mórna,* mande o desgraciado fazê uma viaje sem chapéu!" (V. S.).

AVALUÁ(R), *avaliar,* v. t. | Forma arc.

AVENTÁ(R), v. t. - separar (cereais da casca, atirando-os ao ar com peneiras ou pás). | É t. port., mas especializado aqui nesta acepção.

AVINHADO, s. m. - pássaro da fam. "Fringilidae"; *curió.*

AVUÁ(R), v. i. | De **voar** com *a* explet. Conjuga-se: *avua, avuô, avuava,* etc.; *avuê, avuasse,* etc.

AZARADO, q. - o que "está de azar", infeliz, sem sorte.

AZORETADO, q. - atordoado, confuso: "As corujas do campo a mó que tavam malucas, essa noite: era um voar sem parada em riba da minha testa, que me deixava *azoretado".* (V. S.) - O "Novo Dic." regista *"azoratado,* doidivanas ou estroina". E pergunta se terá relação com *ozoar.* Segundo J. Moreira ("Estudos", 2.º v.) *azoratado* vem de *zorate (ou orates, ozorates, o zorate).* É também a explicação de Leite de Vasc., citado pelo precedente.

AZUCRINÁ(R), v. t. - Atormentar com impertinências, importunar. | O "Novo Dic." regista *azucrinar* como brasil. do Norte e com o mesmo significado. Também é do Sul, ao menos de S. Paulo e, provavelmente, de Minas. Em Pernamb. há "azucrim", importuno.

AZUCRINADO, part. de *azucrinar.*

AZULÁ(R), v. i. - fugir. Sentido irônico ou burlesco: "O tar sojeito, quano eu fui atrais dêle, já tinha *azulado".*

AZULÃO, s. m. - nome de vários pássaros azuis, como: o sanhaço, "Stephanophorus leucocephalos" e um pássaro da família "Fringilidae", também conhecido por *papa-arroz.* | No Norte dá-se aquele nome ao *virabosta.*

AZULÊGO, q. - azulado (com referência a qualquer objeto, em especial ao cavalo escuro, pintalgado de preto e branco) : "É que uma língua de fogo *azulêgo,* mais comprida que grossa, de uns três palmos de extensão, erguera-se da várzea..." (V. S.).

BABA DE MOÇA, s. f. - certo doce de ovos. Rub. mencionava, em 1853, com este nome, um doce feito de coco da Bahia".

BABADO, s. f. - folho, tira de fazenda, pregueada, com que se enfeitam vestidos.

"Se subesse vancê quanto lhe estimo.
E a caipirinha lânguida e confusa.
ouvindo, rubra, a confissão do primo,
morde o *babado* da vermelha blusa.
(C. P.)

BABAU!, interj. - eqüivale a "acabou-se!" - "lá se foi!" -"agora é tarde!". Exemplo: "Porque não veiu mais cedo, pra comê os doce? Agora, meu amigo... babau!" | Cherm. colheu-a na Amazônia, significando "acabou-se, esgotou-se", e aponta-lhe o étimo tupi "mbau", acabar.

BABO, s. m. - bava: "Fazendo uma careta de nojo, Bolieiro cuspiu para um lado, franzindo a testa, ficando-lhe na barba um fio meloso de *babo.* (C. P., "Ê a deferença que hai...") | Deduzido de **babar**.

BACABA, s. f. - certa árvore. | Tupi.

BACAIAU, *bacalhau,* s. m. - azorrague de couro trançado, antigamente usado para castigar escravos.

BACUPARI, s. m. - arbusto que dá um fruto muito ácido. | Em outras regiões do Brasil designa diferentes espécies de árvores frutíferas. - Tupi.

BACURAU, s. m. - pássaro também chamado *curiango* e, algures, *méde-léguas:* "Nyctidromus albicollis".

BADANA, s. f. - couro macio que se põe sobre os arreios da cavalgadura. | É t. port., com várias significações, na Europa e no Brasil. - Diz M. dos Rem. (Obras de Gil V., Gloss.), explicando certo passo, que badana significa "propriamente a ovelha velha" e "carne magra, cheia de peles". - Dão-no como derivado do ar. **bitana**.

BAGARÓTE, s. m. - mil réis, em linguagem jocosa. Comumente se usa no plural.

BAGRE, s. m. - nome de várias espécies de peixe de couro, da fam. "Siluridae".

BAGUAÇÚ, s. m. - arvore de madeira branca, também chamada *caguaçu.*

BAIACÚ, s. m. - nome de vários peixes de água doce e salgada.

BAIO, q. - diz-se do animal eqüino de cor amarelada. | T. port.

- AMARI(LH)O, o anim. de cor brilhante e clara, geralmente com cauda e crina brancas. | Do cast.

- CAFÉ-CUM-LEITE.

- CAMURÇA.

- INCERADO, o de tom escuro e brilho apagado.

- GATEADO, o amarelo vivo, de um tom avermelhado.

BAITACA, MAITACA, 5. f. - ave aparentada com o papagaio: *"Baita'*cas em bando, bulhentas, a sumiremse num capão d'angico". (M. L.) -Tupi.

BALA, s. f. - rebuçado; *queimado;* pequena porção de açúcar resfriado em ponto de espelho e envolvida num quadrado de papel. | Em Pernamb. e Estados vizinhos dizem "bola". O t. é velho, já registado no vocabulário de Rub. (1853).

- DE OVOS, a mesma "bala", com recheio de ovo batido com açúcar.
- DE LIMÃO, DE LARANJA, etc., conforme a essência adicionada.
PONTO DE -, o estado em que se deixa esfriar a calda de açúcar para fazer balas; ponto de espelho.

BALAIO[1], s. m. - espécie de cesto de taquara, sem tampo, destinado a depósito ou condução de variadíssimos objetos, mas principalmente usado pelas mulheres para guardar apetrechos da costura.

BALAIO[2], s. m. - certa dança popular, que parece extinta. Dela se conservam reminiscências em algumas trovas:

Balaio, meu bem balaio,
balaio do coração -

| O t. e a usança também são do R. G. do S., como se pode ver em Romag.

BALÊ(I)RO, s. m. - vendedor de balas (rebuçados).

IBANANINHA, s. f. - pequenos bolos de farinha de trigo, com uma forma semelhante à das bananas: "Chegara a hora da ceia. Caldo de cambuquira, um feijão virado alumiando de gordura e, para fechar, um café com *bananinhas* de farinha de trigo; tudo indigesto, escorrendo gordura". (C. P.).

BANDÊ(I)RA, s. f. - monte de espigas de milho, na roça.

BANGUR, BANGÚê, s. m. - liteira com teto e cortinados, levada por muares, que antigamente se usava. Este t. tem muitas significações pelo resto do Brasil, como se pode ver em Macedo Soares e outros vocabularistas. Origem controvertida.

BANGUÉLA, q. - que tem falta dos dentes da frente.

BANHADO, s. m. - campo encharcado.

BANZÀ(R), v. intr. - pensar aparvalhadamente em qualquer caso impressionante. Pouco usado. | É port. - Paiva incluiu-o nas "Infermid.", sem explicar o sentido. Dir-se-ia simples corrupção

africana (ou feita ao jeito do linguajar dos pretos) do verbo **pensar**. Mas, querem doutos que seja voz proveniente do quimbundo "cubanza". - Aqui, não ocorre jamais ouvir-se o subst. "banzo".

BANZÊ(I)RO, q. - o que está a banzar. Pouco usado.

BARBA DE BÓDE, s. m. - espécie de capim de touceiras abundante em campos de má terra, e cujo aspecto, quando maduro, é o de fios longos, flexíveis e esbranquiçados. Em Pernamb., dá-se este nome a uma gramínea ("Sporabulus argutus", Nees Kunth), de colmo longo e resistente (Garcia). - O "Novo Dic." regista sob este nome ainda outra planta, esta de jardim.

BARBA DE PAU, s. f. - filamentos parasitários que dão na casca das árvores do mato: "...grandes árvores velhas por cujo tronco e galhaça trepam cipós, escorre *barba de pau* e aderem musgos". (M. L.).

BARBATIMÃO, s. m. - árvore da fam. das Legumin., de casca adstringente, muito usada em curtumes.

BARBÉLA, s. f. - cordão com que piões e viajantes a cavalo prendem o chapéu sob o queixo: carnosidade ou pele pendente sob a queixada de um animal.

BARBICACHO, s. m. - laçada com que se prende o queixo da cavalgadura rebelde; barbela.

BARBULÊTA, *borboleta,* s. f.:

Vai no domingo e vai de calça preta,
paletó de algodão de grande gola.
visitar o seu bem sua *barrbuleta,*
que já esteve na vila e até na escola.
(C. P.)

BARRÊRO, s. m. - lugar onde há barro salgado, muito procurado pelos veados e outros animais do mato.

BARRIÁ(R), *barrear,* v. i. - barrar, revestir de barra (muro ou parede): cobrir, revestir, besuntar (qualquer coisa, com alguma substância meio líquida) ; salpicar (de bagos de chumbo):

O catinguêro num me feis carêta;
cheguei pórva no uvido da trovão,
barriei de chumbo o bicho na palêta.
(C. P.)

BARRIADO. partic. de BARRIÁ, barrear - revestido de barro (muro ou parede)

Eis a casa de um homem das florestas:
as paredes apenas *barriadas,*
solo cheio de covas -
(C. P.)

Por analogia, coberto, revestido, besuntado, sujo, salpicado (de coisa meio líquida) : "Fiquei *barriado* de lama". "O chapêu do minino caiu no tacho e saiu *barriado* de carda".- Aplica-se mesmo falando de coisas sólidas, como chumbo de caça: *"barriado* de chumbo". Em port. genuíno, barrado, com as mesmas acepções principais.

BARRIGA, s. f. - gravidez: "Fulana tá cum *barriga".* | Com o mesmo sentido, em Gil V., "Com. de Rubena", quando a Feiticeira interroga a ama a quem vai confiar a criança:

Primeiro eu saberei
Que leite he o vosso, amiga;
E se tendes já **barriga**;
Que dias há que me eu sei.
E, se sois agastadiça.
Se comeis toda a vida -

"E se tendes já barriga", isto é, *se estais de novo grávida,* o que importava saber para avaliar a qualidade do leite.

BARRIGADA[1], s. f. - o produto do parto de uma cadela, ou qualquer animal multíparo.

BARRIGADA[2], s. f. - fartadela (de riso) : "Tomei u"a *barrigada* de riso no circo".

BARRIGUÊRA, s. f. - tira de couro ou de tecido grosso que passa por baixo da barriga da cavalgadura, firmando a sela. | Cast. **barriguera**.

BARRO, s. m. - "Botá(r), pregá(r) o barro na parede", ou, simplesmente, "pregá o barro", eqüivale a fazer pedido de casamento e, às vezes, qualquer outro gênero de pedido ou proposta arriscada. | A frase "botar o barro à parede" está registada nas "Infermid." e também se vê na "Eufros."

BARRÔSO, q. - diz-se do boi acinzentado ou branco, amarelo pálido. | Cast.

BARRUMA, *verruma,* s. f. | Parece geral na ling. pop. do Br. e Port. Garcia, que a regista como pernambucanismo, nota que é corrente em Baião, Port., como se vê da "Rev. Lus.", vol. IX.

BASTO, s. m. - serigote ou lombilho de cabeça de pau.

BATÁIA[1], *batalha,* s. f. - certa árvore.

BATÁIA[2], *batalha,* s. f. - certo jogo de cartas.

BATAIÁ(R), *batalhar,* v. i. - lidar, trabalhar, lutar (por conseguir alguma coisa) : "O próve de nhê Chico! *bataiô* tuda a vida pra desimpenhá aquela fazenda, e no finar das conta..."

BATARIA, s. f. - rosário de bombas que se queima nas festas de igreja. | Quanto à forma: "Quem defender vossa casa de hum saco, ou **bataria**?" ("Eufros.", ato I, sc. III). "Quando cessam as batarias, então se fabricam as máquinas". (Vieira, Serm. do Sábado quarto).

BATE-BÔCA, s. ni. - discussão violenta.

BATUIRA, s. f. - certo pássaro.

BATUQUE, s. m. - dança de pretos; pândega, folia (em sentido depreciativo) : "Na sala grande, o cururu; na salinha de fóra, os "modistas" contadores de façanha; e, no terreiro, o *batuque* da negrada e o samba dos caboclos". (C. P.) "Dança de pretos. Formam roda de sessenta e mais pessoas, que cantam em coro os últimos versos do "cantador", e ao som dos "tambus" requebram e saltam homens e mulheres, dando violentas umbigadas uns contra os outros" (C.P. "Musa Caip.",) | Segundo Mons. Dalg., o t. nada tem com *bater,* mas é africano, provavelmente do ladim "batchuque", tambor, baile. Na Índia, para onde o vocáb. passou, diz o mesmo Mons. Dalg., ele é sinon. de "gumate", instrumento de música.

BAUTIZÁ(R) *batizar,* v. t. | "Minha amiga entendamos como há ser isto? avemos hoje *bautizar* este filho se o he? ("Eufros." ato 1, sc. III).

BA(I)XÊ(I)RO, s. m. - manta que se põe por baixo da sela.

BÊBUDO, *bêbado,* q. - "Quando oiei no chão tava um *bêbudo* caído!" (C. P.*)* | Cp *sábudo, cágudo* dissimilações semelhantes e na língua d'alem-mar, o antigo **bárboro** de onde "brabo". V. esta palavra.

BENÇA, *benção*, s. f. | Desnasalizou-se a sílaba final como em *Istêvo,* de **Estevão**, *órfo* de **órfão**. - Ê forma pop. em Port. (J. Mor., "Estudos", 2.º v., p. 178).

BENÇÃO, s. f. | Esta forma oxítona se ouve às vezes (segundo cremos, só .em versos). Encontra-se em Gil V., que rima "benção" com coração", "concrusão", etc.

BENTEVI, s. m. - pássaro muito conhecido. | Nome onomatopaico. Embora se costume grafar "bem-te-vi", como pronunciam os que se prezam de bem-falantes, a verdade é que o povo roceiro fez, há muito, a aglutinação dos elementos do voc., reduzindo, o ditongo nasal *(ein,* de "bem"). Cf. *bendito* por "bem-dito".

BENTINHO, s. m. - papel contendo uma oração escrita, e que se dobra muitas vezes, encapando-o em pano, e assim se traz pendurado ao pescoço por um fio, depois de o fazer

benzer por um padre "Um dia... nu"a noite de luá... aiai! o meu fio sumiu... Coitadinho! Achei no barranco só um *bentinho* que dei pr'êle quano era criança..." (C. P.).

BERÉVA, s. f. - erupção de pele. Usa-se mais no plural: "Urtimamente me aparecero u"as *beréba* pro corpo". | Em outras partes se diz "peréba". - Segundo B. Rodr., "pereua" significa úlcera, em nhengatú e língua geral.

BÉRNE, s. m. - larva de mosca "Dermatobia cyanciventris", fam. "Oestridae", que se desenvolve na pele dos animais e às vezes mesmo na do homem, principalmente na cabeça.

BERNENTO, q. - cheio de bernes.

BERTOLAMEU, *Bartolomeu,* n. p. | C. P. dá esta forma, no livro "Quem conta", p. 171 e 206.

BÉSPA, *vespa,* s. f. "À excepção da Prov,; de S. Paulo, o termo port. 'Vespa' é geralmente desconhecido da gente rústica", diz B. - R. Segundo o mesmo autor, no Mar. e no Vale do Amaz. se diz "caba"; | nas outras terras: "maribondo", t. bundo. - Em S. P. é corrente o ditado "Laranja na bêra da estrada, ou é azêda ou tem *bêspa".* Em outros Estados existem variantes, n'as quais se substitui "vespa" por "maribondo". D. Alex. colheu, em Minas: "Laranjeira carregada, à beira das estradas, ou tem maribondo ou frutas azedas". Afr. Peixoto, em "Fruta do Mato", consigna uma variante parecida com essa, colhida na Bahia.

BESPÊ(I)RA, VESPÊ(I)RA, s. f. - casa de vespas; o mesmo que *veiêra,* "abelheira".

BESTÁ(R), v. i. - dizer asneiras.

BESTÊRA, s. f. - asneira.

BIBÓCA, s. f. - quebrada, grota, lugar apartado e invio; casinhola: "Tudo isto afim de que não falte aos soletradores de tais e tais *bibocas* desservidas de trem de ferro o pábulo diário da graxa preta em fundo branco..." (M. L.). "A meio caminho, porém, tomou certa errada, foi ter à *biboca* de um negro velho, em plena mata..." (M. L.) | Mac. Soares dá, entre outras acepções, a de casinhola de palha, que diz peculiar a S. P. - Registam-se outras formas pelo Br., "babóca", "boboca".- Dão-lhe orig. tupi em "ybybóca", fenda, buraco do chão, da terra.

BICHÁ(R), v. i. - criar bichos (o queijo, a fruta, etc.) | Em M. Grosso ("Inoc.") significa também ganhar dinheiro, fazer fortuna.

BICHADO, q. - que tem bichos (feijão, frutas, etc.).

BICHÃO, s. m. - aumentativo de BICHO: animal grande, homem alto e gordo.

BICHARADA, s. f. - quantidade de bichos.

BICHARIA, s. f. - o mesmo que *bicharada.*

BICHÊRA, s. f. - pústula, cheia de larvas de mosca, que ataca os animais de criação (especialmente bois).

BICHO, s. m. - qualquer animal, com especialidade os não domésticos; verme, larva, inseto. Em frases interjectivas, implica a idéia de corpulência, força, destreza, ferocidade: "Isto é que é cavalo bão! Êta *bicho!"* - "Ih! minha Nossa Sinhora, aquêle hóme é um *bicho,* de brabo!"

- DE CONCHA, indivíduo metido consigo.
- DO MATO, animal selvagem; roceiro abrutalhado.
- DE PÊLO.
- DE PENA.
- DE PÉ, "Pulex penetrans".

VIRÁ(R) -, ficar zangado, tornar-se repentinamente violento.

BICO[1], s.m. - carta de somenos valor no jogo do truque (os "dois" e os "três"):

- Tire a sorte. Dê vance.
- Serre o baraio, Tonico.
- Dêxe pro pé. - Bamo vê?
- Truco in riba dêsse bico!

(C. P.)

BICO[2], s. m. - cada um dos ângulos salientes de uma renda ou bordado; no plur., o conjunto dos recortes angulares com que se enfeitam toalhas, lençóis, papéis para guarnecer bandejas e prateleiras, etc.

BICO DE PATO, s. m. - árvore espinhosa, que dá um fruto semelhante ao bico do pato.

BICUDO, s. m. - nome de várias espécies de passarinhos da fam. "Fringilidae", e também do "Pitylus fulginosus".

BICUIBA, s. f. - certa árvore silvestre, que produz uma noz oleosa.

BIGUÁ, s. m. - ave da fam. "Carbonidae".

BIJU, s. m. - placa de farinha de milho, ou mandioca, que se despega do fundo do "forno", ao fazer-se a farinha, sem se esfarelar com o resto desta. | Existe em todo o Br., sob essa forma e sob a forma *beju,* com significados vários. Escreve-se geralmente "beijú", ou por ligá-lo a "beijo", ou porque realmente se guarda a tradição d'a sua origem indígena, que dizem ser a verdadeira. B. Rodr. regista "beyu", nhengatú, e "meyu", língua geral. B.-R. e outros apontam vocábs. semelhantes, tupinambás, etc. Entretanto, há em port. "beijinho", que não se distancia muito do nosso *biju,* nem pela forma, nem pelo sentido.

BINGA, s. f. - isqueiro de chifre: "Enrola o cigarro, amarra-lhe uma palhinha para que não desaperte, bate a *binga,* e acende-o vagarosamente". (A. S.). | Na Bahia significa simplesmente chifre, seg. B.-R. Atribui-se-lhe o étimo "mbinga", chifre, do bundo.

BIRI[1], s. m. - V. PIRI.

BIRI[2], s. m. - árvore de pequeno porte, boa para lenha.

BIRIBÁ, s. f. - árvore de grande porte.

BIRIBA, BIRIVA, s. m. ,- o mesmo que *guariba.*

BIRRO, *bilro,* s. m. - certo pássaro: "O engenho desmanchava-se aos poucos e a casa ia-se tornando um taperão, sobre o qual os *bilros* implicantes. piavam, partindo e voltando..." (C. P.).

BISÔRRO, *besouro,* s. m.

BIZARRIA, s. f. - generosidade, liberalidade. Pouco usado. Só conhecemos uma quadra popular, em que há estes dois versos:

E viva o noivo ca noiva,
cum tuda sua *bizarria.*

Em Port., diz G. Viana, "Palestras , p. 31, "o povo usa bizarro com a significação principal de 'generoso' e bizarria com a de 'generosidade'. Vê-se, pois, que o sentido de bizarria no nosso dial. é puro vernáculo, divergindo da significação afrancesada, que se introduziu por via literária.

BOBIÁ(R), v. t. - enganar, empulhar: "O Fermino cunsiguiu levá os inleitô do ôtro lado, porque *bobiô* êles". | Em Port., bobear é fazer, ou dizer bobices.

BOBÍCIA, *bobice,* s. f.

BOBICÍADA, s. f. - quantidade de bobices: "Quá o quê!... Ocêis são bobo... Aquerditá nessa *bobiciada!* (C. P.).

BOBÓ, q. - palerma: "Parece coisa que inda tô vendo o Tibúrcio, aquêle negrão meio bobó, que andava esfarrapado pro meio dessas ruas..." (V. S.).

BOCAGE(M), s. f. - palavrada, expressões baixas e indecentes.

BOCAINA, s. f. - depressão numa serra, que dá passagem. | Cf. "boqueirão". Tem noutros pontos do país significações um tanto diversas - boca de rio, foz, entrada de canal, etc.

BOCÓ[1], q. - palerma. | Também se diz *bocó de móla.* - De **boca**. Cp. a frase "andar de *boca aberta",* pasmado, apalermado.

BOCÓ[2], s. m. - saco (geralmente, de lona) que se traz a tiracolo na caça. | No Norte, "bogó" designa coisa semelhante.

BOCUVA, s. f. - árvore que dá um fruto oleoso.

BÓDE, s. m. - mulato, "cabra". Aument., *bòdarrão,* mulato corpulento, ou de ar imponente; fem. *bódarrona.* Diminut., *bòdinho, bódête.*

BODÓQUE, s. m. - arco, quase idêntico ao com que os índios atiram frechas, mas de pequenas proporções (cinco, seis, oito palmos), usado para arremessar pelotas de barro, à caça de passarinhos: "E o caboclo perdeu meio dia de serviço para fazer o *bodoque,* bem raspado com um caco de vidro que levou da cidade, encordoando-o com corda de linha "clark" encerada a capricho, rematando com gosto de artista a obra, desde o cabo até a malha". (C. P.) | O "Novo Dic." dá como ant., significando "bola de barro, que se atirava com besta" e aponta-lhe o étimo no ar. "bandoque". - V. PELÓTE.

BODOCADA, s. f. - tiro de bodoque. Figuradamente, alusão rápida e áspera, remoque, dito ferino.

BOIADO, q. - diz-se do anzol empatado (encastoado) .em linha comprida. | De **boia**?

BOICORÁ s. m. - cobra-coral. | Af. Taun. regista a corrupt. *bacorá;* lembramo-nos, porém, de ter ouvido também *boicorá.* - "Mboi", cobra.

BOITATÁ, BITÀTÁ, BATÀTÁ, s. m. - fogo fátuo. | C. P. colheu *bitati* ("Quem conta", p. 30), que é corrupt. Rub. regista "boi-tatá"; B. -R. dá "batatão" da Par. do N., e "biatatá" da Bahia. - Dão-lhe uns, baseados em Anchieta, o étimo "mbaétatá", que significaria "coisa de fogo". Outros apontam "mboi-tatá" cobra de fogo, e, tanto morfologicamente, como pela analogia da imagem com o objeto, parece que acertam. Parece, porque, enfim, a língua geral dá para tudo...

BOI-VIVO, s. m. - guisado de test. de boi.

BOLIÁ(R), v. t. e i. - derrubar subitamente (pessoa ou animal) em sentido figurado, prostrar, falando-se de moléstia; cair para trás (o animal) depois de empinar.

BONECA, s. f. - espiga de milho nova. "Vieram as chuvas a tempo, de modo que em Janeiro o milho desembrulhava pendão, muito medrado de espigas. Nunes não cabia em si. Percorria as roças contente da vida, unhando os caules polpudos já em pleno arreganhamento da dentuça

vermelha e palpando as *bonecas* tenrinhas a madeixarem-se duma cabelugem louro-translúcida": (M. L.).

BORÁ, s. f. - certa abelha silvestre.

BÔRRA, s. m. - usado para indicar indivíduo antipático, desagradável, de trato difícil. Não tem significação precisa; exprime antes o estado de alma de quem fala, o despeito ou irritação. "Fulano? Aquilo é um *bôrra"*. "Pidi pro Tonico u"a ajuda na roça e o *bôrra* não apareceu". Eqüivale, como se vê, a "bolas", "tipo", "coisa". | Parece deduzido da loc. de **bôrra** ("doutor de bôrra", etc.), corrente na linguagem culta.

BORRACHUDO, s. m. - mosquito do gênero "Simulium", cuja picada é dolorosa. | Parece ser o "pium" do Norte.

BOSSORÓCA, s. f. - fenda profunda, rasgada no solo pelas enxurradas:

E mortas, em completa solidão,
jazem as ruas desta pobre aldeia,
Que as bossorocas engulindo vão. (Ag Silv.)

| Acreditamos que também corre a forma soróca. Cf. Sorocaba n. p.

BOSTIÁ, bostear, v. i. - defecar. Refere-se mais aos animais, mas aplica-se ao homem por jocosidade. Na frase *vá bostiá*, eqüivale a "pentear macacos". | A forma port. é **bostar**. Na Índia existe "bostear", mas significa revestir de bosta as paredes e pavimentos das casas, conforme usança da terra (Mons. Dalg.).

BÓTA. s. f. - na loc. "de bóta e espora". Exemplo goiano, perfeitamente aplicável aqui: "E, se não mostramos energia, montam-nos em pêlo, de bota e esporos..." (C. Ramos).

BOTÁ(R), v. t. - Sinon. de *pôr*, de uso preponderante em todas as acenções: **botar** a mão, **botar** o feijão no fogo, **botar** ovo (a ave), **botar** as tripas pela boca, **botar** dinheiro no banco.

BOTÁ(R)-SE, v. pron. - lançar-se, pôr-se: "O home ficô desesperado ca demora da noticia, i **botô-se** por essas estrada". | Na "Inoc." de Taun. depara-se a expressão "botar-se a caminho", entre centos de outras vulgaríssimas em S. P.

BOTINA, s. f. - calçado fechado até à extremidade do cano, com elásticos neste.

BRABÊZA, qualidade do que é *brabo*. (V. esta pal.) Os dicions. registam braveza.

BRABO, q. - zangado, zangadiço, colérico; bravio (animal); denso, selvagem (mato). | Mais ou menos corrente no Bras. todo. Diz S. Lopes, no conto "Trezentas onças" (R. G. do S.): "... sujeito

de contas mui limpas e *brabo* como uma manga de pedras..." - Esta forma não parece mera variante de "bravo", que é de importação francesa por um lado, e italiana por outro. Tirou-a talvez a língua, diretamente, de **bárbaro**, através da forma bárboro, com dissimilação do segundo *a*, que facilitou o encurtamento do vocáb. **Bárboro** encontra-se nos antigos; por ex., em D. João de Castro: "E asi me sertifiquei da longura que ha do brazil ao cabo da boa esperança e nisto estou tão costamte que me atreverey a o fazer confesar a omens **barboros** e a outros de gramde enjenho". (Carta ao Rei, em "Dom J. de C." por M. de S. Pinto). A própria forma **brabo**, tal qual, se encontra na Eufros.", p. 147.

BRACUÍ, s. m. - árvore de grande porte, comum no vale do Paraíba.

BRANCO MELADO, q. - diz-se do animal eqüino de cor branca, mas com um tom particular.

BRÉCA, s. f. - usado nas frases: *levado da bréca,* terrível, endemoninhado, ingovernável, desobediente; levar a *bréca* (isto é, "levá-lo a bréca"), desmanchar-se, desfazer-se: "levô a *bréca* o negócio", "o casamento do Chico ainda leva a *bréca".*

BREGANHA, *barganha,* s. f.

BREGANHÁ(R), *barganhar,* v. t.

BREJAÚVA, s. f. - certa palmeira.

BREVIDADE, s. f. - espécie de bolo doce, de farinha de trigo. | Encontra-se em "Inoc.", colhido em M. Grosso.

BRIQUITÁ(R), v. i. - lidar (com algum serviço). | Af. Taun. dá-o como corrente no Sul de S. P. - Encontra-se em C. Ramos (Goiás): "E é um espetáculo que corta o coração, ouvir o bramido que solta a rez retida no atascal, onde embalde *briquitaram* em roda com o laço os campeiros para livrá-la..." ("Tropas", p. 155). - De **periclitar**?

BRÓCA, s. f. - larva de um inseto, que, desenvolvendo-se na casca das laranjeiras e outras árvores, penetra profundamente no lenho e assim danifica as plantas.

BRÓCHA, s. f. - tira de couro que prende as extremidades dos canzis por baixo do pescoço do boi de carro.

BRUACA, s. f. - surrão, saco de couro trazido por viajantes a cavalo. Também se aplica, insultuosamente, a mulheres. | Rub. dá "buraca", "pequeno saco de coiro que usam os tropeiros de Minas". Lass. colheu no R. G. do S. forma idêntica à paulista, definindo-a "alforge de couro para condução de diversos objetos em cavalgaduras". - O "Novo Dic." regista o port. **burjaca**, saco de couro de caldeireiros ambulantes, t. de origem cast. É claro que a forma brasil. se relaciona com essa; mas como explicar o desaparecimento de *j?*

BUÁVA, q. - designa o indivíduo português, nem sempre com intuito depreciativo. | Há também *imbuáva,* no Norte do Estado. - A forma literária "emboaba", grafia antiga do voc. indig., é ignorada do vulgo.

BUÇÁ(L), s. m. - cabresto forte com focinheira. | É t. vulgar no R. G. do S. Tem-se-lhe atribuído origem em buço, o que, evidentemente, é um pouco ousado. Deve ser comezinha alter. de boçal, que, no Alentejo, seg. o "Novo .Dic.", significa "rêde de corda, que se adapta ao focinho dos animais para que não cômam as searas", e que nada impede tivesse outros significados correlatos. - De **bursa**?

BUÇALÁ(R), v. t. - colocar o boçal (no animal).

BUÇALÊTE, s. m. - espécie de buçal pequeno.

BUCHA[1], s. f. - arbusto que produz um fruto alongado, semelhante a um pepino e cheio de um tecido reticular resistente.

BUCHA[2], s. f. - logro, *espiga:* "levei *bucha* nesta compra".

BUGRADA, s. f. - quantidade de bugres.

BUGRE, s. m. - índio. | Rub. define - "tribu de aborígenes que dominava na prov. de S. P.", o que parece engano, pois o nome, hoje, se aplica indiferentemente a quaisquer indígenas. O vocábulo, sim, é que criou raízes em S. P., onde é popularíssimo, embora não seja desusado em outras partes do país. - B.- R. julga que o t. não seja senão o francês **bougre**, introduzido pela gente de Villegagnon.

BULANTIM, s. m. - companhia de cavalinhos: "Naqueles tempos os cinemas não haviam ainda dominado as praças, e os *bulantins* eram esperados com ansiedade nas povoações". (C. P.) - A forma port. é volantim, registada por F. J. Freire, que retifica a pronúncia vulgar de seu tempo. Cp. o cast. **bolantim**, corda delgada.

BURAQUÊ(I)RA, S.. f. - quantidade de buracos.

BURÊ, s. m. - papas de milho verde. | Do fr. **puré**?

BURITI, s. m. certa palmeira.

BURRAGE(M), s. f. - burrice.

BURRÊGO, q. - estúpido, toleirão: "É tão *burrego* o Galeno... gemeu o doente com cara desconsolada". (M. L.).

BURRO, s. m. - aparelho usado para torcer o fumo em cordas.

BUTIÁ, s. m. - palmeira que produz uns cocos cuja polpa é muito apreciada. | Seg. B. - R. há duas espécies com esse nome.

BÚZO, *búzio, s. m.* - jogo de azar, em que fazem as vezes de dados pequenas conchas ou grãos de milho.

CABEÇÃO, s. m. - a parte da camisa de mulher que fica sobre o peito e onde geralmente se fazem ou se aplicam bordados.

CABEÇA-SÊCO, s. m, - soldado de polícia: "Olharam-se de banda, depois granaram os olhos de frente. O soldado estava com os olhos estanhados no adversário... - "Nunca me viu, siô?" - "Num dô sastifa pra *cabeça-sêco...* " (C. P.) | O adj. "seco", em vez de "seca", está determinando o gênero do nome, por analogia.

CABEÇA DE PREGO, s. f. - furúnculo.

CABOCRADA, s. f. - quantidade de caboclos; a gente cabocla.

CABOCRINHO, s. m. - pequeno pássaro do gên. "Sporophila". Papa-capim.

CABÔCRO, s. m. - mestiço de branco e índio. | Os vocabularistas registam outras formas, estranhas a S. P.; "cabôco", "cabôclo", "cabouculo", etc. De "curiboca"? De **cabouco**?

CABÓRGE, s. m. - feitiço, encantamento; saquinho com uma oração escrita, que se dependura ao pescoço: "Às três horas da manhã, desapontado, humilhado, coberto de vergonha, batia o Mandinga desesperado na porta do casarão. "Tirô o *cobór*ge?" "Credo in crúiz!" (C. P.) Esta palavra evidentemente se liga a "caborteiro", corrente em S. P. e outras zonas. Taunay, "Inoc.", escreve mesmo "caborgeiro . - Em Pernamb., seg. Garc., lia "cabóge", certa parte dos gomos da cana de açúcar. "Cabórge" é nome de um peixe do rio Paraíba, Alag. (R. v. I.).

CABORTEÁ(R), CAVORTEÁ(R), v. 1. - fazer ação de caborteiro; estar com artes, ou manhas (o animal).

CABORTE(I)RICE, CAVORTE(I)RICE, s. f. - ação de caborteiro.

CABORTÊ(I)RO, CAVORTE(I)RO, q. - velhaco, arteiro. | Liga-se sem dúvida a *cabórge,* feitiço. Em Taunay, "Inoc.", acha-se "caborgeiro", feiticeiro, que tanto pela forma como pelo sentido mais clara torna aquela relação. - C. Ramos emprega "comborgueira", figuradamente, por "feiticeira", num dos seus contos goianos: "... vivia a penar enredado nos embelecos traidores da comborgueira..." Talvez haja aí confusão com candongueira".

CABRA, s. m. - mulato ou mulata. | No Nord. do pais este t. é de uso mais corrente, com ligeiras variantes.

CABRITO, s. m. - mulato moço, ou criança.

CABRIÚVA, s. f. - árvore leguminosa; a sua madeira: "... eu inda tenho a Santa Luzia do tempo da escola, que meu pai mandô fazê, i e de *cabriúva..."* (C P.). | A forma literária é "cabreuva, com *e,* e por influência desta haverá quem assim pronuncie; mas o povo da roça, salvo o de alguma zona que não conhecemos, diz como vai aqui registado. - Contração de "caboréuba", árvore da coruja?

CABRÓCHA, s. m. - mulato ou mulata jovem.

CACHAÇA, s. f. - aguardente de cana.

CACHACÊRO, q. - bebedor habitual de cachaça. T. injurioso. "Você fica com o pau, *cachaceiro,* - concluía Pedro, - mas deixa estar que há de chorar muita lagrima p'ramor disso". (M. L.).

CACHAÇO, s. m. - varrão.

CACHORRADA, s. f. - quantidade de cães; grupo de cães de caça; ação má e baixa, esperteza reles, cachorrice.

CACHORRÊRO, s. m. - homem que trata e conduz cães de caça.

CACHÔRRO, s. m. - cão.

CACHÔRRO DO MATO, s. m. - abrange três espécies indígenas de "Canis" e também as duas do gen. "Specthos" Guarachaim.

CACHUMBA, s. f. - parotite.

CACUÉRA, s. f. - certa árvore comum na zona do Norte de S. P.: "Quando Moreira, nos trechos mistilicados, apontou os padrões, o moço embasbacou. - *"Cacuéra!* mas isto e' raro!" (M. L.) | A grafia comum é "caquéra". - Do tupi.

CAÇUISTA, q. - caçoador.

CAÇULA, s. m. - o filho mais novo. B. - R. registra "cassula" e "cassulé". Citando Capello e Ivens, atribui ao t. origem africana.

CACULÁ(R), v. t. - encher a transbordar (a medida). | Em Pernamb. há "cucular", com o mesmo sentido, e "cucúlo" - o que ultrapússa os bordos do vaso. (Garcia). - De **cogular**.

CACUNDA, s. m. - costas: "...e ela se ponhou outra vez de *cacunda,* que é como dormia quase que a noite inteirinha". (V. S.). - "Para dôr de peito que responde na *cacunda,* cataplasma de jasmim de cachorro é porrete. (M. L.). Orig. afric., como querem alguns, ou simples corrupt. de **corcunda**, passando por **carcunda**, como querem outros?

CAÇUNUNGA, s. f. - vespa social, "Polybia vicina", cuja picada é muito dolorosa; mulher de gênio irritável e violento.

CADE(I)RINHA, s. f. - brinquedo que consiste em se agarrarem duas pessoas pelos pulsos, para que aí se assente uma criança.

CADE(I)RUDA, q. - que tem as cadeiras ou quadris largos (mulher).

CADÓRNA, s. f. - codorniz.

CAÈTÊ, CAÈTÉ, s. m. - certa árvore que é considerada *padrão* de boa terra. | Grafia usual, "caheté".

CAFUNDÓ, s. m. - lugar muito retirado e deserto. | Usa-se também na linguag. das pessoas cultas, com a mesma significação, mas no plural. - Em Port. há "fundo", significando abarracamento, arraial, cujo radical entende G. Viana que há de ser banto, talvez '"cufúndu", cravar, enterrar. ("Pal.", p. 238-9).

CAGACÊBO, s. m. - nome de vários pássaros da fam. "Tyramnidae".

CAGAFOGO, s. m. - certa vespa cuja picada é muito dolorosa.

CAGALUME, s. m. - vagalume, pirilampo. | É port. A propósito do inseto, escrevia Leitão Ferreira na sua "Nova Arte de Conceitos" O vocábulo com que o nomeamos, se lhe não escurece a propriedade natural, deslustra-lhe o resplendor civil...".

CÁGUDO, CÁUGDO, CAGO, *cágado, s. m.* | Cp. *sábudo* por sábado, *bêbudo* por bêbado.

CAIANA, q. - certa espécie de cana de açúcar. | Sempre ouvimos pronunciar *caiana;* entretanto, M. Lobato, observador atento destas coisas, escreveu no seu conto "O Comprador de Fazendas", *cayena.* É possível que na zona do Norte assim se diga. - De **Cayenne**.

CAIAPIÁ, s. m. - vegetal medicinal e que dá umas sementes de que se fazem rosários.

CÃIBRA DE SANGUE, *cámaras ele sangue,* s. f. -

CAIÇARA, s. m. - vagabundo, malandro, desbriado: "Carancho, subjugando o Mingo, tirou o facão, jogou-o para um lado e, com a bainha, deu uma surra no *caiçarínha* desarmado..."

CAIÇARADA, s. m. - quantidade de *caiçaras.*

CAÍDO(S), s. m. - afagos, carinhos: "Andava c'uns caídos co'a noiva, que inté injuava". | De cair.

CAÍDO, q. - rendido, namorado: "...Mal cortejava as mocinhas curiosas, que julgava caídas por êle". (C. P.).

CAIÊRA, s. f. - fogueira de grandes paus arranjados em quadrilátero, nas festas populares: "À noite, após a reza, acende-se a *caiêra..."* (C. P.). | Em Pernamb., segundo Garcia, significa "forno constituído pelos próprios tijolos a queimar". - O port. **caieira** designa fábrica de cal.

CAIMENTO, s. m. - forte inclinação amorosa; no plur., o mesmo que *caldos.*

CAINHA. *cainho, q.* - diz-se do indivíduo mesquinho, que não gosta de dar nada do que é seu. |

Ô ano triste e **cainho**,
Porque nos fazes pagãos?

exclama Maria Parda no seu "Pranto" (Gil V.), referindo-se à falta de vinho.

CAINHÁ(R), v. t. - fazer mesquinharias, negar-se a ceder a outrem qualquer coisa sem importância: "Muiézinha miseráve cumo esta nunca vi: magine que *cainhô* uas laranja pras criança!"

CAIPIRA, s. m. - habitante da roça, rústico. - q. - próprio de matuto, digno de gente rústica: "Você é um menino *caipira".* - "Que vestido tão *caipira,* esse que mandou fazer!" | Este voc. é usado em Portugal, pelo menos, há cerca de um século. Em 1828-1834 designava os constitucionais em luta com os realistas. No Minho, homem sovina, avarento, seg. o "Novo Dic.". Em Ponte do Lima, já L. de Vasc. colhera significados semelhantes. Camilo empregou na "Brasil. de Prazins", em acepção que não se depreende bem do contexto: "Aglomeravam-se aí duas Bragas - a fiel, a *caipira,* pletórica de fidalgos..." Em Pernamb., é nome de um jogo popular, que se joga com um dado único (Garcia). - Qual a origem? Como todas as palavras de aspecto indígena, real ou aparente, tem fornecido largo pasto à imaginação dos etimologistas. Uns derivam-na de "currupira", sem se dar o trabalho de explicar a transformação; outros, de "caapora",' o que é ainda mais extravagante, se é possível. C. de Mag. entendia que era ligeira alteração de "caa-pira", mondador de mato.

CAIPÓRA[1], s. m. - certo gênio habitador do mato: "Nas noite de vento, do arto do Samambáia, a gente óve uns grito à meia noite... É o Caipora... Deus te livre!" (C. P.).

Superstição pouco espalhada hoje, em S. P., e comum a quase todas as outras regiões do Brasil, onde também dizem "caapora", mais de acordo com a etimologia. Acreditamos que já não corresponde, aqui, pelo menos, a qualquer entidade definida. Os caipiras fazem uma grande confusão entre os seus demônios, o *caipora,* o *currupira,* o *saci,* o *bitatá,* os quais vivem no vago e na incerteza, tomando e deixando formas, atributos e manhas uns dos outros.

CAIPÓRA[2], s. f. e q. - Infelicidade, má sorte, desastre; o que é vitima da desdita. | O "caapora", gênio silvestre, tinha a particularidade de fazer infeliz quem o encontrasse, montado no seu porco, a correr pelo mato. Daí o novo sentido que o t. adquiriu.

CAIPORISMO, s. m. - o mesmo que "caipora"[2], dando, porém, às vezes. idéia de má sorte continuada, teimosa.

CÀITITÚ, CATETO, TATETO, s. m. - espécie de porco do mato, "Dicotyles torquatus". - Tupi.

CAJÚZINHO, s. m. - arbusto do campo.

CALOMBO, s. m. - inchação, tumor, protuberância.

CAMARADA, s. m. - indivíduo que, nas fazendas, está encarregado de vários serviços; trabalhador de roça.

CAMARINHA, s. f. - aposento. quarto de dormir(?). | Seg. Mac. Soares é usado com esta acepção no Norte do Br. Em S. P., só nos recordamos de o ter ouvido uma vez, há muitos anos, com estes versos:

Ó senhora Miquelina,
eu le peço por favor,
me tirai da *camarinha,*
me ponhai no corredor.

CAMBARÁ, s. m. - árvore da fam. das Compositas.

CAMBARÁ-PÓCA, s. m. - árvore semelhante ao cambará, de madeira frágil ("póca").

CAMBAU, s. m. - pedaço de pau com corretas nas extremidades, para jungir dois cães, cavalos, etc. Em Port. há **cambão** designando a mesma coisa.

CAMBETEÁ(R), v. i. - andar aos pulos, como a perder o equilíbrio. | V. CAMBITO.

CAMBITO, s. m. - aparelho para cochar o tabaco de corda; pau com que se torcem as corretas sobre a carga de um animal, para fixá-la; pernil de porco; perna fina. | Na Amaz. designa um pau delgado que se suspende ao teto para nele pendurar esteiras, cordas, etc. (Cherm.) em

Pernamb., forquilha que se põe sobre o lombo de um animal para segurar a carga de canas, lenha, etc. (Garcia). - Cherm. deriva-o do tupi "acambi", forquilha, galho; mas parece, mais simplesmente, ligar-se a *cambau,* **cambão**, *cambota, cambetear,* etc., vocs. nos quais há uma idéia comum e persistente de curvatura, volta, etc.

CAMBÓTA, s. f. - cada uma das duas peças, em figura de segmento de círculo, que, com o meão, formam a roda do carro de bois.

CAMBÓTE, s. m. - brinquedo que consiste em pôr a cabeça no chão e virar o corpo até que os pés toquem novamente o solo: "virá(r) *cambote".*

CAMBRA, *câmara,* s. f. - (C. municipal).

CAMBUCI, s. m. - árvore do gên. "Eugenia", fam. das Mirtáceas.

CAMBUÍ, s. m. - designa várias plantas do gên. "Eugenia", Mirtáceas; a fruta dessas árvores.

CAMBUISÊRO, s. m. - árvore também chamada *cambuí.*

CAMBUQUIRA, s. f. - grelos de abóbora: "Chegava a hora da ceia. Caldo de *cambuquira,* um feijão virado alumiando de gordura..." (C. P.) - Tupi.

CÂMERA, *câmara, s. f.* - (C. municipal).

CAMPEÁ(R), .v. t. - procurar: "Virei pra trás de supetão: *campeei* um cacete, voei na dita galinha..." (V. S.).

CAMPÊRO[1], s. m. - homem que lida com gado, nas fazendas.

CAMPÊRO[2], q. - designa certa espécie de veado que vive nos campos.

CANA-FRISTA, *cana-fístula,* s., f. - árvore da fam. das Leguminosas.

CANASTRA[1], s. f. - caixa revestida de couro, na qual se guardam roupas brancas e outros objetos. Em Port., cesta tecida de vêrga ou material semelhante.

CANASTRA[2], q. - Ver TATU-CANASTRA.

CANA-TACUÁRA, s. f. - espécie de cana de açúcar muito dura, que se dá aos animais.

CANDEIA, s. f. - árvore da fam. das Linantéias. Há *grande* e *mirim,* | O nome provém de que o pau é facilmente combustível, dando uma luz viva.

CANDIÊRO[1], s. m. - lamparina de lata, com torcida, e que se alimenta com azeite ou querozene.

CANDIÊRO[2], s. m. - indivíduo, geralmente menino, que vai adiante do carro, com uma aguilhada, a servir de guia, e que também lida com os bois: "Enquanto o *candieiro* ajouja os bois, o carreiro verifica as arreiatas a ver se não falta alguma peça . (A. S.) | Talvez altr. de "cangueiro". Ou simples metáfora?

CANDIMBA, s. f. - espécie de lebre.

CANDONGA, s. f. - arteirice. | T. pouco usado em S. P. onde, como aliás pelo resto do país, não parece ter significação definida. Oscila entre as idéias de feitiçaria, intriga, manha, tentação. | Ê cast.

CANDONGUÊRO, q. - intrigante, arteiro. Nesta última acepção empregou-o S. Lopes no Rio G. do S.:" A Tudinha era a chinoca mais *candongueira* que havia por aqueles pagos ". | Cast. "candonguero".

CANELA, s. f. - designa muitas espécies de árvores pertencentes a diversas famílias, e isto com ou sem os determinantes *sassafraz, amarela, antã, ameixa,* e mais dezenas deles.

CANELÊRA, s. f. - o mesmo que *canela: "...* a um lado a mata distante uivava e os jequitibás, as perobeiras e *caneleiras* se balouçavam num acenar desesperado para o levante".(C. P.)

CANFRÔ, *alcatifar, s. f.* - cânfora: "... fomentação de querozene ou de pinga com *confrô..."* (C. P.).

CANGAPÉ, *cambapé,* s. m.

CANGICA[1], s. f. - milho quebrado, para se comer cozido; o mesmo, já preparado. | Tem outras acepções, no Brasil. - Dão-lhe alguns procedência indígena; outros o derivam de canja, voc. este de orig. oriental (Mons. Dalg.) com a signif. primitiva de "caldo de arroz".

CANGICA[2], q. - diz-se do trote duro e martelado das cavalgaduras: "Não pude até hoje saber de quem era aquele bragado tão esquisito, de tábua do pescoço tão fina, de cola tão rala, que seguia o homem num trote *cangica..."* (V. S.).

CANGÓTE, s. m. - a região occipital. | Cruzamento de **cogóte** e **canga**.

CANHAMBORA, CANHEMBORA, CANHIMBORA, s. m. - escravo fugido, que geralmente vivia em quilombos ou malocas pelos matos. B. - R. regista as variantes "caiambola, calhambola,

canhambola, canhambora, canhembora, caiambora". Segundo Anchieta, citado pelo mesmo, o tupi "canhembara" significava fugido e fugitivo. - Houve talvez alguma confusão com "quilombola". determinando todas as variantes em *ala, ora,* que ficam consignadas.

CANIÇO, s. m. - cobertura de taquaras sobre a mesa do carro de bois.

CANINANA, s. f. - cobra sem peçonha da fam. "Colubridae"; mulher má: "A *caninana* envolvia no mesmo insulto a inocência ignorante e a nobreza de um sentimento puríssimo, recalcado no fundo do meu ser". (M. L.).

CANINHA, s. f. - espécie de cana de açúcar, muito boa para aguardente; a aguardente que dela se faz.

CANIVETE, s. m. - cavalo pequeno. Taunay colheu-o em Mato Grosso ("Inoc.") - F. J. Freire regista "faca", cavalo pequeno de corpo. Em Gil V. acha-se "faca" e "facanea", este correspondendo ao cast. "hacanea".

CANJARANA, CANJERANA, CAJARANA. s. f. - árvore da fam. das Meliáceas: "...tomar da foice, subir ao morro, cortar a *canjerana,* atorá-la, baldeá-la às costas e especar a parede..." (M. L.). | H. P. regista ainda o sinon. "pau de santo". A árvore dá um fruto em forma de *cajá,* o que torna aceito o étimo "acajá" "rana", falso, parecido. Neste caso, a forma exata será *cajarana,* podendo explicar-se a nasalidade do primeiro *a* por influência do terceiro, acentuado, ou por influência de canja.

CANTO CHORADO - expressão usada na frase "trazer de canto chorado", isto é, debaixo de rigorosa vigilância, de exigências despiedadas.

CANUDO, s. m. árvore de pau óco, da fam. das Flacourtiáceas, comum no vale do Paraíba. | H. P. regista, além desse nome, *pau* canudo e *canudeiro.*

CANUDO DE PITO, s. m. - arvore de pau mole e oco. | O mesmo que *canudo?*

CAPAÇÃO, s. f. - ato e efeito de castrar.

CAPADÊTE, s. m. - porco castrado, antes de entrar para a ceva: "Teve égua, mas barganhou-a por um *capadete* e uma espingarda velha". (M. L.).

CAPADO, s. m. - porco castrado.

CAPANGA, s. m. - indivíduo assalariado para guarda e defesa de alguém; "guarda-costas". | Em bundo, "kapanga" é uma loc. adv.: no sovaco. Talvez se dissesse, nesse idioma, do indivíduo forte e valente, que "tinha cabelo no sovaco", como se diz ainda hoje, na roça, que "tem cabêlo *no apá",* isto é, na pá, que é justamente a parte do ombro correspondente à axila.

CAPÃO, s. m. - mato pequeno e isolado. | Tupi "caapuan".

CAPÉLA, s. f. - bando de bugios.

CAPENGA, q. - cambaio, de perna torta. | Talvez de orig. afric. *Cp.* os brasileirismos *pengá, capiangar, caxingó.*

CAPIM, s. m. - designa, especial ou coletivamente, quaisquer gramíneas rasteiras, ou até certa altura, mas ainda tenras. | Muitas espécies: c. *angola, branco, catingueiro, fino, gordura, guassú, jaraguá, melado, membeca, mimoso, papuan,* etc. | T. usado em todo a Brasil e não desconhecido mesmo em Portugal. Dão-lhe orig. tupi.

CAPINA, *copínaçãa, s. f.* - limpa, mondadura com enxada. | De *capinar.*

CAPINADOR, s. m. - homem que *capina.*

CAPINÁ(R), v. t. e i. - mondar, limpar de ervas e mato (a solo, as plantações).

CAPINZÁ(L), s. m. - lugar onde há muito capim.

CAPITÃO, s. m. - bocado de feijão com farinha, que se prepara entre os dedos, dando-lhe uma forma alongada. | C. Rámos colheu em Goiás "capetão". Talvez seja a forma mais próxima da orig.

CAPITUBA, s. f. - caniço de beira de água, gramínea alta de beira de rios e lagoas. Do tupi "caapituba", muito capim, capinzal.

CAPIVARA, s. f. - grande roedor da fam. "Caviidae". | Tupi.

CAPIXINGUI, s. m. - árvore da fam. das "Euforbiáceas".

CAPUAVA, s. f. - parte de um sítio, ao fazenda, onde se fazem anualmente plantações de cereais e outras. | É provável que outrora tivesse significação um tanto diversa. B. - R., citando Paula Sousa, diz que em S. P. designa qualquer estabelecimento agric. para cultura de cereais, feijões, mandioca e outros mantimentos. - Na Par. do N. e R. G. do N., pronuncia-se *capuaba,* e o t. designa cabana, casa mal construída e arruinada. No Esp. Santo, *capixaba* é o mesmo que a *capuava* paulista. (B. - R.).

CAPUÊRA, s. f. - mato que nasceu em lugar de outro derrubado ou queimado. | De "caapuan-uera" mato isolado que foi, antigo mato virgem. - A forma culta é *capoeira,* assimilada a palavra já existente na língua.

CAPUERÃO, s. m. - capuêra alta e densa.

CAPUERINHA, s. f. - capuêra baixa.

CARÁ, s. m. - nome de várias plantas rasteiras e trepadoras que dão um tubérculo comestível. | Há quem identifique *cará* com *inhame,* o que não é exato, ao menos em S. P.

CARACACHÁ, s. m. - chocalho de lata. | É o "maracá" do Norte, o ganzá" ou "canzá" do Nordeste.

CARACARÁ, s. m. - ave de rapina da fam. dos Falconidas: "Só um *caracará* resiste à soalheira num esgalho de peroba: está de tocaia aos pintos do Urunduva, o rapinante". (M. L.).

CARAGUATÁ, CRAUATÁ, GRAVATÁ, s. m. - bromeliácea vulgar.

CARANGUEJÊRA, q. - que se junta a *aranha,* para designar certas espécies grandes e escuras, cobertas de pelos.

CARAPINA, s. m. - carpinteiro ordinário: "... o Teixeirinha Maneta era um *carapina* ruim inteirado, que vivia de biscates e remendos". (M. L.).

CARAPINHÉ[1], s. m. - certa espécie de gavião. | Voc. onomatopaico.

CARÁPINHE[2], s. m. - brinquedo infantil que consiste em pegar uma pessoa, com dois dedos de uma das mãos, a pele das costas de outra mão, puxando-a, ao mesmo tempo que eleva e abaixa repetidamente os braços, dizendo: *cara... cara... carapinhééé!...* | É, evidentemente, um arremedo dos movimentos do gavião a arrebatar a vítima no bico. Este brinco, popularíssimo em todo o Estado, fazem-no os adultos, ou crianças maiores, para divertir as pequeninas.

CARAQUENTO, q. - que tem grânulos, escamas ou películas rebentadas (pele, fruto, qualquer superfície). | Cp. cast. "carachento", sarnoso.

CARCAMANO, s. m. - nome jocoso que se dá ao indivíduo de nacionalidade italiana. Existe, ou existiu, esse termo na costa da Galiza, sob a forma "carcaman", servindo para designar os contrabandistas; tem ainda, no cast., a significação de "navio grande, mau e pesado". | Cap. o port. **carraca**, grande embarcação antiga, mencionada na "Cron. de D. Duarte", de Rui de Pina.

CARÉPA, s. f. - usado na frase "levado da carépa", equivalente de "levado da bréca", ou "do diabo".

CARÊSTIA, *carestia, s. f.*

CARIMÁ, s. m. - doença que ataca as maçãs do algodão. | Tupi.

CARNE-DE-VACA, s. f. - árvore da fam. das Protáceas.

CARNEÁ(R), v. t. - esfolar e espostejar uma res. | Romag. consigna como "esfolar" apenas e dá como voc. sul-americano.

CARNEGÃO, s. m. - matéria endurecida que se forma na raiz de um furúnculo. | De **carnicão**?

CARÔNA, s. f. - peça composta geralmente de dois couros quadrangulares iguais, e que se coloca em baixo do lombilho, nas cavalgaduras. | É usado, com variantes, em quase todo o Brasil, e nas repúblicas do Prata.

La carona, en que mil flores
Bordò un paisano ladino -
(Granada).

ANDÁ PRAS CARÔNA, *andar pelas caronas* - achar-se em estado de saúde extremamente precário, estar morre não morre. Frase usada também no R. G. do S.

CARPA, CARPIÇÃO, s. f. - ato ou efeito de *carpir.*

CARPI(R), v. t. e i. - o mesmo que *capinar,* com a diferença, porém, que se emprega mais *carpir* quando se trata de plantações (ex., "carpir o café", isto é, o cafezal: limpá-lo do mato que nasce entre os arbustos) e *capinar* quando se trata de um terreno qualquer *(capina-se* o solo para plantar). | B. - R. aponta a possibilidade de um étimo latino, hipótese reforçada, ultimamente, por Ot. Motta, na "Rev. da Ling. Port.", n.º 3. Também há quem descubra procedência indígena de vário feitio.

CARRAPICHO, s. m. - semente espinhosa de várias plantas; essas próprias plantas.

CARREADÔ(R), s. m. - caminho entre plantações.

CARRÊRA[1], s. f. - corrida de cavalos.

CARRÊRA[2], s. f. - ato de correr. DE -: a correr.

CARRÊRO, CARREIRINNO, s. m. - caminho estreito, trilho.

CARTUCHE, *cartucho,* s. m. - "Compro uma espingarda que nem aquela de seu padrinho: de botá *cartuche* (C. P.). | Cp. *guspe* por **cuspo**, *aspre* por **áspero**, *fixe* por **fixo**.

CARURÚ[1], s. m. - nome de várias espécies de erva, algumas comestíveis. Na Bahia, mistura de ervas, quiabos, camarões ou peixe. etc. | Tupi? Africano?

CASAMENTEÁ(R), v. t. relat. - animar, excitar (alguém) a casar-se com determinada pessoa: "O Pedro anda *casamenteando* a Maria co Rocha" - "O Juáo e a Tudica foram *casamenteado(s)* um cum ôtro, desde piqueno(s), pros parente(s)".

CASCA DE ANTÁ, s. f. - pequena árvore da fam. das Magnoliáceas.

CASIÃO, *ocasião,* s. f. - oportunidade, momento: "Certa *casião,* no tempo das guerra c'os castelano paraguaio, eu percisei i tira cipó..." (C. P.). Encontra-se em Gil V. ao lado de **cagião** (em escritores mais antigos, **cajom**):

Mas que sei eu s'ella mesma
Deu casião para isso?

CASTEIANO, *castelhano,* q. - filho das repúblicas do Prata. Também no R. G. do S., com a mesma acepção.

CATAGUÁ, s. m. - árvore de campo, da fam. das Rutáceas. Há *branco* e *rajado.* (H. P.).

CATAPÓRA, TATAPÓRA, s. f. - varicela. | Tupi.

CATATAU, s. m. - pequeno, baixo (homem). | Paiva consigna-o entre os termos condenados, sem o definir. Em Goiás designa carta de baralho, no jogo do truque: "Cuidado, minha gente, avisou alguém; temos aí cabra que truca sem zape nem catatau". (C. R., "Gente da gleba"). Em Pernamb., "falatório, discussão, mexerico" (Garcia). Em Trás-os-Montes, segundo o "Novo Dic.", "besta grande e velha; pessoa velha e magra; castigo, pancada".

CATERETÊ, s. m. - dança de roceiros. | "...a (dança) brasileira, essencialmente paulista, mineira e fluminense, é o *cateretê, -* tão profundamente honesta (era dança religiosa entre os tupis) que o padre José de Anchieta a introduziu nas festas de Santa Cruz, S. Gonçalo, Espírito Santo, S. João e Senhora da Conceição, compondo para elas versos em tupi, que existem até hoje..." (C. Mag., Conf.) - De catira-ete"?

CATÊTO, q. - diz-se de certa espécie de arroz, e de certa espécie de milho.

CATIGUÁ, s. m. - árvore da fam. das Meliáceas. Há *graúdo* e *miúdo.* (H. P.).

CATINGA, s. f. - mau cheiro de gente, de animais, de roupa suja, etc.

CATINGÁ(R), v. i. - cheirar mal (a suor, a roupa suja, a sarro, etc.).

CATINGUDO, q. - que tem catinga, que cheira mal.

CATINGUENTO, q. - o mesmo que catingudo.

CATINGUÊRO. q. - serve de designar certa espécie de veado pequeno do campo, e certa espécie de capim.

CATIRA, s. f. - dança caipira: "João Penso levava pau no piolho... por amor dela, e, ainda mês e tanto atrás, saíra cinza num *catira*, num despique entre o Biscoito e o Tacuara". (C. P.).

CATIRINA, *Catarina,* n. p. | Forma antiq., **Caterina**.

CATUCÁ(R), CUTUCÁ(R), TATUCÁ(R), TUTUCÁ(R), v. t. - tocar (com o dedo, com o cotovelo) ; ferir de leve (com uma agulha, um espinho, uma faca) : "...o Ástolfo *cutucou* o Manèzinho com o cotovelo..." (V. S.). - Figuradamente, insinuar, sondar, excitar: *"Cutuquei o* hóme sôbre aquela proposta, mais o diacho se fêiz de desintendido..." | Cat. emprega este verbo, no seu poemeto nortista "Quinca Micuá". com uma acepção corrente em S. P.: "...me *catucô* pra fugi...", isto é, "me insinuou que fugíssemos, me deu a entender que fugiria comigo".- Dá-se-lhe origem no tupi, onde há o verbo "cutuca" (B. - R.) com idêntico ou semelhante sentido; mas também já descobrirata, no bundo, "cutuca", esvoaçar, adejar...

CATUCÃO, CUTUCÃO, CATUCADA, CUTUCADA, s. f. - ato ou efeito de *catucar: "*Nha Veva quieta, repuxando a boca. Uma pedra. Não disse nada. Caí em cima da menina, beijei, chorei. Nisto, uma *cutucada* - era o Zico, aquele negrinho, sabe? Olhei pra êle; fez geito de me falar lá fora, longe da tatorana". (M. L.). | Escreve-se, geralmente, "cotucar", "cotucão", etc. Esta grafia não corresponde à pronúncia, mas ao vezo, aliás natural e explicável, de reduzir as formas estranhas aos tipos correntes da língua.

CATUÊRO q. - diz-se do anzol encastoado (ou *empatado)* que se coloca numa vara, deixando-o quase na superfície da água, com a isca.

CATUNDUVA, CATANDUVA, s. f. - mato baixo e áspero, em terra inferior. | De "caatàdyba" (T. Sampaio).

CATUZADO, *alcatruzado,* part. de **alcatruzar-se** - encurvado, alquebrado (pela magreza): "Esse boi está *catuzado* e bambo". | O port. **alcatruzado** emprega-se freqüentemente, sobretudo no Algarve, com a significação de "corcovado", diz J. Mor. ("Estudos", 2.º vol., p. 209).

CAUSO, *caso,* s. m. - fato, ocorrência, anedota: "Vô le contá um *causo".* | Encontra-se em Gil V., muitas vezes, **caiso**, como se encontra **aito** por **auto**. Terá a nossa forma dialetal relação com a vicentina, ou tratar-se-á de mera influência de causa? Cp. a loc. *por causo de* = por causa de.

CAVADÊRA, s. f. - peça de ferro, com gume, que se adapta à ponta de um pau, a fim de abrir buracos no chão, para sementes.

CAVALO-SEM-CABEÇA, s. m. - duende também chamado *mula-sem-cabeça:* "Num sei quem foi que viu um *cavalo-sem-cabeça* pinotiando co demônio im riba no meio dos bitatá e sortano fogo pras venta..." (C. P.).

CAVAQUEÁ(R), v. i. - irritar-se, abespinhar-se (com alguma desatenção, ou brincadeira). | "Dar o cavaco" tem, em S. P., e não só entre os caipiras, significação diferente da que lhe dão os portugueses: vale o mesmo que *cavaquear.*

CAVAQUISTA, q. - que se irrita facilmente; que não tolera brincadeiras; que *cavaqueia* sem grande motivo.

CAVIRITA, q. - dizem, ou diziam outrora os meninos do pinhão menor que os outros, com que jogavam.

CAVIÚNA, CABIÚNA, s. f. - designa várias árvores da fam. das Leguminosas, de madeira muito forte.

CAVODÁ, s. m. - orifício que fica nos muros de taipa depois de retirados os andaimes. | Do cast. **cavidad**?

CAXERENGUENGUE, s. m. - faca velha sem cabo. | De S. P. para o sul é usual esta forma; pelo resto do Brasil, "axiri, caxirengue, caxirenga, cacerenga, quicê, qulcê-acica, cicica", designando, geralmente, velha faca empregada na raspagem da mandioca. "Caxiri", no Pará, é uma espécie de alimento preparado com beijú diluído em água. (B. - R.).

CAXÊTA, s. f. - árvore bignonácea.

CÉDRO, s. m. - nome de várias espécies de meliáceas.

CERÊJA, s. f. - designa o grão de café com sua casca, na expressão - "café em cereja", o mesmo que "em coco".

CERRADO, s. m. - mato baixo e denso. | B. - R. regista-o como t. matogrossense e goiano.

CERTO, q. - diz-se do animal adestrado, que obedece à rédea; Certo de *boca:* "Adonde já se viu um cavalo que num tá nem *certo de bôca,* inda co essa manquêra de má feição por nòveta!" (C. P.)

CÉVA, s. f. - lugar onde se põem grãos ou outros engodos para a caça.

CEVÊRO, s. m. - lugar onde se faz *ceva* para habituar a caça a freqüentá-lo: "O tar crube é *um* bão cevêro..." (C. P.).

CHACRA, s. f. - propriedade rural próxima de povoado; terreno cultivado nos arredores de uma povoação; residência de arrabalde, com quintal grande e plantado. | Corre em todo o sul do Brasil. A forma "chácara" só é usada pela gente culta. É voc. sul-americano, e, segundo Zorob. Rodr., de procedência quechua.

CHACRÊRO, s. m. - homem que tem a seu cargo uma *chacra,* que a planta e zela.

CHACOAIÁ(R), v. t. e i. - revolver, bater como chocalho: "O supliciado... com o fígado e mais víceras fora do lugar, por via do muito que *chacoalhavam..."* (M. L.) | É t. usado a todo o momento e por toda a gente. Apenas os mais "civilizados" preferem dizer "chacoalhar". - Alter. de chocalhar.

CHALO, s. m. - cama de varas, armada sobre estacas fincadas no chão.

CHAMA, s. m. - pássaro que se coloca perto de um alçapão armado, para com o seu canto atrair outro da sua espécie. | De **chamar**.

CHAMBALÉ, CHUMBALÉ, s. m. - certo vestido de criança, espécie de camisola.

CHAMPUNHA, s. f. - giro do corpo, no ar, sobre as mãos postas no solo, como fazem os ginastas. | Cp. o italiano zampogna.

CHARÁ, s. m. - qualquer indivíduo, em relação a outro de igual nome. | No extremo Sul, "tocaio"; no Amaz., "chêro". - Segundo Cherm., do tupi "che rêra", meu nome.

CHARÔTO, *charuto, s. m.* | Segundo Mons. Dalg., os portugueses receberam este t. dos ingleses que, na Índia, diziam "cheroot", reproduzindo o tamul-malaiala "charuttu". Só aparece em literatura nos fins do séc. passado, sob a forma **cheruto** e **charuto**.

CHARQUE, s. m. - carne seca salgada. | É t. corrente em todo o sul do Brasil. Do araucano, ou do quechua, seg. Zorob. Rodrig., citado em Romag.

CHARQUEADA, s. f. - lugar ou estabelecimento onde se prepara a carne de vaca, salgando-a e secando-a ao ar livre.

CHARRÔA, s. f. - remate, nas extremidades de uma rédea de couro: "...o velhinho pai do Jéca, junto ao palanque, trançava um laço ou fazia a *charrôa* de um par de rédeas, manejando a sovela e os tentos finos..." (C. P.).

CHASCO, s. m. - o ato de puxar subitamente, num gesto de arrancar (a rédea de um cavalo, para obrigá-lo a parar; uma corda presa, um pano pendente, etc.) | No R. G. do S. chama-se "chasqueiro" a certo trote largo e duro (Romag.).

CHATEÁ(R), v. t. e i. - achatar, esmagar, comprimir; tornar-se chato; pôr-se rente com o solo: "Quano nu"a vorta do caminho - veja só que faro de alimá! - o Bismarque (cão) *chateô* no chão, amarrano, que era uã buniteza..." (C. P.).

CHAVÊTA, s. f. - peça de madeira que prende a canga à tiradeira.

CHAVIÉ, q. (burlesco) - desapontado, envergonhado:

Responde Pedro, bravo, e já *chavié:*
"Pampa perdeu, foi porque eslava aguado".
(C. P.)

| Parece tirado de *desinxavido,* por um processo muito grato ao povo, processo às vezes motivado por "derivação regressiva *(paixa,* de **paixão**), às vezes por simples divertimento momentâneo. *Desinxavido,* entre o povo, se diz daquele que está corrido ou magoado por alguma contrariedade, ou calado e triste por timidez; e ouve-se, não raro, dizerem por brinco - *desinxa, xavi,* etc. Entretanto, há também *javéva* e *javevó,* que tem parentesco de sentido, e talvez de forma, com *chavié.*

CHÉ!, intj. de dúvida mais ou menos equivalente a **qual**!, assumindo ligeiras modalidades conforme se pronuncia mais rápida ou mais longamente, com maior ou menor energia: *"Ché!* nho Joaquim, mecê nêsse tranquinho num chega hoje na vila". Freqüentemente, juntam-lhe outra exclamação, *que esperança!:* "- Sarou bem? - *Ché, que esperança!* Melhorzinho. Panarício é uma festa!" (M. L).

CHÊO, *cheio,* q. | Cp. *arêa, cêa, sêo, vêa,* formas que também subsistem no Algarve, seg. J. J. Nunes.

CHERATA, q. - metediço, intruso. | De **cheirar**.

CHÊRO, s. m. - erva com que se condimenta a comida.

Vinha ao vosso hortelão
Por cheiros para a panela.
(Gil V., "O Velho da horta")

CHIBA! intj. jocosa que se usa a guisa de "viva!" quando alguém espirra. Envolve alusão ao espirro da cabra.

CHIBARRO, s. m. - bode; homem mestiço de sangue negro. | Em port. há chibato, diminutivo de chibo.

CHICOLATE, *chocolate,* s. m. - ovos batidos com leite. Taun., "Inoc.", colheu, em M. Grosso com significação semelhante: café com leite e ovos batidos.

CHICOLATÊRA, *chocolateira, s. f.* - vasilha de lata, geralmente usada para aquecer café, chá ou leite.

CHIFRADA, s. f. - marrada, golpe de chifres.

CHIFRADÊ(I)RA, s. f. - correia que prende um a outro, pelas pontas dos chifres, os bois de uma junta.

CHIFRÁ(R), v. t. - dar com os chifres, marrar, escornar.

CHIFRUDO, q. - que tem grandes chifres.

CHILENA, s. f. - espora de grande roseta.

Laço nos lentos, a *chilena* ao pé,
o ponche na garupa pendurado -
(C. P.)

|Também usado no R. G. do S. e outros Estados meridionais.

CHIMBÉVA, q. - que tem o nariz chato. | No R. G. do S. dizem "chimbé". Segundo B. - R., a primeira forma é tupi, a outra guarani ("timbéva" e "timbé).

CHIMBICA, s. m. - certo jogo de cartas.

CHIMBURÉ, s. m. - certo peixe de rio.

CHINA, q. - diz-se de certa raça bovina, e dos respectivos indivíduos.

CHINCHA, *cincha,* s. f. -

CHINCHÁ(R), *cinchar,* v. t. -

CHINFRIM, q. - sem graça, mal arranjado, ordinário, chué (um vestido, um baile, uma casa).

CHIQUÊRO, s. m. - um dos compartimentos do curral de peixe.

CHIQUERADÔ(R), s. m. - relho composto de um pau com uma tira de couro ligada a uma das extremidades. | No E. do Rio, seg. B. -"chiqueirá". - Subst. derivado de **enchiqueirar** - "meter no

chiqueiro", e portanto alteração de "enchiqueirador". Tanto "enchiqueirar" como "enchiqueirador" são usados no R. G. do S., este último, porém, referido a pessoa - aquele que recolhe ao chiqueiro os animais.

CHIRINGA, *seringa,* s. f. - | É curioso notar a casualidade de ser esta forma pop. paulista idêntica, na pronúncia, à italiana - **sciringa**. Étimo: **syringa**.

CHOCÁ(R) v. t. - contemplar demoradamente, com desejo ou inveja; pensar em alguma coisa que se deseja.

CHORORÓ, s. m. - certo pássaro.

CHUAN, s. m. - pequeno cesto cônico, de cipó, para carregar frutas.

CHUCRO, q. - não domado (animal cavalar ou muar). | Segundo Romag., no R. G. do S., aplica-se de preferência ao gado vacum. - T. usado na América espanhola sob a forma "chúcaro". Dão-no como de origem peruana.

CHUÉ, q. - ordinário, desgracioso, chocho: festa *chué,* casa *chué*, pessoa *chué.* | Cp. *chavié.*

CHUMAÇO, s. m. - pedaço de madeira mole metido entre os cocões do carro de bois.

CHUMBADA, s. f. - peso de chumbo que se põe nas linhas de pesca.

CHUBEÁ(R), v. t. - ferir com tiro de chumbo.

CHUBEADO, q. - atingido por tiro de espingarda; namorado; ligeiramente embriagado.

CHUPÊTA, s. f. - bico de borracha, ou de pano, que se dá às crianças novas para chupar.

CHUPIM, s. m. - nome de vários pássaros da fam. "Icteridae". | Segundo B. - R, "chico-preto" no Piauí, "caraúna" em Pernamb., "vira-bosta" no Rio. - Do tupi "japii". (R. v. I).

CILADA, s. f. - lugar onde a caça atravessa habitualmente um caminho.

CINCÊRRO, s. m. - campana que se coloca ao pescoço das *madrinhas* de tropa, das vacas leiteiras, etc. | Usado em todo o sul do Bras. - Do cast. **cencerro**.

CINCHA, s. f. - cinto ou cilha com que se fixa o lombilho sobre a cavalgadura. | Cast.

CINCHÁ(R), v. t. - pôr a *chincha;* trazer preso (um animal) por corda ligada à *cincha;* figurad., puxar com força por um laço ou corda.

CINISMO, s. m. - monotonia, tédio, sensaboria: "Meu Deus, que dia estúpido! Que *cinismo!"* Parece ter sido, primitivamente, termo de gíria de estudantes.

CINZA, s. f. - na frase "sair cinza" que significa haver conflito, barulho, sarilho: "...ainda mês e tanto atrás *saíra cinza* num catira, num despique entre o Biscoito e o Tacuara..." (C. P.).

CIPÓ, s. m. - designa muitas espécies de vegetais sarmentosos e de trepadeiras delgadas e flexíveis. | Do tupi "ycipô" (B. - R.).

TIRÁ(R) -, refugiar-se no mato.

CIPOADA, s. f. - quantidade de cipós; chicotada com cipó.

CIPOÁ(L), s. m. - lugar onde há grande quantidade de cipós; figur., assunto emaranhado, negocio cheio de complicações.

CISCÁ(R), v. i. - remexer o cisco; arranhar o chão, espalhando poeira e detritos (a galinha).

CISMA, s. f. presunção; prevenção, desconfiança: "O Juca tem *cisma* de valente". - "Não sei porquê, o home anda de *cisma* comigo". | É port. com a significação de mania, preocupação, devaneio. Escreve-se, em geral, "scisma", identificando-o, assim pela forma com outro t. que designa separação, dissidência religiosa, etc., e que vem do grego **skisma**.

CISMÁ(R), v. t, e i. - desconfiar, presumir.

CISMADO, q. - desconfiado, prevenido.

COARÁ(R), *corar,* v. t. | Esta forma só se refere à roupa lavada posta ao sol. Diz-se também *corá(r)*, mas com referencia a vermelhidão das faces. - *Coará* apresenta evidentemente um caso de desdobramento de uma vogal aberta: **corar,** em boca de portugueses, soa corar". É curioso, contudo, que esse fenômeno só se tenha dado com uma das acepções do voc., e mais curioso ainda quando se sabe que o mesmo fato se observa no extremo Norte do Brasil. (Cherm., art. "Coradouro").

COARADÔ, *coradouro,* s. m.

COBRA-CIPÓ, s. m. - nome de várias espécies da fam. "Colubridae": cobras compridas, delgadas e ágeis.

CÓBRA D'ÁUA, - D'AGUA, s. f. - nome de várias espécies da fam. "Colubridae".

COBRÊRO, *cobrêlo,* s. m.

COCADA, s. f. - doce de coco em tijolinhos.

CÓCHA, s. f. - ato de cochar, possibilidade de cochar: "não dá *cocha".*

COCHÁ(R), v. t. - torcer e apertar como corda (o tabaco, ou, à brasileira, o *fumo).*| A definição acima, sem a restrição que lhe assinalamos em parêntese, parece convir a acepção lusitana do t.

COCHIMPIM, s. m. - aparelho composto de um pau que gira horizontalmente sobre o topo de outro especado no chão, e em cujas extremidades se sentam meninos, fazendo-o rodar com os pés.

COCHÓ, q. - chocho.

COCHONI(LH)O, s. m. - forro de linho felpudo, ou coisa semelhante, que se coloca sobre a sela. | Do cast. **cojinillo:**

> El cojinillo, más fino
> Que de una mujer el pelo -
> (Granada, "El Recao").

CÓCRE, s. m. - pequena pancada na cabeça com o nó do dedo médio: carolo. | Usado em Port com a significação de pequena pancada na cabeça com vara ou cana". B. - R. regista "cocorote" com a mesma significação do t. paulista. Deve haver aí influência de "cocoruto". - *Cócre* deve ser simples alter. de **croque**, do fr. **croc,** vara com gancho.

COICÊRO, q. - que costuma escoucear.

COIRAÇÃO, CURAÇÁO, CORAÇÃO, s. m. | Nunca ouvimos a primeira pronúncia; há, porém, quem ateste conhecê-la, e não como simples lapso individual, mas como forma aceite e corrente. Entre outros, merece toda fé o testemunho de Valdomiro Silveira, através de seus contos regionais, e de Cornélio Pires, no conto "O que é de raça...":

> Viro terra, viro mundo,
> afundo na sertania,
> mais meu *coiração* tá preso
> neste bairro do Garcia -.

O que é mais interessante é que essa mesma forma, tal qual, foi empregada por Faria e Sousa nas suas églogas de estilo rústico, que têm por título "A Montanha". Devia ser, porém, bastante rara em Port., pois o erudito sr. L. de Vasc. não a conhecendo, nem lhe achando jeito de coisa real, a atribuía à fantasia do poeta. Entretanto, nada se nos afigura mais explicável do que essa forma pop., por influência de **coiro** ou **coiraça**.

COISA-FEITO, - FEITA, s. f. - feitiço; mal praticado às ocultas, como, por ex., um envenenamento: "... o afamado Benedito Macaia, curador às direitas, que não punha, mas sabia desmanchar feitiço e *as coisa feito.* | A expressão parece mais ou menos generalizada pelo Brasil. Garcia recolheu-a em Pernamb. - Já nas "Memórias de um Sarg. de Mil.", 2.ª parte, cap. XVIII, se encontra isto: "Aquele rapaz nasceu em mau dia, disse ela, ou então aquilo é **cousa que lhe fizeram**: do contrário não pode ser".

COISA-MÁ, CUISA-MÁ, s. m. - o diabo; indivíduo malvado, ordinário; criança traquinas. | Diz Garcia de Rez., na "Cron. de D. João II", descrevendo uma cena de assombramento, ou coisa parecida: "... e mais havendo ahi suspeita que alli sentia **cousa má**".

COISA-RÚIN, CUSA-RÚIN, s. m. o diabo: "Já, nhor sim, o dianho do Barão inté parece que tinha o *coisa* ruim no corpo!" (A. S.). | Pronuncia-se **rúin**, com acento no u.

COIVARA, s. f. - paus meio carbonizados que restam de uma queimada: "Assaltava, aqui, um monte de *coivara* velha; além, o sapé..." (C. P.). Do tupi "co-ybá", mato seco, gravetos?

CÓLA, s. f. - cauda (de animal cavalar ou muar): "Não pude até hoje saber de quem era aquêle bragado tão exquisito, de táboa do pescoço tão fina, de *cola* tão rala..." (V. S.).

COLA E LÚIZ, c. e *luz,* - expressão usada nas carreiras de cavalos para designar certa vantagem que se concede, na saída, ao animal contrário. **Luz** é geralmente usado na linguagem do "turf" para designar o espaço que fica entre um cavalo e outro que corre atrás:

- "Eu dô lambuja"! - Trata-se a carreira.
- Cola e *lúiz* nas treis quadra! Quem mais qué?
- "Déis por cinco, e é no Pampa!" - "Quem inteira?"
(C. P. "A Raia").

COLERADO, ENCOLERiZADO, q. - "E eu fiquei *colerado,* passei a mão na espingarda..." (V. S.).

COMÕA, COMÚA, s. f. - latrina. | **Comúa**, neste sentido, ainda é usado em Port. Antiga forma femin. de **comum**.

CONCHEGADO, q. - diz-se da pessoa ou animal de membros curtos, grosso e forte.

CONGADA, s. f. - certa festa de negros, espécie de auto, já quase inteiramente em desuso.

CONGADO, s. m. - o mesmo que *congada.*

CONTIA, **quantia**, s. f. - quantidade qualquer. | Arcaísmo de forma e de sentido. Quanto à forma, era esta a que F. J. Freire preferia, de acordo com o uso clássico. Quanto ao sentido, mais geral que o que tem hoje, também se observa nos clássicos. É de F. Elísio, na "Arte Poét.":

... Que quantia
de cavalos que passa!

COPAIBA, s. f. - árvore da fam. das Leguminosas. | H. P. regista diversas variantes: *copaúva, copaúba,* etc.

CORENTA, *quarenta,* adj. num. | "E auendo este recado: o meestre mandou logo o Almada a Nunalurez com **quorenta**". (Cr. do Cond., XXVI). O *qu* em vez de c obedece a preocupação etimológica. - "...mil e **corenta** e sinco corpos d'armas brancas..." (De uma "Relação" do tempo de D. João III, no "Dom J. de Castro" de M. de S. Pinto, p. 13-14, nota).

CORESMA, **quaresma**, s. f. Forma arc. e pop,

CÓRGO, *córrego*, s. m. - riacho. | F. J. Freire dá o t. como antiq. e equivalente 'a "regueiro". Ad. Coelho, na "Ling.", dá esta palavra entre as que "estão realmente caídas em desuso ou vivem só como termos provinciais".

CÓRO, couro, s. m. - chicote, relho: "Preguei o *córo* e cheguei a espora no bicho, que êle veiu que veiu avoano!"

CORO DE ARRASTO, s. m. - couro largo, em que se conduz bagaço, arrastando: "Fora era o bagaceiro, com seus montes brancos trazidos pelo *couro de arrasto*, em que os crioulinhos se equilibravam sôbre o bagaço..." (C. P.).

CORÓ, s. m. - bicho de pau podre: "Um galho grosso, roído pelos *corós*, se desprendera da árvore morta..." (C. P.).

COROÁ(R), v. t. - fazer um círculo de pedras, terra e detritos vegetais em roda do cafeeiro.

COROAÇÃO, s. f. - ato de *coroar* (o cafeeiro).

COROANHA, CORONHA, s. f. - semente dura e lisa, que se extrai de uma vagem silvestre. Parece ter aplicações de medicina caseira. Brincam com ela os meninos, geralmente aquecendo-a por atrito, sobre a manga, e pondo-a de surpresa sobre a pele de outra pessoa.

COROCA, q. - muito idosa, encurvada, caduca (mulher); geralmente junto a "velha": "Era uma véia *coroca*..." Também se usa substantivamente: "uma *coroca".* | No Maranhão ("Dic. da ling.

Tupi", G. Dias) o povo diz dos velhos adoentados, sem distinguir sexo. Também se usa no Amaz. com signific. idêntica (Cherm., que grafa "córóca"). Dá-se-lhe étimo tupi: "curóca", caduco.

CORRE-CORRE, s. m. - agitação de pessoas que correm em várias direções; ato de correr muito repetidamente. | Cp. *péga-péga, agarra-agarra.*

CORREDÊRA, s. f. - lugar onde as águas de um rio precipitam a marcha, devido a uma diferença mais forte de nível:

Poitei na correclêro do Zé Bento -
(C. P.)

CORREIÇÃO[1], s. f. - desfilada de, formigas em trabalho. | "Do terreiro, como uma *correção* (sic) de formigas, gente vinha e ia, para ouvi-las". (A. Delf.) -

A viuva autorisada
Que não possue vintera
Porque o marido de bem
Deixou a casa empenhada;
Ali entra a fradalhada
Qual formiga em correição
Dizendo que à casa vão
Manter a honra da casa.
(Greg. de M.. "Justiça")

CORREIÇÃO[2], *correcção,* s. f. | Forma arc.: "He a lisonja manjar doce, & detem-se com gosto, & daqui vem q. corrompe o juizo, & empede a **correição**". (Arraiz, prol. dos "Dial.").

CORRIQUÊRO, CURRIQUERO, q. - presumido, afetado.

CORRIQUERISMO, CURRIQUERISMO, s. m. - qualidade, ou ato de pessoa presumida, afetada.

CORTADO, s. m. - na frase "trazer alguém num cortado", isto é, persegui-lo, apoquentá-lo.

COSQUENTO, q. - que é muito sensível a cócegas. | "Coç'guento", "coç'quento".

COSTEÁ(R), v. t. - castigar, fazer sofrer (alguém), com despiques, metendo inveja, etc.; "quebrar o topete". | No R. G. do S. tem signif. semelhante e mais o de "arrebanhar" (o gado).

COSTEÁ(R), *custear,* v. t. -

COSTEIO, *custeio,* s. m. -

COTÓ[1], q. - que tem o rabo cortado (animal); que tem falta de um pedaço (membro).

COTÓ[2], s. m. - fragmento, pedaço; faca pequenina e insignificante.

COVANCA, s. f. - grota descoberta.

CÓVO, s. m. - espécie de cesto de taquara para apanhar peixes, com um estreitamento no terço mais próximo à boca. | Em Port. designa também "cesto comprido de vime para pesca".

CRAVINA. *clavina,* s. f. - carabina. | É alteração de carabina, que já F. J. Freire emendava, em Port.

CRAVINÓTE, clavinóte, s. m. - certa espécie de carabina pequena.

CREÇUDO, q. - crescido, que cresce muito: "Esse minino é tão *creçudo* que daqui a pôco tá igualano o pai". |

Foram ambos a mondar,
E o trigo era creçudo
E foi-se a ella.
(Gil V., "O Juiz da Beira").

"Moysés sendo já *creçudo* de ydade, aconteceu que os da Etyopia destruirom huma parte do Egito..." ("Hist. d'abreviado Test. Velho"). Nos primeiros tempos da língua, *udo* era a terminação regular do part. pass.

CRÉDO!, intj. de espanto, muito usada isoladamente, e junto com outras palavras: *Maria, credo! - Jisúis, credo! - Credo im crúiz! - Ah, ah! credo!*

CREMDOSPADRE, s. m. - a oração que começa: "Creio em Deus Padre...": "Naquela hora, rezei um *cremdospadre,* e a mó que já miorei". - Intj. de espanto.

CRIADÊRA, q. - diz-se da chuva prolongada e mansa, que rega profundamente o solo: "Pela madrugada um ventinho frio começou a entrar pelas frestas da parede e uma chuvinha *criadeira,* de semana, caiu lenta, monótona, sem um trovão ou corisco (C. P.). Em Port. há a expr. equival. "chuva criadora"; mas o nosso povo não gosta da desinência *dora*: *criadêra, abridêra, trabaiadêra, cantadêra, faladêra,* etc.

CRIÔ(U)LO, s. m. designava os pretos criados em determinada fazenda, localidade, etc.

CRISO, *eclipse,* s. m. | Em Rui de Pina, "Cron. de D. Duarte", **crys** = eclipsado.

CRUZADO, s. m. - a quantia. de 400 réis. | É port.

CUATI, s. m. - carnívoro da fam. "Procynidae". | Escreve-se geralmente *coati* ou *quati.* Do tupi.

- MUNDEU, s. m. - cuati macho, que vive solitário.

CUCA, s. f. - entidade fantástica, com que se mete medo às criancinhas:

Durma, meu bemzinho,
que a cuca j'ei vem -

diz uma cantiga de adormecer. Por ext., entre adultos, ameaça, atos destinados a atemorizar: "Eu cá não tenho medo de cucas!" | A palavra e a superstição, esta quase de todo delida já em S. P., existem espalhadas pelo Brasil. Num dos seus contos goianos, escreveu C. R.: "Ah, sim, a bruxa... Essa, de certo, levou-a o "Cuca", num pé de vento, à hora da meia noite..." Em Pernamb. significa mulher velha e feia, espécie de feiticeira, e é também o mesmo que "quicuca", 'ticuca", rolo de mato (Garc.). B. - R. regista as variantes "corica", "curuca", curumba", das terras do Norte. - A *cuca* paulista é em tudo semelhante ao vago "papão" luso-brasil., ao "bicho" e ao "tutú" de vários Estados, ao "negro velho" de Minas. Diz uma quadrinha pop. port. citada por G. Viana ("Pal."):

Vai-te "papão", Vai-te embora
de cima desse telhado,
deixa dormir o menino
um soninho descansado.

Diz uma quadrinha mineira, visivelmente aparentada com a precedente:

Olha o "negro velho"
em cima do telhado.
Ele está dizendo,
quer o menino o assado.

Outra, ainda mais próxima da port., e também de Minas (citada, como a primeira, por L. Gomes):

Vai-te, "Cóca", sai daqui
para cima do telhado;
deixa dormir o menino
o seu sono sossegado.

Vê-se desse exemplo que em Minas se diz "cóca". As formas port. são "côca" e "côco". Na procissão de Passos, em Portimão, havia um indivíduo vestido de túnica cinzenta e coberto com

um capuz, a quem chamavam "côca" (L. de Vasç., seg. L. Gomes). A essa figura correspondia, nas antigas procissões do Enterro, em Minas (L. Gomes), e na dos Passos, em S. P., o "farricôco", Lê-se no "S. Paulo ant.": "Adeante dessa solenissima procissão era costume, parece que até o ano de 1856, ir o pregoeiro, chamado *Farricôco* ou a *Morte* - vestido de uma camisola de pano de cor preta, tendo na cabeça um capuz do mesmo pano, que lhe cobria o rosto, com dois buracos nos olhos, e lhe caía sobre o peito... sendo que as crianças, ao avistarem esse feio personagem, ficavam apavoradas, pois umas choravam e outras tapavam com as mãos os seus olhos". - Em Espanha há "coca", serpente de papelão que, na Galiza e outras províncias, sai no dia de "Corpus Christi"; há também "mala cuca", malicioso, de má índole. G. Viana ("Pal.") refere-se ainda a uma pal. cast. "côco", entidade fantástica, que se julga habituada a devorar criaturas humanas, como o "papão". - A sinonímia entre "papão" e "côco" ou "côca" está estabelecida no seguinte dístico das "Orações acadêmicas" de frei Simão, citado por G. Viana:

O melhor poeta um "côco",
o melhor vate um "papão".

"Côco" encontra-se ainda em Gil V. no "Auto da Barca do Purg." onde parece indicar o diabo:

Mãe, e o "côco" está ali.

- Rub. parece que d'ava a "côco" a significação geral de entidade fantástica; definindo "bitu", chama-lhe - "côco para meter medo às crianças", e define identicamente "boitatá".

ÇUCRE, *açúcar,* s. m.: "Oi que toicinho tá caro e o *çucre* não tá barato". (C. P.).

CUÉRA, q. de ordinário substantivado - valente, forte, ágil, *destorcido, destabocado, turuna:*

quebra o chapeu na testa o tal Faé,
que é o piso mais cuero e mais desempenado.
(C. P.)

| No R. G. do S. (Romag.) há "cuêra", ferida produzida por maus lombilhos, e há "cuerudo", o que tem "cuêra", duro, forte, respeitado, temido. Aí está, provavelmente, a origem do nosso t. - "Cuêra" deve ser forma abrasileirada de **cueira**, derivado de **cu**. - É possível que tenha contribuído para a abertura do *e,* em S. P., a semelhança com *cuéba.* Os vocábs. flutuam, cruzam-se, desmembram-se, contaminam-se, constantemente, na boca do povo. Veja-se esta série de sinônimos, onde se vislumbra um curioso entrançamento de formas: *cuéra, cuêba, cuéba, québra, caibra, cabra, cumba, tutumcuéba, cutuba...*

CUIA, s. f. - metade de um fruto de cabaceira, ou **cuietê**, limpo, usado como vasilha, principalmente como farinheira. | T. corrente em todo o Brasil com ligeiras variações de sentido. - Dão-lhe orig. tupi-guar.: "iacui", - o que faz pensar no celebre epigrama:

"Il a bien changé sur la route"...

CUIÉ-TORTA, *colher-torta,* s. f. - na frase "botá a cuié *torta",* intrometer-se (alguém) em conversa ou negócio onde nada tem que ver: "Pras muié não botá a *cuié torta,* bamo levá êle no arrosá..." (C. P.).

CÙIETÉ, s. m. - árvore que produz um fruto grande, de casca rija, utilizado para vasilhas; esse mesmo fruto. | De S. P. para o Norte dizem "cuité" para designar o fruto, "cuitezera" e "cuietra", para designar a árvore. - Do tupi.

CUITÉLO, s. m. - beija-flor. | É forma antiga de **cutelo** do lat. **cultellu(m)**: "Oo piedade do muy alto Deos, se emtom fora tua mercee de botares aquell cruel **cuytello** que nom dampnara o seu alvo corpo, inocente de tam torpe culpa". (Fem. Lop., episódio de D. Maria e do inf. D. João).

CULIDADE, *qualidade,* s. f. - "Eu vou simbora! Sombração de ótra *culidade* eu pego". (C. P.).

CUMARI, CUMBARI, s. f. - designa certa espécie conhecida de pimenta, do gen. "Capsicum", fam. das Solaneas. | B. - R. regitra "cumarim".

CUMBA, q., ordinariamente substantivado - destro, forte, valente.

CUMBÉ, s. m. - certo bicharoco mole, como sanguessuga.

CUMBUCA, s. f. - cabaça esvaziada, que serve a vários fins, entre os quais o de armadilha para apanhar macacos. Neste caso, é um vaso grande, de boca muito pequena, onde se põe milho, e que se coloca em lugar conveniente, no mato. O macaco mete a mão pelo orifício e agarra um punhado de grãos, mas não pode retirar a mão cheia, e debate-se preso á cumbuca, sem se lembrar de largar o milho. Isto se conta geralmente, mas não conhecemos ninguém que o houvesse testemunhado em pessoa. Cp. o provérbio - "macaco velho não mete a mão em cumbuca". | B. - R. regista "cuiambuca", forma bastante semelhante ao cast. **callambuco** e à ant. port. **calambuco**, certa substância vegetal aromática do Oriente.

ÇUMITÉRIO, *cemitério,* s. m.

CUPIM, s. m. - designa varias espécies de térmitas, que constróem grandes "casas" de terra; a habitação dos cupins, a que se dá também o nome de *cupinzé(i)ro.*

CURANCHIM, MUCURANCHIM, s. m. - a extremidade da espinha dorsal das aves; por ext., e em linguag. familiar ou jocosa, a mesma região nos indivíduos humanos: "Mal apeia-se, derreado com o *curanchim* em fogo, ao fim dos trinta e seis mil metros de caminheira..." (M. L.).

CURAU, s. m. - papas de milho verde.

CURIÂNGO, CURIANGÚ, s. m. - ave noturna do gen. "Caprímulgus": "A noite caía devagarinho e os *curiangos* começavam a cantar pelas estradas". (C. P.). - "Triste anoitecer o daquele dia,

picado a espaços pelo revôo surdo dos *curiangos..."* (M. L.). - C. da F. dá "curiangó", no seu conto "Assombração". B. - R. regista "curiangú" como paulista.

CURINGA, s. m. - a carta mais forte em certos jogos. | Cherm. dá como o dois de paus em alguns jogos.

CURIÓ, s. m. - certo pássaro (avinhado):

E lá no brejo o canto do *curió*
e os jassanãs avivam-me a lembrança...
(C. P.)

CURRUÇÃO, s. f. - preguiça extrema. | Deu-se este nome, muitos anos atrás, a certa moléstia, vulgar no interior do país, também chamada "macùlo", a qual se caracterizava por vários efeitos, entre os quais um desânimo e abatimento profundos. - Há um voc. arc., "currença", que significa "diarreia", e está em Gil V., "Barca do Inf.":

Caganera que te venha,
Má **currença** que t'acuda.

Convém notar que o povo pronuncia *currução,* com *u* na primeira sílaba, ao passo que pronuncia *correição, corrê(r), corrida,* com *o.* Também Gil. V. escreveu "currença". - Contudo, cremos indubitável que *currução* nada tem que ver com **corrupção**, mas deriva, como "currença", "corrimaça", etc., de **correr**. Cp. curso, diarréia.

CURRUÍRA, CURRUÍLA, s. f. - certo pássaro. | M. Lobato escreve *"corruila* (do brejo)" em "Bóca-torta". - Em Minas dá-se a este pássaro o nome de "cambaxirra" (L. Gomes).

CURRUÍRA D'ÁUA, *d'água,* s. f. - certo pássaro: "...guapés tranquilos e verdes que rodam nas cheias, carregando ninhos de *curruíra d'agua,* avezinha que, não abandonando o ninho, lá se vai rio abaixo..." (C. P.).

CURRUÍRA DO BREJO, S. f, - certo pássaro. O mesmo que o precedente?

CURRUPIRA, s. m. - Duende ou trasgo da mata. | É superstição mais do Norte do pais, que do Sul, mas ainda se lhe notam traços em S. P. Como todas as entidades da mitologia indígena em dissolução, é figura amorfa e vaga, confundindo-se com outras. C. P. cita-o numa lista de entidades irmãs, no conto "As Cruzes do Mato-dentro". C. Mag. escreve *curupira,* com um só r no principio. O mesmo escritor cita um morro, nas proximidades de Sorocaba, que conserva esse nome, e diz que o duende "é descrito como um pequeno índio, com os calcanhares virados para diante, que faz perder o caminho aos que viajam". (Conf. Anch.).

CURSO, s. m. - diarréia "Andei meio vexado uns pares de dias, com perdão da palavra, com um *curso* danado". (L. de O.). | **Curso** e **cursar** são "muito usados dos clássicos", diz o sr. J. Rib. no "Fabordão". - Na poesia "Verdades", de Greg. de M., há esta, entre muitas outras que ele desfia:

O fazer "curso" é purgar -

CURUCA, s. f. - agitação de peixes à flor d'água, na época da desova. | Do tupi?

CURUQUERÊ, CRUQUERÊ, s. m. - inseto que ataca as maçãs do algodoeiro.

CURURÚ[1], s. m. - uma espécie de sapo.

CURURÚ[2], s m. - certa dança em que tomam parte os poetas sertanejos (diz C. P.), formando roda e cantando cada um por sua vez, atirando os seus desafios mútuos". ("Musa Caip.").

CUSCUZ, s. m. - espécie de bolo de farinha, cozinhado em fôrma ao bafo da água quente. Freqüentemente se adicionam à farinha camarões, peixe ou galinha, palmito e vários temperos. O cuscuz simples, só de farinha; vai caindo em desuso. Fazia outrora as vezes de pão. | Encontra-se em Gil V. ("Juiz da Beira"):

...dae-me outro cruzado,
Que, prazendo a Madanela,
Logo sereis aviado,
Deus querendo, muito prestes,
Porque aquelle que me destes
Em **cuz-cuz** o comeo ella.

- **Coscus, cuzcuz, cuscus, alcuzcuz, alcuzcuzu**, são formas que se acham nos antigos escritores da língua ("Cron. do Inf. Santo", gloss.). A origem da palavra e da coisa é árabe. Ianguas define: "genero de hormiguillo que hacen los moros de massa deshecha em granos redondos".

CUSCUZIERO, s. m. - fôrma de lata, para se fazer *cuscuz.* Mede cerca de um palmo ou pouco menos de altura, vinte centímetros de boca e um terço menos no fundo, tendo portanto a forma de cone truncado. F. J. Freire regista o t. como significando "chapeu de copa alta e aguda", denominação tirada, naturalmente, da fôrma acima descrita.

CUTUBA, q. - fortíssimo, valentíssimo, excelente.

CUXILÁ(R), v. i. - cabecear com sono; "passar pelo sono", dormir um pouco e de leve; descuidar-se. | Costuma-se escrever, aportuguesadamente, "cochilar" e "cochilo", mas o povo desconhece em absoluto essa pronúncia. - Orig. afric.? Ou simples alter. de **acutilar**, por alusão aos movimentos bruscos de cabeça, feitos por quem *cuxila* sentado? Com o mesmo sentido de "cabecear com sono se emprega às vezes, por graça, *pescar.*

CUXILO, s. m. - o ato de *cuxilar;* descuido.

DADA, s. f. - assalto (por bando armado de *bugreiros)* a um aldeamento de índios.

DANADO, q. - zangado, furioso; duro, malvado; teimoso; ágil, forte, esperto; hábil, finório. Acrescenta-se freqüentemente um modificador: *"danado* de bão, de brabo, de experto, de teimoso".

DANINHÁ(R), v. i. - fazer diabruras (a criança); fazer estragos (animal): "Este minino só sabe *daninhá* dia entêro!"

DANINHEZA, s. f. - qualidade do que é daninho; ato próprio do daninho.

DANINHO, q. - diz-se da criança que gosta de brinquedos em que há perigo ou que resultam em estragos.

DANISCO, q. - o mesmo que *danado,* mas com um valor irônico. Registado também em Pernamb. por Garc.

DECUMENTO, DICUMENTO, *documento,* s. m.

DE-CUMÊ(R), s. m. - comida, provisão de comida: "Eu ganho dois mi-réis i mais o *de-cumê".* | Af. Taun. regista "decomer", farnel, como t. cearense, abonado com o romance "Luzia Homem"; mas é também paulista. - Muito compreensível esta substantivação de uma locução que, em certas frases, devia soar a ouvidos rudes como um apelativo: Dar de comer a **alguém**, etc.

DEFERENÇA, *diferença,* s. f. - desacordo, estremecimento. | "... o que faz muito ao caso pera as *deferenças* que ouve entre Vossa Alteza e o emperador..." (Carta de D. João de Castro, em "D. J. de Castro", p. 21).

DEFERENTE, *diferente,* q. - inimizado, estremecido com: "Vacê parece que anda meio *deferente* cum seu Pedro?" | Ver DEFERENÇA.

DEFINIÇÃO, s. f. - descobrir, encontrar, entregar, na loc. "dar *definição"* (de alguma coisa) : "O Juca, que levô daqui minha faca, há de me dá *definição* dela hoje mesmo".

DELÚVIO, DILÚVIO, s. m. - grande quantidade: "Lá im casa tem um *delúvio* de laranja madura".

DERDE, *desde,* prep.: *"Derd'aí* num tive mais alivio!" (C. P.). | No Nord. do país, seg. se vê dos versos de Cat., há a forma "dende".

DEREITO, *direito,* q. | Diz L. de Vasc. nas suas "Lições", referindo-se à linguag. arcaica: "A forma corrente era **dereito**, representada hoje na voz do povo em algumas regiões por "dreito"; cf. esp. **derecho**". E diz J. J. Nunes, referindo-se a *i* átono proveniente de *i* breve latino: "na linguagem desafetada, embora se escreva *i*, há tendência para pronunciar *e:* assim se diz **imperador** e **emperador**, **imbigo** e **embigo**, **infusa** e **enfusa**, etc. É de crer que a influência erudita tenha tido parte na transformação do *e* em *i*, a julgar pela pronúncia atual de **direito**, v. g. e a arcaica **dereito**". - Cp. *dereitura, endereitá(r), desposto,* etc.

DEREITURA, *direitura, s. f.*

DERMENTI(R), *desmentir,* v. t. | Esta troca de *s* por *r* resulta da influência da labial *m;* cp. *mermo, fantarma, num far má* ("faz mal"), etc.

DERRAME, s. m. - vertente, declive (de morro). | Af. Taun. regista *derrama,* como t. paulista.

DESABOTINADO, q. - diz-se do indivíduo meio doido, espalhafatoso, insubordinado, *destabocado, arreminado.*

DESACOCHÁ(R), v. t. - perder (alguém) a compostura altiva, ou presunçosa; ficar desorientado e envergonhado. | T. admiravelmente expressivo. Envolve em metáfora a idéia da corda cujas pernas se afrouxam e desenrolam, que se *desacocham,* ou, em port. de Port., descocham. - Ver ACOCHÁ(R).

DESACOCHADO, q. - envergonhado, desorientado, desmoralizado.

DESAGUAXÁ(R), v. t. - fazer correr, por exercício (um cavalo que esteve por muito tempo desocupado e porisso engordou ou tornou-se preguiçoso). Ver AGUAXAR.

DESAGUAXADO, q. - que está de novo exercitado e ágil (o cavalo) depois de longo descanso.

DESBOCADO, q. - que usa de linguagem torpe. | Ocorre em Camilo (J. Mor., "Estudos", 2.º v., p. 221) e é popular em Port.

DESCABEÇÁ(R), v. t. - limpar de touceiras e tocos (um terreno).

DESCANHOTÁ(R), v. t. - quebrar a força do braço, *desmunhecar.*

DESCOIVARÁ(R), v. t. - limpar (um terreno) da *coivara* resultante de uma queimada.

DESEMPARÁ(R), *desamparar,* v. t. | Arc. na ling. liter., mas ainda popular também na Europa. Assim os teus derivados.

DESEMPARADO, *desamparado,* part.

DESEMPARO, s. verbal de *desempará(r).*

DESENCABEÇÁ(R), v. t. - induzir (alguém) a proceder mal.

DESGUARITÁ(R), - perder-se, extraviar-se: "Fazia u"a proção de dia que u"a perdiz andava *desguaritada,* piano no pasto" (C. P.). Romag. regista no R. G. do S. "desguaritar-se" - desgarrar-se do rebanho ou tropa (um animal); separar-se dos companheiros (pessoa) etc. É, com pequena diferença, ou mesmo nenhuma, como se entende em S. P.; apenas, não se usa aqui pronominadamente. | De **guarita**.

DESIMBRAMÁ(R) v. t. - desembaraçar, desenredar.

DESIMPENADO, q. - forte, galhardo, destemido: "... o pião mais cuéra e mais desimpenado". (C. P.). | Em port. há **desempeno** = vigor, galhardia, etc. **Desempenado** parece que só se aplica em sentido material.

DESINCAIPORÁ(R), v. t. e i. - tirar a *caipora,* a má sorte; perder a *caipora:* "Num hai geito de *desincaiporá* êste jogo".

DESINSARADO, q. - que ainda está mal restabelecido de qualquer moléstia. | Deve ser corr. de "recensarado". É de notar-se que em Rui de Pina, "Cron. de D. Duarte", se acha **rezente = recente**.

DESINXAVIDO, *desenxabido,* q. - insípido, desgracioso, sem atrativo; corrido, envergonhado: *"Disinxavido...* Num dê cunfiança..." (C. P.) diz uma roceirinha agastada a um importuno que a corteja. | Cp. *xavi, xavié,* javevó, etc.

DESMORALIZÁ(R), v. t. - tirar a energia moral; desfazer o entusiasmo, a confiança: "O Antonico não quiz mais trabaiá prá festa: ficô *desmoralizado* co a farta de corage dos cumpanhêro".

DESPACHADO, q. - franco, aberto; *dizedor, destabocado.*

DESPENCÁ(R), v. t. e i. - separar do cacho (bananas, ou outra fruta) ; cair, saltar do alto: "Quano o diabo me viu lá de cima da teipa, *despencô!"* | De penca.

DESPOIS, adv. - Freqüentemente se apocopa: *despoi;* também não e raro aferesar-se: *espois;* e às vezes dão-se os dois fatos conjuntamente: *espoi;* tudo depende, como em tantos outros casos, da pressa com que se fala, e da posição do voc. na frase: "Inté *despois" - "Espoi* mais vô lá". *Despois* é forma arcaica, que se encontra em Camões, entre outros clássicos, já em concorrência com a que veio a prevalecer.

DESPOSIÇÃO, *disposição,* s. f | "...asy de ventos prosperos e mares bonançosos como de saude e boas **desposyções** que nosso Senhor deu a todollos soldados que o ymos servir (Carta de Dom J. de Castro ao rei, em M. de S. Pinto, p, 21).

DESPOSTO, *disposto,* q. | "...som desposto pera ficar na terra..." ("Cron. do Cond.", cap. XX).

DESPOTISMO, s. m. - grande quantidade: "nuvens que depois o vento toca para cá, dando em resultado esse *despotismo* de águas". (G. Rangel, "O Oráculo", "Rev. do Br." n. 41). | Esse exemplo, de um escritor mineiro, mostra que o brasileirismo é também do seu Estado, como é ainda de Mato Grosso, onde Taunay o colheu ("Inoc.").

DESPREPÓSITO, DESPERPÓSITO, DESPERPÓITO, *despropósito,* s. m. - grande quantidade: "E esperá que os otro já vem. Aqui é ponto de reunião. Ante do sór cabá de entrá na bôca da noite, é *desperpósito!* - *"...*lhe inflamara o braço, pondo-lhe a cabeça a zunir, após o *despropósito* de sulfato que ingerira". (C. P.).

DESPREPOSITÁ(R), DESPROPOSITAR, v. i. - perder a cabeça; irar-se e dizer palavradas: "Não pude levá o causo im paciença, *despreposite*i co diabo do home".

DESTABOCADO, q. - desempenado, falador, brincalhão, *destorcido:* "O pai, já viuvo por essa época, esse babava-se d'orgulho. Filho médico, e ainda por cima *destabocado* e bem falante como aquele (M. L.). | B. - R. dá como t. cearense. De fato, encontra-se em Cat., "A Premessa":

Um tropero acarbimbado,
cum as barba co de timbó
um cabra *distabocado* -

DÈSTÃO, *dez-tostões,* s. m. - haplologia e despluralização.

Mexa, mexa, cabocrada,
que eu num respeito truquêro:
jugo a *dèstão* a parada,
tô misiurano o dinhêro.
(C. P.)

DESTORCIDO, DISTROCIDO, q. - lépido, decidido, pronto, *destabocado, sacudido:* "Aquele negro tem sorte, dizia Joaquim da Tapera; caindo no mundo, ninguém mais lhe bota a vista em riba. Cabra *destorcido!"* (C. R.). | O exemplo é de Goiás, mas representa justamente a acepção paulista.

DESTRATÁ(R), v. t. - descompor, maltratar com palavras.

DESTRO, na loc. adv. *a destro,* - expressão que se usa exclusivamente falando do animal de sela, que em viagem se traz de sobressalente: "...o macho crioulo que vinha *a destro* não duvidou em meter-se naquela perdição..." (C. R.). | É expressão antiquíssima, com o mesmo valor: "E foy entregue a quarta feira xvj dias doutubro ya bem tarde a Çala-bem-çala que o reçebeu em encima de huu cavaílo, que trazia comsigo a **deestro"**. ("Cron. do Inf. Santo", cap. 12). Nota de M. dos Rem.: "- de **dextra**, direita, forma analógica a **seestro**, sextro, esquerdo, empregados um *e* outro por D. Duarte no "Leal Cons.".

DESUNHÁ(R), v. i. - fugir velozmente, abalar.

DEZANOVE, adj. numer.

DEZASSEIS, adi. num. | L. de Vasc. ("Lições") sustenta que o certo é com *a;* que essa "é a pronúncia vulgar de todo o país"; que existe em galego. co-dialeto do port.; além de que aparece em numerosos documentos antigos. Não é alter. de **dezesseis**; cp. o it. **diciaseie, diciasette, dicianove;** considere-se também a pronúncia "dezóito", (que é a de Lisboa e a de S. P.), a qual só se explica bem por contração de **dezaoito**, corno *mór* proveio do arc. **maôr**. (L. de Vasc.) - Contudo, cumpre notar que M. dos Rem. encontrou **dezeseis** na "Cron. do Inf. Santo". - Em S. P., o povo da roça diz *dezasseis, dezasséte,* etc., ao passo que a gente culta, ou que tal se presume, evita cuidadosamente esse "erro".

DEZASSÉTE, adj. num.

DEZÓITO, adj. num.

DIABA, s. f. - mulher má. | Forma antiga - **diáboa**.

DIABADA, s. f. - quantidade de *diabos,* isto é, de pessoas ordinárias, malvadas, antipáticas: "Deixa está, *diabada!* um dia vacêis me paga!"

DIACHO, s. m. - forma supersticiosa de **diabo**, palavra cuja pronunciação perfeita, ou mesmo imperfeita, se evita. | Cp. *dianho, demo, linhoso, sujo, rabudo,* etc. - Parece que é corrente também em Port., onde houve ainda uma forma, **decho**, que se encontra em Gil V., "Barca do Purg.":

Esta noite é dos pastores
E tu, **decho**, estás em seco -

DIZ-QUE-DIZ-QUE, s. m. - mexerico, intriga: "Óia, seu bôrra: eu num quero sabê de *diz-que-diz-que* aqui cumigo, tá uvino?" | É freqüentíssimo começarem-se os contos e narrações que correm à boca pequena, com a fórmula consagrada: *Diz que...,* contração de *dizem que.* Isto vem de longe, na língua, e também existe em cast.: **dice que**. Gil V. escreveu, aportuguesadamente, numa das suas tiradas espanholas ("Com. de Rub."):

Quieroos decir un cuento.
Diz que era un escudero -

O nosso *diz-que-diz-que* é, pois, uma substantivação semelhante ao **on-dit** dos franceses, apenas com uma reduplicação a mais.

DOBRAR, v. t. - cantar (o pássaro); soar (o sino). Firmino Costa cita, no seu "Vocabulário analog." ("Rev. do Br.") um exemplo da primeira acepção, tirado de Virgílio Várzea, escritor catarinense; por onde se vê que o t. está generalizado mesmo fora de S. P. - Em Port., diz-se "dobrar o sino" por - fazê-lo dar volta, girar (V. "Novo Dic.") daí se originou, de certo, a acepção que o t. tomou aqui, primeiro aplicada aos próprios sinos, depois aos pássaros.

DÓBRE, s. m. - o ato de dobrar (soar, cantar). | Este subst. verbal existe em Port., significando volta, giro do sino (V. "Novo Dic.").

DONA, s. f. - mulher, senhora: "Sentei numa volta de cipó, maginando coisas exquisitas a respeito daquela *dona* tão estúrdia..." (V. S.). | Este arcaismo se acha igualmente em M. Grosso ("Inoc.") e, provavelmente, em todo o Brasil. Um exemplo do poeta Paay Soares, do séc. XII, citado por L. de Vasc., ("Lições"):

Como morreu quen amou tal
dona, que lhe nunca fez ben -.

DO(U)RADI(LH)O, q. - animal cavalar ou muar de certa cor acastanhada. | É t. corrente no R. G. do S.

DO(U)RADO, s. m. - grande peixe de rio, abundante no Piracicaba.

DORDÓIO, *dor d'olhos,* s. m. - inflamação nas pálpebras.

DÚVIDA, s. f. - disputa, questão, discordância.

BOA - !, intj. usadíssima em S. P. com valor aproximado ao de um "sem dúvida!" enfático.

QUE - !, outra intj. corrente.

DUVIDÁ(R), v. i. - questionar; abusar: "Os home *duvidárum, duvidárum,* munto tempo, mais afinar amarrárum o negoço". - "Escuite, seu moço: vacê não *duvide,* que eu le deço o cacete!" - "I sabe o que mais? Não me *duvide* muito, que senão sai cinza!" | O último exemplo pode traduzir-se pôr: não abuse de mim, não brinque comigo. - Diz uma quadrinha pop. do R. G. do S., citada no "Vocabulário" de Romag.:

Eu sou um quebra largado,
Por Deus! e um patacão!
E, *se me duvidam,*
Descasco logo o facão.

EAH! intj. de admiração, espanto: *"Eah!* nho Chico, puis vacê inda está aqui?" - *"Eah,* gente! num é que m'esquici do recado?" Como se vê desses exemplos, corresponde mais ou menos a "ora, esta!"

EIGREJA, s. f. | Em antigos documentos encontram-se as formas **eigreya, eigleyga**, e outras de mais ou menos hesitante grafia, mostrando a ditongação da primeira sílaba de ecclesia. É verdade que também se acham formas nas quais não aparece o ditongo, como **egreya, egreia**, na "Cron. do Inf. Santo". Isto, porém, indicará apenas que já em época afastada começara a luta

pela fixação de uma forma definitiva. A pronunciação pop. paulista é interessante, e faz duvidar se representará uma persistência arcaica, se mera coincidência.

EINÊS, *Inês,* n. p. | Encontra-se esta forma em antigos documentos da língua. Alter. regular de **Agnes**.

EIRADO, q. - diz-se do porco na idade da engorda. | O mesmo que ERADO?

ENDÊIZ, *endêz, s. m.* - ovo que se coloca no lugar onde a galinha deve fazer a postura. | É t. de Port., na segunda forma e vem de **indicii**. (L. de Vasc., "Lições").

ENTREVERÁ(R), v. i. - alternar, entremear, misturar: "O redomoinho do Moreira, a cabo de coçadelas, sugeriu-lhe uma traça mistificatória: *entreverar* de caètés, cambarás, unhas de vaca e outros padrões transplantados das vizinhanças a fímbria das capoeiras, e uma ou outra entrada acessível aos visitantes", (M. L.). | É corrente no R. G. do S., mas como t. de guerrilhas, por "mixturar", aplicado a facções adversas em combate. Também lá se usa **entrevero**, outro castelhanismo.

ERADO, q. - velho, idoso: "boi *erado".* | De **era**? V. EIRADO.

ERMÃ, *irmã, s. f.*

ERMANDADE, s. f. - o conjunto dos irmãos numa família.

ERMÃO, *irmão,* s. m. | É forma arcaica, ou coincide com a arc.

ESCANDECÊ(R), v. i. - produzir *escandecência,* i. é, peso de cabeça, prisão de ventre, etc. "Não coma carne de porco nem farinha de mio, que *escandece".* | É port., mas os dicionários não registam esta acepção, a única que o dial. conhece e que se prende às idéias da velha medicina, com seus alimentos e bebidas *quentes* e *frios,* de que ainda muito se fala em S. Paulo.

ESCANDECÊNCIA, s. f. - V. Escandecê(r).

ESCANDECIDO, part. - em estado de *escandecência: "*ando meio *escandecido* êstes dia; de manêras que não quero tomá melado e outras coisa quente".

ESCÔIA, *escolha,* q. - diz-se do café baixo, de que se separaram os grãos melhores.

ESCOMUNGADO, q. - muito usado como insulto. | Encontra-se com c mesmo sentido em Gil V., "Auto da Índia":

Má nova venha por ti
Perra, **escomungada**, torta.

ESCORÁ(R), v. t. - aturar, fazer frente (a um trabalho pesado, uma agressão, uma prova de força ou de valentia) : "vacê quê trabaiá na roça, mais vacê *escóra* o serviço?" - Fazer frente a alguém: "Êle veiu pra cima de mim, pensando de certo que eu fugia: *escorei* êle no lugá".

ESCOTÊRO, q. - usado na loc. "de *escotêro",* que quer dizer "sem bagagem". "Duma feita que viajava *de escotêro* com a guaiaca empanzinada de onças de ouro, veiu varar aqui neste mesmo passo (S. L.).

ESCUITÁ(R), *escutar,* v. t. | Forma arc. Na "Cron. do Cond." acha-se **escuytas** = espias, sentinelas. - "Filho, **ascuyta** os preceptos do mestre..." ("Regra de S. Bento", séc. XIII-XIV).

ESFRÉGA, s. verbal - surra; trabalho penoso; sofrimento prolongado: "João Lino andava desanimadão, amarelo, meio esverdeado, depois de uma *esfréga* de maleita..." (C. P.).

ESFREGÁ(R), v. t. - surrar; sujeitar a grandes trabalhos, ou contrariedades.

ESPARRAMÁ(R), v. t. - espargir, dispersar: "A ventania foi tão forte que *esparramô* laranja pro pomá intêro". - "Num jogo na lotaria, porque isso é andá *esparramando* dinhêro à toa". - "Tudo ia munto bem: a purcissão im orde, munta gente, muntas irmandade. De repente, chuva! Aquilo *esparramô* o povo num instantinho". - V. pr.: tombar pesadamente, rolar, espapaçar-se (no sentido material e no figurado): "O diacho do home *se esparramô".* | Os dicionários registam como brasileirismo. Camilo usou-o, numa acepção que apenas se compreenderá, era S. Paulo, mas não é corrente: "Passarei também ás coudelarias, quando o brasão subir da tenda ao sport, e derivar dos especieiros **esparramados** ás bestas elegantes". (J. Mor., "Estudos", 2.º v., p. 227"). - Cp. **esparralhar, esparrimar**. Do cast. **esparramar, desparramar**.

ESPARRAMO, s. m. - ato ou efeito de esparramar; desordem, confusão: "Vacêis num me atente, num me atente, que sinão ainda faço um *esparramo".*

ESPELOTEADO, q. - maluco, tonto.

ESPICULÁ(R), *especular,* v. t. e i. - Comerciar: "Ando *espiculando* com fumo na praça, pra vê se ganho uns cobres"; indagar, perguntar insistentemente: *"Espiculei,* mais não pude sabê de nada"; fazer perguntas indiscretas: "Não me *espicule.* Não *espicule* êsse negócio" (i. é, esse assunto"). | Esta forma é antiga e ainda hoje pop. no Sul de Port. (L. de Vasc., "Emblemas", introd.) A forma culta é *especular.*

ESPICÚLA, q. - perguntador, indiscreto: "Nunca vi home tão *espicúla".*

ESPINHÉ(L), s. m. - aparelho de pesca, que consiste num fio ao qual se ligam a espaços diversas linhas com anzóis. | Port. *espinel.*

ESPÓTICO, *despótico,* q. - autoritário, rude: "Aquilo é um sojeito *espótico;* mandão cumo êle só".

ESPRAIADO, s. m. - ribeirão que corre em leito raso, geralmente de areia.

ESQUIPADO, s. m. - marcha esquipada,

ESQUIPADA, q. - diz-se de certa *marcha* do animal equ., a que se dá também o nome de *guini (lh)a.* Consiste em andar o animal erguendo a um tempo o pé e a mão do mesmo lado | É, seg. B. - R., o **furta-passo** de Port. e o **amble** francês.

ESTABANADO, *estavanado,* q. - estouvado. | "Mordido do tavão" (cp. "alacranado", mordido de alacrã), segundo J. Mor., "Estudos", 2.º v., p. 229.

ESTABANAMENTO, s. m. - ato próprio de um estabanado; qualidade do que é estabanado: "Nossa! mecê quage me derruba! Que *estabanamento!"* - "O Mandú, cura aquêle *estabanamento* dêle, desagrada tudo o mundo".

ESTACA, s. f. - cabide pregado na parede, ou dela suspenso:

Entra furioso o Chico, e já da estaca
despendura a espingarda e põe de lado
a aguçada lapeana, a enorme faca -.
(C. P.)

ESTADÃO, s. m. - pompa, aparato, modo ostentoso de vida: "Aquela gente sustenta um *estadão".* || Estado, em port. antigo, significava pompa ou aparato. Cf. D. Nunes, "Orig.".

ESTALÊRO, s. ra. - armação de madeira para plantas que trepam, como abóboras; espécie de jirau.

ESTÂMEGO, ESTÂMAGO, ESTAMO, ESTOMBO, *estômago,* s. m. | "... e os vazios com a barriga e **estamego** era da sua própria cor..." (Carta de Cam.) - "... cõsonancias de clausulas, em que nunca achei sabor, nem forão do meu **estamago**". (Arraiz, prol. dos "Dialog.") - **Estâmago** era como F. J. Freire, no seu exagerado culto pela prática dos clássicos, queria que se dissesse.

ESTAQUEÁ(R), v. t. e i. - espichar em estacas (um couro); prender de pés e mãos a estacas (um homem); plantar estacas; parar de repente, imóvel e de pé: "No chegá no chapadão do pasto véio, êle *estaqueô".* (C. P.).

ESTAQUÊRA, s. f. - série de cabides de madeira, ordinariamente pregados na parede ou nos portais. | De *estaca.*

ESTOPADA, s. f. - grande amofinação, trabalho duro, tarefa penosa.

ESTOPENTO, qual. - aborrecido, importuno. | De estopa? Cp. *estopada.*

ESTÓRIA, *história, s. f.* | "...per seu mandado foy o liuro que digo escrito e está no moesteiro de Pera longa; e chama-se *estorea* geral..." (Fern. de Oliv., "Gram.", segundo Ad. Coelho).

ESTREPA(R) (se -), v. pr. - ferir-se com estrepe; ser mal sucedido em questão ou luta, encontrar homem pela frente: "Ele que não continue, porque cumigo se *estrepa".*

ESTREPE[1], s. m. - lasca ou ponta de pau em que pessoa ou animal se fere, ou pode ferir-se. | A definição é longa, mas necessária para bem limitar a significação especialíssima do voc., que só temos encontrado envolvendo a idéia de ferimento atual ou provável. Esta significação está de acordo com o sentido vernáculo de púa, abrolho, espinho, porém é menos geral. Quadra perfeitamente ao que lhe dá Lucena na "Vida de S. Francisco Xavier": "...affirmaram todos os presentes que chovera cinza, e foy era tanta cantidade, que além de cobrir e entulhar o campo dos *estrepes,* de maneira que sem nenhum perigo se podia correr e saltar por cima d'elles", etc. (J. Mor., "Estudos", 2.º v., p. 274). - Além da signific. geral citada, e da signific. especial de arma defensiva, usual no tempo de Lucena, o voc. tem mais as seguintes, em Port., segundo J. Mor. (obra cit.): pedúnculo da abóbora (em Lousada) e cana de milho depois de colhidas as espigas (no Minho). Em italiano, "sterpe" tem sentido parecido: "rebento de uma raiz ou toco de árvore cortada ou partida pelo vento". Sobre isto e mais sobre a etimologia, ver J. Mor., "Estudos", 2.º v., 273-5).

ESTREPE[2], s. m. - menino importuno; diabrete: "Sai daqui, *estrépe!"* | Simples desenvolvimento do sentido material de *estrepe[1]*? Ou haverá apenas contaminação desse termo, desfigurando um outro cuja forma própria se ignora? Cf. ESTREPULIA.

ESTREPULIA, s. f. - travessura, desordem: "O dianho do macaco escapuliu e fêiz *estrepulia* na casa".

ESTUMAR, v. t. - ativar os cães na caça com ruídos, assovios, etc. |

Sinão quando na horta do Duque
Andando de ronda um certo malsin.
Estimando-lhe um cão pecheuiigue
O demo do gato botou o ceitil.
(Greg. de M., "Marinicolas").

- De **estimular**?

ESTÚRDIO, q. - esquisito, estapafúrdio: "Sentei numa volta de cipó, maginando coisas exquisitas a respeito daquela dona tão *esturdia..."* (V. S.).

FACE, s. f. - cada um dos lados de uma casa, em relação aos pontos cardeais: "face de *nacente",* "face *de sur".*

FACEÁ(R), v. t. - orientar (uma casa, em relação aos pontos cardeais): "Vacê num sôbe *faceá* sua casa: se fosse eu, escoía a face de nacente".

FACERÁ(R), v. i. - exibir boas roupas; ostentar elegância. | Temos visto definições mais amplas, abrangendo outras acepções. Em S. P., ao que sabemos, o verbo não se refere senão aos indumentos. Assemelha-se muito ao **lucir** cast. - De *facê(i)ro.*

FACERICE, s. f. - garridice, ostentação de vestidos.

FACÊRO, q. - taful; que gosta de se vestir bem, que ostenta elegância e luxo. | Usa-se mais no feminino. Faceiro é t. port., e mesmo na Europa tem acepções que se aproximam da brasileira, mostrando que não seria difícil a evolução realizada.

FACHINA, s. f. - mato delgado, paus esguios. | Sul de S. P. e Estados meridionais, onde também se diz "fachinal". - É t. port., adaptado facilmente a um aspecto da nossa natureza. Escreve-se, na chamada "ortografia mista ou usual", **fachina** e **feixe**, apesar de se tratar de vocábulos irmãos. Também entre nós se escreve **fachina**, subst. com., e **Faxina**, nome de uma cidade paulista.

FÁIA, *falha,* s. f. - falta, lacuna, omissão. | Com estas mesmas acepções se usa era Port., mas entre nós parece ser o seu uso muito mais freqüente, além de diferir em algumas aplicações. Aqui se usa a cada passo com referência a dias (de viagem, de serviço, etc.): "Vim certo de chegá na somana passada, mais tive dois dia de *fáia* no caminho, por causo de um carguêro que deu de ficá duente". - B. - R. já notara a freqüência deste emprego particular do t., no Brasil.

FAIÁ, *falhar,* v. i. - faltar. Além de outras acepções castiças (negar fogo, não acertar, não se realizar, etc.), tem esta de "faltar", que parece paulista (e brasileira), principalmente com a aplicação a "dias", aqui feita a cada passo: "Fáiz óito dias que viajo: saí de casa na térça-fêra da somana passada; caminhei inté sexta; *faiei* sábudo e dumingo na vila..."

FALÁ(R), v. t. - Apresenta a particularidade, que é um arcaísmo, de servir como sinônimo de **dizer**: *"Falei* pra o home que não contasse cumigo". | Ad. Coelho cita estes exemplos do uso antigo: "Nós nora podemos estar, que nem falemos o que vimos, e ouvimos". (Atos dos Apóstolos"). - "Dá aos teus a **falar** a tua palavra cora feuza". (Ibid.) -"**Falo** palavras de verdade e de mesura". (Ibid.).

FALADÔ(R), FALANTE, q. - maldizente, indiscreto.

FAMI(LI)A, s. f. - filho: "Tenho cinco *famia,* dois home e treis muiér". | Às vezes empregam-no de preferência com relação às filhas.

FANDANGO, s. m. - festa ruidosa, era que há danças:

Ai, seu moço, eu só quiria
pra minha filicidade,
um bão fondongo por dia

e um pala de qualidade.
(C. P.)

FARRANCHO, s. m. - bando de pessoas; t. usado na expressão acompanhar *farrancho* que quer dizer: ir com os outros deixar se levar. | É voc. port. e significa rancho divertido, bando de romeiros. Empregou-o nessa acepção M. A. de Alm.: "Levantaram-se então, arrumaram tudo o que tinham levado era cestos e puzeram-se a caminho, acompanhando o Leonardo o **farrancho**".

FARRUMA, s. f. - estardalhaço, farronca, farronfa, farfanteria.

FAVA DE SANTO INÁCIO, s. f. - certa semente a que se atribuem virtudes medicinais; a planta que a produz. Rub. dá como sinon. de "guapeva".

FÊA, s. f. - fêmea (de pássaro). | Esta curiosa contração do voc. **fêmea** é de uso corrente e vulgaríssimo no Estado, mas, que o saibamos só com a aplicação restrita, acima indicada.

FEANCHÃO, aum. de feio, o mesmo que feiarrão. | É antiq. em Port.

FEDEGOSO, s. m. - nome de um arbusto do campo.

FEIÇÃO, s. f. - traço fisionômico; fisionomia. | O uso atual da língua pede plural, na segunda acepção. Um exemplo antigo: "A feiçam deles he serem pardos, maneira d'avermelhados, de boos rostos e boos narizes bem feitos..." (Carta de Cam.).

FEITO, adv. conj. - a maneira de, como: "O home ficô *feito* lôco cum a notícia". - "Esse minino véve *feito* vagabundo, mexê-mexêno pra rua".

FÊMIA, s. f. - mulher da vida airada.

FERMOSO, *formoso,* q. | Arc.

FERMOSURA, *formosura,* s. f. | Arc.

FESTÁ(R), v. i. - tomar parte em festa, assistir a festa: "E quando nóis ia *festá* na cidade, era um estadão..." (C. P.).

FIANÇA, s. f. - confiança, ato ou efeito de fiar (de algo ou alguém): "Daí a instante está tudo pronto, colocados os bois do coice - o "Dourado" com o "Monarca", e na guia o "Letrado com o 'Pimpão", que eram as juntas da fiança..." (A. S.). | É t. arc. na língua culta, na acepção acima.

FIAPO, s. m. - pequena quantidade, ínfima porção: "Tomei só um *fiapo* de leite". Muito usado no diminut. *fiapico.* | É port., na acepção restrita de fio tênue, que também se usa aqui.

FIRIDENTO, q. - cheio de chagas. | De **ferida**.

FITIÇO, *feitiço,* s. m. | Dois étimos são propostos: **facticiu(m)** (J. J. Nunes, p. LXXXI) e **ficticiu (m)** ("Novo Dic."). Convém notar que o caipira pronuncia *fitiço, fiticêro, fitiçaria,* ao passo que diz claramente *feito, feitorizá(r), feição,* etc. Como diz também *fitiu* = **feitio**, parece que se pode atribuir o primeiro *i* de *fitiço* a alteração do ditongo *ei* sob a influência do segundo *i,* acentuado. Por outro lado, compare-se *afito* = **mau olhado** e a expressão "deitar *o fito",* que se acha em Gil V.

FIUZA, s. f. - confiança: usado na loc. *na fiuza de,* tal como neste passo de G. Dias ("Expos. Univ."): "...não seria prudente deixar-se este ramo de riqueza pública, e de prosperidade individual, entregue inteiramente nas mãos da ventura, **na fiuza** de que a grandeza de Deus e a bondade do clima farão por nosso amor o que não cuidamos de fazer enquanto é tempo disso". | É arc.: "...esta **fiuza** ouue eu sempre em vós e ey porque eu pera mais vos tenho..." ("Cron. do Cond."). No "Leal Conselheiro" há **feuza**, com *e.* - L. de Vasc. afirma ser ainda forma pop. na Extremadura. ("Liv. de Esopo").

FLÚIS, *flux,* s. m. - certo efeito alcançado no jogo do poker e semelhantes, e que consiste era reunir cinco figuras. Costuma-se dizer: "fazer flux com rei, ou com valete", etc., conforme qual seja a carta maior. "Fazer flux", figuradamente, vale o mesmo que "fazer bonito", "brilhar". | Trata-se de t. e frase arc., como se vê do seguinte passo de Gil V. ("Barca do Purg."), onde dialogam o diabo e um taful:

D. Ó meu socio e meu amigo,
Meu bem e meu cabedal!
Vós irmão ireis comigo
Que não temeste o perigo
Da viagem infernal.
T. Eis aqui **flux** dum metal.
D. Pois sabe que eu te ganhei.
T. Mostra se tens jogo tal.
D. Tu perdes o enxoval.
T. Não é isto **flux com rei**.

FOGO SARVAGE, *f. selvagem,* s. m. - certa erupção cutânea.

FOLIA, s. f. - grupo de pessoas que, com a bandeira do Divino" (Div. Esp. Santo), ao som de pandeiros, violas e cantigas, percorre as casas dos povoados e campos, pedindo esmolas para alguma festa em louvor do Espírito Santo. Geralmente se diz "folia do Divino". | Ainda hoje, no Algarve, costuma haver certo divertimento, por ocasião da festa do Esp. Santo, a que se dá o nome de "foliá" ("Novo Dic."). No Brasil, o costume é antigo. - Diz F. J. Freire: "**Folia** não é qualquer dança, mas aquela em que se fazem movimentos extravagantes para causar riso, e que é acompanhada do ruído de vários instrumentos, e, composta de diversos dançantes, gente do povo. (Refl. 1.ª). Esta explicação faria supor que "folia", primitivamente, fosse apenas uma dança; mas que foi também canto, talvez principalmente canto, e até com intuitos devotos, verifica-se deste relanço do "Auto da Feira", de Gil V.:

E porque a graça e alegria
A madre da consolação
Deu ao mundo neste dia,
Nós vimos com devação
A cantar-lhe hua **folia**.

Outra referência, esta da "Vida" de Nóbrega, por A. Franco (1719):

"Em um destes lagares lhe aconteceu entrando em uma igreja ver alli uma **folia** com bailes e musicas malsoantes com que o sagrado se profanava. Cheio de zelo reprehendeu tamanho desacato". O próprio Nobrega escrevia da Bahia para Port.; "Houve muitos desposados e fizemos a procissão mui solene, porque veiu **folia** da cidade que Simão da Gama ordenou a Bastião da Ponte, seu cunhado, os meninos cantando na língua, em português, cantigas a seu modo, dando glórias a Nosso Senhor..." (Carta XIX).

FORA, s. f.

DE - A -: de um lado a outro, de lado a lado: "A mana viu que eu tinha largado mão do serviço, porque a cerca já tava trançadinha de guaimbê, *de fóra a fóra* . (V. S.).

SALA DE -: sala de visitas, que geralmente fica sobre a rua.

FORGÁ, *folgar,* v. i. - divertir-se com danças: "Os escravo dêle vivium gordo, bunito, *forgávum* no batuque despois da carpa e da coieita, e na moage tamem". (C. P.)

FORGADÔ(R), q. - o que gosta de "folgar", o que toma parte em batuques ou fandangos.

FÔRNO, s. m. - espécie de taxo, de bordos curtos, que serve para torrar a farinha de milho ou mandioca, e misteres semelhantes. | B. - R. já registou esta acepção. Cherm. colheu-a na Amaz.

FRANQUÊRA, s. f. - faca de ponta, que outrora se fabricava na cidade da Franca. | É t. corrente, ainda mais, talvez, em M. Grosso e Goiás. C. Ramos aplica-o numerosas vezes nos seus contos.

FRANQUÊRO, q. - certa variedade de gado bovino, que tirou o nome da terra de sua procedência, a cidade da Franca, de onde se espalhou pelo sul do Br. | É t. corrente no R. G. do S.

FREME, s. m. - instrumento de ferro com que se cortam tumores ou inflamações nos animais. | Em Port. há **flame**, do lat, **flamen**. ("Novo Dic.").

FRIA, *frio,* q. | É a forma corrente: "suór *fria",* "café *fria".* Cp. *fula* por **fulo**.

FRUITA, *fruta,* s. f. | Este t. apresenta a curiosa particularidade de poder, sem determinante, referir-se especialmente à jaboticaba: "Estamo no tempo das *fruita;* daqui a pôco havemo de i pro mato à percura dela". - A forma é arc.: "... os castellãos sayá fora da frota a colher uvas e *fruita* porque era entã tenpo della". ("Cron. do Cond.").

FUÁ, q. - desconfiado, sensível a cócegas, espantadiço (cavalo). | De **fugaz**? Ou simples onomatopéia? Já o quiseram ligar a "apoaba", t. tupi, e parece que até a "aruá", da mesma língua.

FUAZADO, q. - o mesmo que *fuá.*

FUBÁ, s. m. - farinha de arroz ou de milho cru, com que se fazem várias papas, bolos e outras confecções culinárias. | É t. afric. (B.-R.).

- MIMOSO: fubá fino, que se usa para biscoitos, bolos mais delicados, etc.

FUCHICÁ(R), v. t. - esmagar entre os dedos (panos, objetos frágeis). | Sob essa e sob a forma "futicar", "futricar", com significações semelhantes e mais amplas, corre o t. em outras regiões do Br.

FULA, *fulo,* q. | *Cp. fria* por **frio**.

FUNÇÃO, s. f. - dança, fandango. | É curioso que, no Norte, se conserve esta palavra com idêntica significação, e apenas alterada para "fonção", como se vê de numerosos passos de Cat.; ex.:

Era um dia de *fonção,*
um bautisado, na casa
do Chico da Encarnação

Em M. Grosso, Taun. colheu "fonçanata", com signif. parecida ("Inoc.").

FUNDÃO, s. m. - lugar ermo e longínquo. Também se usa, com idêntica signif., no plural. | Existe em port., cora sentido semelhante.

FURRUNDÚ, FURRUNDUM[1], s. m. - doce de cidra com rapadura, ou açúcar mascavo, e gengibre.

FURRUNDÚ, FURRUNDUM[2], s. m. - barulho, confusão: "Não imagina o que foi aquilo. Hôve pancadaria, faniquito, corre-corre, um *furundú* dos seiscentos diabo!" | Cp. "forrobodó".

FUSO, s. m. - baile de gente baixa e viciosa.

GAIÊRO, *galheiro,* q. - que se Junta, como determinante, ao subst. *viado,* para designar uma espécie que se caracteriza pelas grandes armas era forma de galhos.

GAMBÁ, s. m. - designa vários marsúpios. - Tem estes animais a fama de gostarem extraordinariamente de cachaça. É, porisso, freqüente aplicar-se este nome como sinon. de "bêbado", ou empregar-se em locuções como esta: "bêbado como um gambá". - Figura também numa "pega" infantil e popular: "Sabe de uma cousa?... Filho de gambá é raposa". ("Péga" é o nome que dão os folcloristas espanhóis a esta espécie de brinquedos, e que o sr. João Rib. razoavelmente adotou).

GAMELÊRA, s. f. - árvore do gênero "Ficus", cuja madeira é geralmente empregada no fabrico de gamelas, colheres de cozinha, etc.

GANGA, s. f. - série de partidas em diversos jogos.

GANGORRA, s. f. - aparelho conhecido, de que usam meninos para se divertir. Consiste num pau colocado transversalmente no topo de um outro e girando sobre este, preso por um espigão ou por um prego servindo de eixo. | É t. espalhado pelo sul do Br. No Piauí, seg. B. - R., designa uma armadilha de caça.

GANJA, s. f. - usado na frase "dar *ganja",* isto é, dar motivo para que alguém se julgue necessário, protegido, etc.: "Cuidado cura esse minino, não le dê munta *ganja,* que êle fica perdido". | Parece indubitável que é alter. de "cancha", picadeiro, arena, terreiro, etc. "Diz-se que um parelheiro *está na* sua *cancha* (escreve Romag., no R. G. do S.) quando ele se acha no lugar onde está acostumado a correr, e, por conseguinte, com mais vantagem que o outro". *"Abrir* ou *dar cancha* (escreve o mesmo Romag.) é dar passagem ou caminho: *Abra cancha* que quero passar". - Seg. Zorob,, é voc. quechúa.

GANJENTO, q. - o que tomou *ganja,* está satisfeito por se sentir garantido, necessário, protegido, etc.: "Ói o diabo cumo ficô *gangento* despois que o majó tirô êle da cadeia!" | V. GANJA.

GARAPA, GUARAPA, s. f. - caldo de cana de açúcar. | É t. também corrente no Norte do Br., com ligeiras variantes. Parece que a idéia central é a de bebida melosa. Em Angola, seg. Capelo e Ivens, citados por B. - R., designa uma espécie de cerveja de milho e outras gramíneas. O fato de ser o t. conhecido há séculos no Br., e também na África, parece indicar que é de importação lusitana. Talvez originado do fr. **grappe**, ou do it. **grappa**. Garcia, seguindo a B. Caetano, dá-lhe étimo tupi-guarani.

GARRÁ(R), *agarrar,* v. t. - principiar;- tomar (uma direção, um caminho); entrar, enveredar: "... *garrei* o mato porque num gosto munto de guerreá..." (C. P.) - "I nóis ia rezano, e Sinhá, no meio da reza, *garrava* chingá nóis..." (C. P.) "I tudo in roda daquêle *garrava* gritá..." (C. P.) - *"Garrei* magrecê de fome, mais a minha pió agonia era a sodade". (C. P.) - "Se o negro *garrá* cum choradêra, botem pauzinho no uvido pra não uvi, u tampem a boca dêle..." (C. P.) - "Num *garre* cum molação cumigo!" (C. P.).

GARRÃO, s. m. - jarrete de animal, especialmente do equino. | É usado, com a mesma acepção, no R. G. do S.

MOLEÁ(R) o -, afrouxar, desanimar, perder a energia. Usa-se no R. G. do S. expressão semelhante na forma e com o mesmo sentido: "afrouxar o garrão"

GARROTE, s. m. - bezerro novo.

GARRUCHA, s. f. espécie de pistola de cano longo: "Cheguei lá, inzaminei a casa, botei a *garrucha* in baxo do travessero... (C. P.). | É t. usual em todo o Br. Existem na língua **garrucha** e **garruncha**, com outras e várias significações.

GATEADO, q. - diz-se do equídeo de certa cor amarelada.

GAÚCHISMO, s. m. - qualidade ou ato de quem é *gaúcho,* isto é, filante, parasito.

GAÚCHO, q. - filante, parasito: "...tinha uma secção de botica às escondidas do fiscal da Camara, um grande filante de leitoas e frangos, *gaúcho* como que..." (C. P.).

GAUDÉRIO, s. m. - vivedor, parasito. | Garc. colheu em Pernamh. "godero", com a signif. acima, e "goderar". - "Gaudério" é também nome de um pássaro. - De **gaudium**? De **gaudere**?

GAVIÃO, s. m. - a parte cortante da foice: "... foices afiadas e brilhantes, *gavião* gasto e "arvado" bem imbutido..." (C. P.).

GENIPAPO, s. m. - árvore da fam. das Rubiáceas, que fornece boa madeira, dá bom fruto comestível e tem várias aplicações medicinais.

GENTARADA, s. f. - grande quantidade de pessoas, reunião de gente. | Cp. os coletivos *pe(i) zarada, bicharada, chuvarada,* etc.

GIQUI, s. m. - certo aparelho de apanhar peixe. | Tupi.

GIQUITÁIA, s. f. - molho de pimentas. | Tupi.

GIRA, q. - doido.

GOIVÊRO, q. - vivedor, brincalhão. | Nunca ouvimos empregado este t., que nos foi comunicado, mas registamo-lo, sob reserva, por ser muito curioso, sugerindo proveniência antiga, talvez de **gouvir**, sinônimo arcaico de **gozar**. - Cf. *gaudério.*

GOLOSO, *guloso,* q. - Forma arc. Acha-se em D. Nunes: "de cuja carne he mui **goloso**..." ("Orig.", VII). Em Gil V.:

Era a mor mexeriqueira
Golosa, que d'improviso,
Se não andavão sobre aviso,
Lá ia a cepa e a cepeira.
("Barca do Purg.").

Nos versos de sóror Maria do Céu ("Escritoras doutros tempos" M. dos Rem.) aparece este qualificativo repetido muitas vezes. Golodice encontra-se em Vieira (F. J. Freire, Refl. 7.º)

GRANÁ(R), v. t. - chegar a ter os grãos formados (o milho); acender (os olhos) : "Num sei porquê, aquela moça quano deu cumigo *granô* os óio ira riba di mim".

GRANADO, q. - diz-se do milho cujas espigas estão desenvolvidas.

GRANDÓTE, diminut. de "grande", muito usado, a par de *grandinho:* "Eu já era minino *grandote* quano mea mãe morreu". | Existe em cast.

GROSSÊRO, s. m. - ligeira erupção cutânea.

GRUMIXABA, GURUMIXAVA, s. f. - - árvore da fam. das Mirtáceas. | Tupi.

GRUMIXAMA, s. f. - árvore da fam. das Mirtáceas. O mesmo que *grumizaba?*

GRUVATA, *gravata,* s. f. - É interessante esta forma (a única usada pelo povo inculto do interior), porque abala a etimologia consagrada pelos dicionaristas, que fazem derivar **gravata** do francês **cravate**. Parece mais curial que se houvesse tomado do cast. **corbata** (mais próximo da origem comum, pois esse voc. não é mais que uma variante do gentílico **croata**).

GUABIRÓBA, s. f. - fruto de uma Mirtácea muito comum; a arvoreta que o produz. | Tupi.

GUAIÁCA, s. f. - cinto com bolsos que se usa em viagem: "Assim falando, o caipira abriu a *guaiaca* da cinta e puxou um massuruca, enleado numa pelega de cera, para pagar a despesa". (C. P.) | Também corre no R. G. do S.:... viajava de escoteiro, com a *guaiaca* empanzinada de onças de ouro..." (S. L.) - Do quech. "huayaca", seg. Zorob. Rodr.

GUAIARÚVA, s. f. - árvore da fam. das Euforbiáceas.

GUAIÁVA, *goiaba,* s. f. - fruto da goiabeira. | A 2.ª forma adotada na líng. culta é completamente desusada entre os caipiras.

GUAIAVADA, *goiabada,* s. f. - doce de goiabas.

GUAIAVERA, *goiabeira,* s. f. - nome de várias árvores e arbustos frutíferos, do gen. "Psidiura", fam. das Mirtáceas.

GUÀINXÚMA, GUANXIMA, s. f. - arbusto da fam. das Malváceas, cuja fibra é muito resistente, e do qual usa o povo para fazer umas vassouras grosseiras. | Garc. regista, em Pernamb., guaxuma". - Tupi.

GUAIUVIRA, s. f. - árvore alta, de madeira resistente e flexível, da fam. das Euforbiáceas. | Tupi.

GUAJIÇÁRA, s. f. - árvore da fam. das Leguminosas, que se considera padrão de boa terra. | Tupi.

GUAMIRIM, s. m. - certa árvore que se encontra no chamado "Norte" do Estado. | Do tupi "gua" = árvore, "mirim" = pequena.

GUAMPA, s. f. - chifre de boi; o chifre em que os carreiros guardam a graxa, nos carros de bois; espécie de copo feito de chifre:

Laço nos tentos, a chilena ao pé,
o ponche na garupa pendurado,
o pala ao ombro - indispensável é -
o facão, a garrucha e a *guampa* ao lado.
(C. P.)

- "João, mecê ponhô graxa na *guampa?"* (A. S.). | Usado no Sul do Br., até o R. G. do S., de onde provavelmente veio, pois é também das repúblicas espanholas da América do Sul. No Chile, "guámparo".

GUAMPUDO, q. - insulto corriqueiro: "O barbantinho engrossa todo o dia... e acaba virando tronco de árvore e matando a mãe, como este *guampudo..."* (M. L.).

GUANDÚ, s. m. - usado em aposição com o t. "feijão" *(fejão-guandú)* para designar um arbusto da fam. das Leguminosas, que produz uma ervilha apreciada. | Parece t. africano. No Rio, seg. B. - R., chama-se "guando" à vagem e "guandeiro" à planta. Em Pernamb., seg. Garc., ao nosso *feijão-guandú* corresponde "cuandú", também chamado "ervilha de Angola".

GUÁPE, s. m. | V. AGUAPÉ.

GUAPERUVÚ. BACURUBÚ, s. m. - grande árvore da fam. das Leguminosas.

GUÀPÉVA[1], s. f. - árvore da fam. das Sapotáceas.

GUÀPÉVA[2]**,** JAGUAPEVA, q. - baixo, pequeno (cão). S. L. colheu "guaipéva" no R. G. do S.: "Eu também fiquei-me rindo, olhando para a guaiaca e para o 'guaipeva' arrodilhado aos meus pés..." É voc. tupi e já de si quer dizer "cão baixo, ou pequeno"; registamo-lo, contudo, como qualificativo, porque na realidade como tal é usado geralmente: "um cachorrinho *jaguàpéva".* - "Jaguá", cão; "peba", chato, baixo.

GUAPÓ, *vapor,* s. m. - locomotiva de estrada de ferro. | Sobre a mudança de v em *gh,* v. "Fonética" e, aqui adiante, GUMITÁ(R).

GUARÁ, s. m. - ave pernalta, "Ibis rubra". | Talvez alter. de **goraz**, nome port. de uma pernalta. Parece isto mais plausível, à falta de outros elementos de averiguação, do que o fazerem derivar, como já fizeram, do tupi "guyra-piranga". O desdobramento de *o* em *ua* tem um exemplo em *cuará(r), coará(r);* a queda do som *s-z,* em final de vocábulos, é uma das características salientes do dialeto.

GUARÀIÚVA, s. m. - certa árvore. | Tupi.

GUARAPUAVA, q. - cavalo fraco, de pouco valor. | Tupi.

GUARATAN, s. m. - árvore da fam. das Rutáceas. Tupi.

GUARECE(R), v. i. - sarar. | Nunca ouvimos empregado este termo, que nos foi comunicado. A ser na verdade usado, representa um dos mais curiosos arcaísmos do dial. **Guarnecer, guarniçom,** são vocs. há muito envelhecidos. Encontra-se o segundo na "Demanda do Santo Graal"; "...e aquella fonte será de tam gram virtude, que todo homem que fôr chagado e dela beber logo seerá são; e por aquela virtude averá nome fonte de **guariçom**".

GUARERÓVA, s. f. - palmeira do gen. "Cocos", cujo palmito, muito apreciado, tem um sabor amargo. | B. - R. regista "guariróba". Em S. P. poderá, alguma vez, pronunciar-se com *b,* pois quase todos os vocábulos indígenas que terminam em **ava, iva,** *ova,* etc., se pronunciam tanto com *v* como com *b*; mas com *i* é que não. - Tupi.

GUARITÁ, s. m. - grande árvore de bela madeira.

GUARÚ-GUARÚ, s. m. - certo bichinho fluvial pequeníssimo ("Lebites poeciloides"), que vive aos cardumes. | Dessa circunstância de aparecer em grandes cardumes se originou provavelmente a duplicação, processo corrente no tupi para denotar quantidade ou repetição.

GUASCA, s. f. - tira de couro cru; a fita de couro do relho: "E o Jéca mediu tres passos para trás, pegou o cabo do relho com a mão direita, segurou a *guasca* pela ponta com a esquerda, e a açoiteira nova assobiou no ar..." (C. P.). É t. sul-americano; segundo Zorob. Rodr., alter. do quechúa "huasca".

GUASCADA, s. f. - relhada; golpe com *guasca,* ou coisa parecida: "...era quem pagava quando o filho, na venda d'a estrada, levava umas *guascadas* dos campeiros do bairro". (C. P.).

GUÀTAMBÚ, s. m. - árvore da fam. das Apocináceas, muito usada para *porretes,* cabos de enxada, etc.; fig., a enxada: "Eu quero é vê vacê no cabo do *guatambu,* seu prosa!" | Tupi.

GUÀTAPARÁ, s. m. - certa espécie de veado. | Tupi.

GUÀXATONGA, AÇATONGA, AÇATUNGA, etc., s. f. - árvore da fam. das Flacourtiáceas, cujas folhas e casca são consideradas como poderoso remédio, em infusão, para feridas e queimaduras. | Tupi.

GUÁXE, s. m. - pássaro ("Cassicus haemorrhous"). | "Japira", "japi", "japu", "xexeu", etc., em outros Estados do Br.

GUINI(LH)A, s. f. - andadura rasteira, que rende bastante; o mesmo que *esquipado.*

GUMITÁ(R), *vomitar,* v. t. | É forma pop. também em Port. (J. J. Nunes, p. LXXX). Cp. "goraz", de **vorace(m)**, "**golpelha**", de **vulpecula**, "**gastar**" de **vastare**; aqui mesmo, em S. P., *guapô,* "vapor".

GUNGUNÁ(R), v. t. e i. - rosnar, resmungar. | Africanismo?

GUSPE, *cuspo,* s. m. | Cp. *fixe* (fiche) por **fixo**, *aspre* por **áspero**, *cartuche* por **cartucho**.

GUSPI(R), *cuspir.* v. i.

HAME, intj. indicativa de reflexão momentânea, de admiração, de censura: *"Hame...* - o meió é a gente disisti disto". - *"Hame,* cos diabo! não esperei por esta, nho Jusé!" - Um exemplo de C. P.:

"- Mais o potro é novo e vancê curano...
- Se sará...
- ... vai pissuí um alimá de premêra.
- *Hame,* não...

| Alter. de *homem.*

HÁSTEA, s. f. - o mesmo que "haste". | Forma clássica.

HERVADO, q. - diz-se do animal que adoece por ter ingerido alguma planta venenosa.

HÉTICO, q. - tísico; magro e fraco em excesso. | Não é brasileirismo, mas não deixa de ser curiosa a conservação deste voc., quase de todo desusado na língua culta:

Qu'eu quando casei com ella
Dizião-me - **hétega he;**
E eu cuidei pola abofé
Que mais cedo morresse dia,
E ella anda ainda em pé.
E porque era hétega assim
Foi o que m'a mim danou:
Avonda qu'ella engordou,
E fez-me **hétego** a mim.
(Gil. V., "Auto da Feira").

O fato de ser posto na boca de um rústico por Gil V., e já alterado para "hétego", mostra que foi voc. pop. também em Port.

HÓME(M), s. m. - Muito usado como intj., para denotar:

- receio: *"Hóme...* as coisa tão ficano rúin, percisa tomá cuidado!"

- espanto: *"Hóme!...* nunca vi coisa dêsse geito..."

- reflexão súbita: *"Hóme,* ante meió bamo vortá pra casa".

Às vezes o voc. aparece completamente desfigurado, soldando-se com outros. A intj. UÉI-ME!, muito vulgar, e que denota impaciência, agastamento, parece ser uma condensação de "olhai, homen!"

HÓMIESTA, representa o nosso vulgar "homem, esta!" V. HAME.

lAPA, *ilhapa,* s. f. **-** tira de couro na extremidade do laço, presa à argola. | Também usado no R. G. do S., onde Romag. colheu ainda a forma "ailhapa". No Rio da Prata, "llapa". Do quechúa "yapana", seg. alguns.

IMBAÚVA, s. f. - árvore da fam. das Artocarpáceas.

IMBIGO, s. m. - "Embigo" é forma pop. antiga, usada literariamente até que se introduziu "umbigo", mais chegada à latina.

IMBIRA, s. f. - fibra vegetal que se emprega como corda.

ESTAR NAS -: estar em péssimas condições de vida, em penúria extrema.

IMBIRUÇÚ, s. f. - certa árvore do mato. De "imbira uçú".

IMBIRRÂNCIA, s. f. - teimosia, embirração, acinte.

IMBOLÁ(R), v. t. - deitar por terra; fazer cair inerte, de brusco; matar. *"Imbolei* o tar sujeito c'um pontapé na barriga". - "A febre *imbolô* o coitado do nho Fidêncio!" *Cp. bolear.*

IMBRAMÁ(R), v. t. - embaraçar, enroscar (fios, cordas).

IMBRAMADO, q. - embaraçado, enroscado: "Esse barbante está muito *imbramado,* não me serve

IMBÚIA, s. f. - árvore cuja madeira é preciosa em marcenaria: "Nectandra speciosa".

IMBURUIÁ(R), *embrulhar,* v. t. - "Acabada a dansa e a musica... os seis **desembarulhão** os envoltorios que traziam..." ("Peregrin.") - "E os escudeyros q. asy desapousentauã se **emborilharom** com o corregedor..." ("Cron. do Cond.", cap. XV).

IMBURUIADA, *embrulhada, s. f.* - | *"...*Apesar das **emburilhadas** *e* demandas em que frequentes vezes o mettia D. João de Ornellas". (Herc.)

Mistura o ceo com cebolas,
E huãs **emburilhadas** -
(Gil. V.. "Com. de Rub.")

IMBURUIADO, *embrulhado,* part. e q. | "...e loguo no seisto tem hum vaso como escudela e nele **emborilhado** huma cadea de cabeças de meninos e huma cobra..." (D. João de Castro, descrição dos templos de Elefanta; em M. de S. Pinto).

IMBURÚIO, *embrulho,* s.m.

IMITANTE, part. pres. de "imitar": "uma coisa *imitante* ferro". É este um dos poucos exemplos do part. pres. antigo, conservado com a sua força participal. E é curioso que, justamente o mesmo, se conserve também literariamente, como se verifica em Camilo: "... berros clangorosos **imitantes** a mugidos de bois". - "...tendo lido trezentos volumes de novelas, não encontrara caso **imitante**". ("Brasileira de Prazins").

IMUNDÍCIA, s. f. - caca miúda. | Acreditamos que a idéia predominante é a de quantidade, e que o t. se aplique a outras coisas abundantes. Assim o colheu Taun. em M. Grosso ("Inoc."). - É possível que se ligue a MUNDO = quantidade. "Imundicie" soaria ao caipira como uma simples ampliação formal desse termo.

IMPACADÔ(R), q. - que costuma empacar (animal de sela).

IMPALAMADO, q. - pálido e magro, escaveirado: "Nho Chico, despois que teve sesão, ficô *impalamado* que nem difunto". | Vacilara muito os dicionaristas e vocabularistas na etimologia deste t. Morais tira-o de **empelamado, empalemado,** e dá-lhe o sentido de emplastrado, cheio de emplastros. O "Novo Dic." descobre-lhe, no uso popular, port., esse mesmo significado e mais estes: que tem edemas, achacadiço; mas não lhe aponta étimo. - Diz J. Rib. ("Folklore", cap. XIX) que o t. no Brasil, mormente nas regiões do Norte, designa doente de opilação; e, por via de razões que desenvolve longamente, pensa esse autor que "empalamado" absorveu, aqui, o sentido de outro qualificativo - "empanemado", de "erapanemar" que por sua vez deflui de "panema", caipora, desdita. - Também no sertão dos lados de M. Grosso, "empalamado" significa, ou significou outrora, doente de opilação; e "moléstia de epalamado", essa doença. (Taun., "Inoc.", cap. XVI). - Não duvidamos que, em S. P., o t. signifique também "opilado" e outras coisas; mas não o conhecemos senão na acepção registada acima.

IMPALIZADO, s. m. - tapume de galhada e folhagem, que se usa em recintos destinados a festas. | Do cast.

IMPIPOCAR, v. t. - criar pipocas, borbulhas ou coisa parecida: "A parede *impipocô,* de certo porque o rebóque foi mar feito". - "Eu estô com a cara *impipocada* de bertoeja". | V. PIPOCÁ(R).

INAMBÚ, INHAMBÚ, NAMBU, s. f. - designa várias aves do gen. "Crypturus", fam. das Perdíceas. | Tupi.

INCAIPORÁ(R), v. t. e i. - tornar (alguém) caipora, ser-lhe funesto; tornar-se (alguém) caipora, desditoso, perder a "sorte".

INCAMBOIÁ(R), v. t. - prender juntamente (dois ou mais indivíduos, veículos, etc.) : "... ligariam os batelões um ao outro e assim, unidos os homens restantes, teriam força para levar as embarcações *encamboladas".* (C. P.). | De cambau? De comboi?

INCANOÁ(R), v. t. - encurvar no sentido do comprimento; diz-se que uma tabua *incanôa* quando empena de modo a apresentar uma concavidade longitudinal. | De canoa.

INCARANGADO, q. - tolhido, entrevado: "O véio ficô *incarangado* co friu". | Usado de norte a sul do país. Não é brasileirismo, apesar de figurar como tal em diversos vocabulários.

INCOMENDÁ(R), v. t. - recomendar, incumbir: *"Incomendei* pra meu fio que me truxesse uma bassôra da vila". | "Encomendouos e mandouos que êste regimento cumpraes *e* goardeys..." (Regimento expedido a Dom João de Castro quando comandante da expedição contra os piratas, 1542; em M. de S. Pinto).

INCOMPRIDÁ(R), v. t. - aumentar, acrescentar um pedaço (a uma corda, uma rédea); dar maior comprimento (a uma peça dobrada ou afivelada, como um loro, uma laçada, etc.).

INCOSTÁ(R), v. t. - vibrar, bater sobre alguma coisa (relho, pau) *"Incoste* o cacete nêsse disgraciado".

INDAIÁ, s. m. - palmeira, "Attalea indaiá". | Tupi.

INDAGUAÇÚ, s. m. - palmeira.

INDAS, *ainda,* adv. | Esta forma só aparece quando seguida de *que,* formando conj.: *"Indas* que fosse verdade..."

INDEREITÁ(R), ENDEREITÁ(R), *indireitar,* v. t. e i. - tornar direito, destorcer, corrigir; emendar-se: "Esse sujeito não *endereita". "...* eu a **endereitarey**". ("Eufros.").

INFERNO, s. m. - Vasadouro onde verte a água que passa pelo monjolo: "Destapada a bica, um gorgolar d'enxurro escachoou no cocho, encheu-o, desbordou para o *inferno".* (M. L.).

INFERNAÇÁO, s. f. - ato de *infernar,* isto é, aborrecer, importunar.

INFICIONADO, q. - sujo; mal cheiroso; atacado de ferida brava. | "Bem o experimentais na força daquelas hervas, com que *inficionados* os poços e lagos, a mesma água vos mata..." (Vieira).

INFRENÁ(R), v. t. - enfreiar. | Castelhanismo corrente no R. G. do S., de onde veio de certo.

INGÁ, s. m. - árvore da fam. das Leguminosas; a vagem adocicada e refrigerante que ela produz.

INGAZÊRO, s.m. - árvore do ingá. | Seg. T. Samp., o indígena chamava a esta árvore "ingahiva".

INGAMBELÁ(R), v. t. - enganar, atrair com engodos. É t. de todo o Brasil, ou quase todo. - Alter. de **engavelar**, isto é, enfeixar, como a gavelas. Cp. *empacolar, embrulhar,* sinons. de "lograr".

INGIRIZÁ(R), v. t. - encolerizar, aborrecer. Alter. de ogerizar?

INGÜENTO, s. m. | Encontra-se nos antigos, notadamente em Gil V. "... a paciência que he milhor ingoento que ha hi para as chagas da paixam". (D. Joana da Gama).

INHAME, s. m. - designa plantas semelhantes à taióva, e a própria taióva. | Há quem o pretenda identificar com *cafá,* mas, em S. P., são coisas bem distintas. Encontra-se na carta de Caminha: "... e que lhes davam de comer daquela vianda que elles tijnham, saber mujto jnhame, e outras sementes que na terra ha, que eles comem". - Africanismo?

INHATO, q. - o que tem o maxilar inferior saliente. | Romag. registou no R. G. do S. como sinon. de *chimbé,* o que tem nariz arrebitado e curto, e dá-lhe etimol hispano-americana. em S. P., tem a signif. apontada. Não será alter. de **prognata**?

INJUÁ, *enjoar,* v. i. - aborrecer-se, sentir-se farto: "Cumi tanta jabuticaba, que *injuei* (delas)".

INJUADO, *enjoado,* part. - saciado, aborrecido: "Tô *injuado* desta terra". Assume a signif. ativa de impertinente, cerimonioso, antipático: "Aquilo é sojeito *injuado,* que ninguém aguenta".

INJUAMENTO, *enjoamento,* s. m. - qualidade ou ato de quem é *injuado,* isto é, cerimonioso, melindroso, arredio: "A Maruca, despois que tratô casamento co Jovino, anda *injuamento* insoportave".

INLEIÇÃO, *eleição,* s. f. | "E rreteue pera sy e pera todos seus sobcessores o consetimento da **inleiçom** que fezessem das abadesas quando alguã ouvessem **d'enleger** em abadesa d'esse mosteiro". ("Chronica breve", séc. XIV).

INORÁ, *ignorar,* v. t. - estranhar, censurar: "Ele *inorô* muito de eu ir bater na sua porta àquelas horas". (V. S.). | A forma é antiga: "...tome Vossa Alteza minha **inorancia** por boa vontade (Cam.).

INQUIZILÁ(R), v. t. - encolerizar, aborrecer: "Aquêle negócio me *inquizilô* de tar geito, que nem quero que me falem nêle." | De **qizilia**, ou, melhor, **quizila**, do afr. "quigila = repugnância, antipatia. - em Port. há **quizilar**, que é absolutamente desconhecido do nosso povo.

INREDÊRO, q. - enredador, mexeriqueiro.

INREDÊRA, q. - que faz enredos, mexeriqueira.

INSIÁ. *ensilhar,* v. t. - selar. | Escreve-se também "encilhar", como se derivado de **cilha**; acreditamo-lo antes derivado de **silha (sedicula)**, talvez pelo cast. "ensilhar

INTE, *até,* prep. e adv.

INTÊRO, ENTERO, *inteiro,* q.

INTERADO, q. - completo, acabado (falando-se do malandro, do sujeito ordinário) : "É ruim *inteirado,* dizia o povo". (M. L.).

INTICÁ(R), v. i. - "implicar", mostrar má vontade ou birra: "Aquêle sojeito anda *inticando* cumigo". | O "Novo Dic." regista inticar como t. açoriano e brasileiro, mas dá "enticar-se" como transmontano. Cp. impeticar", com sentido muito aproximado, neste passo de Camilo: "Marta ía nos quatorze, quando o pai a quiz tirar da mestra. Chegara-lhe aos ouvidos que os estudantes, má canalha, lhe impeticavam com a filha". (J. Mor.. "Estudos", 2.º v., 238).

INTIJUCÁ(R), v. t. - fazer tijuco em: enlamear.

INTIJUCADO. q. - sujo de lama.

INTIMÁ(R), v. i. - proceder com espetaculosa arrogância, com soberba, com exibicionismo e aparato: "A Ginoveva bota vistido de seda na cidade. Só pra *intimá!"* | É verbo trans. e intr. na língua culta, tendo, entre outros, a acepção de falar com intimativa, com energia, com autoridade. Daqui, naturalmente, a evolução de sentido no dialeto.

INTIMAÇÃO, s. f. - ação de INTIMAR.

INTIMADÊRA, q. - fera. de INTIMADÔ(R).

INTIMADÔ(R). q. - o que INTIMA (ver este verbo), o que gosta de exibir a sua autoridade, a sua força, a sua riqueza: "Nunca vi sojeito mais *intimado* do que seu coroné Perêra".

INVEREDÁ(R), v. i. - entrar com ímpeto, caminhar apressadamente *(através* de uma casa; entre um grupo de pessoas; *para* determinado ponto): "Ele foi chegando e *inveredando* lá pra a cuzinha". - "Mar me viu, *inveredo* pro meu lado". | T. port., com acepções diversas.

INZEMPRO, *exemplo,* s. m. | "E porque he cousa muy proveitosa seguir o enxempro desta honrada senhora..." ("Castelo Perigoso". séc XIV).

INZERCÍCIO, *exercício,* s. m. "E tãobem foi per mym muito **enxercitada** a levação do polo..." (Carta de D. João de Castro, em M. de S. Pinto).

INXUITO, q. | Forma antiga do partic. irreg. de enxugar.

Nos saudosos campos do Mondego
De teus fermosos olhos nunca enxuito
("Lus.")

INVERNADA, s. f. - pastagem onde se deixam descansar e refazer os animais eqüinos e bovinos, após viagem extensa ou longo tempo de serviço.

IPÊ, s. m. - Designa várias espécies de uma bignonácea do gen. "Tetoma": ipê amarelo, cascudo, roxo, jabotiá, etc. (H. P.) | Tupi.

IRÁRA, s. f. - mamífero do gen. "Galictis". | Do tupi: comedor de mel (?).

ISCÁ(R)[1], v. t. - prover de isca (o anzol): "...*isquei* o anzó lavei a tripaiada". (C. P.).

ISCÁ(R)[2], v. t.- atiçar (o cão): "Se contá prosa, isco o Fidargo im riba dêle". | Quando se estimulam cães, pronunciam-se, entre cliques e estalos de língua e de beiços: "busca! busca!"

Este verbo freqüentemente se reduz a "'sca! 'sca!", que soa quase como "isca! isca!", quando deveras não soa assim. Daí o *iscar* aqui registado.

ISQUÊRO, s. m. - pequena caixa de chifre ou de metal, onde se guarda a isca de algodão para fazer fogo: usam-na os fumantes, e trazem com ela a *pedra de fogo* e o *fuzil,* com que acendem à isca; fig., o anus.

ISSÁ, s. m. - Formiga saúva do sexo femin., tanajura. | Às saúvas fêmeas chamavam os tupinambás "issá", e às masculinas "sabitú". (B. - R.).

ISTO, pron. substantivado: - "Eu escutei tudo quieto, num disse um isto".

ITAIMBÊ, ITAMBÉ, s. m. - morro cortado a pique, despenhadeiro. | Tupi.

ITÉ, ITÊ, q. - adstringente, ácido: "... arredia e *ité* como a fruta do gravatá". (M. L.). B. - R. regista como insípido, sem gosto", e dá como exemplos: uma comida *ité,* uma fruta *ité".* Não conhecemos a palavra com tal acepção. | Tupi?

IXE!, intj. de desprezo ou desdém: "Você é que há de bardeá essa tremzama, cura êsses bracinho? *Ixe!..."* | É mais ou menos geral no Brasil.

INZEMPRÁ(R), v. t. - castigar: "Êle tava *inzemprando* o fio quando eu cheguei". | De *inzempro* = **exemplo**.

INZEMPRO, *exemplo,* s. m. | Em Rui de Pina, como em outros escritores antigos, encontra-se **enxempro**, forma regular. Cp. **enxuto, enxada, enxame, enxaguar, enleger,** e outros vocs. nos quais o *e* inicial, constituindo sílaba, se nasalou.

JABORANDI, s. m. - arbusto medicinal, "Pilocarpus sennatifolius". | Tupi.

JABURÚ[1], s. m. - certa ave pernalta, "Micteria americana". | Tupi.

JABURÚ[2]**,** s. m. - certo jogo de cartas.

JABUTICAVA, s. f. - fruto da *jabuticavêra.* | Tupi: "yabutiguaba", comida de cágado. Forma literária: "jaboticaba".

JABUTICAVÊRA, s. f. - mirtácea cujo fruto é muito apreciado. Há várias espécies domésticas e *do mato,* muito semelhantes umas às outras. Alt. de "jabuticabeira", que geralmente se escreve "jaboticabeira".

JACÁ, s. m. - cesto de taquara. - Há-os de diferentes dimensões e formas, para vários usos. Dá-se, notadamente, esse nome a um cesto estreito e comprido de metro e meio a dois metros, usado para o transporte de galinhas e frangos. | Do tupi "aijacá"

JAÇANÃ, NHAÇANÃ, s. f. - ave ribeirinha, do gên. "Parra". | Tupi.

JACARANDÁ, s. m. - designa várias árvores da fam. das Leguminosas: j. *branco, preto, rosa, roxo,* etc. Há ainda uma espécie denominada *jacarandazinho.* | Tupi.

JACARÉ, s.m. - espécie de crocodilo ("Crocodilus sclerops"). | Tupi.

JACATIRÃO, JAGUATIRÃO, s.m. - árvore de capoeirão, melastomácea. | Tupi.

JACÚ, s. m. - designa várias espécies do gên. "Penelope". | Tupi.

JACUBA, s. f. - mistura de açúcar, ou rapadura com farinha e água. Com variantes de sentido, é t. usado em quase todo o Br., até no extremo norte.

JACÚTINGA, s. f. - galináceo do gên. "Penelope". | Tupi yacu-tinga", jacú branco.

JAGUANÉ, q. - diz-se do boi malhado de certa maneira. Romag. (R. G. do S.) descreve - fio do lombo branco, os lados das costelas preto ou vermelho, e, geralmente, barriga branca. Seg. o Barão Homem de Mello, citado por B. - R., dir-se-ia também por aqui *jaguanés,* o que está mais de acordo com a forma chilena "aguanés". Contudo, Firmino Costa ("Rev. do Br.") escreve "jaguaney". - Há em tupi "iaguanê", significando "fétido de onça" (T. Sarapaio), mas provavelmente sem relação alguma com o t. em questão.

JAGUÀTIRICA s. f. - espécie de onça pequena ("Felis mitis"). | Tupi.

JALEIA, *geleia,* s. f. - Forma registada já por F. J. Freire, que a condenava.

JANGADA, s. f. - espécie de balsa feita com paus amarrados entre si.

JANTA, s. f. - jantar. | É forma pop. também em Port.

JANTÁ, s. m. - árvore frondosa, de madeira vermelha.

JAÓ, s. f. - espécie de pombo selvagem, "Crypturus noctivagus" | Voz onomatopaica. "Zabelê" de outros Estados.

JAPONA, s. f. - espécie de capa de baeta.

JARACATIÁ, s. m. - árvore leitosa, de lenho mole. | Seg. B. - R. há no Br. duas ou mais espécies com este nome, todas do gên. "Caryca" c fam. das Papaiáceas. - O leite de jaracatiá é empregado pelos curandeiros da roça. - Tupi.

JARAGUÁ, s. m. - capim muito estimado para pasto. | Parece provir de nome próprio de lugar.

JARARÁCA, s. f. - designa diversas espécies de serpentes ("Bothrops"); pessoa colérica. | Seg. Gabriel Soares os indígenas diziam "gereraca" (B. - R.). T. Sampaio dá "yará-raca",

JARARACUÇÚ, s. f. - jararaca grande.

JARIVÁ, JERIVÁ, s. m. - palmeira do gên. "Cocos".

JATAÍ[1], JETAÍ, JUTAÍ, s.m. - leguminosa das nossas matas, "Hyraoenea stigonocarpa", Mart. Há ainda *jatai-peba* e j. *vermelho.*

JATAÍ[2], JATEÍ, s. f. - abelha selvagem, "Mellipona", cujo mel é muito apreciado. | Segundo T. Sarapaio, o nome dessa abelha vem da sua predileção pela árvore assim chamada.

JATOBÁ, s. m. - leguminosa muito semelhante ao JATAÍ[1]. | Seg. H. P. chamam-lhe também, em S. P., *óleo de jataí.* Diz T. Sampaio que, em tupi, *jatobá* designa apenas o fruto do *jataí,* sendo alter. de "yataybá".

JAÚ, s. m. - grande peixe de rio. | Tupi.

JAVEVÓ, q. - desengraçado, insulso, corrido (falando-se de pessoa).

JERÈRÊ, s. m. - erupção cutânea, como bertoejas.

JIBÓIA, s. f. - ofídio do gên. "Boa".

JINÉLA, *janela,* s. f. | Esta forma veio por "jenela", antiga em Port,. já registada por F. J. Freire.

JIQUITÁIA, s. f. - pimenta em pó. | Do tupi "juquitaia", sal ardente, seg. B. - R.

JIQUITIBÁ, s.m. - mirtácea de grande altura.- Há j. *amarelo, branco* e *vermelho.* | É a maior árvore da flora e das maiores do mundo (B. - R.) - Costuma-se escrever "jequitibá". - Tupi.

JIQUITIRANABÓIA, JAQUIRANABÓIA, JITIRANABÓIA, s. f. - inseto de feio aspecto, tido por terrivelmente venenoso. | Tupi "jaquirana-boy", cigarra-cobra, "alusão à forma e manchas do inseto, e não ao veneno, que não tem" (T. Sampaio). A lenda ter-se-ia pois originado de uma interpretação errada do nome.

JIRAU, s. m. - estrado de varas ou tábuas, colocado sobre esteios, ou na parte superior de uma parede, para nele se depositarem objetos quaisquer, ou para se fazer algum serviço, como de serra, que demande altura para o competente manejo.

JISSARA, s. f. - palmácea cujo coco é comestível.

JOÇÁ, s. m. - os pêlos da cana de açúcar.

JUÃO-DE-BARRO, s. m. - pássaro que constrói uma casa de barro com repartições internas, dependurada a um galho de árvore.

JUÁ*, s. m.* - fruto de um arbusto espinhoso da fam. das Solanáceas; esse mesmo arb. Há uma esp. comestível; de sabor doce e agradável, e há outras que são tidas por nocivas - *j. bravo* e j. de *cobra.* Na Bahia e outros Estados do Norte juá é coisa diversa, é o fruto do "juàseiro" árvore do gên. "Zizyphus". - Tupi "yú-á", fruto de espinho (T. Sarapaio).

JUDA(S), s. m. - boneco de grandes dimensões, feito geralmente com velhas roupas de homem ou mulher, cheias de palhas ou de trapos. Costumavam colocar-se vários exemplares no alto de postes, pelas esquinas, em sábado de aleluia, para que o rapazio, após a cerimônia da ressurreição, os descesse, arrastasse e destruísse debaixo de grande alarido. | Diz Mons. Dalg.: "Em Goa *judeu* é, em sentido restrito, a figura humana que os rapazes fazem de palha nas vésperas de S. João Batista, vestem grotescamente, escarnecem por algumas horas, e ao sol posto queimam e batem com paus, clamando: judeu! judeu!"

JUDIAÇÃO - s. f. - judiaria.

JUQUIÁ, s. m. - espécie de cesto para apanhar peixes. | Tupi.

JURUPÓCA, s.m. - certo peixe fluvial. | Tupi.

JURURÚ, q. - encolhido, indisposto, triste (falando-se de quaisquer viventes, mas com especialidade de aves). | Tupi.

JURUTI, JURTÍ, s. f. - galináceo do gen. "Columba", espécie de rôla.

LADINEZA, s. f. - ladinice.

LAMBADA, s. f. - golpe de chicote, ou cousa semelhante. O "Novo Dic." dá-o como sinon. de "paulada", o que diverge da signif. brasileira, que parece envolver a idéia de flexibilidade do instrumento. Em Pernamb., segundo Garc., o sentido é idêntico ao que tem em S. P.

LAMBANÇA, s. f. - farroma, jactância, conversa fiada. | Do cast. **alabanza**, provavelmente.

LAMBANCÊRO, q. - o que faz lambança: jactancioso, roncador, palreiro: "Voceis são tudo *lambanciro...* Inganum a gente, despois pinxum pr u"a banda que nem tareco véio..." (C. P.).

LAMBUJA, *lambugem, s. f.* - aquilo que se dá, como vantagem, numa aposta;

> - Eu dô *lambuja!* - Trata-se a carreira.
> - Cola ô lúiz nas trêis queda! - Quem mais qué?
> (C. P.)

| **Lambugem** pertence à língua, com significações essencialmente idênticas.

LAPIANA, s f. - faca de ponta:

> Entra furioso o Chico, e já da estaca despendura a espingarda e põe de lado a aguçada *lapeana*, a enorme faca, e vai de alcance atrás do "amardiçoado".
> (C. P.)

LAPO, s. m. - lanho, corte de faca.

LANÇÓ(R), *lençol,* s. m. | "...comer a mesma mulher, que de má vontade lhe dá para mortalha o **lançol** mais velho da casa..." (Vieira, "Serm. de Sto. Ant.", IV).

LARANJINHA, s. f. - bola de cera oca, do feitio de uma pequena laranja e cheia de água, com que se fazia outrora o jogo do entrudo. B. - R. regista-o como t. do Norte, e sem dúvida o é, sendo também paulista: o que apenas mostra a extensão que teve no pais o uso desse e quejandos brincos carnavalescos.

LÁTICO, s. m. - correia que prende a barrigueira à argola do travessão. | Alter. de **látego**; cp. *cócica, náfico.*

LAZARINA, s. f. - espingarda de cano comprido. | Ainda não ouvimos usado este t., mas foi-nos comunicado por pessoa conhecedora dos nossos sertões. Segundo o "Novo Dic.", vem do nome de um antigo armeiro de Braga, Lázaro, e ainda se aplica a uma contrafação fabricada na Bélgica e exportada de lá para os pretos da África.

LERDIÁ(R), v. i. - tornar-se momentaneamente lerdo; apatetar-se; afrouxar a atividade, a energia, em meio de alguma ocupação: *"Lerdiô* tanto qu'ia perdêno o trem".

LIBURNO, q. - diz-se do animal eqüino cor de chocolate. No R. G. do S. regista-se "lobuno", de orig. cast., provindo de "lobo".

LIGÁ(R), s. m. - couro de boi com que cobrem cargas levadas por animais.

LIVÉ(L), *nível,* s. m. | Em Port. corre também esta forma pop. e arc., "mais fiel ao seu étimo, de **libelum**". (M. dos Rem., Obras de Gil V., gloss.). Em Gil V. encontra-se **nivél**, em F. M. Pinto, **livél**. "Deste muro para dentro tem um terrapleno que vera ao **livel** com as ameias..." (CLIX). - F. J. Freire preferia a forma com *n* (sem dizer nada da acentuação) por mais conforme ao francês "niveau", de onde julgava oriunda. Herculano usou **livél**, tendo a outra variante por deturpação.

LIVIANO, q. - leve: "Carregue esse pacote, que é *livianinho".* | Em cast., "liviano", forma e sentido idênticos.

LOJA, s. f. - casa comercial onde se vendem fazendas a retalho. Também se diz *loja de armarinho, loja de ferragem.* | O t. em port. refere-se ao edifício, ou à parte dele que fica ao rés do chão; aqui tomou-se o conteúdo pelo continente. - Do it. "loggia".

LOJISTA, s. m. - negociante estabelecido com LOJA.

LOMBÊRA, s. f. - derreamento, preguiça: "... era só *lombeira* pr amor da calma do dia..." (V. S.).

LONCA, s. f. - couro cujos pêlos foram raspados a frio: "Manheceu duro no pasto e eu num quiz nem proveitá o côro pra tirá *lonca..."* | (C. P.) Cast. **lonja**.

LONQUEÁ(R), v. t. - raspar (um couro).

LUNA, *lua,* s. f. | Forma arc. intermediária: **luna(m) -> lu"a -> lua**.

Os cornos ajuntou da eburora lu"a
Com força o moço indomito excessiva.
(Camões).

LUITA, *luta,* s. f. | Forma arc. em que o *i* representa o *c* primitivo: lucta(m). - Temos uma vaga reminiscência de haver também ouvido, há muitos anos, *loita,* que é outra forma arc.

LUITÁ(R), ALUITÁ(R), *lutar,* v. i. | Forma arc.: "...que nos ajudavam deles a acaretar lenha e meter nos batees e **lujtavam** com os nosos..." (Caminha).

LUMBIO, *lombilho,* s. m. - espécie de basto ou selim.

LUNANCO, q. - diz-se do equídeo que tem um quarto mais baixo. | Do cast. **lunanjo**.

MANGUÊRA, MANGUÊRO, *mangueiro,* s. f. e s. m. - recinto fechado onde se recolhe gado.

MANHA, s. f. - choro sem motivo (especialmente de criança).

MANHÊRA, s. f. - pranto prolongado e sem motivo.

MANJUBA, s. f. - comida boa, quitute. | No Rio de J. e algures, designa um peixe miúdo; na Bahia, uma comida. Em antigos escritores encontra-se **manja** e **manjua**:

Não é aquela a tua granja,
Pois se lá fala de siso
E não é terra de manja.
(Sá de Mir., "Extrangeiros").

MACAIA, q. ? - diz-se do *fumo,* ou tabaco ordinário: "Fumo é cumigo". | Não se encontra nos vocabulários de brasileirismos que consultamos. Empregou-o, porém, há muito, Greg. de M., na poesia "Verdades":

Tabaco pobre é **macaya.**

MAÇARANDUBA, s. f. - árvore sapotácea, de que há três espécies - a *amarela,* a *vermelha* e a *de leite.*

MACEGA, s. f. - capinzal do campo. | É t. port., com variantes de sentido.

MACÓTA, q. - grande, forte, excelente, importante: "Seu coroné Tinoco e *macóta* aqui na terra". -

Na sala o cururu e, no terreiro,
o samba ferverá, samba *macóta*.
entre os sons da viola e do pandeiro.
(C. P.)

T. bundo, com que os pretos designam o conselheiro do soba.

MACUCO, s. m. - designa várias espécies da fam. "Tinamidae".

MADAMA, s. f. - mulher estrangeira; costureira; parteira.

MADÓRNA, s. f. - modorra, sonolência. | Forma registada por F. J. Freire como autorizada e como preferida dos autores.

MADRINHA, s. f. - égua que vai à frente de uma *tropa,* levando *cabeçada* e guizos, a servir de guia aos outros animais.

MÃE D'ÁUA, - *d'água,* s. f. - ente fantástico: superstição aborígene, geral em todo o pais.

MÃE DE ÔRO, - *de ouro,* s. f. - ente fantástico, vago e informe como todos os que restara da mitologia aborígene, de caboclos e sertanejos; como o t. indica, atribui-se-lhe o papel de geradora do ouro: "Os véio dizium que a *Mãe de Ôro* morava ali no poço..." (C. P.).

MAGINÁ, *imaginar,* v. t. e i. - meditar, pensar insistentemente. Forma e sentido são de época recuada do idioma: "... até ora nem foi sabido nem **maginado** algum segredo que nesta parte alcamcei..." (Carta de D. João de Castro, em M. de S. Pinto, p. 21).

MAGRUÇO, q. - um tanto magro: "Rapáiz, vacê tá *magruço,* percisa tomá remédio". Às vezes se usa o aumentat.: "um sojeito *magrução",* isto é, meio magro, mais magro que gordo.

MALIMPREGÁ(R), *mal-empregar,* v. t. - lamentar o destino que teve alguma dádiva, ou coisa considerada valiosa: "Eu *mal-imprego* o tempo que gasto cum êste servicinho atôa". - "Nha Chica vive *malimpregando* o dinhêro que deu pras fia".

MALACARA, q. - diz-se do animal que tem mancha branca na cara, da testa abaixo. | De **malha** = mancha e **cara**, ou do cast. **mala cara**?

MALACAXETA, s. f. - mica.

MALUNGO, s. m. - amigo, camarada: "O preto Tibúrcio era *malun*go dos Pereiras". | Seg. B.- R., era o nome que os escravos africanos davam aos que tinham vindo com eles na mesma embarcação.

MÂMÁ, s. f. - nome com que outrora se designava a preta que servia de ama de leite.

MANDIOCA, s. f. - "Manihot utilissima".

- PUBA, polvilho fermentado.

MANDIÒQUINHA, s. f. - planta que dá umas raízes semelhantes às da mandioca.

MAMANGAVA, s. f. - vespídeo zumbidor, cuja ferretoada é dolorosa. | Será o "mangangá" do Norte?

MAMINHA DE PÓRCA, MAMICA DE -, s. f. - árvore da fam. das Rutáceas.

MAMONA, s. f. - rícino, especialmente a respectiva baga.

MAMONERO, s. m. - a planta do rícino.

MAMÓTE, s.m. - bezerro que ainda mama.

MAMPÁ(R), v. t. - comer.

MAMPARRA, s. f. - vadiação, delonga injustificada, subterfúgio. | Existe em cast. "máncharras", "chámcharras", que significa "rodeios, pretextos para deixar de fazer alguma coisa". É, evidentemente, por aí que se deve rastrear o étimo do nosso t., e não na esquipática formação "mão + parar", algures proposta.

MAMPARREÁ(R), v. i. - vadiar, estar com delongas sob falsos pretextos.

MANCÁ(R), v. i. - manquejar.

MANDAÇÁIA, s. f. - certa casta de abelha.

MANDAGUARI, s. f. - certa abelha silvestre.

MANDÍ, s.m. - certo peixe de rio.

MANDINGA, s. f. - feitiçaria: "Foi êle que botô *mandinga* na sua casa por orde do vendêro novo da incruziada do Sapupema..." (C. P.) | **Mandinga** designava a região da África ocidental que compreende os povos das margens do Niger, Senegal e Gambia. Acha-se em Camões.

MANDINGUERO, q. - fazedor de mandingas, feiticeiro.

MANDOROVÁ, s. m. - designa várias lagartas peludas, cujo contato produz dores vivas. | Af. Taun. regista "marandová", que nunca ouvimos; Romag. colheu, no, R. G. do S., "maranduvá". Do guar. "marandobá" (B. R.).

MANDUCA, diminut. carinhoso de Manuel. Outros: Mandú, Mané, Maneco. Todos admitem nova desinência diminutiva: Manduquinha, Manequinho, etc.

MANEJA, s. f. - correia com que se manietam animais eqüinos; espécie de peia.

MANÊRA, s. f. - abertura na saia, contígua e perpendicular ao cós, para facilitar a passagem pelo corpo no ato de vestir ou despir.

MANGABA, MANGAVA, s. f. - fruto da mangabeira. | Do tupi.

MANGABÊRA MANGAVÊRA, s. f. - árvore da fam. das Apocináceas.

MANGAÇÃO, s. f. - ato de MANGAR.

MANGÁ(R), v. i. - vadiar, estar com delongas e evasivas em algum serviço: "Se não tivesse *mangado* tanto, já estava pronta a róça".

MANGARITO, s. m. - planta da fam. das Aroideas, que dá uns tubérculos comestíveis; o tubérculo por ela produzido. | Dimin. de "mangará". Primitivamente se lhe chamava mangará-mirim", seg B. - R.

MANGUARI, s. m. - indivíduo alto e corpulento: "O João, que parecia tão fraquinho, agora está um *manguari".* | Também usado no R. G. do S. Do guar. "moaguari", garça, ave pernalta (Romag.).

MANQUÊRA[1], s. f. - epizootia dos bovídeos, carbúnculo sintomático.

MANQUERA[2], s. f. - ação de mancar, estado do que é manco.

MANTA, s. f. - usado na expressão "passar a manta", lograr, empulhar (em negócio). | Cp. "capóte", t. de jogo.

MANTEÁ(R), v. t. - enganar (alguém) em alguma venda ou aposta. | De MANTA.

MANTEÚDO, q. - diz-se do animal eqüino bem conservado:

Montado no *manteúdo* pangaré -
(C. P.)

| Garc. colheu-o em Pernamb. - É forma arc. do particípio passado de **manter**.

MÃOZINHA PRETA, s. f. - ente fantástico em que acredita a gente da roça.

MARACUJÁ, s. m. - designa muitas espécies do gên. "Passiflora". | Do tupi "murucujá" (B. - R.).

MARCHA, s. f. - andar suave ou *macio* da cavalgadura.

- BATIDA, quando a passos curtos, levantando o animal as mãos;

- VIAJERA, também a passos curtos, própria para longas caminhadas;

- TROTEADA, mais áspera que as precedentes.

MARCHADÊRA, q. - V. MARCHADÔ(R).

MARCHADÔ(R), q. - diz-se do cavalo que *marcha* bem.

MARDADE, s. f. - pus, matéria: "Rangei um talo de fôia de bananêra, ingraxei co azeite i destampei a garganta: foi um mundo de *mardade".* (C. P.).

MARIA-CONDÊ, s. f. - designa um brinquedo de crianças. | No R. G. do S., "Maria-mucurabé"; no Rio, "M.-mocangué". Em Goiás, C. Ramos colheu "Maria-longuê" num estribilho de "congado". É muito possível que, se não o brinquedo, ao menos a palavra tenha ligação com esse divertimento de pretos.

MARINHÊRO, s. m. - grão de arroz com casca ou com película, que escapou ao beneficiamento".

MARTELO, s. m. - certa medida de vinho ou aguardente, para sumo: cálice grande, dos usuais.

MASCATE, s. m. - vendedor ambulante de fazendas ou quinquilharias.

MASCATEÁ(R), v. i. - levar vida de mascate, vender qualquer coisas de porta em porta.

MAIS PORÉM, *mas porém,* loc. conj.: *"Mais porém* é perciso vancê sabê que o potro tá cum manquera..." (C. P.). É de uso clássico.

MASSAPÉ, MASSAPÊ, s. f. - argila que resulta da decomposição de rochas graníticas, e muito boa para a cultura do café.

MASSURUCA, s. f. - masso, pacote, manolho (de papéis, de dinheiro-papel, de fios, etc.) Cp. **massaroca**.

MATALOTAGE(M), a. f. - apetrechos de viagem, farnel, bateria de cozinha, etc. | Liga-se evidentemente a "matelot"; mas como?

MATAPASTO, s. m. - gramínea considerada como praga.

MATAPAU, s. m. - vegetal que se desenvolve agarrado a uma árvore, chegando a sufocá-la completamente.

MATÉRIA, s. f. - pus. | ...um cancro fervendo em bichos, manando podridão, e **matéria**..." (Vieira)

MATINADA, s. f. - bulha, grita, tropel. | "Com grande matinada de atabaques e buzinas..." (J. de Barros, "Década" III). - "Tudo isto que produzira a **matinada** e revolta que soava do lado da catedral". (Hercul., "Monge de Cister", XVIII).

MATINÁ(R), v. i. - pensar muito, preocupar-se em excesso: "Tá só *matinando* cum êsse negocio, não fala nôtra coisa".

MATUNGO, s.m. - cavalo de serviço; cavalo ordinário:

> Vai **puxando o** *matungo.* entusiasmado,
> desafiando os outros parelheiros -
> (C. P.)

MEA, forma átona proclítica de "minha": "Ela falô pra *mea* ermá que num fartava". (C. P.). - "...saiu na *mea* frente o diabo de um sacizinho preto..." (C. P.) | Encontra-se em documentos arcs. sob a for*ma* "mha", que, segundo L. de Vasc., equivale a "mia". A pronunciação caipira é a que deixamos acima indicada: com *e*, um *e* brando, ou surdo. - Dá-se aqui o que se deu no francês: *mea* corresponde a "ma", adj., *minha* a "mienne", pron.

MECÊ, pron. de tratamento da 3.ª pess. | De **vossa mercê**, que deu toda uma série de formas, nem sempre usadas, indiferentemente, umas pelas outras: *vossuncê, vassuncê, vamicê, vancê, vacê, ocê, mecê.* Este último é mais respeitoso do que *vacê* ou *vancê,* e estes o são mais do que *ocê*, que se reserva para crianças e íntimos, sendo, porém, mais usado pelos pretos que por outra qualquer gente.

MEIA JÓRNA, loc. usada com referência a cavalgaduras cansadas, ou fracas: "um cavalinho de *meia jorna".*

MEIÓ; MIÓ, *melhor,* comparat. Existem na língua antiga as duas formas **melhor** e **milhor**. L. de Vasc. considera normal a segunda, e a primeira atribuia a influência do lat. **melior**. Temos aqui *meió* e *mió* entre caipiras. A gente educada diz, invariavelmente, "melhor".

MEIO[1], s. m. - na expressão *neste meio,* isto é, entrementes, nesta ou nessa ocasião. | "E elle pagou bem o corrigimeto da espada como se adiante dira em seu lugar. Em **esto meeo** chegarom novas a Santarem de como o meestre matara o conde Johã Fernãdez..." ("Cron. do Cond.", XVII).

MEIO[2], usado com uma sintaxe especial em frases como esta: "Ele vinha vindo pro nosso lado; de repente, meio *que parô,* oiô im roda, i cuntinuô". "Meio que parô" vale, mais ou menos, "como que parou", "entreparou", "deu mostra de querer parar". - Eu não intendo nho Jusé: a gente fala nêsse negócio, êle *meio* que não gosta..., isto é, "a modo que não gosta, parece não gostar muito". Tais proposições se ligam, pelo sentido, às expressões "ficar *meio* parado", *"meio* desgostoso e, pela forma, ao tipo das construídas com a loc. "a modo que" (loc. reduzida, no dialeto, a *mod'que, mó que).*

MÊIZÍNHA, *mézinha,* s. f. | Releva notar que a 1.ª forma, que é a caipira, está mais próxima ao étimo (**medicina(m)**), representando, possivelmente, a geral pronunciação antiga.

MELADO, q. - que tem mancha na cabeça abrangendo os olhos, em geral avermelhados, nesse caso (o animal eqüino).

BRANCO -, albino, aça.

MELADO, s.m. - caldo de cana engrossado, no engenho; por ext., sangue que se derrama: "Tomô uma pancada na cabeça; foi só *melado..."*

MELÁ(R), v. i. - tirar mel.

MÉR DE PAU, MÉ DE PAU, *mel de pau,* s.m. - mel de abelhas que vivem nos troncos das árvores.

MÉR DE CACHÔRRO, s. m. - mel de uma casta de abelha que o fabrica dentro da terra; também designa a própria abelha.

MEMBÊCA, q. - designa, aposto a *capim,* uma gramínea que se usa para enchimento de cangalhas, além de outras aplicações. | Tupi "merabéca", mole.

MEMÓRIA, s. f. - anel. | Teria sido de uso geral na língua, pois que o empregaram, há muito, no Norte, como se vê do livro "O Ceará", de J. Brígido, e usa-se no R. G. do S., onde o vemos empregado por S. Lopes.

MISERÁVE(L), q. - humilde, inofensivo.

MITRA, q. - avaro.

MIUDEZA, s. f. - objeto pequeno; negócio ínfimo. Usa-se, freqüentemente, no plural.

MIUDINHO, s.m. - certa dança que se costuma encartar numa "quadrilha", como uma das suas "marcas".

MINDUIM, *amendoim,* - leguminosa conhecida, "Arachis hypogoea" | São correntes no Br., além da registada, que é a legitimamente paulista, as formas "mendobi", "mandubi' "mudubim", etc. Do tupi. - Já Gabriel Soares escrevia "amendoï", afeiçoando o voc. a uma forma que lhe era familiar.

MINGAU, s. m. - espécie de papas de farinha. | Da ling. ger., segundo B. Rodr.

MINGO, dimin. carinhoso de Domingos. Admite desin. diminutiva: Minguinho, Mingóte.

MIQUEADO, q. - diz-se de quem perdeu ou gastou todo o dinheiro que trazia, ou que possuía: "F. não acaba aquela obra; anda *miqueado".*

MENHÃ, MINHÃ, *manhã,* s. f. | "...se ajuntem comvosco todolos dias pela **menhã**..." - "... cada dia pela **menhã** vos saluem..." (Regimento real a Dom J. de Castro, em M. de S. Pinto, p. 381, nota).

MERMO, *mesmo,* adj. det.: "Conto *mermo* pra nho pai..." - "Cumia um fiapico só, isso *mermo* a força..." (C. P.) | Dissimil.; cp. *far má* = "faz mal". No R. G. do S. corre o verbo "mermar" = "mesmar": "Isso havia de chegar, folgado; e caso *mermasse* a conta... enfim, havia se ver o geito a dar..." (S. L.).

MICAGE(M), s. f. - momice, visagem: "Sua moeda corrente eram, *micagens,* pilhérias, anedotas..." (M. L.).

MICAGERO, q. - que tem o hábito de fazer momices, ou *micagens.*

MOÇÁ(R)., v. i. - fazer-se moça, deixar de ser menina; prostituir-se.

MOÇA, s. f. - prostituta.

MOÇO, s. m. - indivíduo jovem. O voc. não envolve aqui a mínima idéia de posição social ou de profissão, no que está de acordo com o uso antigo: "Irei ver da ponte sobre o rio as **moças** que vem por agoa..." - "...avemolo de fazer muyto galante, & mandálo à terra namorar todas as moças..." ("Eufros."), ato III, sc. II). A palavra podia designar outrora até criança:

> Ante tua presença, porém, possam
> Estes **moços,** teus netos, defender-me -

diz Inês, referindo-se aos seus filhos, na "Castro", ato IV.

MOCOTÓ, s. m. - mão de boi.

MÓDA, s. f. - cantiga, composta geralmente de várias quadras ou estâncias, nas quais o poeta rústico exprime os seus sentimentos de amor, ou comenta os acontecimentos.

MODISTA, s. m. - cantador de *modas.*

MOLEÁ(R), v. t. e i. - bambear, afrouxar, amolecer: "Trabáia, gente, trabáia, nada de *moleá!"*

- o GARRÃO, desanimar, deixar-se vencer pela preguiça ou pelo temor no meio de uma empresa. A expressão, no sentido próprio, se refere a acidente a que estão sujeitas as cavalgaduras, ou os animais de carga.

MOQUEÁ(R), v. t. - assar a fogo brando, para se conservar (a carne). | Do tupi "mocaê", secar, assar.

MORANGA, s. f. - certa espécie de abóbora chata, exteriormente dividida em gomos. | Alter. de "moganga"?

MO(I)RÃO, s. m. - cada um dos postes laterais da porteira; poste a que também se chama *palanque.*

MORINGUE, s. f. - vaso de barro com gargalo, para água. | A forma "moringa" é estranha ao dial.

MÔ(I)RO, q. - diz-se d_9 animal eqüino cujo pelo é escuro, com as pontas claras.

MORRUDO, q. - grande, volumoso: "Mais dois dourados *morrudos,* uma piracanjuba-ripiada..." (C. P.).

MUCAMA, s. f. - escrava que, antigamente, se empregava em serviços domésticos. | Era vulgar, no país, a forma "mucamba"; em Pernamb., seg. B. R., "mumbanda". Do tupi "mocambuara" = ama de leite? Ou ligado ao bundo "mim'banda" = mulher?

MUCHIRÃO, MUTIRÃO, s. m. - reunião de roceiros para auxiliar um vizinho nalgum trabalho agrícola - roçada, plantio, colheita terminando sempre em festa, com grande jantar ou ceia, danças e descantes. | No R. G. do S., "pichurum", "puchirão" e "ajutório"; em parte de Minas, "mutirão", e em parte, "bandeira"; na Bahia e Sergipe, "batalhão"; em Pernamb., "adjunto"; na Par. do N., "bandeira"; no Pará, "potirom", "potirum", "puxirum", "mutirum". - Do guar. "potyrom" = pôr mãos a obra? (Mont.) Ligar-se-á a multidão, ou, como lembrou C. da F., a

"muchedumbre"? Ou terá relação com **botirão** = nassa de pesca, de certo feitio, usada em parte de Port.?

MUMBAVA, s. m. ou q. - indivíduo que vive em casa alheia; agregado, parasito. | Do tupi "mimbaba".

MUNJÓLO, s. m. - engenho rústico, movido por água e destinado a pilar milho. | A forma corrente entre a gente culta é "monjôlo". - Dava-se outrora este nome aos pretos de certa nação, importados no Br. ao tempo do tráfico dos africanos. - O sr. Sílvio de Almeida aventou, há tempos, o étimo **mulineolum**. Foneticamente. nada se lhe opõe; resta verificar se há traços reais dessa evolução.

MULA-SEM-CABEÇA, s. f. - ente fantástico da mitologia popular; também lhe chamam "cavalo sem cabeça".

MULECADA, s. f. - quantidade de muleques.

MULECAGE(M), s. f. - ato de muleque, ou próprio de muleque.

MULÉQUE, s. m. - negrinho novo; menino vadio e mal educado; rapaz brincalhão.

MULEQUÊRA, s. f. - o mesmo que MULECAGEM.

MUNDÉU, s. m. - armadilha para caça; fojo; precipício; construção que ameaça cair: "Des'que caí naquela peste de *mundeu* da ponte preta fiquei assim como quebrado por dentro". (M. L.).

MUNDO, s. m. - grande quantidade: "mundo de gente", "mundo de dinheiro", "mundo de frutas".

MURUNDÚ, s. m. - montão de coisas. | Alter. do bundo "mulundu", monte.

MUSGA, *música,* s. f. | Esta alter. é pop. em todo, ou quase todo o país.

"Sou musgo!... Musgo gaitero!.."
(Cat.).

MUTUCA, s. f. - mosca cuja picada é dolorosa:

É o caminho da ceva disfarçado
- onde, sentado, um caboclinho enxota
as *mutucas* e toda a mosquitada
junto à figueira esplêndida e remota.
(C. P.)

MUXIBA, s. f. - artérias, pelancas, "nervos" da carne.

MUXIBENTA, q. - diz-se da carne que tem muita muxiba.

MUXOXO, s. m. - trejeito com os beiços esticados, e quase sempre terminando por um estalido, para exprimir pouco caso, desdém, desprezo.

NAMBI, q. - de orelha cortada. | O t., em guar., diz simplesmente "orelha".

NAMBIÙVÚ, s. m. - doença dos cães, que se caracteriza por hemorragia nas orelhas.

NAMBÚ, s. f. - o mesmo que *inambú, inhambú.*

NAPÊVA, q. - de pernas curtas (falando-se, especialmente, de aves ou de cães).

NARIGADA, s. f. - pequena porção (de sal ou outra substância em pó) que se toma entre o polegar e o indicador; pitada: "Deitou duas *narigadas* mais de sal no caldeirão..." (C. P.).

NARILÃO, aumentat. de "nariz", s. m..

NEGRADA, s. f. colet. - quantidade de negros.

NERVOSA, s. f. - nervosismo, "nervoso"; apreensão, receio: "Me dá inté ni *nervosa* quano vejo um moço cumo mecê andá pescano por aqui..." (C. P.).

NHA, INHA, formas proclíticas de "senhora": "nha-Maria, nha-dona". Apesar de se escreverem geralmente com acento agudo, são átonas. - V. SINHÁ.

NHANÇANÃ, s. f. - espécie de saracura. | Em outras regiões, "jaçanã".

NHAPINDÁ, s. m. - arbusto do campo.

NHATO, q. - que tem o maxilar inferior saliente: "Vendo-se, trêmulo, a um canto, um caboclinho *nhaio* e chimbéva, órfão da vítima e afilhado do sitiante". (C. P.).

NHO, INHO, formas proclíticas de "senhor". - V. NHA e SINHÔ.

NO MAIS[1], loc. equivalente a "não mais": "Êle nem disse nada, foi empurrando a porta e entrando, *no mais". - "*Aquilo é que é muié despachada: bota um chalinho, *no mais,* e vai saindo

pra a rua". | Tendo-se perdido a consciência do valor etimológico da expressão, só se usa de acordo com os exemplos acima, i. é, com o valor de "simplesmente", "unicamente", sem mais . Exemplos antigos:

No **mais,** Musa, **no mais,** que a lira tenho
Destemperada.
(Camões. canto X).

Esta ave tem seus amores
Co'as flores
Dous meses, **nó mais**, no anno;
Porem ama sem engano.
(Gil V., "Auto das Fadas").

De que tempo sois parida?
- De um annosinho, **nó mais**.
(Gil V., "Com. de Rub.")

Não vedes meu afanar,
E elle folgar, **nó mais**?
(Gil V., "Juiz da Beira").

- Mulheres, vós que me quereis?
Nesta feira que buscais?
- Queremo-la ver, **nó mais**.
(Gil V., "Auto da Feira").

Poderia estender-se muito esta exemplificação. - **No mais**, em suma, eqüivalia, em tudo, a **não mais**, não sendo aquele **no** senão uma forma pop. proclítica de **não**.

NO MAIS[2], loc. equivalente a "quanto ao mais", "de resto": "Nenhum talher. Não é a munheca um talher completo, colher, garfo é faca a um tempo? *No mais* umas cuias, gamelinhas, uma pote esbeiçado, a pichorra e a panela do feijão". (M. L.). | Este *no mais* é, evidentemente, desenvolvimento do primeiro, mercê de um crescente esquecimento do valor etimológico da expressão.

NOVIÇO, q. - novo, falando-se de entes animados: "Isso é bom pra criança *noviça* e pra negro mina". (V. S.).

NUM, forma proclitica de "não". Cp. as frases: "ninguém *num* me disse" e "já respondi que *não".*

ÔH, intj. equivalente a "óh", aberto, que o caipira não usa. | "Ôh", fechado, parece ter sido vulgar no tempo de Gil V., em cujas obras é freqüente, sob a grafia "hou". - Na "Farsa de Inês Pereira", ed. de Hamburgo, lê-se:

Todas folgão, e eu não**,**
Todas vem e todas vão
Onde querem, senão eu.
Hai! e que peccado é o meu,
Ou que dor do coração?

J. Mor. ("Estudos", 2.º v.) propõe uma correção aos dois últimos versos:

Hui! e que pecado e o meu?
Hou que dor de coração!

Justificando-se, acrescenta: "Hou era uma antiga interjeição, que Gil Vicente emprega em outros lugares e que ainda hoje se usa na Galiza, em exclamações como *"Hou* dôr!", *"Hou* vergonza!" (cf. Saco Arce, "Gramática galega", p. 215). Corresponde à interjeição moderna *oh!*" - M. dos Rem., no "Glossário" da sua ed. de Gil V., cita numerosos passos nos quais se encontra a intj. "hou", dando razão à conjectura de J. Mor.

ÔH DE CASA! - vocativo usado quando se bate a uma porta.

OGÊNIO, *Eugênio,* n. p. | Como em Port. (J. J. Nunes, LI), ao nosso povo repugna o ditongo *eu* em começo de voc. Cp. *Osébio, Orópa.*

ÔLÁ, intj., sempre com *o* fechado. Em Camões:

Oulá, Veloso amigo, aquele outeiro -

Em Gil V., "Mof. Mendes":

Hou de lá, que nos quereis?

OPINIÃO, s. f. - teimosia; firmeza numa idéia. | Cp. **opiniático**.

ORÊA, ORÊIA, *orelha,* s. f. - pequena travessa na extremidade exterior do cabeçalho do carro de bois. | A forma sem *i* está moldada por outras onde a ausência dessa vogal tem explicação histórica: *arêa, vêa, chêo,* etc.

ORÊIA DE ONÇA, s. f. - pé de café muito novo, quando deita as duas primeiras folhas.

OSSAMA, s. colet. f. - quantidade de ossos. **|** Cp. *gentama, dinherama,* etc.

ÔTA, intj. de admiração, quase equivalente a *hêta:*

Ôta povo! mais que terno!
Tudo era ali bem tratado.
(C. P.)

| Talvez se grafasse melhor com *h* inicial.

OTUSO, *obtuso?,* q. - estupefacto, espantado: "A Ogusta, que nunca me tinha visto de semelhante geito, ficou meia *otusa".* (V. S.).

OVÊRO, q. - diz-se do animal eqüino ou bovino que tem pequenas manchas pelo corpo. Usa-se substantivamente: "Estalou uma relhada com a língua e o *oveiro* abalou". (V. S.).

PACA, s. f. - mamífero do gên. "Coelogenyo", ordem dos roedores. | Tupi.

PAÇOCA, s. f. - carne pilada com farinha; amendoim pilado com farinha e açúcar; fig., misturada, confusão de coisas amarfanhadas, como, por ex., fitas, rendas ou panos revolvidos.

PACÓVA, q. - toleirão, pateta: "Tá pensano que eu só aquêle bocó, aquêle *pacova,* aquêle palerma?" (C. P.). | "Pacova é t. tupi e significa banana. O nosso voc. talvez seja simples alter. do port. **pacóvio** sob a influência daquele. É verdade que também "banana" é sinon. de "pacóvio".

PACUERA, s. f. - fressura de animal, especialmente do boi. | Tupi.

BATER A - morrer.

PADRÃO, s. m. - espécie vegetal pela qual se conhece a qualidade de uma terra para determinado gênero de cultura: "O pau d'alho é *padrão* de terra boa para café".

PAGEÁ(R), v. t. - carregar, vigiar (criança) "Carolina foi quem *pageô* o nosso caçula". | A forma é portuguesa; a restrição de sentido é que é paulista.

PAGE(M), s. m. - criado que acompanha alguém em viagem a cavalo; f. - ama seca. | É t. port., tendo tido, entre outras acepções, a de mancebo que acompanhava rei ou pessoa nobre, levando-lhe as armas, em tempo de guerra. Daqui saiu, provavelmente, a nossa primeira variante.

PAINA, s. f. - fibras finíssimas e sedosas, contidas nas cápsulas da paineira.

PAINÊRA, s. f. - árvore da paina, da fam. das Bombáceas.

PAIÓ(L), s. m. - tulha de milho. | É t. port., com outras signifs.

PAIXÃ, s. f. - paixão amorosa. | Caso de derivação regressiva; cp., no próprio dial. **sastifa**, tirado de "satisfação".

PALA, s. m. - espécie de capa: consiste numa peça quadrangular com uma abertura ao centro, por onde se enfia a cabeça. É, em regra, de um tecido especial, com listras brancas e amarelas, estas com vários matizes. | No R. G. do S. chama-se a este objeto "poncho pala". - Do cast. "palio"?

PALANQUE, s. m. - mourão sólido, a que se amarram animais de sela. | Forma port. (palanque, palanca), com ligeira especialização de sentido.

PALAVRA, s. f. - frase, dito, expressão: "Mecê disse que num punha mais os péis na mea casa: eu nunca me esqueci dessa sua *polavra".* É acepção castiça.

PALAVRA DE DEUS loc intj - equivalente a palavra de honra. "Ela, às vezes, entreparava um pouquinho, pregava os olhos em mim (eu tremia *palavra de Deus),* e continuava no passeio..." (V. S.)

PALETA, s. f. - pá, região do omoplata (em animal):

> **"**Barriei de chumbo o bicho na *paleta!*
> (C. P.)

PALETÓ, PALETÓR, *palelot,* s. m.

PAMONÁ, s. m. - mistura, feita ao fogo, de farinha com feijão, carne e outras comidas. | Do tupi "aiapamonã", misturas.

PAMONHA, s. f. - espécie de bolo de milho envolto em folhas de bananeira; fig., palerma. | Em outros Estados o t. designa coisas diversas.

- AZEDA, pessoa inerte, apalermada.

PAMPA, q. - animal eqüino de cor escura com grandes malhas na cabeça.

- TOBIANO, aquele cujas manchas são azulegas.

PAN, s. m. - empachação. | Tirado, burlescamente, de **empanzinar**?

PANÁSIO, s.m. - estrondo de arma de fogo:

"Êle há de uvi o *panásio* do trabuco..."
(C. P.)

| É t. port., significando pontapé, bofetada, etc. É curioso que tenha tomado entre nós o sentido acima, e mais curioso ainda que, ao Sul e ao Norte, no R. Grande e em Pernamb., tenha, igualmente, o de "pancada dada de prancha" com espada ou coisa parecida. (B. - R. e Romag.).

PANCA, s. f. - na frase "dar panca" - dar que fazer, dar água pela barba, fazer suar o topete: "Aquela perobêra deu *panca* pra se botá ela ira baxo!" | Em port. há "andar em pancas" = andar muito atarefado, e zonzo. - Contr. de **palanca**?

PANCADA, q. - maluco, desequilibrado. Diz-se de um indivíduo adoidado que "tem pancada na bola"; daí, sem dúvida, se extraiu o t. apontado, condensando a idéia expressa pela frase.

PANDELÓ, *pão-de-ló,* s.m. | L. Gomes registou-o também em Minas. Cf. **San-Joâo**, **mancheia**, etc.

PANÉLA, s. f. - casa, ou depósito de larvas, nos formigueiros de saúva, que são subterrâneos.

PANGARÉ, q. - diz-se do cavalo amarelo tirante a cor de café. | É t. sul-americano, corrente na Argentina, no Uruguai, etc.

PANQUECA, s. f. - vadiação regalada, boa vida.

PANTOMINA, *pantomima, s. f.*: "Rematou a festa a *pantomina,* como rezava o programa". (M. L.). | É forma pop. também em Port.

PANTUFO[1], s. m. - o mesmo que *siriri,* o cupim quando ainda não tem asas, e é branco.

PANTUFO[2], q. - diz-se do indivíduo grosso, gordo, atarracado. É port.

PAPACAPIM, s. m. - pássaro canoro, "Apermophila ornata".

PAPAGAIO, q. - diz-se do cavalo que pisa com os pés voltados um para o outro.

PAPAI, forma infant. e fam. de *pai.* | É a única usada em todo o Br., onde o port. "papa" é desconhecido do povo.

PAPUAN, s. m. - espécie de capim bom para pasto.

PAQUERADA, s. f. - coleção de pães "paqueiros", isto é, caçadores de paca.

PAQUÊRO, q. - cão treinado na caça de pacas.

PARANÁ, *Paraná,* n. p.

PARÁ(R), v. i. - cessar: "Ele *parô* de pitá, e oiô pro meu lado".

PARARACA, q. - inquieto, falador, leviano. | Cp. PERERÉCA.

PARÊJA, *parelha,* s. f. - corrida de cavalos. Cast. "pareja".

PAREIADA, *aparelhada,* s. f. - faca com cabo e bainha de prata: "Quelemente enfiou uma ponta da fralda da camisa dentro das calças, tirou um rolete de fumo da algibeira, desembainhou a *pareiada* e pediu ao tropeiro que fizesse "passeá" o malacara". (C. P.).

PAREIÊRO, *parelheiro,* q. - diz-se do cavalo de corridas. | De *parelha.*

PAREIO[1], *parelho,* q. - igual, semelhante, comparável, que forma ou pode formar um par com outro: "...Tonica, morena sem *pareia..."* (C. P.) | O t. não constitui brasileirismo; mas é interessante notar que, como muitos outros, se conserva em sua perfeita acepção castiça, no seio das populações rurais, ao passo que caiu em completo desuso entre as pessoas doutas ou semi-doutas.

PAREIO[2], *parelho,* s. m. - terno de roupa, ou apenas calças e casaco: "Se tem dois *parêlhos,* um trás em uso e outro na barrela". (M. L.). | É de uso corrente em todo o Estado.

PARENTÊRO, q. - que é amigo dos parentes, que gosta de conhecer os parentes e ter com eles relações. | O "Novo Dic." dá como desus., citando este exemplo do séc. XVI: "...eleitores... o prior escolherá sempre aquelles que forem menos **parenteiros**".

PARI, s.m. - cerca para pegar peixes. | Tupi.

PARTE[1], s. f. - qualidade (de um indivíduo). | Diz o "Novo Dic." que, no plural, este t. significa qualidades, prendas. É essa a lição do bom uso, mesmo entre o nosso povo; mas Vieira emprega o sing.: "...antigamente a primeira **parte** do pregador em boa voz, e bom peito". (Serm. da Sexag.) - Lê-se numa carta da Índia, de Dom J. de Castro ao rei: era um dos gentis cavalleiros que se podião achar em nosso tempo, e as suas partes e virtudes eram tamanhas, que raramente se poderiam achar tantas numa só pessoa". (M. de S. Pinto).

PARTE[2], s. f. - manha, artes: "Êste malandro tá cum *parte* mais eu curo êle..." | O povo costuma dizer de indivíduos malfazejos que "tem *parte* com o diabo" - frase na qual "parte" parece estar por "pacto". Desse dito deve provir a acepção aqui indicada.

PASSAGUÁ, s.m. - rede redonda e pequena, fixa num arco, na ponta de um pau, e destinada a tirar da água o peixe preso no anzol.

PASSAMENTO, s. m. - estado de quem se acha numa época de transição (da infância para a meninice, desta para a adolescência) : "A Marica, pòbrezinha, não é mais aquela criança linda que você conheceu: está num *passamento* triste..."

PASSA-MULEQUE, s. m. - pelotica; esperteza, que consiste em se apropriar alguém hàbilmente de coisa alheia, ou em enganar a outrem, jeitosamente, em negócio, questão ou pleito.

PASSÁ(R), v. t. - nas locuções:

- A MÃO, pegar: *"Passei* a mão na espingarda, e saí".

- ESTREITO, sofrer contrariedades, privações: "Mascava andava *passando estreito,* sem cigarro, filando da comadre, com quem morava; desde o fósforo até o querozene". (C. P.).

- O GATO, furtar: "Quem foi que me *passô o gato* nas laranjas que dexei aqui?"

- A MANTA: enganar em negócio.

PASSARINHÁ(R), v. i. - assustar-se, fazer movimentos bruscos (o cavalo).

PASSARINHERO, q. - espantadiço (cavalo). | Morais cita uma obra port. de 1673, em que figura a palavra; mas outros dicions. a dão como brasileira. - Nos países hispânicos da Am. do S., usa-se "pajarero" para significar "fogoso"; no México, esse mesmo voc. se entende como nós ao nosso "passarinheiro", isto é, valendo "espantadiço".

PASSO, *pássaro,* s. m. -

PATACA, s. f. - 320 réis.

PATATIVO, PATATIVA, s. m. e f. - pássaro canoro, fam. dos Fringilidas.

PATENTE, s. f. - na loc. DE PATENTE: de primeira ordem, ótimo: "A Ogusta era u"a mulher *de patente,* como vassuncê sabe..." (V. S.).

PATETEÁ(R), v. i. - ficar atônito, pasmado, sem ação em momento em que era necessária atividade, tino; descuidar-se. | O Novo Dic. define o port. **patetar** - "fazer ou dizer patetices". O nosso *patetear* é coisa inteiramente diversa e não "o mesmo que patetar", como diz aquele dic.

PATIFE, q. - pusilânime; moleirão, fracalhão; sensível. | Genuíno paulistismo de sentido.

PATÓTA, s. f. - negócio aladroado. | Alter. de batota?

PATOTÊRO, q. - diz-se do indivíduo habituado a patotas, a negociatas. | Alter. de batoteiro?

PATRONA, s. f. - maleta de couro que se traz à cintura, na caça, ou em viagem: "...estacas de guarantam sustendo uma viola, uma espingarda de pica-pau e a *patrona* de couro de jaguatirica, um pala, um corote, e roupas velhas". (C. P.) | É t. port. - pequena mala para cartuchos dos soldados de infantaria" ("Novo Dic.").

PATUÁ, s. m. - bentinho; saquitel que se traz ao pescoço, contendo orações, objetos considerados mágicos, etc.: "O Mandinga, depois de empanturrado, apalpou o *patuá* que lhe saia pela abertura do peito da camisa, enfiou o rosário no pescoço..." (C. P.). | Contr. de "patiguá", t. tupi, significando cesto.

PAU-D'AIO, *d'alho,* s. m. - grande árvore, fam. das Fitolaceáceas.

PAU-DE-FUMO, s. m. depreciativo - homem preto: "Fique queto, *pau-de-fumo!"* (C. P.).

PAULA-SÔSA, *sousa,* s. m. - certo tipo de chumbo grosso de caça, introduzido outrora pelo conselh. Paula Sousa: "Levando as mãos ao peito, caia estatelado o dr. Gastão, varado por seis bagos de chumbo *paula-sousa...*" | O t. subsiste ainda até fora de S. P., pelos Estados vizinhos.

PÉ, s. m. - nas locuções:

DE A -, equivalente à mesma sem *de: "A* eigreja é perto; bamo lá *de apé".* | "Tanto coche, tanta liteira, tanto cavalo (que os de apé não fazem conto; nem deles se faz conta)". (Vieira, 3.ª Dom. das Quar., IX). - Também se diz *de a cavalo.*

IM - IM -, andar apatetado, a olhar para o que os outros fazem, ou para as coisas em redor, sem se ocupar em nada e sem tomar uma resolução: "Nho Lau, dês que o fio caiu de cama, anda só *im pé im pé* por drento de casa, abobado que é uma tristeza".

PEDACINHO, s. m. - breve espaço de tempo: "Estive cum êle um *pedacinho".* - "Saiu d'aqui há um *pedacinho".* V. PEDAÇO.

PEDAÇO, s. m. - fração de tempo (ou espaço): "Estive à espera dêle *um pedaço,* mais descorçoei e vim-me imbora". | "...e começarom a saltar e dançar, **huum pedaço**..." (Caminha).

UM BÃO -, um bom trecho de tempo (ou espaço) : "Estive na casa do cumpadre um *bão pedaço".* | "E logo ambos se ajuntárão, e tornárão a acommetter o golfão. Sendo entrados **bom**

pedaço por elle dentro, lhes tornou a dar outro tempo muito rijo..." (Carta de Dom J. de Castro ao rei, M. de S. Pinto). - "... o qual se foy, e andou la huum boom pedaço... (Caminha).

PÉ-DE-MULEQUE, s. m. - pequeno tijolo de açúcar mascavo com amendoim, a que às vezes se junta gengibre. | Tem signifs. diversas em outras regiões do país.

PÉ-D'OVIDO, s. m. - bofetão. | Substantivação da loc. "ao pé do ouvido".

PEDRENTO, q. - pedregoso; semelhante a pedra; com aparência de pedra: "Céu *pedrento",* isto é, com pequeninas nuvens juntas em larga extensão. | Com referência a céu, corresponde talvez ao **escamento** port., que se encontra neste ditado: "Céu **escamento**, ou chuva ou vento" (G. Viana, "Pal.", 99), ditado que por aqui se conhece e repete sob a forma: "Céu *pedrento,* chuva ou vento".

PEITO-D~POMBA, s. m. - árvore das matas, que dá boa madeira e cuja casca é utilizável em curtume.

PELÊGO, s. m. - pele de carneiro curtida com a lã, que se usa colocar sobre o lombilho.

PELICHADO, q. - que tem pelo novo, que está luzidio (o cavalo); fig. pessoa que se puliu em contato com outras de melhor educação: "F. parece um figurão, e não passa de um caboclo *pelichado".* | V. PELICHAR.

PELICHÁ(R), v. i. - mudar de pelo (o cavalo). | Alter. de "pelechar", do cast.

PÊLO-DE-RATO, q. - diz-se do animal eqüino ou muar que tem o pelo parecido com o do rato.

PELOTADA, s. f. - tiro de bodoque: fig., alusão ferina, remoque. | V. PELÓTE.

PELÓTE, s. m. - bola de barro endurecida ao fogo, que se arremessa com uma espécie de besta chamada *bodoque;* pequena porção arredondada de qualquer substância mole, como barro, cera, etc.

PENAMBI, s. m. - borboleta em geral (?); certa espécie de borboleta (?) | Af. Taun. define: "pequena mariposa frutívora".

PENCA, s. f. - cada um dos grupos em que as bananas aparecem dispostas no cacho; conjunto de várias laranjas pendentes do mesmo galho e juntas umas às outras; porção de biscoitos pegados uns aos outros; em geral, qualquer acumulação de objetos que pendem conjuntamente de um mesmo suporte. | O voc. é port., mas com signifs. muito diferentes.

PENDENGA, s. f. - discussão azeda; rixa; negócio trabalhoso, cheio de incidentes e dificuldades: "Pra botá meu fio na escola, foi uma *pendenga".* | Paiva registou **pendanga**, como

de costume, sem definir; mas trata-se da mesma palavra, a julgar pelo seguinte passo de Filinto, citado pelo "Novo Dic.": "... no maior calor da escripta viérão **pendangas** mais urgentes". Hoje, o t. é brasileirismo.

PENGÓ, q. - capenga; moleirão:

> Puis aquêle sojeito é um desgraçado!
> Co aquele geito ansim, meio *pengó,*
> êle pinta no bairro!
> (C. P.)

| O p. Teschauer colheu no R. G. do S., "pongó" = tolo. - Cp. "capenga", "caxingó".

PENSÃO, s. f. - obrigação séria; preocupação grave: "Des que já acabei minha tarefa, e não tenho mesmo *pensão* nem u"a, vou vêr de perto aquêle mestiço, que tá percurando a última hora!" (V. S.).

PÊPÉ, q. - diz-se de pessoa que tem os pés tortos ou deformados.

PEPUIRA, - galinha pequena. | É geralmente apontado como subst., mas o uso, em S. P., adjetivou-o; aqui só se diz "galo ou galinha *pepuíra".* - Do tupi.

PERERÉCA, q. - saltitante: "Tenho um pião *perereca".* | Cp. TERERÉGA e PARARACA.

PÉ-RAPADO, q. - que não tem vintém.

PERARTAGE(M), s. f. - travessura.

PERARTEÁ(R), v. i. - fazer travessuras.

PERARTO, *peralta, q.* - travesso.

PERCISÁ(R), *precisar,* v, t, e i., usado impessoalmente "Pra viajá por essas estrada *percisa* corage"

PERCURÁ(R), PRECURÁ(R), CURÁ(R), *procurar,* v. t.

PERERA, s. f. - árvore da fam. das Leguminosas. Há uma esp. *vermelha* e outra *amarela.*

PERERECÁ(R), v. i. - saltitar; dar saltos e fazer movimentos de quem luta por conseguir alguma coisa, como livrar-se de um perigo, agarrar um animal, etc.; fig., debater-se em dificuldades para conseguir qualquer fim: "Este pião *pereréca* demais" - *"Perereque*i pra agarrá o diabo do cavalo, quando êle se espantô" - "Ando *pererecando* pra arranjá uns cobre, mais tá difice!" | Seg. B. Rodr., em nheng. e língua geral, "perereca" é "bater as asas". O valor atual do verbo pode compreender perfeitamente essa noção, desde que se lhe junte a idéia de movimento ansioso e repetido, como o da ave que se agita para escapar. Seria esta a compreensão do "perereca" aborígene?

PERNADA, s. f. - caminhada fatigante: "Daqui lá é uma boa *pernada".*

PERÓVA, PERÓBA, s. f. - madeira da perobeira; a própria perobeira; fig., importuno, maçador.

PEROVÊRA, PEROBÊRA, s. f. - peroba, nome de varias árvores da fam. das Apocináceas.

PERÒVINHA, PERÒBINHA, s. f. - pequena árvore da fam. das Leguminosas.

PERRENGUE, q. - alquebrado, moleirão, imprestável (homem): "O garrafão de pinga dali a pouco era levado por um velho *perrengue,* incumbido do tratamento de porcos e lida de terreiro". (C. P.) | O voc., tanto em cast. como em port., significa justamente o contrário do que exprime aqui, pois quer dizer "irascível, encanzinado, birrento". Em Pernamb. tem acepção semelhante. Em S. P., R. G. do S., Goiás, etc., tornou um sentido geral que gira em torno da definição acima. Do R. G. há o testemunho de Romag.; de Goiás, esta passagem de C. Ramos: "... tio Ambrósio recolheu-se tropeçando ao abrigo da varanda, a espertar o corpo *perrengue* no último gargarejo da queimada". Para esta transformação influiu sem dúvida a palavra "rengo". Já houve até quem quisesse explicar "perrengue por "pé + rengo"...

PÊSCO, *pêssego,* s. m. | Cp. *cós*ca (<- cóç(e)ca, cócega).

PESCOCEÁ(R), v. t. - dar pescoção: "Quelemente *pescoccou* a Mariona". (C. P.).

PESTEÁ(R), v. i. - ser atacado de peste; contrair doença mal definida, que faz definhar: "É muito trabalhoso criar perus, porque esse bicho *pesteia* com facilidade espantosa". Emprega-se com referência a animais, e só por extensão, excepcionalmente, a indivíduos humanos.

PETEÁ(R), v. i. - "pregar petas", mentirolas.

PETÉCA, s. f. - objeto composto de uma rodela de uma a duas polegadas de diâmetro, geralmente feita de palha de milho, e munida, num dos lados, de algumas penas dispostas em corola: serve para jogo entre duas e mais pessoas, que a arremessam ao ar, com a palma da mão. | É t. tupi.

PETECÁ(R), v. i: - jogar a peteca; bater como a peteca; v. t. -encher de adornos, fitas, rendas ou flores (um vestido, um chapéu, etc.).

PETECADO, q. - cheio de adornos acumulados (um vestido, um chapéu, etc.).

PIÁ, s. m. - menino. | Tupi "piá" - coração.

PIALÁ(R), v. t. - dar PIALO.

PIALO, s. m. - ato de puxar, repentina e violentamente, o laço a que um animal vai preso, a correr. Corrente no R. G. do S., de onde acreditamos que nos veio. - De "pião"?

PIÃO, s. m. - domador:

> quebra o chapeu na testa o tal Faé.
> que é o *pião* mais cuéra e mais desempenado.
> (C. P.)

| Alter. de **peão**, com uma curiosa evolução de sentido, que vem a dizer justamente o contrário do que outrora se entendia, isto é, "homem que anda a pé". - É monossílabo.

PIAVA, PIABA, - s. f. - certo peixe de rio.

PICAÇO[1], q. - diz-se do cavalo escuro com a frente e os pés brancos. | Alter. de **pigarço**.

PICAÇO[2], s. m. - espécie de carrapato grande.

PICADA, s. f. - passagem aberta através do mato. | É port., mas o "Novo Dic." o regista como colhido pela primeira vez, o que mostra que não será usual. Entre nós é de emprego comuníssimo.

PICADÃO, s. m. - picada larga.

PICAPAU[1], s. m. - espingarda de um só cano e de carregar pela boca:

> "Na fresta praticada na parede
> que dá para o riacho, e onde há milho.
>
> a *picapau* de um cano..."
> (C. P.)

PICAPAU[2], s. m. - designa diversas aves da fam. "Picidae"; pedaço de papel dobrado de certo modo, que lhe dá a vaga aparência de um pássaro, e que as crianças, segurando com a mão

direita, fazem, por meio de pequenos sopros, bater com o bico na unha do polegar da mão esquerda.

PICHUÁ, s. m. - fumo forte, feito das faiscas e do mel que se desprendem do fumo em corda comum. | Tupi?

PICUÁ, s. m. - jogo de dois sacos, geralmente de algodão, ligados um ao outro por uma larga tira do mesmo pano, e que se colocam sobre a cavalgadura à maneira de cangalhas. | O mesmo que SAPICUÁ. - Em Pernamb., cacareus, trastes e utensílios velhos.

PICUMÁ, s. m. - fuligem. | Do tupi "ape + cumã" ,, seg. B. Caet. Na ling. ger., "tatàticuãá", seg. B. Rodr., forma a que corresponde "taticumã", no Pará.

PIDONA, q. - fera. de PIDONHO.

> Não há real em palácio:
> Ando baldo; perdi a bolsa,
> Que saio os modos com que
> Se despede uma *pidona.*
> (G. de Mat., "A' Brites").

PIDONHO, q. - pedinchão. O "Novo Dic." regista "pida", ato de pedir esmola, provincian. alentejano. De "pida" poderia derivar-se facilmente "pidonho", pelo tipo de tristonho, etc. É muito provável, porém, que no port. antigo existisse o voc., ao lado de pedigonho, registado por F. J. Freire, que o colheu do "Cancion. de Rez.".

PINDUCA[1], dimin. carinhoso de Pedro.

PINDUCA[2], s. m. - dimin. de pinhão.

PINGUÇO, q. - o mesmo que *pinguê(i)ro.*

PINGUÊRO, q. - bebedor de *pinga,* aguardente de cana.

PINICÁ(R), v. t. - beliscar, picar de leve. | Como quase todo voc. de orig. incerta, este também já teve quem lhe atribuísse proveniência indiática. B. - Rodr. aponta-lhe o étimo "pinica" = beliscar, do nheng. e da ling. ger. Pode estar certo; mas também pode ser, e temos por mais provável, que o voc. seja de genuína formação portuguesa. Já temos, há muito, "repinicar", vernáculo como tudo que mais o seja, e com sentido muito aproximado, senão idêntico, em essência. Tendo o composto "repinicar", que obsta a que tivéssemos também o simples "pinicar"? O que é possibilíssimo, por ser fato ordinário da vida das línguas, é que nós no Br. tenhamos associado a este t. os sentidos afins de "picar" e "beliscar".

PINICÃO, s. m. - ato de PINICAR.

PINTÁ(R), v. i. - fazer diabruras, proezas. | Redução da frase "pintar o sete, a manta, o caneco".

PIÔIO-DE-COBRA, *piolho,* - s. m. - nome com que se designam varios miriápodos.

PIPÓCA, s. f. - milho que se faz estalar ao fogo, para comer; espécie de milho pequeno, bom para comer estalado; borbulha, bolha. | T. tupi, usado em todo o Br.

PIPOCÁ(R), v. i. - estourar, estalejar: "O rojão *pipocô* no ar" -"Quando as moça se encontra, é um *pipocá* de beijoca que deixa um cristão meio zonzo...."

PIQUÊTE, s. m. - pasto pequeno e fechado, onde se conservam por pouco tempo animais em serviço.

PILÃO, s. m. - gral de madeira, em que se pila a cangica, a paçoca, etc. - Pilão, t. port., que passou aqui a designar o gral, é propriamente o pau com que se pila. A este chamam aqui *mão de pilão.*

PILEQUE, s. m. - bebedeira.

PINCHÁ(R), v. t. - arrojar, arremessar: *"Pinche* fora êsse cigarro, e pite êste charôto". - "Pinchô na orêia in riba da cabeça... (um cão)" (C. P.). | Veja-se APINCHAR. - "**Pinchar**, em antiga linguagem, valia o mesmo que expulsar com violência..." (F. J. Freire).

PINDACUÊMA, s. f. - instrumento de pesca, que consiste numa linha amarrada a um pau colocado à margem do rio. | Do tupi.

PINDAIPÁ, s. f. - árvore da fam. das Anonáceas.

PIQUINITATE, dimin. de *piqueno*, q.

PIQUIRA, q. - pequeno (cavalo). | Cp. *pepuíra* e *piqueno, piquitito,* etc.

PIQUITITO, dimin. de *piqueno,* q.

PIRACAMBUCÚ, s. m. - certo peixe do Tietê. | Tupi.

PIRACANJUBA, PRACANJÚ, s. f. - certo peixe fluviátil. | Tupi.

PIRACEMA, s. f. - época em que o peixe remonta o rio, aos cardumes. | Tupi.

PIRACUARA, s. m. - designa o habitante das margens do Paraíba.

PIRACUAXIARA, s. m. - espécie de peixe do Tietê.

PIRANGUÊRO, q. - pescador adestrado; apaixonado da pesca fluvial.

PIRANHA, s. f - certo peixe de rio.

PIRÃO, s. m. - papas de farinha de mandioca. | Dão-lhe origem tupi em "ypirô". Mas, seg. Capelo e Ivens, citados por B. - R., é corrente na África ocid.

PIRI, BIRI, s. m. - espécie de junco que se cria em quantidade em lagoas e margens de rios e que dá uma paina delicada. | M. Lobato ("Urupês") escreve "pery". Ignoramos se o *e* da primeira sílaba corresponde a uma outra pronuncia real; acreditamos que se trata de simples identificação, por inadvertência, com a forma do nome próprio "Pery". - Nas proximidades de S. Paulo (capital) há uma estação com o nome de "Pirituba" (muito piri).

PIRICICA, q. - buliçoso; inquieto; daninho (falando-se de criança). | Tupi.

PIRICÓTE, s. m. - rolo de cabelo que as mulheres fazem no alto da cabeça.

PIRIRICA, q. - áspero (falando-se, por ex., de uma superfície cheia de pequenas borbulhas ou escamas). B. - R. dá como t. do vale do Amaz., significando "áspero como lixa", o que exprime regularmente a significação que o t. tem também entre nós. - Do tupi "piriri", tremer. - V. PURURUCA.

PIRIRICÁ(R), v. i. - encher-se de pequeninas borbulhas ou escamas. | De PIRIRICA. - V. PURURUCAR.

PIRUÁ, s. m. - bago de milho pipoca que não estalou.

PISADÊRA, s. f. - alter. de *pesadelo.*

PISCA-PISCA, q. - que tem o sestro de piscar continuamente.

PISSUÍ, *possuir,* v. t. - adquirir, comprar: "... senão quando u"a galinha já esporuda que eu *pissuí* no levantá aquêle rancho..." (V. S.). | Quanto a forma, veio ela, muito provavelmente, de Port., haja vista ao galego "pessuir" (L. de Vasc., "Textos"). Quanto ao sentido, esse acreditamos que resultou de evolução realizada aqui. Para exprimir a idéia do nosso "possuir", usa o caipira de "ter" ou de algum circunlóquio. Ao Nordeste, a aceitar-se como documento válido um verso de Cat. o verbo conserva o sentido castiço:

Era rico, apois *pissuia*
uma furtuna de gado.
("Quinca Micuá")

PITÁ(R), v. t. e i. - fumar. | Dir-se-ia mera e explicável adaptação de um verbo hispano-português (pitar, apitar, de pito, apito); mas parece assentado que é americanismo. *"Pety* ou *petym* ou *petyma* e também *petum,* é nome indígena da Nicotina (tabaco) e o verbo brasiliense *pitar* vem evidentemente de *pety-ar "*tomar ou chupar o *petym"* diz B. Caet.; e, adiante: "É de notar-se que no chillidugu há *pùthem* tabaco, *pùthemn* pitar, fumar (tomar o tabaco) e *puthen* queimar-se. O *u* do chillidugu creio que é exatamente o *y* do abaneenga".

PITIÇO, s. m. - cavalo pequeno. | De petiz?

PITO, s. m. - cachimbo cujo pipo é feito de barro e está munido de um canudo (geralmente de certa planta chamada *canudo* de pito, cujo caule e galhos são ocos) ; fig., repreensão. | A primeira acepção é de uso vulgar no país; a segunda é usada, talvez entre outras regiões ou Estados, em Pernamb.

PITÔRRA, s. f. - pião de madeira, preparado de modo a produzir um som agradável quando gira. | Em port., sinon. de "piôrra", pião pequeno.

PIÚCA, s. f. - pau podre. Usa-se também adjetivado: "pau piúca". | Tupi.

PIÚVA, s. f. - árvore bignonácea, de madeira dura e resistente; fig., indivíduo importuno, *cacête, porrête, pau, peróba.*

PIXAIM, q. - enrolado (diz-se do cabelo do negro). | B. - R. dá como pernambucan., e alter. do tupi "iapixaim", crespo. B. Rodr. o dá, tal qual, como t. da ling. ger., significando "anelar".

PIXÉ, q. - diz-se do leite ou doce esturrado, ou com gosto de fumaça. | Na Amaz., cheiro desagradável: *pixé* de fumaça, *pixé* de sangue (Cherm.). - Seg. B. Rodr., é voc. da ling. ger., e significa "bolor". Cp., porém. o port. **pichelar**, de que, seg. Af. Taun., há entre nos um correspondente, em *pixerar, -* constatação muito interessante por oferecer talvez um elo evolutivo capital, na hipótese da origem portuguesa. Note-se que a mudança de *l* final em *r* e conseqüente queda do fonema é fato corriqueiro da fonética brasileira. ("Pichel, picher, piché").

POAIA, q. - enjoativo, aborrecido.

PODE (R), s. m. - quantidade enorme: "De Minas tem descido um *poder* de capadaria que mete medo". (M. L.).

POETAGE(M), s. f. - parolagem, fantasias.

POIÁ(L), s. m. - espécie de soco de tijolo ou pedra, junto a parede, geralmente a um canto, e onde se coloca o pote de água; fogão constituído de tijolos: "Na cozinha ampla, quase sempre ficam, além do *poiá..."* o forno, a um canto..." (C. P.). | E t. port., com signífs. ligeiramente diversas.

POISÁ(R), v. i. - passar a noite: "Onte não *poisei* im casa". | É port., mas com ligeira especialização de sentido, pois na língua tem também a signif. de hospedar-se, assistir.

POISO, s. m. - pousada; casa que, nas fazendas ou à beira das estradas, se destina a dormitório de viajantes.

POITÁ(R), v. i. - lançar a pôita (falando-se de canoa e outras embarcações fluviais). | Em port. há pôita; o verbo, não o encontramos.

POMBEÁ(R), v. t. - espiar, espreitar, vigiar de longe. | Usa-se no R. G. do S. e em Pernamb. sob a forma "bombear, e assim também corre nas republicas espanholas da Amer. do S. - Talvez do bundo "pombe", mensageiro.

POMBÊRO, s. m. - espia. | Em outras partes, bombeiro" V. POMBEÁ(R).

PONCHE, s. m. - espécie de capa de baeta:

> Laço nos tentos, a chilena ao pé,
> o *ponche* na garupa pendurado.
> (C. P.)

| No R. G. do S. a forma é poncho", da qual julgamos a paulista mera alter. O objeto igualmente difere, pois pelo feitio corresponde melhor ao que aqui chamamos *pala. -* Quanto ao *e* final, cp. *guspe,* cuspo; *aspre,* áspero; *cartuche,* cartucho; *espiche,* espicho.

PONTA, s. f. - manada, lote (de gado vacum).

PONTEADO, s. m. - ação ou efeito de *pontear* (a viola):

> Ôh viola véia! Ôh mocinho!
> num ponteado é destimido!
> (C. P.)

PONTEÁ(R), v. t. - tanger (a viola), tirando sons destacados: opõe-se a *rasgar* (talvez alter. de "rascar"), que consiste em passar as pontas dos dedos sobre as cordas, produzindo sons unidos e longos:

pensa na guapa e vai *ponteando* a viola...
(C. P.)

POROROÓCA, s. m. - borbulha de água, rebojo (de rio). | E t. geral no Br., ou em quase todo o Br., mas, em S. P., não vale justamente o mesmo que, por ex., no Amazonas, onde designa um fenômeno próprio do grande rio.

PORQUÊRA, s. f. - porcaria (em sentido figurado). | É curioso notar que, no sentido material, se prefere usar "porcaria", e, no fig., *porquê(i)ra,* formado de "porco" como *besteira* de "besta", *sujeira* de "sujo", etc. Parece geral no Br. Empregou-o Cat. em "Quinca Micuá" (poema cearense):

...a Cunceição insinava
pra falá tanta *porquêra* -

Paiva registou este t., ou seu homônimo, sem a signif.

PORRÊTE, s. m. - cacete, bastão tosco; fig., remédio enérgico, de efeito seguro; sujeito importuno, maçador, cacete, *piúva, peróba, pau.*

PORRETADA, s. f. - pancada com porrete; fig., importunação, *caceteação, cacetada.*

PORTAR, v. i. - parar, de passagem (numa casa): "Fui pra o sítio e, de caminho, *portei* no rancho do Garcia".

PÓRTE, s. m. - altura (falando-se de pessoa, animal ou vegetal): "Eu era mulecóte ansinzinho, dêste *pórte,* quano fui pra o Paranã".

PÓRVA, *pólvora,* s. f.

Pórva, espingarda e cutia,
um facão fala-verdade -
(C. **P.)**

PORVADÊRA, *polvadeira,* s. f. - grande poeira. | Usado em todo o Sul do Br. Empregou-o Taunay, na sua forma culta (a segunda acima registada), em "Céus e Terras": "Passa uma tropa de animais... e logo densa *polvadeira,* rolos de terra pulverizada no chão, se erguem, envolvem os grupos e os vão seguindo na jornada, rúbida nuvem que intercepta e quebra os fulgores do sol ardente".

- Temos por provável que nos viesse do R. G. do S., de onde importamos muitos termos relativos a animais, tropas e viagens; deve ser alter. do cast. "polvareda".

PORVARINHO, *polvorinho,* s. m.

POTRANCA, fem. de potro. | No R. G. do S. também se usa a forma do masculino, "potranco".

POVARÉU, s. m. - grande quantidade de povo. | O "Novo Dic." dá como colhido pela primeira vez, fazendo supor que não será vulgar em Port. Entre nós é de uso corrente. Também no R. G. do S.: "Pois à carreira essa tinha acudido um *povaréu* imenso". (S. L.).

PRAÇA, s. f. - cidade, povoado: "Êste ano pertendo fazê casa na *pra*ça". | "... quem faz casa na praça huns dizem que é alta, outrós que he baixa..." ("Eufros.").

PRACEANO, q. - que é próprio da praça, isto é, do povoado; que vive na praça: "Esse chapêu tá bão pra mecê, que é *praceano;* pra mim, não".

PRAGUEJÁ(R), v. i. - ser atacada de praga (a planta) : "Tudo o feijão que prantei êste ano *praguejo".*

PRALIZIA, *paralisia,* s. f.

PRANCHÁ(R), PRANCHEÁ(R), v. i. - cair para um lado (a cavalgadura, e, por ext., qualquer outro animal, ou mesmo pessoa). | O "Novo Dic." regista-o como provincianismo extremenho. - De **prancha**.

PRA-PÔCO, *para-pouco,* loc. adj. - moleirão, incapaz (indivíduo). | Usou-a fr. Luis de Sousa: "... por muito que desejavam acudir ao desemparo espiritual não se atreviam a uzar da força que viam ser necessária, umas vezes desconfiando dos sujeitos vidrentos e **para pouco**: outras com medo de lhes faltar quem aturasse nos mosteiros que estavam ermos". - Não foi ainda registada.

PRECURA, PERCURA, PRICURA, *procura,* s. f.

PRECURÁ(R), PERCURÁ(R), PRtCURÁ(R), *procurar,* v. t.

PREGUNTA, PROGUNTA, *perguntar*, s. f.

PREGUNTÁ (R), PROCUNTÁ(R), *perguntar,* v. t. | Há grande discussão entre os sabedores sobre a etimologia do port. "perguntar (como alguns querem) ou "preguntar" (como querem outros). A verdade é que já em remotos tempos da língua se encontram as duas formas. Aliás, sempre houve, e continua a haver, no falar dos portugueses, uma grande incerteza na pronunciação das sílabas *per* e *pre.* Isto não se dá, no Brasil, entre a gente culta, que pronuncia sempre de um só modo: "PERguntar, PREcisar, PERmitir, PREtender", etc.; mas, entre os roceiros, a confusão é igualmente grande. Os caipiras dizem, como ficou notado acima, *preguntá* e *proguntá;* assim também, *precurá, percurá* e *pricurá,* etc.

PREMÊRO, *primeiro,* det. num. | "...o qual foi traslado em tempo do mui esforçado rey dom Iohão de boa memorea o **premeiro** deste nome em Portugal..." (Fern. de Oliv., seg. Ad. Coelho).

PRENDA, s. f. - objeto que se entrega, em certos jogos familiares de salão, à pessoa que os chefia, como penhor de que se cumprirá a pena que for imposta. A isto se chama "pagar prenda". | Este valor de penhor ou sinal, que não vemos registado, se encontra no seguinte trecho de Soares Toscano, "Paralelos de Príncipes": "O padre Fr. Antonio Loureiro... sendo cativo com outras pessoas... e apresentado a el-rei Mamudio... foi enviado por ele a Gôa em busca de resgate para ele e seus companheiros, com tal condição, que não o achando se tornaria à sua prisão de Cambaia a certo tempo e dia que lhe assinou el-rei Mamudio; e em sinal e **prenda** de que assim o faria, lhe deu o seu cordão, que o bárbaro recebeu..." Esta signif. talvez facilite a indagação da etimologia, que provavelmente se liga a "praevenire", se é que não está em "praeda". - Diz F. J. Freire: "Os bons antigos quando usavam do dito termo, era para significar os mutuos presentes dos esposos; e ainda hoje neste sentido dizemos com toda a propriedade **Prendas**".

PREPÓSITO, PERPÓSITO, *propósito,* s. m. |

> **Preposito** Frei Soeiro,
> diz lá o exemplo velho -
> (Gil V., "Auto da Feira").

- "E eu vos disse que ia era fyndo segundo **preposito** e tençom primeira que eu ouuera en o começar". (Inf. D. Pedro). - "... a qual veo muyto a **preposito** e fez muyta devaçom". (Caminha).

PRETEJÁ(R), v. i. - encher-se (de gente, uma praça; de frutas escuras, uma árvore) : "... aquelas árvores *pretejavam* de jaboticabas". (T. de A.) - "Quando parê a prucissão, a rua *pretejô".*

PRÓSA[1], s. f. - conversa; parolagem; pretensão, fumaças: "Houvesse ou não um plano qualquer, o certo é que o engenho ganhou fama de assombrado e tirou a *prosa* de muita gente". (C. P.).

PRÓSA[2], q. - falador, roncador, paroleiro: "Você é um *prosa,* seu Chico!"

PROSEÁ(R), v. i. - conversar; palrar.

PUBA[1], q. - diz-se da mandioca fermentada. | Tupi.

PUBA[2], s. f. - na frase "estar na -", isto é, "estar no trinque", estar muito bem vestido e ataviado.

PUÍTA, s. f. - instrumento músico, constante de um cilindro com uma das bocas fechada por um couro, em cujo centro está fixada uma vareta, que se puxa e fricciona com a mão cerrada. | Africanismo.

PULÊRO, *poleiro,* s. m. - cavalo doente e trôpego:

vão procurar o Tico do Salgado,
que diz que não tem pungas nem poleiros.
(C. P.)

| Parece originar-se da frase "poleiro de corvo", com que também se qualifica o cavalo imprestável, sobre o qual até os urubus pousam impunemente.

PUNGA, q. - cavalo ordinário; por ext., indivíduo moleirão, sem préstimo:

vão procurar o Tico do Salgado,
que diz que não tem pungas nem poleiros.
(C. P.)

PUNHO, s. m. - cada uma das extremidades da rede caseira, feitas de cordões compostos de fios da mesma fazenda e rematados em argola.

PUNI(R), v. i. - lutar em favor de, esforçar-se em defesa: "A mãe *pune* pelo filho". | Empregou-o M. A. de Almeida: "É melhor não se meter nisto... o compadre é seu official (da justiça), e ela há de punir pelos seus". É, aliás, de uso clássico:

vós que **punis** pela pureza
do materno vulgar...
(Filinto, "Arte poet.").

"Meu pae que devia ser o primeiro a **punir** pela minha honra, é o primeiro a embaraçar-me". (M. de Figueiredo, "Passaro Bisnao"). - De pugnar e punir, por cruzamento.

PURUNGA, s. f. - o mesmo que PURU**NGO.**

PURUNGO, s. m. - cabaça; vaso de boca estreita, feito de uma cabaça oca:

Ergue o purungo dágua e vai, sequioso. matando a sede... (C. P.)

| No R. G. do S. se diz "porongo". No Chile e no Peru dá-se esse nome a um cântaro de barro, de gargalo comprido (que é o nosso moringue, *moringa).* Do quechua "puruncca", como pretendem alguns? Como quer que seja, parece muito provável que haja qualquer parentesco entre *purungo, porongo, purunca* e *moringa, moringue* (talvez por *boringa, boninga,* etc.).

PURURUCA, q. - quebradiço (couro torrado, torresmo seco, etc.). | É muito aparentado com. *piririca,* mas cumpre distinguir: *piririca* se refere de preferência às superfícies com aparência de lixa; *pururuca,* a coisas de comer, leves, secas e quebradiças, como o couro torrado, que estala

nos dentes. Aqui há, provavelmente, mera extensão do sentido primitivo. que se referiria de certo ao *aspecto* que tem o couro torrado e outras coisas de superfície áspera. - Tupi.

PUXADO[1], q. - afetado no falar: "Arre. que mocinha *puxada* pra falá!" Part. pass. com signif. ativa.

PUXADO[2], s. m. - acréscimo feito a uma casa, geralmente do lado dos fundos.

PUXÁ(R), v. t. - transportar (coisas em grande quantidade, como lenha, produto de uma colheita, etc.) "Eu vô *puxá* o café do majó pra a cidade" - "Êle tinha obrigação de *puxá* a lenha na bêra da estrada".

PUXA-PUXA. q. e s. f. - calda de açúcar quando começa a solidificar-se: "A carda já tá *puxa-puxa". "*A criançada gosta de *puxa-puxa".*

QUAGE, quase. adv. -

"Pescou muito, nho Antonio?" - "*Quage* nada". (C. P.).

QUARESMA. s. f. - árvore da fam. das Melostomáceas. "Tibouchina mutabilis". | A pronúncia mais vulgar é *coresma.*

QUARTA-FÊRA. q. - tonto, atoleimado: "Também, o que é que faz um pobre dum *quarta-feira* no meio dos que tenham juizo?" (V. S.). | Acreditamos que seja antes um t. de gíria local, sempre instável e caprichosa, do que aquisição definitiva da linguagem geral do povo.

QUATRÓIO. *quatrolhos,* q. - que tem manchas claras acima dos olhos (o cão, principalmente).

QUÉBRA[1], s. f. - aquilo que se recebe a mais da conta ou medida, numa compra; o mesmo que *choro.* O v. "quebrar" e em certos casos sinôn. de "diminuir". tratando-se de peso ou medida, e isto é da língua e é do dial. Diz-se, por ex., que o arroz, descascado, *quebra* tanto por litro. A quebra, ou diminuição, certa ou provável. dá lugar, naturalmente, em muitos negócios, a uma compensação prévia ao comprador; dai a expressão *de quebra,* ainda corrente, mas reduzida, também com freqüência, ao subst.

QUÉBRA[2], s. m. - indivíduo forte, valente; *tuntum-cuéba, cuéra, caibra.* etc.

QUEIMADO. s. m. - *bala* de açúcar.

QUE(I)XADA. s. f. - porco do mato.

QUENQUEN. s. f. - certa formiga.

QUENTÃO. s. m. - aguardente aquecida com gengibre e açúcar.

QUENTE, q. - diz-se de certas substâncias alimentares que se julga produzirem *escandecência,* prisão de ventre, ou irritação dos "humores", e serem boas para constipações e resfriamentos: "Mecê anda cum tanta bertoeja, e come farinha de mio e carne de porco. Num sabe que é *quente?* | Às substâncias *quentes* opõem-se as *frias:* são compreendidas como tais as "refrigerantes" e outras que se julgam indicadas para certos estados inflamatórios, ou contra-indicadas em casos de constipação ou resfriamento. Quem, por ex., está afetado de bronquite não deve tomar limonada, nem *sangria,* nem comer abacate, porque isso tudo são coisas *frias.*

QUERÊ(R), v. t. - A forma da 3.ª p. do sing. junta a um infinitivo de outro verbo, indica a probabilidade, a quase certeza, o receio de que se dê o fato designado pelo infinitivo: "Oi que já qué chovê", isto é, "olhe que chove, cuidado, que aí vem chuva". | J. Mor., "Estudos", 2.º v., enumera este entre os muitos processos pelos quais a fraseologia pop. e fam. port. "designa a possibilidade ou probabilidade de que um fato se dê", e cita este exemplo: "Parece que quer chover", acrescentando: "Compare-se em inglês o emprego do auxiliar *will* para a formação do futuro". - Como se vê, ainda este brasileirismo, parecendo original, talvez tenha a sua genealogia transatlântica. É de notar-se, porém, que a fórmula mais comum não é a que aí fica registada, mas - *a forma do gerúndio, posposta ao infinitivo "estar",* que tem o mesmo sentido, e é de uso vulgaríssimo: "Aquela torre parece que *tá quereno* caí".

QUERÊNCIA. s. f. - lugar a que um animal está habituado; por ext., aplica-se também à pessoa: "... nunca não vi dizer que êle manducasse coisa de peso noutras *querências..."* (V. S.). | Em port., **querença**, de onde se derivou **querençoso**: "El Rei Dom Fernando era muy **querençoso** do caça e monte..." (Fem. Lopes).

QUIBÊBE, s. m. - abóbora pisada e cozida. | Afric.

QUIÇAÇA, s. f. - mato baixo e espinhento, capoeira de paus tortuosos e ásperos.

QUIÇAMBA, s. f. - jacá de taquara, de fundo estreito, em que se conduz o café em grão do cafezal para a tulha. Pouco us. | Alter. de "caçamba"?

QUILOMBO, s. m. - nome que se dava às habitações de escravos fugidos, situadas em lugares ermos e distantes. | O mesmo que "mocambo", desusado em S. P.. É t. bundo, significando acampamento (Capêlo e Ivens, cit. por B. - R.). - Nas repúblicas hispânicas da América do S., também é, ou foi já usado como sinôn. de "conventilho".

QUILOMBÓLA, s. m. - habitante de quilombo, escravo fugido. É t. literário de que o povo nunca usou empregando em seu lugar *canhembora.* É muito possível que este voc. de orig. tupi houvesse influído para a forma daquele derivado de quilombo

QUINGENGUE, s. m. - espécie de tambor grosseiro que se usa nas festas e danças. | Diz C. P. no glos. da sua "Musa": "semelhante ao *tambu* tendo interiça a metade do volume". - Afric.

QUIRÉRA, s. f. - resíduos de milho, arroz ou outro cereal, que ficam na peneira: mistura de cascas quebradas e fragmentos de grãos. | Do tupi "curuéra"? É de notar-se que há no nheng. e na ling. ger. (B. Rodr.) "piera", significando "casca".

QUITANDA, s. f. - designa coletivamente os doces, broas, biscoitos, ou frutas e legumes expostos à venda, geralmente em tabuleiros, pelas ruas. | Modernamente, nas cidades, designa também pequenas casas de comercio de frutas e verduras; mas isto já não é dialeto caipira. - O voc. é bundo, seg. G. Viana, e veio-nos de Port., onde também é corrente com acepção ligeiramente diversa. - É curioso observar que há em port. o t. **quintalada**, que, em Gil V., parece ter a mesma signif. brasileira de "quitanda":

> Vendo dessa marmelada,
> E ás vezes grãos torrados,
> Isto não releva nada:
> E em todolos mercados
> Entra a minha **quintalada**.
> ("Auto da Feira").

QUITANDÊRO, s. m. - indivíduo que vende ou faz *quitanda.*

QUITUTE, s. m. - acepipe, guisado bom.

QUITUTÊRO, q. - que sabe fazer quitutes; que gosta deles.

RABACUADA, s. f. - gente ordinária. | De **rabo**? Do cast. "rebaja"?

RABEÁ(R), v. t. - erguer pelo traseiro (um veículo) para o colocar na direção desejada, quando se tem de fazer uma curva muito viva.

RABÊRA, s. f. - a parte traseira de um veículo.

RABI, q. - de rabo cortado. Formado talvez pelo tipo de *nambi,* sem orelha.

RABO-DE-TATÚ, s. m. - relho cujo cabo é feito do mesmo couro das talas, trançado de modo que se assemelha ligeiramente à coisa que lhe deu o nome.

RABUDO, q. - que tem grande rabo; s. m. - o diabo.

RAIA, s. f. - lugar que se adota como pista para *carreiras* de cavalos.

RANCHO, s. m. - cabana, geralmente de sapé, que se faz nas roças para abrigo de trabalhadores; casa rústica sem compartimentos; telheiro ou cabana para abrigo de viajantes, à beira das estradas; por ext., casa pobre. | T. geral no Br. Usa-se no R. G. do S.: "... dos fogões a

que se aqueceu; dos *ranchos* em que cantou, dos povoados que atravessou..." (S. L.). Usa-se no Nordeste:

> Na barranca do raminho,
> abandonado, um *ranchinho*
> entre o mato entonce viu.
> (Cat.).

RAPÔSA, s. f. - marsupial do gên. "Didelphus", a "saruê" ou "sarigùê" de outros Estados.

REBENQUE, s. m. - espécie de relho. | Há em port. "rebem", antiq., e em cast. "rebenque".

REBOLÊRA, s. f. - capão de mato; maciço que se destaca entre a vegetação.

REBORDÓSA, s. f. - doença; mau acontecimento: "Está sarando; mas com outra *rebordosa* dessas, vai-se". | B. - R. regista-o com a signif. de "reprensão", que não lhe conhecemos, sem a contestar. - De **revoltosa**?

RÉCULA. s. f. - bando, súcia, caterva: "O resto era uma *récula* de famílias mulheres..." (M. L.). Alter. de **récua, récova**.

RÊDE, s. f - espécie de balanço que se arma dentro das casas, ou nos alpendres. | Em S. P. faz as vezes de espreguiçadeira; é o assento de honra, que se oferece às visitas respeitáveis. No Norte e no Centro do país substitui a cama. Consiste num retângulo de tecido de malha, ou de pano grosso de algodão, cujos lados maiores são enfeitados com franjas, chamadas *varandas,* e de cujos lados menores partem cordões com cerca de meio metro de comprimento, que se enfeixam nas extremidades, formando uma espécie de argola. Esses cordões constituem os *punhos* da rede. Pela argola formada dos cordões passam-se cordas fortes, que as ligam a outras argolas de ferro, e estas são suspensas a *escápulas* ou ganchos, fixos a portas, janelas, ou moirões.

REDOMÃO, q. - diz-se do animal de sela ainda não domado de todo, mas que já sofreu alguns *repasses.* | É t. hispano-americano, "redomon".

RÉFE, *réfle, s. m.* - sabre-baioneta. | O "Novo Dic." regista com acepção diversa. - Do ingl. "rifle".

REINÁ(R), v. i. - fazer travessuras. | "... estevemos sobre isso hum pouco **rijnando**..." (Caminha). A forma fixada na carta do escrivão da armada deve-se, de certo, a uma das muitas hesitações ortográficas que transparecem desse docum. - Liga-se provavelmente a **renhir**. (Cp. J. Rib., "Fabordão").

REINADÔ(R), q. - travesso. | De REINAR.

RÉIS, *rei,* s. m. - "Evem vindo o *reis!* exclamou a atalaia". (M. L.). | Corrut. generalizada, por todo ou quase todo o pais, entre a gente inculta. Deve-se provavelmente a influência de "réis".

RÉIVA *raiva,* s. f. - | Cp *téipa* por **taipa.**

REJUME, *regime,* s. m. disciplina; obediência às prescrições do médico.

RELÁ(R) v. t. e i. - roçar, deslizar sobre, tocar de raspão: "O cavalo deu uma arrancada para o mangueiro, *relou* os cascos na ferragem do portão, quase focinhou com o abalo..." (V. S.). - "A bala me *relô* no braço". - "Êle passou *relando* por mim". | De ralar.

RELAMPEÁ(R), v. i. - apareceram relâmpagos; brilhar fugazmente. | E port., mas não deixa de ser curioso notar que é esta a única forma usada no dial., dentre as diversas que o voc. tem ("relampaguear, relampadar, relampejar"). - De *relampo,* pop. tanto no Br., como em Port.

RELAMPO, *relampago, s. m.*

DE -, rapidamente. fugazmente.

RELANCINA, s. f. - na loc.:

DE -, de relance, de revés, de fugida.

REMONTÁ(R). v. i. - voltar pelo mesmo caminho (a caça).

REPASSO, REPASSE, s. m. - cada uma das vezes que o domador monta um animal chucro. | De **passar**, com pref.

DAR UM -, submeter a uma nova corrida (o animal redomão); fig., submeter a uma nova prova.

REPONTÁ(R), v. t. - cercar pela frente e fazer voltar (o gado).

REPOSTA, s. f. | "E como Nunalurez com elles esto fallou: e delles ouue a **rreposta** que lhe derõ". ("Cron. do Cond.")

REPRESENTÁ(R), v. i. - parecer: "... me *representa* escuitar uns guinchos finos..." (V. S.). | Este verbo, usadíssimo entre o povo, é o castiço **representar-se** (pronom.) = **afigurar-se**.

RÉQUE-RÉQUE, s. m. - "gomo de bambu, de meio metro, dentado, em que o tocador passa compassadamente uma palheta do mesmo vegetal, seco..." (C. P., notas finais da "Musa"). | É o réco-réco de outras regiões.

REQUIFIFES, s. m. pl. - fanfreluches, adornos complicados. | Provavelmente de **requife**, fita ou cordão. Em todo caso, é t. antigo e muito usado em S. P., e também no Norte do pais: com efeito, J. Brigido o apanhou no Ceará, consignando-o como de velho uso, com a signif. de cordões de ouro cheios de emblemas e enfeites.

RESTINGA, s. f. - tira de mato à beira de um rio.

RETACO. q. - baixo e atarracado, curto e forte (indivíduo).

RETOVÁ(R), v. t. - cobrir de um revestimento ajustado (uma bola, por ex., que se revista de tecido, ou couro). | Muito usado no R. G. do S. - Cast. "retobar".

RETOVADO, q. - recoberto de uma capa que se ajusta à superfície: "...aquilo ficô *retovado* que nem chifre de viado". | Part. de RETOVAR.

REÚNA, s. f. - carabina de soldado. | O "Novo Dic." regista com a signif. de "espingarda curta e de fusil", hoje desusada, e como alter. de **raiúna**, que nos parece improvável.

REÚNO, q. - sem dono, vagabundo (animal) : "...um poldro que a gente larga no campo *reúno* e véve sem lei nem freio... " (V. S.) | Corrente no R. G. do S. - De **rei**, designando primitivamente o que era do Estado, o que não tinha dono certo e concreto.

REZÃO, *razão,* s. f.

RINGIDÊRA, q. - que ringe (botina).

RÓÇA, s. f. - plantação, lavoura: *roça* de milho, *roça* de mantimento. Tem signifs. aproximadas em port.: lugar onde se roça o mato, sementeira em terreno roçado. - De roçar.

ROÇADA, s. f. - ação ou efeito de *roçar.*

ROÇÁ(R), v. t. - cortar com foice (um mato); limpar de mato com a foice (um terreno).

RODADA[1], s. f. - queda do cavalo para a frente: "levar *rodada".*

RODADA[2], s. f. - pescaria em canoa, deixando-se esta *rodar* ao sabor da corrente.

RODADO, q. - diz-se do cavalo cujo pelo é branco e preto, com pequenas *rodas* desta última cor.

RODEIO, s. m. - reunião do gado vacum criado em campo, para se marcar, para se fazerem curativos, etc.

ROJÃO, s. m. - foguete. | Em port. registam-se duas acepções: torresmo, e vara com choupa para picar os touros. Em qualquer delas, o voc. vem, naturalmente, de rojar. A signif. bras. não é local, mas está espalhada por grande parte do país, o que faz supor uma terceira acepção portuguesa, esquecida em Port. É de notar que o nome de *rojão* se aplicaria melhor ao que aqui e lá chamamos "busca-pé". E quem sabe se de fato não se aplicou outrora, passando depois a designar o foguete, que não é mais do que um buscapé ligado a uma cana?

ROMINHÓ(L), s. m. - vasilha de lata na ponta de um pau, para tirar o melado quente da tacha.

RONCÁ(R), v. t. e 1. - bravatear. | É port.

RONCA. s. f. - na frase "metê, botá a *ronca":* falar mal, difamar. | "Diz que sois **ronca**" ("Aulegrafia"), exemplo colhido por F. J. Freire. Usou-o Vieira num sentido material e restrito: "... sois as **roncas** do mar". (Sermão de Sto. Antônio)

RONCADOR. q. - fanfarrão, valentão. | "**Roncador** e fanfarrão" chamou Diogo do Couto a Dom J. de Castro (M. de S. Pinto, p. 23).

ROQUÊRA, s. f. - tubo cheio de pólvora e pedras ou ferros, destinado a salvas, em festividades religiosas e populares:

> Ressôa pela mata o estrondo da *roqueira,*
> Assustando na grota a caça e o passaredo.
> (C. P.).

Também se usa em Pernamb. e no Ceará. - Nome de uma antiga peça de artilharia, que arremessava pedras.

RÚIM, *ruim,* q. | Encontra-se geralmente, nos antigos escritores, **roim**. Gil. V., no "Auto da Feira", escreveu-o com *u* e rimou-o, no plural, com "sentis":

> Hi de homens ruis
> Mais mil vezes que não bõs,
> Como vos mui bem sentis.

SABÃO, s. m. - repreensão. |

Reparai bem, matula afrancesada
No sabão que vos vai pelos bigodes -
(F. Elísio, III).

SABERÊTE, s. m. - indivíduo que se presume sabedor, instruído. | Diminutivo de **sábio**. - Em Port., significa pouco saber, conhecimento imperfeito, tomando-se, pois, como dimin. de **saber**.

SABIÁ, s. m. - designa várias espécies das fams. "Turdidae" e "Mimidae". | Seg. B. Caet., do tupi "haã-pyi-har". - Em Pernamb. e regiões convizinhas, é feminino.

SABIÀCI, s. m. - esp. de papagaio pequeno. | Tupi.

SACI[1], s. m. - pássaro, também chamado *Sem-fim.* | Seg. Couto de M., esse pássaro é considerado como o próprio *Saci pererê,* e, quando canta, diz o povo que é para chamar o sol.

SACI[2], s. m. - entidade fantástica, geralmente apresentada sob a forma de um negrinho com uma perna só, chavelhos e olhos de fogo. | É superstição africano-tupi. O voc., como a cousa, está sujeito, em S. P. e no resto do país, a muitas variações e flutuações. Saci, *saci-sererê, saci-pe*rerê em S. P., *saci-taperê, matim-taperê, matinta-perêra,* etc., em outros Estados, designa ao mesmo tempo um pássaro *(saci* ou *sem-fim)* e uma entidade mítica que tem algo do *caipora* e do *currupira,* ligando-se ainda, como é bem de ver, ao referido pássaro.

SACUDIDO, q. - forte, valente.

SAGUARAGÍ, s. m. - árvore da fam. das Ramnáceas. | Tupi.

SAÍRA. s. m. - certo pássaro. | Tupi.

SAÍDO, q. - desenvolto: "Uma das moças, criaturinha requintada de malícia, muito *saída* e semostradeira..." (M. L.).

SAFADO, q. - Diz-se de terreno esgotado: "... o viajante respira mais animado, deixando a terra *safada* onde vegeta, esfiapado e ralo, o capinzinho que nem o gado aceita..." (M. L.).

SALUÇO, *soluço,* s. m. - É forma arcaica: "...e nem se podiam teer de lagrimas, e **salluços**, como se fosse madre de cada huum delles..." (Fem. Lopes, "Cron. de D. Fern.") Foi usada até Camões (Canto II):

E co seu apertando o rosto amado,
Que os **saluços** e lagrimas aumenta -

É popular em todo o Brasil. Encontra-se em Cat. ("A Promessa")

Minha viola *soluça*
cum tudo o teu coração.

SALMORÃO, *salmourão,* s. m. - qualidade de terra pedregulhosa.

SALVAR, v. t. - cumprimentar com o chapéu. | Arcaísmo.

SAMAMBAIA, s. f. - espécie de feto. | Tupi.

SAMBANGA, q. - tolo, palerma. O mesmo que *saranga.*

SAMBIQUIRA s. f. - glândula oleosa da galinha, sobre o mucuranchim; uropígio. | Tupi.

SAMBURÁ, s. m. - cestinho de taquara para conduzir frutas, flores ou pássaros. | Tupi.

SAMEÁ(R), *semear,* v. t.

SAMEADO, *semeado,* q.: "...um pampa grande, um picaço, um pangaré, outro branco *sameado* de preto..." (C. P.). | É forma antiga:

Bolo de trigo alqueivado,
Com dous ratos, no meu lar;
Per minha mão **sameado** -
(Gil V., "Auto das Fadas").

SANCRISTÃO, *sacristão, s. m.* Forma arc., pop. em Port. e no Br.; foi de uso clássico, como faz notar F. J. Freire.

SANGRADÔ(R), s. m. - região entre o pescoço e o peito, onde se fere o animal a ser morto; rego que se abre nos caminhos para desvio de águas pluviais.

SANGUE-DE-TATÚ, loc. adj. - diz-se de uma qualidade de terra, de coloração roxa viva.

SANGÙÊRA, *sangueira,* s. f. - A notar a pronúncia, com *u* soante.

SANHAÇO, s. m. - designa várias espécies da fam. "Tanagridae". | Em outras regiões do país, e talvez mesmo em algum ponto de S. P., se diz *sanhaçú* ("sanhassú").

SANHARÃO, s. m. - certa abelha do mato.

SANZALA, *senzala,* s. f. - habitação dos escravos nas antigas fazendas. | A forma pop. é a primeira; a segunda é preferida pela gente que se preza de bem-falante. - Do bundo, onde significa pequena reunião de casas, aldeiola.

SÃO-GONÇALO, s. m. - indivíduo que faz um pedido de casamento para outrem, e de certo modo o patrocina:

> Nada de frases, basta o olhar; só resta buscar pra *São-Gonçalo* algum parente. e sonhar com os preparos para a festa. (C. P.).

A signif. atual é a que aí fica exarada; mas é provável que outrora tenha tido a, mais geral, de protetor de namorados. Até hoje os caipiras celebram a cada passo certas festas especiais de sabor nitidamente popular, extra-eclesiástico, em honra de S. Gonçalo de Amarante, - visível importação portuguesa. A parte cultual dessas festas consta de uma espécie de ladainha em que, à guisa de orações, se cantam quadrinhas, e até quadrinhas alegres e picantes, em louvor do milagroso santo. Os cantos são entremeados e acompanhados de sapateados e palmas.

SAPÉ, s. m., - gramínea do gên. "Saccharum". | Tupi.

SAPÉCA, s. f. - ação ou efeito de sapecar; fig., descompostura, surra. | A sua forma clássica de subst. verbal mostra que é tirado de SAPECAR. - Na acepç. de descompostura, é usado nos Açores.

SAPECÁ(R), v. t. - queimar ligeiramente, chamuscar: "Cheguei tão perto do fogo que a labarêda me *sapecô* a rôpa". - "Pra pelá o porco, percisa *sapecá* premêro". | Querem que derive do tupi "sapec". Não virá simplesmente de *sapé?* Note-se que é costume, na roça, empregar o sapé como combustível, quando se trata de chamuscar, dê queimar superficialmente alguma coisa, como o porco antes de ser retalhado. Daí se teria formado *sapecar,* mediante a introdução de um *c,* pelo modelo de "pererecar", "petecar", etc. - Na Amaz. se diz "saberecar", "sabrecar" e "sabererecar". Influência de "pererê", "saperê", ou forma mais próxima da origem?

SAPESÁ(L), s. m. - campo de sapé.

SAPIRÓCA, s. f. - inflamação que ataca os bordos das pálpebras. (Blefarite ciliar). | É a "sapiranga" (= olhos vermelhos) de outros Estados. Como esse voc., é de orig. tupi, e traduz-se por "olhos esfolados".

SAPUVA, s. f. - árvore da fam. das Leguminosas. | Tupi.

SARACUÁ, s. m. - pau espontado numa das extremidades, com que se abrem covas para semear milho. | Tupi.

SARACÚRA, s. f. - designa várias aves pernaltas, do gên. "Gallinula". | Tupi.

SARAGOÇO, q. - diz-se do perdigueiro branco com pequenas pintas escuras.

SARAMBÉ: q. - toleirão, simplório: "Eu nunca vi Moreira que não fosse palerma e *sarambé".* (M. L.) | No Sul se usa uma espécie de fandango a que dão o nome de "saramba", alter. provável de "sarabanda". É possível que haja ligação entre "saramba" e "sarambé". Qual o processo, quanto ao sentido, não há base para se conjecturar. Quanto à forma, pode dever-se a alteração à influência de "sarambeque", antigo penteado, de que o Cancioneiro de Rezende faz menção. O "Novo Dic." regista essa última palavra com a vaga signif. de "dança de pretos". Bem apurado isso, talvez sirva de confirmar a hipótese. - Cp. SARANGA, SAMBANGA.

SARANGA, q. - toleirão, simplório, *sarambé, sambanga.* | Na língua antiga, **sarangue** significava piloto e guarda de proa (F. J. Freire).

SASTIFA, *satisfação,* s. f.: "Num dê *sastifa* pra cabeça-sêco..." (C. P.) Cp. *paixa,* deduzido de **paíxão,** onde se viu um aumentativo.

SASTIFAÇÃO, *satisfação.* s. f.

SASTIFEITO, *satisfeito,* q.

SAÚVA, s. f. - formiga que constitui terrível praga das lavouras ("Ecodoma cephalotes"). | Sinônimos, em outros Estados: "tanajura", "formiga de roça", "f. carregadeira". - Tupi.

SAVITÚ, s. m. - formiga saúva do sexo masc.: "Por todos os cantos imperava soberano o ferrão das sauvas, dia e noite entregues á tosa dos capins, para que, em Outubro, se toldasse o céu de nuvens de içás em saracoteios amorosos com enamorados *savitús".* (M. L.) | Tupi.

SE, conj. | Releva notar que o nosso povo rústico desconhece o desagradável "si", inventado por gramáticos e popularizado entre a gente culta, no Brasil, por via literária. Ele diz sempre, e bem claramente, se.

SEM-FIM, s. m. - V. SACI [1].

SEM-VERGONHA, q. - diz-se da planta que pega facilmente: "O plantio (da mandioca) se faz com um palmo de rama fincado em qualquer terra. Não pede cuidados. Não a ataca a formiga. É *sem-vergonha".* (M. L.).

SEM-VERGONHICE, SEM-VERGONHISMO, s. f. e s. m. falta de vergonha. pouca vergonha, ação torpe.

SEQUI(LH)O, s. m. - doce seco, bolacha doce, de fabricação doméstica. | Também usado no R. G. do S.

SERELÉPE, s. m. - caxinguelê; fig., pessoa esperta, ágil. | Já houve quem o quisesse tirar de **celer, is**, e **pes, pedis**, sem explicar, porém, como pôde uma expressão latina ser adotada popularmente para designar um animal indígena.

SEÁ, SEA, SIÁ, SIA, formas proclíticas, tônicas e átonas de *senhora.*

SEU, SEÔ, SIÔ, formas proclíticas de **senhor**. V. SINHÔ.

SINHARA, SINHÁ, formas enclíticas e pronominais de *Senhora.* V. SINHÔR.

SINHÀRINHA, dimin. de SINHARA.

SINHÁZINHA, dimin. de SINHÁ.

SINHÔR, SINHÔ, SIÔR, SIÔ, formas enclíticas de **senhor. | Senhor,** como **senhora**, como **minha** e outros vocs. de uso constante, sofreu grandes alterações e se cindiu cm formas proclíticas e enclíticas, determinadas simultaneamente pelas diferentes posições e pelos vários empregos gramaticais. *Seu* usa-se anteposto imediatamente a nomes de pessoa: *seu* Juaquim, *seu* padre, *seu* mestre. *Sinhôr, sinho* e *siôr* são formas enclíticas e pronominais, mas diferem no uso. As primeiras podem seguir-se outras palavras: "Já vô, sim, *sinhôr"* - "Quero falá c'o *sinhô"* - "O *sinhô* bem viu que eu tinha rezão". A terceira, em regra, só se emprega em fórmulas "fechadas", sem seguimento: "Sim, *siôr!" Siô* usa-se em próclise, como *seu,* e também encliticamente, como *sinhô* e *siôr.* Todas estas distinções, é inútil dizer, foram estabelecidas, a pouco e pouco, pelo uso, por meio de constantes ações e reações das tendências fisiológicas sobre o senso gramatical, e vice-versa. - Adendo: *sinhô,* à parte o que ficou indicado, aparece em próclise nas fórmulas *sinhô-moço* e *sinhô-véio.* É caso isolado, devido já a outro gênero de influência. Essas fórmulas, tais como se acham grafadas, se devem aos antigos escravos negros (cuja fonética especial, como já assinalamos em outro lugar, diferia, em mais de um ponto, da fonética popular dominante, ou caipira) e foram adotadas geralmente para designar os senhores em relação aos seus cativos: "Vá dizê pra seu *sinhô-moço* que eu espero êle". É claro que o emprego de tal expressão é hoje raro, e mais raro se torna a medida que se afasta no passado a época da escravidão.

SINHÔZINHO, dimin. de SINHÔ.

SI(G)NIFICÁ(R), v. t. - J. J. Nunes ("Crestomat.", gloss.) regista **seneficar.** Exemplo de Dom J. de Castro: "... e em cima huma grande bola que deve **senificar** o mundo". (Descrição do edif. d_0 pagode, em M. de S. Pinto, p. 29). - Cp. ma**nifica, malino, morar,** formas arcaicas ainda populares em S. P.

SITIANTE, SITIÊRO, s. m. - proprietário de SÍTIO.

SÍTIO, s. m. - propriedade rural menor que a *fazenda;* o campo, a roça, por oposição à cidade: "Gósto mais do *sítio* do que da praça".

SOBERBIA, s. f. - soberbice.

SÔBRE-CINCHA, s. f. - peça conexa à cincha.

SÔBRE-LÁTICO, s. m. - a parte que se opõe ao LÁTICO, na barrigueira. | B. , R. regista "látego" e sobre-látego

SÓCA, s. f. - a segunda produção de certas plantas, que, como a cana de açúcar, crescem de novo, depois de se terem cortado uma vez. Diz-se de uma planta que ela "dá boa sóca", ou "não dá sóca", conforme permite ou não mais de uma colheita regular. | E t. mais ou menos geral, no Br. - V. SOQUERA.

SOCADO, s. m. - lombilho de cabeça alta.

SÒCÓ, s. m. - ave pernalta ("Ardea brasiliensis")

Os pios dos nambús e das batuíras e os socós na lagôa. (C. P.).

SOFRAGANTE, s. m. - usado na loc. adv. "no sofragante", isto é, no mesmo momento, imediatamente: "A Ogusta saltou no chão, saiu correndo inté na porta da rua, mas porêm voltou no mesmo *sofragante,* caiu nos pés da cama do filho..." (V. S.) | Usado na Beira com a mesma acepção ("Novo Dic."). Paiva regista "sofregante". - De **sob flagrante?**

SOJEITÁ(R), *sujeitar,* v. t. | É mais comum *assojeitá(r).*

SOJEITA, s. f. - mulher, em sentido depreciativo.

SOJEITO, s. m. - homem, em sentido depreciativo; às vezes aparentemente depreciativo, mas de fato admirativo ou carinhoso:

Lá na festa do nho Zinho,
no bairro do Riu Cumprido,
pareceu um *sojeitinho*
que é cabocro destrocido.
(C. P.)

A forma é arc.: "...**sojeito** por tantas, & tam sobejas razões corrome dizervolo". ("Eufros.", I.) -"**Sojeita** ao cruel jugo" ("Castro", I)**.** "**Sojeito** a brandos rogos" ("Castro", I).

SOJIGÁ(R), SUJIGÁ(R), *subjugar,* v. t. | Formas arcaicas, ainda populares em quase todo o Br. **C.** Ramos colheu-a em Goiás: "... quando supunha já ser ocasião de **sujigá-lo** nas esporas e tacadas de rabo de tatú aplicadas a preceito..." - Da "Eufros.": "Mas que farey triste, pois amor me **sogiga**..." (I, scena I.) Da "Crori. do Cond.": "...a terra seria de todo perdida e **sugiguada** a elrey de Castella" (XX). Paiva registou o t. entre os condenáveis.

SOMANA, *semana,* s. f. | É pop. em todo o Br., ou quase todo. Colheu-o Cat. no Nordeste:

> Cheguei há cinco "sumana"
> nesta grande capitá -.

É também arc.:

> A novilha vou buscar:
> Viste-ma tu ca andar?
> - Não na vi esta **somana**.
> (Gil V., "Tragicom. da Serra da Estr.")

> Seria muita costura
> Para toda esta **somana** -
> (Joham Gomes de Abreu. Canc. de Rez.).

"En termho de Santarem há terra tam frutiffera que do dia que semeam o pam ataa sete **somanas** o segam". ("Estoria geral", descr. de Santarem - séc. XIV-XV).

SONDÁ, s. f. - linha grossa e longa para se pescar com anzol. | De **sondar**, por "linha de sondar".

SOPAPEÁ(R), v. t. - dar sopapos em (alguém).

SÓ POR SÓ, loc. adv. - a sós, só por si, só consigo. | É clássica: "Maldito o homem, que confia em homem; e bendito o homem, que confia neste Homem; e só neste Homem, e muito **só por só** com este Homem trata do que lhe convém. (Vieira, Sermão do sab. 4.º da Quar., VII). - Esta foi a maior ventura daquella alma e esta a melhor hora daquelle dia: aquelle breve tempo, em que **só por só** com Christo". (Idem, ibid.).

SOQUÊ(I)RA, s. f. -. planta cortada (notadamente a cana de açúcar) de que se deixa na terra uma parte do caule, para que torne a crescer e dê nova colheita. | Teria provindo, seg. alguns, do tupi "araçoc".

SORORÓCA, s. f. - voc. onomatopaico com que se designa o rumor produzido ordinariamente pela respiração dos moribundos. | Tupi.

SORTÊRA, q. - não padreada (vaca ou égua).

SOVERTÊ(R), SUVERTÊ(R), *subverter,* v. t. e i. - desaparecer como por encanto; sumir de repente; sumir-se: "...vacê que é tão estudado, me diga por que foi que me apareceu a tal moça, e me levou p'r aquêle rumo, e *suverteu* de repente". (V. S.)

...assi **soverteu**
Por manha a grande alteza
Do sprito....
("Castro", 1)

...Ó montes de Coimbra,
Como não sovertestes tal ministro?
("Castro", V)

SOVÉU, s. m. - corda de couro torcido, de duas pernas. | Há na língua **soveu, soveio, soveiro,** significando correia grossa.

SÚCIA, s. f. - festa familiar, *pagode.* | "Quem dava uma *sucia* em sua casa, e queria ter grande roda e boa companhia, bastava sòmente anunciar aos convidados que o Teotónio... se acharia presente". (M. A. de Almeida). O exemplo mostra que o significado é relativamente velho, e existiu fora de S. P.

SUCUPÍRA, s. f. - árvore da fam. das Leguminosas, de que há duas espécies, a *mirim* e a *açu,* isto é, pequena e grande. | Tupi.

SUCURI, s. f. - ofídio do gên. "Boa". | Existem pelo pais muitas variantes deste nome: "sucuriú, sucurujú, sucuriúba, sucurijuba", etc. - Tupi.

SUFICIENTE, q. - apto, capaz: "Eu logo vi que o tar não era *suficiente* pra fazê o que vancê queria, mais cumo vancê tinha cunfiança nêle..." | "E porque erão muitos, e trazião muita gente, pareceu-me cousa mui importante mandar lá uma pessoa **sufficiente**, e de muito sizo, experiencia, e saber..." (Carta de Dom J. de Castro ao rei, escrita na Índia). - Também se usa, com sentido idêntico ao dos antigos escritores, e cremos que de acordo ainda com o uso atual em Port., **suficiência =** capacidade, aptidão, - como neste passo do mesmo documento acima citado: "...forcei-o a isso, assim porque para o caso cumpria pessoa de suas qualidades, como por ser aleijado duma perna por serviço de v. a., e por este impedimento não ter **suficiência** para saltar paredes..."

SUINAN, s. f. - leguminosa, cuja madeira se emprega no fabrico de gamelas.

SUINDÁRA, s. f. - espécie de coruja. | Tupi.

SULIMÃO, s. m. - sublimado corrosivo. | Usa-se dependurar num saquinho, ao pescoço dos cães de caça, para *afugentar* as cobras. Também se aplica à gente. Em Port. existe superstição semelhante. - A forma resultou de certo da queda de *b* em **sublimado** (sublimado), com alteração do final por influência de **Suliman**, **Salomão**. Quanto à queda de *b*, teria sido por efeito de analogia com o prefixo *so, su,* de **sub**. Cp. **soverter, sojeitar,** etc.

SUNGÁ(R), v. t. - puxar, suspender: "A moça *sungô* o vistido pra riba, e correu". | Segundo Capêlo e Ivens, citados por B. - R., do bundo "cusunga", puxar.

SUPETÃO, s. m. usado na loc. adv. *de supetão,* isto é, de repente, de brusco. | É expressão usual em todas as camadas sociais, no Br., mas os que presumem bem conhecer a língua pronunciam e escrevem "sopetão" (com o). - É corrente no castelhano da Argentina:

> Habia sido fierazo
> Hailarse de **sopeton**
> Em medio a una poblacion
> Ansina, deste tamaño.
> (Granada).

- Liga-se a **súbito** e a **de súbito**. Veja se SÚPITO.

SUPIMPA, q. - excelente, superior, delicioso: "Uma festa *supimpa".*

SÚPITO, *súbito,* s. m. - repente assomo: "O véio tem cada *súpito,* que fica que nem lôco". | A forma registada, com troca de *b* por *p,* é arcaica, e ainda pop. em Port. Encontra-se em Diogo do Couto, "Dec.": "Ruy Gonçalves ficou triste de ver esta tão **supita** mudança. Em Gil V., acha-se **supita, supitamente, supitania** (subitânia). *Freire* cita a loc. adv. **de supito**, de Brito, "Mon. Lusit.", e o adv. **supitamente**, de M. Tomás, "Insulana". - Como subst., só nos ocorre um exemplo de Chagas, "Obras espirituais", citado pelo mesmo Freire. Apesar disso, é de crer que a substantivação, aqui registada, provenha de longe, no tempo e no espaço. Em Minas, L. Gomes colheu a expressão "num súbito" (com *b*), da qual se depreende que também lá se observa o fenômeno. Cp. *supetão.*

SUPITOSO, q. - diz-se do indivíduo sujeito a repentinos acessos *(súpitos)* de ira, atreito a tomar deliberações inopinadas e enérgicas. | Com este sentido, encontra-se **súpito** no livro "Afonso de Albuquerque", de Ant. Baião, pág. 39, em cita de documento antigo: "... dizendo ser Albuquerque homem *mui aspero de condição e muito* **supito** (impulsivo).

SURJÃO, *cirurgião,* s. m. | Esse encurtamento do voc. explica-se pela forma antiga "sururgião", que se encontra em Camões:

> Não tinhamos ali medico astuto,
> Sururgião sutil menos se achava - ("Lus.". V, 82).

SURTUM, s. m. - espécie de jaleco de baeta, muito usado antigamente: "... se um par de olhos creoulos não o fizessem trocar a negrura do saioto pelo estridente escarlate de um *surtum* profano..." (M. L). | Do Port. **sertum**. Cp. **assertoar**.

SURUCUÁ, s. m. - designa varias aves do gên. "Trogon":

Já cantam *surucuós, já* trinam gaturamos - (C. P.)

| Tupi.

SURUIÁ, s. m. - pequena rede de lanço, fixa em duas hastes de pau dispostas em ângulo.

SURURUCA, s. f. - peneira grossa. | Seg. B. - R., do verbo tupi "sururu", vasar, derramar.

SURURUCÁ(R), v. i. - fazer movimentos peneirados com o corpo.

SUSTÂNCIA, s. f. - vigor corporal. | É pronúncia castiça.

TABARANA, s. f. - certo peixe de rio.

TABATINGA, s. f. - terra branca azulada, que se emprega no fabrico de louça rústica e de pelotas de bodoque. - Do tupi "itab + atinga", mineral branco (T. S.), ou "tobatinga", barro branco (B. - R.).

TABÔA, s. f. - certa planta aquática de que se fazem esteiras.

TÁBUA, s. f. - na frase "tomar *tábua",* ou "levar *tábua",* não ser aceito em proposta de casamento. | É variante de frase port. Em outras regiões do Br. se diz "levar tabóca" para exprimir logro, desapontamento, e "taboquear" por lograr, desiludir, verbo esse que B. - R. com razão aproxima do antigo port. **atabucar**.

TACUARA, s. f. - designa várias espécies de gramínea, do mesmo gên. do "bambu", nome que se reserva para as espécies importadas e de grande diâmetro. Há *tacuàruçu, tacuaratinga, tacuara do Reino, tacuari, tacuara-póca,* etc. - Tupi.

TACUARÁ(L), s. m. - mato onde há muita taquara.

TAÇUIRA, s. f. - certa casta de formigas. | Tupi.

TACURÚ, s. m. - fogão improvisado, com três pedras ou tijolos. Do tupi "itacurub", pedra quebrada?

TACURUVA, s. f. - o mesmo que TACURÚ.

TAGUÁ, TAUÁ, s. m. - terra amarela azulada, com que se dá cor à louça de barro fabricada na roça. | Tupi "taguá", amarelo.

TAIÓVA, s. f. - planta aquática de grandes e largas folhas. | Será a mesma "Colocasta esculenta" registada por B. - R.?

TAIÚVA, s. f. - árvore da fam. das Moráceas, que dá madeira para marcenaria, esteios, vigas, etc. | Tupi.

TALA, s. f. - tira de couro, geralmente empregada em relhos. | O vocáb. é port., mas sem essa especialização de matéria.

TALENTO, s. m. - força, destreza: "Isto é um cavalo de *talento".* | Também usado em Pernamb. Parece mais ou menos geral, no Br.

TAMANDUÁ, s. m. - mamífero desdentado, do gên. "Myrmecophaga".

- BANDÊRA, espécie de grande tamanho, que se distingue também por uma enorme cauda de longos pelos.

TAMBAQUE, s. m. - tambor feito de um tronco, no qual se bate com as mãos. Alter. de **tabaque, atabaque.**

TAMBIÚ, s. m. - certo peixe de rio. | Tupi.

TAMBURI, e. ni. - leguminosa de grande altura e frondosa. Escreve-se às vezes "tamboril". Haverá relação entre uma coisa e outra, ou trata-se de simples traição do ouvido?

TAMBÚ, *tambor,* s. m. - instrumento músico que consiste numa seção de um tronco de árvore, cavada profundamente no sentido longitudinal, e em cuja boca se colocou um couro bem esticado, sobre o qual se bate com ambas as mãos: objeto usado em festas e danças das populações rurais. | Alter. de **tambor** com influência de *guatambú?*

TANTAN, q. - tolo, palerma.

TAPERA, s. f. - casa abandonada, em lugar ermo. | Tupi.

TAPERÁ, e. m. - espécie de andorinha. | Tupi.

TAPERÁ-GUAÇÚ, s. m. - o mesmo que *chabó.* | Tupi.

TAPINHOÁ, e. m. - árvore da fam. das Lauráceas.

TARAÍRA, TARIRA, TRAÍRA, s. f. - certo peixe conhecido.

TARUMÁ, s. m. - vegetal da fam. das Verbenáceas.

TATORANA, s. f. - lagarta cujo contato produz irritação na pele, com forte ardor. | Mont. dá "tataurã", que define - "gusano colorado". - O ditongo *au* explicará a pronúncia pop. com *o,* mais vulgar, mais genuinamente caipira do que *taturana,* como se ouve às vezes, como escreveu Bernardo Guimarães (poesias) e como registou B. - R.

TATÚ, s. m. - designa várias espécies de desdentados, do gên. "Dasypus". | Tupi.

TÉIPA, *taipa,* s. f. - parede de terra batida. | Cp. *réiva.*

TEMPO-QUENTE, s. m. - distúrbio, discussão acalorada.

TEMPO-SERÁ, s. m. - brinco infantil.

TENDA, s. f. - oficina de ferreiro.

TENTOS, s. m. - tiras de couro; particularmente, as tiras de que estão providos os lombilhos dos *campeiros,* as quais se amarra o laço enrolado, ou qualquer outro objeto:

Laço nos *lentos,* a chilena ao pé - (C. P.)

| É t. sul-americano. Usou-o Manuel Bernardes, nos seus "Cuadros del campo" (Uruguai): "...el lazo trenzado, de cuatro **tientos**, en la mano".

TER[1]**,** v. usado impessoalmente, em lugar de "haver": *"tem* dia que não posso trabaiá" - "*tem* gente que pensa ansim" - "nêste mundo *tem* cada coisa, que inté assusta". (V. "Sintaxe")

TER[2]**,** v. t. - dar à luz: "Ela *teve* o Juca antes do Tonico".

TERERÉCA, q. - diz-se do indivíduo buliçoso, versátil, falador. | Cp. PERERÉCA, PARARACA.

TERNO, e. m. - grupo: um *terno* de meninos, um *terno* de amimais: "E qual é o durão dêste *terno?* O durão, sem dúvida alguma, é o Astolfo". (V. S.).

TERRÃO, *torrão,* s. m. | Existe também em Port.

TETÉIA, s. f. - brinquedo de criança, coisa bonita: "aquela moça é uma *tetéia"* - "Ele arranjou a casa de geito que ficou uma *tetéia".* | Muito se tem já escrito sobre a orig. deste voc., mas a discussão ainda está longe de ser esclarecida.

TETERÊ-TETÊ, int. que, intercalada na oração, vale quase por um advérbio de tempo, como "freqüentemente", "a cada momento", "a todo instante": "Aquilo é home perigoso: *teterê-tetê,* tá armando barúio!" -"Nunca vi gente como esta: *teterê-tetê,* um bailinho; *teterê-tetê,* um pagóde!" | Sem muitos elementos para julgar, quer-nos contudo parecer que esta curiosa onomatopéia (porque evidentemente disso se trata) tenderia dantes a dar idéia do rumor de um rápido discurso ou discussão. Assim, o primeiro exemplo poderia ser interpretado: "Aquilo é homem perigoso: *uma troca de palavras, uma ligeira discussão,* e ei-lo a provocar desordem". Depois, com o uso, ter-se-ia ampliado a aplicação desse meio expressivo a outras circunstâncias, em que a sua interpretação se torna menos fácil. Eis a explicação que nos ocorre. Não esquecemos, porém, que resta explicar porque se popularizou tanto, e não só em S. P., essa curiosa onomatopéia. Cherm. colheu na Amaz. com idêntico sentido, *tétété,* de cujo emprego dá este exemplo: "O Manuel Domiciano *tétété* está na taberna do alferes Luís bebendo cachaça".

TICO, s. m. - uma pequena quantidade, um bocadinho: "Me dê um *tico* de fumo pr'um cigarro" | Mais freqüente no diminut.: *tiquinho,* usado em todo ou quase todo o Br. "Mas não se vá, homem de Deus, espera aí um *tiquinho..."* (C. R.).

TIÈTÊ, s. m. - avezinha do gên. "Euphone". | Decompõe-se em "tiê + etê". Tupi.

TIGUÉRA, s. f. - lugar onde houve roça, depois da colheita:

> - Intão, compadre, como foi de caça?
> - Ara, nem diga! Abaxo da *tigùéra*
> bem pra riba do rumo do Colaça,
> dexei sòzinbo o Sarvadô de espera.
> (C. P.).

TIJUCADA, s. f. - grande quantidade de TIJUCO.

TIJUCO, s. m. - lama. | Tupi.

TIJUQUÊRA, s. f. - muito TIJUCO.

TIMÃO, s. m. - casaco curto e singelo, geralmente de baeta e sem forro, usado, há tempos, pelos escravos, e também pelas crianças. | Do clássico **quimão, queimão** (hoje substituído pelo anglicizado "kimono"). - G. Viana define: roupão amplo que usam os japoneses. Diz M. Dalg. que tal definição quadra ao roupão que usavam muitos indivíduos em Goa, e que agora vai rareando e tomando o nome de "cabaia". Mas o t. continua a aplicar-se ao casaco curto e largo, de raparigas pobres e inuptas, feito de chita ou *chêla.* No dialeto de Macau (diz sempre Dalg.) "queimão" é casaco, assim de homem, como de mulher. - J. Brígido regista o t. como de uso antigo no Ceará.

TIMBÓ, s. m. - nome de vários vegetais empregados por pescadores de rio para tontear o peixe. | Daí *atimbòado,* zonzo, tonto.

TINGUÍ, s. m. - várias espécies vegetais dos gêns. "Phaecarpus", "Magonia" e "Jacquinia", também usadas, como o timbó, na pesca fluvial.

TIPITÍ, s. m. - cesto ou outro receptáculo em que se espreme a mandioca ralada.

TIRA-CISMA, s. m. - aquele ou aquilo a que se pode recorrer com toda a confiança: "Aquêle dotôr é *tira-cisma* em negócio de devogacia". | *Cisma,* no caso, eqüivale a pretensões, fumaças. *Tira-cisma* quer dizer, pois, literalmente, - o que desfaz pretensões, o que acaba com alheias jactâncias. Sinônimo: TIRA-PRÓSA.

TIRADÊRA, s. f. - pau que, nos carros de bois, serve de suplemento ao cabeçalho, ao qual se liga com tiras de couro.

TIRADÔ(R), s. m. - pequeno avental de couro que os laçadores põem de lado, por cima da virilha, para sobre ele firmar o laço.

TIRIRICA, s. f. - designa varias ciperáceas que constituem praga dos arvoredos.

TIRIVA, s. f. - ave da fam. dos papagaios, menor do que estes:

> E as patativas
> cantando sôbre o junco! E os bons caipiras...
> e um bando barulhento de *tirivas*!
> (C. P.).

TISIU, s. m. - pequeno pássaro. | Voz onomatopaica.

TITIA. forma pronominal de **tia.**

TITICA, XIXICA, s. f. - excremento de ave.

TITIU, *titio,* forma pronominal de **tio.**

TITUBIÁ(R), v. i. - ficar perplexo, apatetar-se. | São mais vulgares as formas *tutubiá(r), turtuviá (r).*

TOBIANO, q. - diz-se do animal cavalar pampa com manchas azulegas. | De **Tobias** (brigadeiro Tobias de Aguiar), segundo informações.

TOCAIA, s. f. - esconderijo onde o caçador aguarda a passagem da caça, ou o agressor a da vítima escolhida. Daí as expressões:

> DE -, à espreita; de emboscada.
> FAZÊ(R) - pôr-se à espera, fazer emboscada. | Do tupi, seg. uns; do guar., seg. outros.

TOCAIÁ(R), v. i. - fazer TOCAIA. | Garc. colheu essa forma e mais "atocaiar", em Pernamb.

TOMBADÔ(R), s. m. - lugar onde há queda de água; essa mesma queda. | Alter. de tombadouro. Na Bahia, encosta íngreme (B. - R.).

TÓPE, s. m. - pião posto no centro do círculo, no jogo da *corrióla,* servindo de alvo às *ferradas* dos outros piões.

TOPETUDO, q. - que tem topete; audacioso.

TÓSSE-CUMPRIDA, s. f. - coqueluche.

TÓSSE-DE-CACHÔRRO, s. f. - acesso de tosse rouca e impetuosa, na coqueluche, ou em qualquer outra afecção de garganta. No Pará, chamam à tosse-comprida "tosse de guariba" (B. - R.).

TOVÁCA, s. f. - pássaro formicaroide. | Tupi.

TOVACUÇÚ, s. f. - variedade de TOVACA.

TRAIBÁIO(S), s. m. pl. - padecimentos. | É acepção castiça.

TRABUCÁ(R), v. i. - trabalhar esforçadamente: "Quem não *trabuca não* manduca" (adágio pop.). Acidentalmente trans.: "... nunca deixei de não *trabucar* a minha obrigação nas horas certas (V. S.) | Cp. o cast. "trabajar", com a pronuncia peculiar do *j*.

TRABUCO, s. m. - espécie de espingarda de um só cano, de grosso calibre, empregada geralmente em salvas, nas festas da roça. | **Trabuco** era nome de certa "máquina de guerra que teve uso antes da artilharia" diz F. J. Freire (3.º v., p. 57). **-**

> Não lhe aproveita já trabuco horrendo,
> Mina secreta, aríete forçoso -
> (Camões, III, 79).

TRAMA, s. f. - trato, negócio.

TRANCA, q. - malandro, ordinário: "Aquilo é um *tranca".*

TRANCO, s. m. - chouto, andar (de animal de sela); encontrão. | Em port., salto.

TRANQUINHO, dimin. de TRANCO; ramerrão: "Como lhe vai?" "Ora! sempre no mesmo *tranquinho".*

TRAQUE, s. m. - pequena b6mba de forma cilíndrica, com que brincam as crianças; explosão de gás intestinal. | Em ambos os sentidos é de velho uso na língua, como se vê no "Foguetário". Exemplo de Gil V.:

> Quando eu, rua, por vós vou
> Todolos **traques** que dou
> São suspiros de saudade -
> ("Pranto de Maria Parda".)

TRAQUEÁ(R), v. i. - soltar gases intestinais com estrondo.

TRAVÁGE(M), s. f. - carne esponjosa nas gengivas dos equídeos.

TRELÊ(R), v. i. - mexer; intrometer-se: "Não *trêla* no que não é de sua conta". | Conjuga-se *trelo, trele(s), trele, trelemo; trela, trela(s), trela...* etc. - De **tresler**? De **trela?**

TRELENTE, q. - o que *tréle,* o que gosta ou tem o hábito de. tocar em coisas ou assuntos que não são da sua conta; intrometido, indiscreto.

TRELÊNCIA, s. f. - ato ou efeito de *trelê(r).*

TROCÊ(R) v. t. e i. - desviar-se; desviar o corpo; fazer volta; mudar de rumo em caminho: *"Troci* um pouco, passei pr'o sobrado, esbarrei logo c'a dita moça". (V. S.)

TROCHADO, q. - diz-se do cano de espingarda que é feito de uma fita de aço em espiral. | Com esse nome se designou outrora um lavor de seda, seg. Freire.

TRÓLE, s. m. - veículo muito usado no campo, para transporte de pessoas. Consiste, resumidamente, em duas tábuas cruzadas sobre quatro rodas, com dois assentos, um dos quais para o bolieiro. | Do ingl. "trolley".

TROMBETEÁ(R), v. t. e i. - assoalhar (alguma coisa); dar à língua.

TRÓPA, s. f. - caravana de bestas de carga, comboio; manada de equídeos, quantidade desses animais; fig., corja, *cambada* (de marotos, de ladrões, de patifes, de estúpidos).

TROPÊRO, s. m. - negociante de animais equídeos, que viaja com eles; condutor de tropa de equídeos.

TROSQUIA, *tosquia,* s. f. | "...os cabelos seus são coredios, e andavam **trosqujados** de **trosquya** alta..." (Caminha).

Dous porquinhos **trosquiados**
Coinchar não nos ouvistes?
(Gil V., "Rubens").

Eu tenho as unhas cortadas,
E mais estou **trosquiada** -
(Gil V., "Inês Per.").

"...fazeme a barba farteey a **trosquia**". ("Eufros.", I, sc.2.ª). -"Hivos embora, & olhay não vades por lãa, & venhais **trosquiado".** ("Eufros.", III, sc. 2.ª).

TROTEÁ(R), v. i. - andar a trote (a cavalgadura); fig., andar de pressa, despachar-se, sob alheia instigação, ou sob a pressão de necessidade urgente: "Coitado, tava tão quéto im casa, e de repente teve que *troteá!"* | A forma port. é **trotar**, mas o nosso povo da roça tem decidida preferência pelas formas freqüentativas: *trotear, barrear, bolear,* etc.

TROTEADA, s. f. - caminhada a trote; viagem rápida a cavalo; corrida.

TROTÃO, q. - animal que trota.

TRÓTE, s. m. - andar duro e cadenciado (de animal equídeo). Difere da signif. port. - "andamento natural dos cavalos".

TRUCADA, s. f. - uma vez, uma *jogada* ou *mão* de truque; o ato de TRUCAR:

Cheguei agora, moçada.
já escol meu cumpanhéro:
quem é bão nua *trucada*,
rebusque quarqué parcêro!
(C. P.).

TRUQUE, s. m. - jogo entre quatro parceiros, cada um dos quais dispõe de três cartas. | É este o mais popular dos jogos de cartas, no interior de S. P. e de quase todo o Br. Em S. P. joga-se com as seguintes cartas, pela ordem dos valores: os dois, os três *(bicos),* o *sete-oro* (sete de ouros), a *espadia* (espadilha), o *séte-cópa* (sete de copas), o *quatro-pau* (quatro de paus), ou *zápe.* Faz parte da pragmática do jogo levá-lo sempre com pilherias e bravatas, umas e outras geralmente acondicionadas em fórmulas estabelecidas.

- DE MANO, variedade que se joga entre duas pessoas.

TRUQUÊRO, s. m. - jogador de truque.

TRUCÁ(R), v. i. - o ato de provocar o adversário, no jogo do truque, antes de uma jogada. | O que *truca* exclama, em regra: *truco!* **O** adversário *manda,* ou *corre.* Se *manda,* na dúvida de fazer a vasa, é geralmente com a frase - *Bâmo* vê, ou - *Jogue.* Se tem a certeza de ganhar, ou pretende amedrontar o outro, responde com ênfase, às vezes aos gritos: *Toma seis! - Seis, papudo! - E diga porque não qué!"* e outras bravatas por esse estilo.

- DE FARSO: trucar sem carta que assegure o lance, só para amedrontar o adversário; fig., fazer citação falsa, alegar fatos não verdadeiros.

TUBUNA, s. f. - abelha silvestre. | Tupi.

TUCANO, s. m. - designa diversas aves trepadoras do gên. "Ramphastos".

TUCUM, s. m. - designa várias palmeiras dos gêns. "Bactris" e "Astrocaryum", cujas fibras, de grande resistência, são muito empregadas em cordoaria rústica. | É a "tucumã" do Norte. - Tupi.

TUIM, s. m. - pequena ave da fam. dos papagaios.

TUTA-MÉIA, s. f. - pequeno valor, quantia insignificante; "Não faça quistã por essa *tuta-méia".* | Derivado, segundo J. Moreira ("Estudos", 1.º vol.) de "uma pequena moeda de cobre da África Port.". Convém notar, porém, que Moreira e com ele o "Novo Dic." escrevem **tuta e meia,** ao passo que a forma corrente em S. P. e como vai indicada, - sem *e* entre os dois elementos e com *é* aberto em *meia.*

TUTUVIÁ(R), TURTUVIÁ(R), TITUBIÁ(R), v. i. - ficar perplexo, pasmar, hesitar: "Cuidado cum esse muleque: se *tutuviá,* êle tomô conta de vacê!"

TUTUVIADO, TURTUVIADO, q. - perplexo, tonto, pasmado, hesitante:

> Fico meio *turtuviado;*
> gentarado, carro, bonde
> e em toda parte um sordado.
> (C. P.).

> Eta barúio do inferno!
> Fiquei meio *turtuviado*.
> (C. P.).

Paiva regista **titubiado** entre os seus termos condenáveis: indício de que este curioso voc. é ainda uma importação.

TUTÚ, TUTÚ-DE-FEJÃO, s. m. - feijão *virado,* isto é, feijão cozido que se mistura com farinha de milho ou de mandioca, ao fogo, no momento de servir.

UAI! UIAI!, intj. de surpresa ou espanto: "Houve, porém, aparição menos esperada. - *Uai,* gente! Passei a mão, nesta horinha, maginem lá no que?" (V. S.) | Deve ser alter. de **olhai**.

U^{n}A, *uma,* adj. num. | É a única forma conhecida do caipira e, na língua, é a forma pop. e clássica.

UÉ! UÊ! intj. de espanto. | Talvez provenha de **olhai** por *oiai -> uiai -> uai -> uéi -> uêi,* formas estas existentes todas no falar caipira. De troca de *ai* em *éi* há exemplos: *téipa, réiva.* - Contudo, há quem dê a esta intj. origem africana.

UÉI-ME!, intj. de impaciência: "Aquerditá nessa bobiciada! Vacêis (es)tão que nem criança, *uéi-me!"* A última sílaba é muito rápida. Cp. HAME, alter. de **homem,** também usada como intj.

UNTANHA, s. m. - espécie de sapo.

URUNDÚVA, ORINDIÚVA, s. f. - certa árvore do mato. | Tupi.

URÚ, s. m. - ave da fam. das Perdíceas:

> Sobre a folhagem sêca da floresta
> cantam *urus.* É quase ave-maria.
> (C. P.).

| Tupi.

URUCUNGO, s. m. - instrumento músico usado por pretos africanos: consiste num fio qualquer, esticado num arco, à maneira de arco de seta, com uma cabaça numa das extremidades, servindo de caixa de ressonância. Sobre esse fio o executante bate a compasso com uma pequena vara. | T. africano.

URUCURANA, s. f. - grande e bela euforbiácea, de que se conhecem duas ou mais espécies. | Tupi.

URUTAU, s. m. - ave noturna da fam. "Caprimulgidae", que habita o mato virgem. | A lenda do urutau é das mais conhecidas do folclore regional, e tem sido contada por vários escritores. - O t. é tupi e, segundo B. - R., usado também pelos guaranis do Paraguai.

URUTÚ, s. f. - certa cobra venenosa. | B. - R. dá como t. do Paraná, mas é também paulista, e dos mais vulgares.

UVÁIA, s. f. - fruto de uma mirtácea de grande e belo aspecto; a árvore que o produz. | Segundo B. Caet., do guar. "ybá" + aia", fruto azedo.

UVAIÊRA, s. f. - a árvore da UVAIA.

VACÊ, VANCÊ, VASSUNCÊ, VOSSUNCÊ, alterações de **vossa-mercê,** como o **você** de uso culto. A primeira forma é mais familiar; *vancê,* mais respeitosa; as outras, ainda mais cerimoniosas do que essa. Ha outras: *vamicê, suncê, mecê.*

VAPÔ(R), s. m. - locomotiva de estrada de ferro; locomóvel.

VAQUEANO, s. m. - indivíduo que conhece minuciosamente determinada porção de território. | Voc. usado nas repúblicas hispano-americanas e, seg. B. - R., vem de "baquia", nome que os espanhóis deram, depois da conquista do México, aos soldados velhos que nela haviam tomado parte.

VARÁ(R), v. i. - caminhar direito, resolutamente: "Fronteemo aquêle primeiro capão da chacra do Chico Manuel, fomo *varando".* (V. S.).

VARANDA, s. f. - sala de jantar.

VARANDA(S), s. f. pl. - guarnições laterais das redes de descanso, geralmente em "filet", com franjas. | Também usado no Norte.

VAREJÃO, s. m. - vara comprida com que se impelem canoas e botes.

VARIÁ(R), v. i. - proferir frases e vocábulos desconexos, por efeito de delírio.

VARIEDADE, s. f. - ato de VARIAR.

VARRIÇÃO, s. f. - ato de varrer.

VASSO(U)RINHA, s. f. - vegetal da fam. das Sapindáceas, de lenho escuro, veiado e manchado de preto.

VEIACO, *velhaco,* q. - diz-se da cavalgadura que tem manchas, habituada a dar corcovos.

VEIAQUIÁ, *velhaquear,* v. i. - corcovear (a cavalgadura). | Também usado no R. G. do S.

VEIÊRA[1]**,** *abelheira,* s. f. - casa de abelhas indígenas.

VEIÊRA[2], *velheira,* s. f. - pessoa muito velha.

VELÁ(R), v. t. - pôr ao relento (batatas doces). | Só conhecemos o t. aplicado à batata. - Em port., há **avelar** - encarquilhar (como avelã?), **velar** de **vigilare** e **velar** de **velare**. O nosso t. talvez se ligue ao primeiro. E de notar-se que, no Norte, se diz "velado" o coco cuja amêndoa está solta.

VÊ(R), v. t. - nas frases que começam por *é vê(r), é vê(r) que...* eqüivale a **dir-se-ia, afigura-se, parece:** *"É vê que* veio da invernada do Xavié..." (C. P.) "O Antónho *é vê* que tá doente". "Mecê *é vê* seu avô". | Por mais estranho que tudo isto pareça, explica-se facilmente. A principio, tratar-se-ia de um circunlóquio muito natural, em frases como as seguintes: "Olhe aquele pobre rapaz: é ver um fantasma". - "O Pedro não pára; anda, corre, desanda, - é ver um macaco". Com o tempo, ter-se-ia perdido a consciência do valor lógico dessas palavras, sendo elas tomadas como um só vocábulo (*évê*) com função igual à de parece. Dai a grande ampliação de seu emprego. E de notar-se que também se diz *evê*, com o primeiro *e* ensurdecido, e até simplesmente vê: "Aquele que vem lá não é o Chico? - *Vê* que não".

VERDADE, s. f. - na loc. "de *verdade",* equivalente à moderna **em verdade, na verdade**. | "Dizemee Nunalurez **de verdade** faziees vos esto que asy começastes?" ("Cron. do Cond.", XI).

VERDEGÁIS, s. m. - corda de viola, usada em varas de pesca.

VERÊDA, s. f. - na loc. "de *vereda"* e semelhantes: de seguida, sem interrupção, de uma vez: "Passô por aqui numa *vereda,* nem oiô pra tráis".

VEVÚIA, s. f. - bexiga, tripas de animal: "...tendo ao ombro o bornal de iscas, pequenos lambaris, passarinho sapecado, *vevúia* de boi, minhocucu". | Alter. de **borbulha**. Atesta-o o uso que se faz deste último voc., na sua acepção de bolha, vesícula, sob aquela mesma forma; atesta-o a existência de *vevuiá(r)* - borbulhar. No Ceará, seg. Cat., se diz "burbuio":

> viu um "burbuio" de sangue
> do tronco véio corrê!

Colhidas todas as variantes possíveis, no Br., talvez se verificasse que o "bubuiar" amazônico, onde se quer ver um radical indígena, não passa de simples alteração do mesmo borbulhar, com translação de sentido.

VIAJADA, s. f. - caminhada, viagem: "Pra não voltar c'as mãos abanando e não perder a *viajada,* entendi de romper pro cafesal..." (V. S.).

VIRÁ(R), v. t. e i. - misturar, pôr em desordem, transformar, transformar-se. percorrer em todos os sentidos: "O minino *virô* tudo naquela gaveta". - "A gente do sítio *virô* o triato nua estrivaria" - "Padre José, depois de morto, *vira* santo" -"Essa muié há de *virá* mula sem cabeça" - "Já *virei* esse sertão de tudo geito".

VIRA-BOSTA, s. m. - pássaro conhecido.

VIRADO, VIRADINHO, s. m. - comida que se mexe ao fogo, com farinha: *virado* de feijão, *virado* de couves, etc.

VIRGE(M), s. f. - mourão, poste de moenda.

VISGO, visco, s. m.

VISGUENTO, q. - viscoso.

VÓRTA DA PÁ, *volta,* s. f. - paleta.

XARÁ, q. - indivíduo que tem o mesmo nome de outro. | Há outras formas, para o Norte: "xarapim", "xera". Do tupi. - No R. G. do S. se usa, em vez de *xará,* ou de qualquer de suas variantes, o cast. "tocayo".

XERGÃO, s. m. - espécie de manta de lã ou pele que se coloca sobre a cavalgadura, por baixo da carona. | De **enxergão**.

* * * * * * * * * * *

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo